

A black silhouette of a person's head and torso, seen from the side. The person's right arm is raised, with the hand open and fingers spread, reaching towards a bright, multi-pointed star in the upper right corner. The background is a solid orange color with a subtle grid of thin black lines. The overall style is minimalist and graphic.

J.V.LEITE

INVISÍVEL NOTÁVEL





INVISÍVEL NOTÁVEL

J. V. LEITE

J. V. Leite

Todos os direitos reservados

1ª edição – 2020

ISBN: 978-65-00-00154-9

Título: Invisível Notável

Capa: Larissa Chagas

Imagem da capa: Mayra L. Marques

Diagramação: J.V.Leite (By Kindle Creator)

Revisão: Saionara Rodrigues

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Nota da autora

Oi!

Obrigada por estar aqui. É um imenso prazer ter você como leitor ou leitora, e espero de coração que aprecie a história de Juliano D’Alva. Mas antes de começar, quero que você saiba de alguns detalhes importantes: Invisível Notável é uma história que aborda temas sensíveis, como morte, suicídio, depressão, violência, abandono e traição, e pode acionar alguns gatilhos emocionais em quem lê. Em contrapartida, fala sobre resiliência, sobre superar os desafios da vida e dar a volta por cima, fala também sobre amadurecimento, amor próprio, perdão e resignação. Portanto, se você for dar continuidade à leitura, esteja preparado, ou preparada, para grandes emoções, e se, em algum momento, você se sentir desconfortável, pule as páginas, converse com alguém ou abandone a leitura. O importante é que você esteja bem e que a leitura seja um ato de prazer.

Outro detalhe importante: Invisível Notável é indicado para maiores de dezoito anos, então, seja consciente!

É isso!

Mais uma vez obrigada, e se passar a página, boa leitura!

Beijos de luz, JVLeite.

PS: O CVV – Centro de Valorização da Vida, realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo, por telefone, e-mail e chat 24 horas todos os dias.

- Ligue 188, ou acesse o site <https://www.cvv.org.br/>

— Juliano, acorda!

A voz grave e rouca do meu pai me despertou abruptamente de um sono profundo, fazendo meu coração acelerar, tanto pela forma como fui acordado quanto pela presença do meu pai em meu quarto, que nos últimos tempos se mostrava um homem extremamente instável, e eu passei a evitá-lo.

Ele atravessou o quarto, desligou o ventilador e abriu as janelas.

— Hmm... — Apertei os olhos com o incômodo que a claridade me causou.

— Vem tomar café da manhã comigo, quero conversar com você.

— Quer conversar comigo? — Repeti suas palavras, pois ainda estava no modo soneca e um tanto quanto atordoado.

Mas situei-me no instante que meu pai levantou meu lençol e pôs a mão no colchão, bem na altura dos meus quadris, verificado se o colchão estava molhado. Eu congelei, temi ter mijado na cama sem ter notado, e se isso tivesse acontecido de novo, o inferno voltaria a reinar dentro de casa. Sabe aquele ditado de que quem mexe com fogo faz xixi na cama? É a mais pura verdade. Desde que a merda toda com minha mãe aconteceu eu fazia xixi na cama com certa frequência, e meu pai, atribuído de toda sua psicologia paterna, me obrigou a usar fraldas geriátricas, e esse foi o início de todo nosso distanciamento, num ano em que, o que eu mais precisava, era da sua aproximação.



— Toma... — Meu pai empurrou uma sacola de supermercado no meu peito.

Estávamos no pé da escada de três degraus que fica entre a cozinha, as salas de estar e jantar e o acesso aos quartos. Já era noite e eu estava indo dormir.

Peguei a sacola e não entendi de início o motivo dele me dar um pacote de fraldas geriátricas. Mas meu pai não precisou explicar, com dezesseis anos na época eu já conseguia entender bem de certas coisas. Tranquei os lábios de tanta raiva.

— Não vou usar isso nem a pau. — Joguei o pacote no chão, subi os degraus quase que numa passada só e me tranquei no banheiro.

— Abre essa porta, Juliano! — Os murros na porta me estremeceram.

Meu pai me obrigaria a usar aquilo e eu me recusaria, mesmo que para isso tivesse que levar a surra do ano, que por sinal estava apenas começando. Abri a porta, pois não poderia desobedecê-lo, era arriscado demais, mas quanto às fraldas...

— Eu não vou usar isso... — Meus olhos foram diretamente para o pacote de fraldas em sua mão.... — Você não pode me obrigar, eu já tenho dezesseis anos, pai. Eu não sou criança.

— Crianças fazem xixi na cama. — Ele abriu o pacote ao meio e pegou uma fralda. — E crianças usam fraldas. Você vai usar sim, porque eu não vou comprar outro colchão pra você. Agora veste! — Ele estendeu a mão, mas eu não peguei a fralda.

— Não... — falei com toda a raiva e mágoa que estava sentindo.

— Veste. — Ele aumentou o tom da voz.

— Não! — gritei. Meus olhos lacrimejaram.

Meu peito subia e descia descompassadamente, minha mandíbula contraída e eu não queria que meu pai percebesse o quanto eu estava

fragilizado. O Major D’Alva era um homem forte e não conhecia o filho que tinha. Eu não era como ele esperava que fosse, e demonstrar fraqueza na frente de quem não compreende seus sentimentos te tornam ainda mais frágil.

Ele me encarou por segundos e respirou fundo. Meu coração quase saindo pela boca.

— Essa é sua última chance, Juliano. Se você fizer xixi na cama mais uma vez, vai usar fraldas. Estamos entendidos?

Confirmei com a cabeça. Meu queixo tremeu de alívio por ele ter cedido.

— Estamos entendidos? — Ele berrou.

— Sim senhor! — falei de supetão. Só voltei a respirar quando ele saiu do banheiro e fechou a porta.

Naquele dia eu pensei muito na minha mãe e desejei que ela estivesse viva.

Desejei ter morrido no lugar da minha irmã.

Programei o despertador do celular para me acordar de hora em hora.

Nunca mais fiz xixi na cama. Não em casa.



Levantei-me, vesti apenas uma bermuda e fui atrás do meu pai para saber o que ele tanto queria conversar. Não costumava usar camisa dentro de casa, principalmente porque moramos em Natal e nesta cidade faz um calor dos infernos quase o ano inteiro. Eu era um garoto relativamente alto, não tão magro e um pouco pálido, pois mesmo pegando sol com frequência, nunca ficava bronzeado.

Quando saí do quarto senti um cheiro de ovo frito vindo da cozinha e me senti agradecido por aquele mimo, pois meu pai raramente se dava ao

trabalho de me preparar uma refeição.

— O cheiro tá bom! — falei ao me sentar à mesa, meu estômago se revirando de fome.

Havia dias que não tinha uma refeição decente. Desde que tinha voltado da casa dos meus avós, vinha me alimentado praticamente de Miojo e Nescau. Saberia que seria assim até Dona Aurélia voltar das férias.

— O ano está começando e de agora em diante as coisas vão ser bem diferentes por aqui... — disse meu pai ao se aproximar com a frigideira na mão. Engoli a saliva que encharcou minha boca. Ele dividiu os ovos em dois pratos.

Mas já temi por suas palavras. As coisas já estavam bem diferentes desde que saímos de Santa Maria e fomos morar em Manaus, e pioraram consideravelmente quando saímos de Manaus e viemos morar em Natal. Acho que só não pirei a cabeça por causa do Caio. Ele foi meu herói num ano em que eu queria me afogar em toda minha dor. Ele foi aquele que me salvou e depois me jogou de volta ao mar.

— Quero que você se dedique mais aos estudos. É seu último ano, Juliano. Tem ENEM no fim do ano e ano passado você quase foi reprovado. Não vou tolerar isso novamente. — Ele dizia e comia ao mesmo tempo, já de farda para começar seu expediente, ele mal olhava para mim.

Minha respiração acelerou. Será que ele não conseguia perceber que aquele ano tinha sido bem duro para mim? Perder uma mãe daquela forma sinistra e um ano após perder tragicamente uma irmã, não era o bastante para que um garoto como eu se sentisse perdido e sem vontade de viver? Quanto mais estudar? Como meu pai conseguia ser tão frio? Ou cego? Ou os dois?

Talvez mais cego que frio. Ele não percebeu os sinais da minha mãe, por que diabos iria perceber os meus? Será que um dia voltaríamos a ser uma família novamente? Eu torcia para que sim!

Sério, se não fosse o Caio, eu teria sucumbido!

— Você não vai comer? — Meu pai olhou para mim, por segundos, mas ele olhou, e não era um olhar duro, era afável.

— Sim. Eu vou — respondi quase sem voz, peguei um pão, recheei com o ovo que ele havia fritado e devorei com algumas dentadas.

— Bom, mas não é sobre estudos que eu quero conversar... — Meu pai limpou a boca com um guardanapo. — Você lembra do garoto do Major Vilaça? Não lembro o nome dele... era um nome enfeitado, de príncipe ou rei.

— Não, pai. Não lembro nem desse Major que o senhor falou.

— Vocês eram bem pequenos quando moramos em Santa Maria. Mas isso não importa... eles se mudaram pra vila e eu quero que você vá à casa dele e chame o garoto para brincar.

— *Pra brincar?* — Nem acreditei. — Quantos anos ele tem? Oito, nove?

Meu pai riu dessa vez, algo raro ultimamente.

— Não, meu filho. Ele tem sua idade, é só... força do hábito!

— Então ele tem... dezessete anos? — Não sabia distinguir se isso era bom ou não. Não queria me sentir obrigado a ser amigo de um garoto que eu conheci quando era bebê, mas por outro lado seria bom ter alguém da minha idade por perto, já que meus poucos amigos de escola, mais precisamente *Thomas e seus amigos*, moravam há quilômetros da Vila dos Oficiais da Aeronáutica, e meu pai não me deixava frequentar a casa de ninguém, pois Natal, diferentemente do que todos pensam, é uma das capitais mais violentas do país.

E porque também eu não dava muita atenção aos amigos de escola, já que antes, eu tinha o Caio.

— Exatamente, ele tem sua idade. Ele mora no bloco A, casa um. Vá agora pela manhã, ok?! Já conversei com o Vilaça e o garoto *tá* te esperando. — Meu pai se levantou. — Mas antes arrume a cozinha.

Relaxe os ombros e resmunguei. Destetava arrumar a casa, lavar o carro,

limpar o jardim e muito menos lavar a louça, mas era obrigado a fazer quando não era o dia da Dona Aurélia, caso contrário, o bicho pegava dentro de casa, e eu fugia de intrigas com meu pai, assim como o diabo foge da cruz.

— A propósito... — Meu pai voltou. Estremeci, temi que ele tivesse me visto resmungando. — Tenente Prates ligou pra mim e perguntou por você. Ligue pra ele depois. — E meu pai finalmente saiu de casa.

— Porra nenhuma! — falei alto.

Tenente Prates, Caio, Caio Prates, quero mais é que ele se foda naquele fim de mundo! Não queria, mas um sorriso sutil e maligno surgiu em meus lábios ao lembrar que ele estava morando em Rondônia, bem longe da família, amigos e principalmente do Ruriz. Mas o sorriso sumiu imediatamente quando lembrei que ele também estava morando longe de mim.

Filho da puta! Se meu pai soubesse...



— *Vim me despedir de você — disse o Caio. — Tô indo embora amanhã.*

Estava sozinho no Clube dos Oficiais, saindo da sauna, com o corpo todo suado, e ver Caio tão de repente me fez dar um salto para traz. Ele mexia demais comigo, com a minha cabeça e com meu corpo, e estar perto dele e não poder tocá-lo era sufocante, mais sufocante que o ar denso da sauna.

— *Tchau! — falei emburrado, passei por ele, o ignorando completamente, morto de raiva e ciúmes. Era muito provável que dessa vez ele me esquecesse pra sempre e eu nunca mais o teria pra mim.*

— *Para com isso Ju. — Ele segurou meu braço. — Quantas vezes eu vou ter que te explicar... infelizmente nem tudo é do jeito que a gente quer. Você é só um garoto, e eu não posso...*

— Seu garoto estrela? — Quase berrei, queria lhe acertar um soco na cara, tamanha minha vontade de abraçá-lo.

— Sim, meu garoto estrela. — Sua voz era doce. Ele tentou me abraçar, mesmo estando com o corpo coberto de suor.

— Me larga! — Eu o empurrei. — O que você fez comigo foi covardia, Caio. Dizia que me amava e só queria me usar. Quero que seu avião caia bem na divisa do Brasil com a Bolívia e que você seja metralhado por um traficante...

— Não diz merda! — Ele se enfezou. — E você não quer que eu morra...

— Quero sim! — gritei, mas eu não queria que ele morresse, eu só estava magoado demais, no fundo eu queria mesmo era ir embora com ele. — E eu sei que você vai tratar de achar um garoto idiota como eu, assim que chegar lá. — Eu berrava, queria extravasar toda a dor da saudade que já estava me massacrando. — Você é pederasta, Caio. Um pedófilo! Um filho da put... — Mas calei quando um tapa leve na cara, que eu não esperava, fez minha cabeça virar para o lado. Não doeu. Não externamente.

— Eu já mandei você parar. — Ele apontou o dedo na minha cara. — Você é um moleque que não sabe nada da vida. Vê se cresce Juliano! — Ele se afastou e me encarou, seus olhos rasos d'água eram de pura mágoa. — Eu podia esperar essas palavras de qualquer pessoa, menos de você!

Engoli em seco e não disse mais nada, pois um nó havia se formado na minha garganta. Ele estava certo, era injusto ofendê-lo daquela forma tão baixa, mas eu queria retribuir toda dor que ele tinha me inferido. Talvez ele estivesse certo, eu era criança demais. Inflei o peito e prendi o ar. Ele desviou seus olhos quando percebeu que os meus estavam nadando em lágrimas.

— Tchau, Ju. — Ele foi embora sem olhar para trás.

Soltei o ar e deixei as lágrimas rolarem.



Desde então eu não o vejo, nem aceito suas ligações e menos ainda leio suas mensagens. A dor que carrego no meu coração é grande demais.

É uma merda amar alguém que está longe e uma maior ainda você amar uma pessoa, que está longe, que te ama também, mas vocês não podem ficar juntos.

É um grande contrassenso.

Droga! Sinto tanta saudade do Caio!

Era um dia de semana e eu tinha faltado à aula. Estava sentado num canto de um sofá duro, no imenso quarto de hospital, de paredes e cortinas amarelas, brincando com meus dois carrinhos da Hot Wheels, que eu me lembrei de levar segundos antes de sair de casa. Era eu, o garoto branquelo e franzino de apenas oito anos, cabelos escuros e desgrenhados, que tentava não chamar atenção de ninguém, com sucesso. As atenções estavam todas voltadas para minha mãe e para a pequena Duda, que mal tinha nascido e já tinha um apelido fofo. Eu era o Ju, ela seria a Duda. Meu pai a colocou no meu colo assim que chegou no quarto. Ela era a criatura mais linda que Deus já havia colocado na Terra. Tive vontade de chorar quando a vi. Mas não chorei porque meu pai estava bem do meu lado, e ele não gostava de me ver chorando. Depois ele a levou para mamãe, e meus olhos não desgrudaram delas duas por um longo tempo. Elas eram lindas juntas, e eu ficava tentando decifrar seus traços e adivinhar se ela se parecia comigo e mamãe, ou com papai.

Quando Duda mamou e dormiu, eu já estava quase pegando no sono de tão entediado, foi quando ele entrou no quarto acompanhado dos seus pais. Ele era alto para um garoto de treze anos, seus cabelos amarelados caíam sobre os olhos azuis com certa frequência e vez por outra ele jogava a cabeça para o lado para livrar os olhos. Não sei por qual razão meus olhos se prenderam a ele. Ele era tão bonito! E sorria gentilmente para minha mãe e irmãzinha, que ele chamou de “fofinha”. Eu sorri quando ele disse isso, achei engraçado. Foi quando ele me notou. Ele sorriu para mim e eu sorri de volta, envergonhado. Senti minhas bochechas esquentando.

— Esse que é o Juliano? — Ele perguntou ao meu pai.

— Sim... — Meu pai me puxou pelo ombro e me pôs de frente para ele.

— Ju, esse é o Caio, o pai dele foi meu colega de turma na academia.

— Oi... — Meu coração acelerou quando fiquei frente a frente com ele.

— Oi. — Ele bagunçou meu cabelo. — A gente pode tomar sorvete na lanchonete? — Ele perguntou numa animação ao pai dele e me pegou tão de surpresa que meus olhos cresceram na direção do meu pai. — Você deixa, tio? — Ele perguntou ao meu pai.

Desejei com todas as forças do meu ser que meu pai deixasse.

— Eu prometo que cuido dele — disse o Caio, agora olhando da minha mãe para a mãe dele.

— Eu prometo que vou me comportar. — Minhas palavras eram quase uma súplica. Eu já não aguentava mais ficar naquele quarto, mas não era o tédio que me motivava a sair dali, era ele, era meu novo amigo de cabelos amarelos.

— Deixa eles, D'Alva — disse minha mãe. — Juju tá cansado de ficar no quarto, não é meu filho?

— Eu tô sim! — Nunca havia me sentido tão ansioso.

— Claro... — Meu pai pegou a carteira no bolso, mas o Caio disse que não precisava.

Meu Deus, além de lindo, legal e querer tomar sorvete comigo, ele era rico. Eu comecei a amá-lo e admirá-lo mesmo sem saber o que diabos aqueles sentimentos significavam.

— Vamos, garoto estrela? — Ele me encarou.

— Vamos... — respondi, sem entender o apelido que ele tinha me chamado.

Ele entrelaçou seus dedos nos meus e nós saímos correndo pelo corredor do hospital de mãos dadas. Meu sorriso não cabia mais em meu rosto.

Não foi pelo sorvete, mas pela atenção que ele me dava e pelo carinho e cuidado que me tratava, aquele foi um dos melhores dias da minha vida. Eu tinha ganhado uma irmãzinha e um grande – e lindo – amigo.



Saí de casa, com o celular no bolso da bermuda, ainda desligado e a raquete de tênis na mão. Montei na minha bicicleta e fui fazer o que meu pai havia me pedido – chamar o garoto de nome enfeitado para brincar. Atravessei correndo os canteiros entre os blocos, empinando e derrapando minha *bike*, testando meus limites e minha capacidade.

A Vila dos Oficiais é formada por blocos de casas conjugadas. Cada bloco tem dez casas, e os blocos são dispostos paralelamente, um na frente do outro. Ao todo são 15 blocos, um clube e o hotel de trânsito. E na base aérea ainda tem igreja, hospital, banco, até um anfiteatro abandonado, onde foi filmado uma das cenas do filme *For All – O trampolim da vitória*. Quem me disse isso? Caio! Óbvio!

Quando cheguei à casa um do bloco “A”, derrapei a bicicleta e parei bem em frente à plaquinha de identificação no gramado – Major Vilaça. – Era ali mesmo.

Subi a rampa da garagem e um cachorro branco e peludo latia esganiçado e babava quase toda a extensão da parede de vidro da frente da casa. A cortina estava aberta e eu podia ver toda a sala, os sofás cinzas, a televisão ligada no *Discovery Channel*, a mesa de jantar, uma estante de cristais. Era uma decoração bem moderna e elegante, diferente da minha casa, com móveis rústicos e pesados.

Fiquei na dúvida se apertava ou não a campainha, pois o choro de uma criança tomava conta de todo ambiente juntamente com os gritos de uma mulher. Não sabia se ia embora e esperava as coisas se acalmarem ou cumpria o prometido ao meu pai. Mas não precisei me dar ao trabalho, um garoto de cabelos castanhos claros, olhos azuis e roupas largas apareceu na sala.

— Cala a boca, Toby! — Ele berrou para o cachorro. Fiquei paralisado, sem saber onde me esconder. Quando ele me viu perdeu o ar, depois virou as costas e sumiu para dentro de casa, mas pude ver que ele subiu as escadinhas que davam acesso aos quartos. — Ele chegou. Tchau! — Ele berrou novamente e saiu às pressas.

— Passou protetor solar? — gritou uma voz de mulher.

— Passei... — O garoto desceu correndo as escadas com uma raquete na mão, abriu a porta e montou na sua bicicleta. — Anda... rápido... — Ele desceu a rampa da garagem sem me esperar. — Antes que ela me chame de volta.

Fiquei sem ação, segundos desnorteados com tanto grito, latido, choro e de repente um garoto apressado. Montei na minha bicicleta e senti dificuldade em alcançá-lo. Ele parecia estar fugindo da polícia de tanta presa, seguindo apressadamente em direção ao clube.

— Ei... espera! — gritei para ele parar.

Ele parou de repente, derrapando a bicicleta bem na minha frente. Tive que frear bruscamente para não me chocar com ele. Eu o encarei, assustado.

— Oi, desculpa essa pressa, cara. É que minha mãe e minha irmã já estavam me enlouquecendo. — Ele estava ofegante, suas bochechas estavam vermelhas e brilhantes, e o suor escorria pela sua testa.

Foi só então que eu parei para observá-lo. Ele tinha um rosto bonito, uma beleza marcante, forte, imponente. Seus olhos eram incrivelmente azuis, seus lábios eram rosados e carnudos, maxilar quadrado coberto por uma barba por fazer. Não pude dizer se seu corpo era ou não tão bonito quanto o rosto. Ele vestia uma camisa folgada de proteção contra raios solares e de manga cumprida e uma bermuda de jogador de basquete que cobriam os joelhos. Era estranho ver alguém tão coberto naquele calor infernal de nove horas da manhã.

— Você tem uma irmã? — Olhei em direção à sua casa e me senti penalizado pelo choro. Tive vontade de voltar lá para conhecê-la. Tive

vontade de dizer que eu tive uma irmã, mas eu teria que dar explicações sobre assuntos que queria esquecer.

— Tenho. — Ele bufou ao responder. — Olha, você não precisa sair comigo se não quiser... — Olhou para baixo, desviando seus olhos dos meus e depois me encarou. — Sei que nossos pais são amigos e serviram juntos em Santa Maria, mas você não tem que fazer isso só porque seu pai pediu.

— Não, eu quero. — Fiquei sem saber aonde me enterrar, ele era direto. — Não tem ninguém aqui nessa vila da nossa idade. — Dei de ombros. — A não ser que você não queira... aí eu caio fora... — sorri de banda.

— Não, eu quero. — Ele sorriu pela primeira vez no dia, um sorriso lindo, simétrico e que tornava seu rosto ainda mais bonito. Sorri mais de volta. — Eu sou *Filipi*.

— *Filipi*? — perguntei espontaneamente, pois estava esperando um “João Frederico Augusto” — Simples assim?

Ele riu alto, fazendo meus olhos ficarem presos no seu Pomo de Adão enquanto tombava a cabeça para trás.

— P.H.I.L.L.I.P.I — Ele soletrou.

— Aaah... *tá* explicado! — Meu sorriso acompanhava o dele. — *Pililipi*, entendi agora. — Tentava parecer engraçado, pois comecei a sentir uma necessidade de ser amigo dele.

— *Pililipi*? — Ele balançou a cabeça em negação, achando graça. — Gostei!

— Juliano. — Estendi a mão a ele, que bateu de mão aberta e em seguida demos um soco de punho cerrado.

— Você joga tênis? — Ele apontou com os olhos para a raquete na minha mão.

— Bom... eu tento. E você? — Repeti seu gesto, apontando para a raquete em sua mão.

— Tonto também. — Ele montou na bicicleta novamente. — Vamos?

— Vamos.

Seguimos lado a lado para o clube. Ele parecia ser um bom garoto, pelo menos foi essa a minha primeira impressão. Era direto e seu sorriso era um dos mais lindos que eu já tinha visto.

Só não era mais bonito que o sorriso do Caio — *revirei os olhos pra mim mesmo!*

Não que eu quisesse mais alguma coisa além de amizade, e nem sabia se ele era como eu, e de qualquer forma meu coração estava tomado por um aviador filho-da-puta que morava a quilômetros dali, quase na Bolívia. E que se dane também! Interessante mesmo seria ter alguém para conversar, jogar, nadar e andar de bicicleta... ter companhia. Talvez isso me ajudasse a ter uma vida mais próxima do normal, onde eu era apenas um garoto que perdeu pessoas importantes e tentava seguir com sua própria vida.

Era época de páscoa quando minha mãe me disse que estava grávida e quando ela me disse que o bebê iria nascer na última de semana de outubro, eu pendurei um calendário na porta do meu guarda roupa, circulei a última semana de outubro como data provável do nascimento e todo santo dia marcava um X nos dias que iam passando. Eu desejava demais ter um irmãozinho e não me importei que fosse uma menina, eu queria mesmo assim. A contagem dos dias foi lenta. Mas não tão lenta quanto as horas que faltavam para eu encontrar o Caio novamente.

Minha irmãzinha já estava com três meses. Chegou novembro, vieram as férias escolares, eu viajei para a casa dos meus avós e agora faltavam apenas alguns dias para as aulas começarem. Mas quando meu pai disse que o pai do Caio tinha sido transferido para Santa Maria, eu senti que meu coração ia explodir como nunca tinha sentido antes. Não que eu pensasse nele o tempo todo, mas sempre me lembrava daquele dia que tomamos sorvete juntos e da forma como ele fez eu me sentir especial.

Quando acordei pela manhã e minha mãe disse que o Caio iria passar o dia conosco pois os pais dele iriam resolver “as coisas da mudança”, dei um salto da cama. Nunca havia me levantado tão rápido, arrumado meu quarto voluntariamente, tomado café da manhã e tomado banho em tempo recorde. Já estava roendo as unhas quando a campainha tocou, eu não me contive, saí correndo para a sala.

— Deixa que eu abro... — gritei pra minha mãe.

Abri a porta com a respiração ofegante e quando ele me viu e sorriu, foi como ganhar uma festa surpresa no dia do meu aniversário. Ele estava vestido de bermuda, camiseta e chinelos. Um boné virado para trás

prendendo seus cabelos e uma mochila pendurada nas costas.

— Oi... — Ele bagunçou meu cabelo igualmente como havia feito na maternidade.

— Oi. — Sentia que o ar não preenchia meus pulmões. Não sabia se respirava ou se sorria.

— Juju... tudo bom meu lindo? — A mãe do Caio me cumprimentou. — Cadê sua mãe?

— Tô aqui, Fê.

Minha mãe escancarou a porta, as duas trocaram algumas palavras, mas eu nem prestei atenção em mais nada, Caio segurou minha mão como havia feito na maternidade e me puxou pra dentro de casa.

— Vem, me mostra seu quarto?

— É por aqui. — Meu coração fazia uma festa dentro do meu peito. Eu não conseguia parar de olhá-lo.

Quando ele entrou no meu quarto meus olhos varreram todo o espaço a procura de alguma coisa que pudesse estar fora do lugar. Eu não queria desagradá-lo, queria que ele gostasse do meu quarto, que achasse legal e descolado. Ele largou sua mochila e boné em cima da minha cama, olhou em volta e se aproximou de uma pequena estante onde eu guardava alguns bonecos do Max Steel e principalmente minha coleção de carrinhos da Hot Wheels, todos milimetricamente organizados, lado a lado.

— Nossa, garoto estrela. Você gosta mesmo desses carrinhos... — Ele comentou ao sentar-se de frente pra minha estante. Sentei-me ao seu lado.

— Eu tenho sessenta e oito — falei com orgulho.

— Eu tenho alguns, vou te dar pra você aumentar sua coleção. Você quer? — Ele passou a mão no meu cabelo, sem bagunçar. Seus dedos fizeram um carinho leve na minha nuca.

Eu me derreti.

— Sim.

Ele me encarou e sorriu.

Seus olhos eram tão límpidos e azuis que eu me sentia mergulhando numa piscina limpa num dia quente de verão. A sensação que aquele olhar provocava no meu corpo era nova e confusa, minha barriga congelava, meu rosto queimava e eu teria ficado a manhã inteira ao lado dele alternando meus olhares entre seus olhos e meus carrinhos, mas ele se levantou e me chamou para darmos uma volta lá fora, pois ele queria conhecer a vila. Apesar do vazio que senti quando ele saiu do meu lado, eu me levantei também, avisei minha mãe que iria sair e nós dois fomos explorar a vila.

Levei-o para perto das quadras, atrás da minha casa, desejando que ele segurasse minha mão como havia feito antes, pois queria correr por aquele descampado verde de mãos dadas a ele, sentindo o vento frio cortando minhas bochechas e nossos cabelos voando ao vento, mas apenas caminhamos enquanto ele observava tudo à sua volta, até que mais à frente ele viu uma árvore bem alta de tronco grosso.

— Uau! Olha aquela árvore! — Ele apontou. — Vem, Ju... — Ele correu em direção à árvore e eu corri atrás dele. Seus cabelos amarelados bailavam no ar como as folhas no outono.

Ele parou bem embaixo da árvore, observando sua copa pelo lado de dentro.

— Vamos subir? — Os olhos dele brilhavam.

— Subir na árvore? — Olhei em direção à minha casa. Não sabia se subir numa árvore era uma boa ideia e eu não queria que meus pais brigassem comigo. Além disso, eu tinha medo.

— É... vem. — Ele subiu no primeiro galho com facilidade e estendeu a mão para mim.

Fiquei apreensivo.

— Eu tenho medo — confessei. Não teria feito isso se fosse outra pessoa. Teria dito apenas que não queria. Mas com ele era diferente. Era como se ele pudesse ler meus pensamentos.

— Eu não vou deixar você cair, prometo.

Ele estava me encarando, mão esticada na minha direção, um sorriso nos lábios que tinha cor de arco íris e um olhar que parecia açúcar. Era impossível dizer não. Estendi a mão para ele.

Subimos o primeiro galho. O segundo. O terceiro. Meu medo aumentou.

— Aqui tá bom. — Já sentia minhas pernas geladas.

— Aqui não, lá... — Ele apontou para cima e quando fui olhar me desequilibrei.

— Aaa... — gritei e me agarrei no tronco com força, meu medo aumentou consideravelmente. — Eu quero descer... — Minha voz saiu chorosa.

Ele suspirou, veio onde eu estava e parou bem atrás de mim.

— Confia em mim, garoto estrela. Eu não vou deixar você cair. Eu te ajudo. — Ele quase sussurrava, depois puxou meus braços devagar para que eu me soltasse do tronco e foi me guiando para cima, sempre me segurando.

Comecei a ficar mais confiante e comecei a gostar da forma que ele me segurava e cuidava de mim e da proximidade do seu corpo no meu. Era uma sensação nova e estranha, e boa.

— Por que você me chama de garoto estrela?

— Ué, você não sabe? — Ele me perguntou como se fosse óbvio, mas eu não fazia ideia de onde vinha esse apelido que eu gostava.

— Não. — Me encolhi ao responder, me sentindo um tanto quanto burro

por não saber.

— É por causa do seu sobrenome: D’Alva. E da Estrela Dalva. — Fomos subindo mais enquanto ele ia explicando. — Na verdade a Estrela Dalva é o planeta Vênus, que antigamente as pessoas acreditavam que era uma estrela por causa do brilho intenso, mas planeta não tem luz própria né? Você sabe!

Não, eu não sabia!

— O brilho era por causa do sol. — Ele disse por fim.

Chegamos finalmente onde ele queria. Ele passou facilmente de um galho para o outro, mais alto que os outros, sentou-se com uma perna de cada lado, recostou-se no tronco da árvore e estendeu a mão para mim.

— Vem, senta aqui. — Ele bateu no galho, me mandando sentar à sua frente.

Mas eu era bem menor que ele, temi cair.

— Caio... eu não vou conseguir. Tá longe pra mim. — Eu confiava nele, mas o medo era maior.

— Eu já disse que não vou deixar você cair. Confia em mim. — Ele ficou sério, pareceu chateado por eu não confiar nele. E eu não queria chateá-lo.

Minhas mãos tremiam e eu estava apavorado de medo. Cair daquela altura seria meu fim. Além de me machucar muito, iria levar uma bronca dos meus pais. Mas apesar do receio, eu fui. Segurei sua mão e tentei me sentar igual a ele, com uma perna de cada lado, mas minha perna era curta para a distância de um galho para o outro e eu me desequilibrei e escorreguei, caindo de barriga em cima do tronco, entre suas pernas. Não doeu, mas minhas pernas ficaram penduradas a ponto de eu escorregar.

— Aaahh! — Entrei em pânico.

— Juu...!

— Caio, socorro, eu vou cair. — Desabei a chorar.

— Você não vai...

— Eu vou, eu não quero morrer... me ajuda Caio! — Eu chorava e suplicava.

— Eu vou te ajudar, se acalme! — Ele me segurou pela cintura e me ajudou a sentar. — Senta assim... — Ele me mandou sentar entre suas pernas, de lado, e me abraçou.

Eu afundei a cabeça em seu peito. Estava tremendo de medo e envergonhado, e ainda chorava feito um bebezinho.

— Não chora, tá bom. Tá tudo bem... — Ele alisava meu cabelo.

Ficamos algum tempo daquele jeito, seus braços em volta do meu corpo e eu segurando firme sua camisa, ainda com medo de cair, controlando o choro.

— Você sabia que Vênus é o objeto mais brilhante no céu, depois da Lua? — Ele rompeu o silêncio, preenchido apenas pelos meus soluços.

— Não — respondi fungando. — Caio, eu quero descer... — Sentia-me dependente dele, como se precisasse da sua permissão para fazer algo que eu quisesse.

— Para de chorar que a gente desce, ok?

Balancei a cabeça em afirmação e ele beijou minha testa.

— Quer ouvir uma música que minha mãe cantava pra eu dormir, quando eu era criança?

Balancei a cabeça novamente. Eu até que estava mais calmo, sentia-me mais seguro e protegido, mas não queria me afastar do seu abraço. Era acolhedor e quente.

Ele começou a cantar.

Venha me beijar

*Meu doce vampiro
Ou ouu
Na luz do luar
Ãh ahã
Venha sugar o calor
De dentro do meu sangue
Vermelho
Tão vivo tão eterno
Veneno
Que mata sua sede
Que me bebe quente
Como um licor
Brindando a morte e fazendo amor
Meu doce vampiro
Ou ouu
Na luz do luar
Ãh ahã
Me acostumei com você
Sempre reclamando da vida
Me ferindo, me curando
A ferida
Mas nada disso importa
Vou abrir a porta
Pra você entrar
Beija minha boca
Até me matar*

*Cha lá lá lá
Ou ouu
Cha lá lá lá*

Quando ele terminou de cantar eu não resisti, me desencostei do seu torso e olhei em seus olhos.

— Sua mãe cantava essa música pra você dormir? — Eu estava admirado com tamanha maldade.

— Sim. — *Ele sorria com os lábios cerrados.*

— *E você não tinha medo?*

— *Medo de quê, Ju?*

— *Do vampiro, oras...*

Ele sorriu aberto, achando graça.

— *Não, garoto estrela, eu não tinha medo. — Ele falava comigo com doçura, seus olhos tinham algum tipo de resignação.*

— *Eu teria — falei por fim, me recostei novamente em seu peito.*

Ele não tinha me mandado levantar e eu não queria sair dali. Era um lugar bom de ficar. Era como estar deitado numa nuvem. Era bom sentir aquele aconchego.

— *Me desculpa, eu devia ter te segurado melhor... — Ele me abraçou mais forte. Eu fechei os olhos.*

Assim que eu e Phillipi entramos no clube, dei de cara com um moreno esculpido a mão por Deus e colocado na Terra com o propósito de provar todo seu poder e sua glória. Aquele espécime de homem não era algo que a gente via com facilidade por aí. Era algo para ser posto num pedestal, para ser admirado pelos mortais como exemplo do poder da melanina. Mortais como eu, que sabia bem reconhecer o valor de um belo peitoral, de coxas torneadas, bunda grande, dura, quadrada. Bunda de homem numa sunga azul de listras.

Passamos pela cerca que protegia a piscina em forma de “P” quando ele abriu a torneira para uma chuveirada. Da sua cabeça raspada respingava água em todas as direções. Ele pulou, por certo a água estava fria, e seus músculos se agitaram no ar. Tive que engolir a saliva que encharcou minha boca. Tive que disfarçar para Phillipi não perceber que eu estava babando pelo deus do ébano de sunga, que depois da chuveirada mergulhou na piscina num salto de cabeça perfeito, quase ornamental. Prendi a respiração e só voltei a respirar quando ele emergiu.

Ah! Como eu quis mergulhar de cabeça naquele momento, naquela piscina e ainda estar de óculos de natação para enxergar melhor debaixo d’água. Mas afugentei esses pensamentos quando me lembrei que era mês de janeiro e muito provavelmente aquela criatura seria um Aspirante a Oficial, entre muitos aviadores que chegavam e saíam todos os anos na Base Aérea de Natal, depois de concluírem a AFA - Academia da Força Aérea, já que ali era o onde os aviadores aspirantes se concentravam. E de aspirante aviador eu já tinha uma cota bem cheia.

Sorri sem jeito para Phillipi e agradeci mentalmente por ele não ter notado meu interesse na piscina. Ele observava tudo à sua volta e eu me senti na obrigação de ser seu guia turístico e apresentar o clube a ele. Mostrei onde

ficava o bar, salão de jogos, quadras, churrasqueiras, academia e por fim, fomos jogar tênis. Ou tentar, já que nenhum dos dois dominava bem o esporte.

Por volta das onze, o suor encharcava minha bermuda e camisa que eu já tinha amarrado na cabeça quando começamos a jogar. Meus braços ardiam por causa do sol e eu acho que estava com princípio de insolação, pois comecei a ficar tonto.

— Vamos parar? — Eu respirava pesado pela boca.

— Claro. Quer dar um mergulho? — Disse Phillipi, que mal parecia estar cansado.

— Quero. — Estava esbaforido.

Andei com dificuldade até a piscina, sem deixar Phillipi perceber o quanto estava exausto. Antes de passar pela cerca da piscina para uma chuveirada, minha vista escureceu e desabei sentado numa cadeira.

— Caramba! Preciso de água — falei sentindo meu coração acelerado.

— Você tá bem? — Ele se curvou para olhar meu rosto.

— Acho que não. — Rendi-me. Pendi a cabeça para trás e fechei os olhos, sentindo um embrulho no meu estômago, querendo subir pela garganta.

— Vou pegar água pra você.

Ele se dirigiu ao bar e eu fiquei onde estava, de olhos fechados, tentando respirar, acreditando que morreria em breve. Tirei o celular do bolso e resolvi finalmente ligá-lo. Qualquer emergência eu ligaria para meu pai. Ou para Dona Aurélia. Ou não ligaria para ninguém, afinal Dona Aurélia ainda estava de férias e meu pai estava trabalhando.

Quando Phillipi voltou com uma garrafa de água gelada, ele a abriu e estregou a mim.

— Valeu... — Bebi a metade. — Você quer? — Ofereci a ele.

— Não, é pra você, beba tudo.

Fiz o que ele mandou, endireitei-me, tomei mais um gole e joguei o resto na cara. Ele tirou a camisa da minha cabeça e a estendeu na cerca sob o sol, provavelmente para secar. Não disse nada, mas senti-me agradecido por aquilo.

— Vamos mergulhar agora? — falei quando já estava me sentindo melhor.

— Não acho que seja uma boa. Vamos só tomar uma chuveirada. — Ele parecia preocupado.

— A gente fica na parte rasa — insisti.

— Não, Juliano. Chega de sol por hoje, cara.

— Eu tô bem. Foi só cansaço. Eu acho. — Levantei-me e por sorte minha cabeça não rodou.

— Acho que você tá com princípio de insolação. Vamos tomar uma chuveirada e só. Amanhã a gente vem pra piscina.

— Cara, tu é sempre assim? Mandão? — perguntei emburrado.

Ele riu.

— Apreendi a ser.

Ele se dirigiu ao chuveiro. Eu o segui. Ele abriu a torneira e se enfiou na água, sem tirar a roupa. Achei estranho, mas não comentei. Tirei a bermuda, liguei o outro chuveiro e fiquei embaixo durante um longo tempo, olhos fechados, deixando a água refrescar meu torso queimado de sol. Despertei-me quando uma voz rouca perguntou:

— Ei, vocês são filhos de militar ou são aspirantes?

Era ele, o deus do ébano em pessoa. Desliguei o chuveiro na mesma hora, já totalmente recuperado.

— Somos filhos... — Phillipi respondeu.

— Eu sou o Emílio. Meu pai veio transferido pra cá esse ano.

— Phillipi... — Eles se deram as mãos. — Meu pai também.

— Juliano... — disse e estiquei a mão para ele, que segurou com firmeza. — Moro aqui desde o ano passado.

— Tem mais alguém da nossa idade por aqui? Nesse fim de mundo? — Ele riu e olhou em volta. — Tem mulher nessa vila? — Ele riu mais e seu sorriso era fora de série. Largo, dentes brancos, lábios perfeitos.

E sua pergunta não poderia ser pior. Ele me jogou um balde de água gelado na cabeça sem perceber. Mas enfim... meu coração já tinha dono de qualquer forma, que morava quase na Bolívia.

— *Noup*... — respondi. — Aliás, dou graças a Deus de ter vocês esse ano, porque ano passado, isso aqui, era pior que a prisão de Alcatraz. Além de ser longe de tudo, vocês sabem, né? Segurança vinte e quatro horas.

— Como você aguentava? — Emílio perguntou.

— Escola... treino... essas coisas. Não ficava aqui cem por cento do tempo.

E eu tinha o Caio... ele era meu bálsamo, minha fuga e minha razão de viver!

Sentamos cada um numa cadeira sob uma choupana e ficamos os três conversando banalidades. Descobrimos que estamos os três no terceiro ano. E que estudaríamos na mesma escola. Era questão de dias para saber se iríamos estudar na mesma sala ou não. Eu torcia para que sim, seria um incentivo a mais para focar nos estudos.

Com pouco tempo de conversa descobri que Phillipi pretendia morar um

tempo no Canadá quando terminasse o ensino médio e que Emílio queria fazer Engenharia Mecatrônica. Eu não soube o que dizer, não sabia o que queria ser, meus planos eram muito claros quando eu tinha quinze anos. Queria ser piloto igual ao Caio. Mas depois que toda a tragédia se sucedeu na minha vida, eu não tinha certeza de nada. Não tinha nem certeza se estaria vivo no dia das provas do ENEM.

Quando já passava de uma hora da tarde, Emílio se despediu de nós e foi embora. Ele morava no Bloco M. Teria sido mais perto para mim se eu tivesse ido para casa junto com ele, mas como eu tinha ido para o clube com o Phillipi, fui embora com ele. Além do mais, Emílio estava a pé e eu não queria ir empurrando a minha bicicleta.

Mas deveria ter ido.

Peguei minha camisa pendurada na cerca, já parcialmente seca e fedendo a suor, enrolei no pulso e montamos em nossas bicicletas.

— Vamos ver quem chega primeiro? — Phillipi perguntou.

— Onde? — Escancarei um sorriso. Apostar uma corrida era tudo o que eu queria.

— Em frente à minha casa?

— Ok.

A raquete numa mão, na outra a camisa enrolada no pulso, Phillipi deu a largada e eu comecei a pedalar feito um louco. Conhecia o caminho melhor que ele, foi fácil ganhar vantagem. Atravessei os canteiros quase voando com a bicicleta, sentindo-me o rei do BMX. Ele vinha no meu encalço, mas eu era competitivo e nem chegava a sentar no selim. Quando estava bem perto da casa dele, nossa distância era até considerável, olhei para trás para ver onde ele estava. Pulei com a bike para passar por cima de uma lombada e a raquete de tênis escorregou da minha mão. O cabo entrou entre os raios, a bicicleta parou bruscamente e eu fui arremessado léguas de distância para frente. Teria tudo acabado bem se não fosse aquela maldita pedra no meio do caminho.

Quando caí no chão usei uma técnica de rolamento para frente que tinha aprendido com o Caio – *pra variar*. Rapidamente me pus de pé, mas a pedra já tinha feito seu estrago. Phillipi, que estava atrás, mal parou sua bicicleta, largou-a no chão e veio ao meu encontro.

— Você *tá* bem? — Ele estava assustado, provavelmente a visão que teve da minha queda foi mais medonha que a própria queda.

— Tudo ótimo. — Meu coração estava disparado no peito e apesar do nervosismo, eu sorria. Eu estava inteiro por um milagre. Apenas uns arranhões na mão.

Mas Phillipi estava sem cor. Seus olhos crescidos olhavam diretamente para o meu braço.

— Meu Deus! — Ele levou as mãos à cabeça.

Olhei na direção do seu olhar e minha barriga estava coberta de sangue e do meu braço, na parte interna, um pouco acima do cotovelo, o sangue jorrava como uma mangueira aberta. Eu cambaleie para trás. Meu coração parou de bater. Arregalei os olhos, incrédulo de que aquele sangue todo era meu.

— Calma... — Ele disse, já arrancando a camisa do meu pulso e colocando-a em cima do corte, pressionando.

Não disse nada, apenas o obedeci. Estava a ponto de desmaiar ou a ponto de cair num choro infantil e desesperado. Só então que a dor do corte veio à tona.

Como nossa mente trabalha rápido!

— Vem... — Ele me guiou pra sua casa, e antes mesmo de entrar, berrou pela sua mãe. Quando ela apareceu, com um pano de prato na mão, foi logo perguntando que gritos eram aqueles.

— Mãe, o Ju caiu da bicicleta. — Ele pressionava meu braço com a camisa, já ensopada de sangue. Eu estava imóvel e acho que sem cor.

— Minha Nossa Senhora! — Ela esbravejou quando me viu, pálido, quase desabando no choro e aquela vermelhidão de sangue em cima de mim. — Vão pro carro!

Ela correu pra dentro de casa, pegou a chave do carro e me levou para o posto de saúde da Base. Sorte que ficava um ou dois quilômetros dali. Ela parou o carro na entrada da emergência e eu desci com o Phillipi, ainda agarrado ao meu braço.

— Ele caiu de bicicleta. É o filho do Major D’Alva. — Phillipi tratou de tudo.

Depois, com o tempo, eu pude conhecê-lo melhor. Ele era um garoto de muita atitude. Falava o que pensava e não esperava ninguém lhe dizer o que tinha ou não que fazer. Ele sempre fazia o que era necessário, e naquele momento, ele cuidou de mim.

— Por aqui. — O enfermeiro me guiou para dentro da sala de atendimento e o médico do dia apareceu.

Logo estava deitado numa maca, numa saleta estreita e cheirando a éter, com Phillipi ao meu lado.

— Vamos ter que suturar — disse o médico depois de avaliar meticulosamente meu braço, jogar água oxigenada em cima e me fazer gritar de tanta dor.

— Posso ficar aqui? — perguntou Phillipi ao médico.

— Por favor — pedi de supetão.

O médico demorou segundos para responder. Seus olhos foram de Phillipi para mim. Eu implorava silenciosamente.

— Tudo bem. Mas sem chegar perto do procedimento, pra não contaminar.

— Eu fico desse lado. — Phillipi deu a volta na maca e ficou em pé do outro lado.

O enfermeiro me mandou colocar o braço acima da cabeça. Pôs uma touca nos meus cabelos. Limpou todo o sangue que havia no meu braço e barriga. Pôs vários panos verdes em cima do meu braço, deixando apenas o ferimento de fora e limpou com iodo.

Eu respirava ofegante. Estava nervoso. Era foda não ter ninguém naquele momento para me acompanhar. Eu não queria, mas só pensava na minha mãe. Queria tê-la ao meu lado, ou meu pai, até mesmo o Caio, qualquer pessoa que fosse para poder segurar a minha mão e dizer que eu ficaria bem. Estava me sentindo desamparado, como se no mundo não houvesse ninguém por mim. Apertei os olhos quando o enfermeiro enfiou uma injeção de anestesia em volta do corte. As lágrimas minaram no canto dos meus olhos. Senti alguém segurando minha mão.

— Vai ficar tudo bem — disse Phillipi.

Olhei para ele. Ele sorriu com os lábios cerrados. Apertei sua mão. Tentei não chorar, mas não consegui.

Quando saí do hospital, com o braço enfaixado, trazendo comigo uma caixa de anti-inflamatórios, estava me sentindo extremamente constrangido. Não por ter chorado, mas pelos motivos que todos pensavam que eu havia chorado. Não era pelo corte, era por tudo.

Eu sabia que meu emocional andava fragilizado, foram muitas mudanças num curto período, perdas significativas e o vazio que eu sentia dentro de mim só crescia. Mas ninguém conhecia minha história. Os boatos que rondavam pela vila sobre os trágicos acontecimentos na minha família não refletiam a minha realidade, não foi só a morte que me tirou pessoas importantes, foi a vida também: Caio, minha irmã, minha mãe, meu pai, e depois o Caio novamente. Só quem viveu na pele o que eu vivi, podia entender os sentimentos conflituosos que eu carregava dentro do peito.

Não chorei por causa do corte, nem pela injeção da anestesia, nem pelo medo de levar doze pontos no braço, chorei porque me senti amparado por um simples aperto de mão, e isso, ninguém, jamais entenderia.

Quando entrei no carro de Phillipi novamente, mal consegui olhar em seus olhos. A mãe dele me tratava como uma criança, cheia de atenção e carinho. Ele me olhava de soslaio, penalizado. Eu só queria voltar para casa. Mas tia Iara – mãe do Phillipi – resolveu que era melhor me levar na Seção do meu pai.

— Não precisa, tia. Por favor...— Eu praticamente implorava, não queria incomodar meu pai, mas ela fez questão.

— Se fosse com um dos meus filhos, eu iria querer saber. — Ela disse.

Droga! Xinguei mentalmente. Eu sabia que ela estava me ajudando, e sabia também que ela tinha plena consciência que eu não tinha mãe. O que ela não sabia, é que eu praticamente também não tinha pai.

— Vai ser rápido — disse Phillipi, tentando me animar. Talvez ele tenha percebido minha cara de insatisfação, que eu não fiz questão de disfarçar.

Quando chegamos na Seção do meu pai e ele me viu, fui surpreendido por um pai extremamente preocupado. Os olhos dele só faltaram saltar do rosto quando ele viu minhas roupas meladas de sangue e a faixa de gazes enrolada no meu braço, fazendo o curativo.

— Como foi isso? — Meu pai segurou meu pulso e levantou meu braço, me fazendo gemer de dor.

— Hmm... caí da bicicleta. — Engoli em seco.

— Ele não queria te incomodar, mas como pai, achei que você deveria saber.

— Você fez muito bem, Iara. Obrigado por trazê-lo aqui. — Meu pai esticou a mão para se despediram. — Pode deixar que eu o levo pra casa.

Meu coração disparou no peito, já imaginando as merdas que meu pai me diria quando chegássemos em casa.

— Não precisa, pai. A tia Iara me deixa em casa.

— De jeito nenhum... — Meu pai foi enfático.

— Tem certeza? — Ela perguntou.

— Tenho sim. — Meu pai pousou o braço sobre meu ombro, sem me dar alternativas. Senti meu corpo gelar. Desde que minha irmã tinha morrido meu pai não tocava em mim. Não com afeto.

Eles se despediram, ela beijou minha cabeça e mandou eu me cuidar. Phillip apenas sorriu com os lábios cerrados.

— Obrigado — sorri de volta para ele. Ainda não conseguia encará-lo.

— Depois eu levo sua bike. — Ele disse já a caminho do carro.

— Ok.

Quando eles partiram, eu mal conseguia respirar, muito menos olhar para meu pai, que ainda mantinha seu braço sobre meus ombros. Ele então me virou de frente para ele e me abraçou. Meus músculos se retesaram. Não esperava por aquele abraço, completamente fora do contexto.

— Você tá bem agora?

— Hmrrum... — Foi o que consegui responder.

— Já almoçou? — Ele me guiou para o carro, sempre com o braço sobre meu ombro.

Olhei em volta para ver se tinha alguém nos observando, queria ter certeza de que aquele cuidado todo não era uma encenação para impressionar seus colegas ou seus superiores. Não tinha ninguém em volta. Finalmente relaxei.

— Não — sorri para ele.

— Estava de saída pro Rancho, mas agora vamos ter que almoçar em casa. Tá bom pra você, capitão?

— Capitão? — perguntei antes de entrar no carro. Meu sorriso se abriu.

— Você tá parecendo o capitão do time com essa faixa branca no braço.

Meu coração palpitou, meu pai tentava ser engraçado e isso há tempos não acontecia. Quando entramos no carro, ele bagunçou meu cabelo. Sentia uma sensação boa de conforto me abraçando. Era como voltar para casa depois de uma longa viagem.

— Levei doze pontos — falei, sentindo orgulho de mim mesmo, afinal, seria minha primeira cicatriz.

Meu pai suspirou.

— Da próxima vez, você me liga. — Ele ficou sério e me encarou.

Balancei a cabeça em afirmação.

Nosso almoço foi desastroso. Não tinha nada na dispensa e acabamos comendo ovo frito, de novo, com miojo. Depois do almoço meu pai me ajudou a tomar um banho e voltou para o trabalho, e eu passei o resto do dia *de molho*, em casa, sem fazer nada. O corte no meu braço começou a doer muito e eu acabei tomando dois comprimidos de uma só vez. Resultado: às seis da tarde eu capotei de sono. Acordei já era outro dia. Não vi quando meu pai chegou do trabalho e muito menos quando saiu para trabalhar.

Levantei-me, só de cueca, cocei a bunda e fui cambaleando para o banheiro. Meu braço latejava. Mijei, desci para a cozinha e tomei mais um comprimido, ainda dormindo. Sentei-me à mesa sem saber exatamente onde eu estava, desejando voltar para a cama, mas surpreendi-me com uma caixa de Sucrilhos em cima da mesa. Peguei a caixa e fiquei um bom tempo tentando entender como aquilo tinha ido parado ali. Ou tentando acordar, não sei bem. Quando dei por mim e pela minha existência, resolvi abrir a geladeira pra pegar leite e me assustei com o que vi: estava abarrotada de comida. Frutas, leite, Danoninho, Toddynho, queijo, presunto, até requeijão. Fechei. Abri de novo. Estava tudo lá. Achei que estava sonhando acordado, mas ao abrir o congelador, tinha várias bandejas de comida congelada. Abri a despensa, tinha tanta comida que eu mordi o lábio para não rir aberto. Meu peito inflou de satisfação, meu pai tinha feito compras enquanto eu dormia.

Será que realmente “as coisas” estavam voltando ao normal? Era uma esperança que eu carregava em meu peito.

Enchi uma tigela com leite, Sucrilhos e voltei para o quarto. Liguei meu notebook, coloquei meu celular para carregar, sentei-me na cadeira da escrivaninha e devorei meu café da manhã.

Na tela do meu notebook apareceu um alerta de e-mail. Era do Caio. Achei estranho ele me enviar um e-mail, então resolvi ler:

Já que você não atende minhas ligações e nem lê minhas mensagens, resolvi te mandar um e-mail. Sinto sua falta, garoto estrela. Eu sei que errei com você, mas tudo o que fiz foi pra te proteger. Espero que um dia você me entenda e me perdoe. Não suporto a ideia de nunca mais ser ao menos seu amigo. Você se lembra do dia que me perguntou por que eu gostava tanto de te abraçar? Você se lembra da minha resposta? Não mudou nada. Ainda sinto o mesmo.

Att/

Caio Prates.

Quando terminei de ler, uma lágrima pingou na minha coxa. Apoiei os cotovelos na escrivaninha e reli o texto diversas vezes. Como eu poderia esquecer? Impossível



Quanto mais o Caio crescia, mais lindo ele ficava. Quanto mais lindo ele ficava, mais eu me perdia em sua beleza. E quanto mais perdido eu ficava, mais ele se aproximava de mim.

“Nossa amizade não é coisa desse mundo”, e toda vez que ele falava isso eu ficava imaginado que, nós dois, éramos dois alienígenas, e que um dia eu descobriria toda a verdade, talvez quando eu tivesse a idade dele.

Mesmo sendo cinco anos mais velho, ele nunca me abandonava, nunca me tratava com desdém na frente dos seus amigos e nunca me fazia sentir diminuído pela pouca idade. Pelo contrário, ele me defendia, me protegia e cuidava de mim. E sempre arranjava tempo para ficarmos juntos. A árvore perto da minha casa passou a ser nosso esconderijo secreto. Ele até gravou nossas iniciais lá no topo.

Estava com dez anos e Caio com quinze. Nós tínhamos passado a manhã na piscina com seus amigos, que eram muitos, mas todos me tratavam com carinho, e se alguém tentasse me maltratar, Caio arranjava uma briga.

Depois do almoço, quando minha mãe foi colocar a Duda pra dormir,

Caio passou na minha casa pra irmos pra nossa árvore. Avisei meu pai e saí correndo na frente, ele correu atrás de mim. Eu já estava grande e conseguia subir na árvore com facilidade. Não tinha mais medo. E estar naquele local com ele era o momento mais feliz do meu fim de semana.

Aquela árvore era o nosso cantinho de sermos nós mesmos. Nós cantávamos alto, contávamos piadas, ríamos, conversávamos sobre as coisas da vida e fazíamos planos para o futuro, quando nós dois fôssemos adultos e viajaríamos com mochilas nas costas para explorar o mundo.

Subi na árvore na sua frente e quando cheguei no nosso galho, sentei-me como ele sempre fazia, recostado no tronco e com uma perna de cada lado.

— Você tá crescendo, garoto estrela. Tá mais rápido que eu. — Ele disse assim que me alcançou, bufando de cansado, suas bochechas estavam rosadas por causa do sol da manhã, seus olhos azuis eram meu céu. — Vai, afasta...

— Aaa... — reclamei. — Por que eu tenho sempre que sentar na frente? — perguntei quando apoiei as mãos no galho, projetando meu corpo pra frente. Ele sentou-se atrás de mim.

— Porque senão, eu não posso te abraçar. — Ele envolveu minha cintura com seus braços e me puxou de encontro ao seu corpo.

— Por que você gosta tanto de me abraçar? — Envolvi seus braços com os meus e recostei a cabeça em seu ombro. Minhas pernas e as suas penduradas e balançando para frente e para trás.

— Não sei... — Ele cheirou meu ouvido. Contorci-me pela cócega que me causou e ri alto.

— Faz cócegas...

Ficamos segundos em silêncio.

— Acho que é porque eu te amo. — Ele disse por fim.

Senti meu coração falhar. Não entendia muito bem sobre amor, eu sabia

que o amava, mas ouvir da sua boca que também me amava mudou alguma coisa dentro de mim.

Senti necessidade de olhar em seus olhos. Livrei-me dos seus braços e virei-me de lado, passando a perna por cima do galho.

— Então eu acho que também te amo. — Meu coração ia saltar pela boca.

— Por que você acha isso? — Ele sorriu com os lábios cerrados.

— Porque eu também gosto de te abraçar. — Minha voz era fraca.

Ele sorriu abertamente e abriu os braços.

— Então me abraça ué...

Eu o abracei. Senti que seu coração também estava acelerado.



Não esqueci e nunca vou esquecer. Mas esse tempo não volta, Caio. E eu já tô cansado de tanto perder. Por favor, não me procure mais.

Juliano.

Digitei uma resposta. Levei a seta do mouse até *enviar*, mas não consegui clicar. Apertei os olhos. Caio foi por um longo tempo tudo para mim. E seus argumentos sobre querer me proteger não me convenciam. Talvez ele tivesse razão, jamais daria certo nós dois juntos e eu precisava aceitar isso.

A campainha tocou. Larguei o mouse, vesti um short e fui ver quem era. Quando abri a porta da sala, dei de cara com uma menininha de mais ou menos oito anos, cabelos longos e loiros batendo na cintura, gordinha, olhos azuis como duas bolas de cristal e uma cesta de piquenique na mão. Olhei em volta para me certificar de que ela estava sozinha, e que tinha batido na porta certa.

— Você tá bem? — Ela foi entrando.

Não a convidei para entrar, mas sua atitude atrevida me surpreendeu de tal forma que não tive como impedi-la. Quando dei por mim, ela já estava depositando tudo o que tinha na cesta em cima da mesa de jantar.

— Eu trouxe biscoito de chocolate, três jujubas... — As jujubas estavam enroladas num guardanapo. — Lápis de cor, um caderno de desenho... — Ela folheou o caderno, as páginas estavam todas riscadas. — Está riscado, mas se você olhar bem, ainda tem espaço pra pintar...

— Posso saber quem é você? — Estava atônito. Uma menina invadiu minha casa e eu não tinha ideia de quem era ela.

Ela então deu um tapa na própria testa, como se estivesse reprovando a si mesma.

— Como eu sou tonta... — Ela se aproximou de mim e esticou a mão, que estava melada de chocolate. Apertei mesmo assim. — Eu sou a Elisabeth, mas você pode me chamar de Elis ou de Beth, tanto faz. — Ela me olhou bem fundo nos olhos. — Só não pode me chamar de *demônia*, como faz meu irmão, isso eu não gosto.

— Sim, senhora. — Comecei a me divertir com aquela menina.

— E tem mais uma coisa aqui... um livro. É pra você ler quando estiver triste.

Ela tirou o livro da cesta e esticou para mim. Peguei o livro.

— Dois passos. — Li o título em voz alta. — É uma comédia? — perguntei ao ler o nome do autor. — Arlindo Orlando. Nunca ouvi falar.

— Não sei se é comédia, mas meu irmão chorou quando leu.

— E é para eu ler quando estiver triste?

— Exatamente... — Seus olhos foram diretamente para meu braço, ela levou as duas mãos à boca, só então percebi de quem se tratava: a irmãzinha

do Phillipi.

— Pois é... — Virei meu braço para que ela visse bem os pontos. — Levei doze pontos.

Ela se aproximou, levou lentamente a mãozinha com o dedo em riste para tocar nos pontos, quando ela estava quase tocando, eu puxei o braço.

— Ai! — Eu disse, assustado.

Ela deu um salto para trás e depois caiu na gargalhada gostosa. Não sei por qual razão, mas me apeguei àquela menininha naquele exato momento. Era como se dela emanasse uma luz acolhedora e energizante. Sentei-me à mesa e comecei a folhear o caderno de desenhos.

— São vulcões? — perguntei ao perceber a semelhança em cada um dos desenhos.

— Sim. — Ela puxou a cadeira e sentou-se ao meu lado. — Este é o Vesúvio. Fica na Itália. — Ela apontou para o desenho quando folheie a página.

Não me impressionei, afinal, quem não conhece o Vesúvio? Qualquer vulcão para ela seria o Vesúvio. Continuei passando as páginas e mais um vulcão. Apesar de serem desenhos praticamente iguais, ela denominava cada um deles.

— Esse é o Étina, também fica na Itália.

Claro, ela conhecia a Itália. Saber sobre os vulcões era só um detalhe. Passei mais uma página.

— Esse é o Popocatepeti, fica no México.

Limpei a garganta. Queria perguntar novamente o nome do vulcão, mas decidi ficar na minha, não daria esse gostinho a ela. Ela pôs a mão no caderno, me impedindo de folheá-lo e me olhou admirada como quem se lembra de algo importante.

— Você sabia que, se o supervulcão de Yellowstone, aquele que fica no estado americano de Wyoming, entrar em erupção, pode provocar uma catástrofe mundial?

Abri e fechei a boca.

— Não, não sabia. — Fiquei impressionado, ela só não conhecia de vulcões como era aficionada pelo assunto.

Queria ter perguntado mais sobre essa grande ameaça, pois fiquei totalmente perdido com aquela informação e imaginando o que aconteceria com a humanidade caso o tal Yellowstone entrasse em erupção, uma preocupação que nunca passaria pela minha cabeça, mas a campainha tocou e logo em seguida a voz de Phillipi preencheu o ambiente.

— Juliano!

Mal tive tempo de responder e Elizabeth entrou em desespero.

— Ai meu Deus, ele vai me matar, ele vai me matar, ele vai me matar...

Ela sussurrava e corria em círculos, agitando as mãos ao ar. Já tinha visto crianças com medo, mas não era medo que Elizabeth sentia, era pavor. Foi engraçado, mas fiquei preocupado. Por que diabos ela tinha tanto medo do irmão? Duda jamais teria medo de mim!

— Ei, calma. — Segurei-a pelos ombros, sussurrando para que Phillipi não me ouvisse. — Ele não precisa saber que você *tá* aqui e eu prometo que não vou dizer nada. Vá para cima que eu vou dispensá-lo, ok?

Ela balançou a cabeça rapidamente e correu escada acima. Eu fui atender a porta.

— Oi... — disse para Phillipi, ainda constrangido pelo choro do dia anterior.

Phillipi estava usando outra camisa contra proteção solar e sua bermuda mais uma vez passava dos joelhos. Eram tão folgadas que pareciam ser de outra pessoa, bem maior que ele. Ele sorria, como se me conhecesse há anos.

Tobby estava com ele, preso numa coleira e ficou desesperado para entrar na minha casa, mas Phillipi o puxou.

— Trouxe sua bicicleta. — Ele apontou para a garagem e minha bicicleta estava lá, encostada na parede e com o aro retorcido.

— Merda! — praguejei em voz alta sem me importar em agradecê-lo, mas caramba! Minha bicicleta estava danificada e isso era praticamente como estar com a perna engessada naquela vila imensa. Não conseguia disfarçar minha cara de desgosto.

— Pois é... não dá pra andar assim, eu tentei. — Ele suspirou. Ficamos por segundos olhando penalizados para minha bicicleta quebrada enquanto Tobby continuava desesperado para entrar na minha casa. — Fica quieto! — Phillipi ralhou com ele.

— Valeu de qualquer forma — falei com uma voz de desagrado, talvez igual à minha cara.

Parei de olhar para minha bicicleta. Fingir que ela não estava ali e quebrada, doía menos. Phillipi me encarou e sorriu para mim com um olhar solidário. Com certeza ele entendia meus sentimentos, ficar sem bicicleta era como ser um pássaro de asa machucada. Queria chamá-lo para entrar. Teria chamado se Elisabeth não estivesse escondida lá dentro.

— Como *tá* o braço? — Ele perguntou, puxando o cachorro pela coleira, que começou a grunhir e latir. — Qual é o seu problema? — Ele gritou com o cachorro.

— *Tá* melhor — falei e virei o braço para mostrar os pontos.

Mas Phillip pareceu não ouvir a resposta e nem enxergar meu braço. Seus olhos azuis cresceram na minha direção, como se uma descoberta surgisse do nada em sua mente. Imaginei se Newton fez a mesma cara quando a maçã caiu em seu colo e ele descobriu a teoria da gravidade.

— Ela *tá* aí? Não acredito. — A expressão de pavor era a mesma que eu tinha visto no rosto de Elisabeth minutos atrás.

Tranquei os lábios para não rir e balancei a cabeça em afirmação. Não queria trair minha nova amiga vulcânica, mas o desespero daquele cachorro para entrar na minha casa só tinha uma explicação, e ela se chamava Elisabeth.

Ele deu um passo à frente, já querendo invadir minha casa, seus olhos pareciam que iam matar alguém, podia jurar que vi fumaça saindo das suas narinas. Mas eu não permiti que ele entrasse, me pus na sua frente e coloquei as mãos em seus ombros.

— Deixa ela... — disse muito baixo para que Elisabeth não ouvisse, me reclinando para frente. Nossos rostos ficaram muito próximos e rapidamente ele deu um passo para trás, como se não apreciasse contato físico.

— Você não sabe do que *tá* falando... — Ele sussurrava. — Minha irmã é uma *demônia*.

— Não fala assim, ela não gosta. — Não sei por que estávamos os dois sussurrando, era como se ter Elisabeth em minha casa fosse algo terrivelmente ameaçador e secreto. — E ela não me parece ser má pessoa, até me trouxe jujubas e um livro.

Ele deu um risinho de deboche.

— Os três porquinhos, por certo.

— Errou. Foi um livro seu.

— Meu? — Ele gritou, depois como se caísse em si e percebesse a merda que fez, afinal, ninguém podia saber que Elizabeth estava ali, voltou a sussurrar. — Qual livro?

— Dois passos. E ela me disse que você chorou quando leu. — Não devia ter mencionado este segredo, mas queria ver a cara de Phillipi ao descobrir que eu não era o único chorão dali.

— Bem... é uma história triste. — Suas bochechas fiaram tão vermelhas que eu teria feito mais algumas piadas, mas resolvi não dar um de babaca.

— É sobre o quê? — Eu leria aquele livro nem que demorasse mil anos, afinal, ler não era meu forte.

— Não acho que você vai gostar. — Ele evitava olhar para mim. — Faz o seguinte, me dá seu número e quando ela for embora, você me liga. — Ele tirou seu celular do bolso.

— Certo. — Fiz o que ele pediu e passei meu número para ele.

— Pronto, liguei pra ti. Vou levar Toby pra casa e vou pro clube. Leva meu livro quando for.

— Não vou levar. Eu vou ler.

— Cara... — Ele fez uma cara aborrecida.

— Eu não vou estragar, prometo.

— Não é isso. Só acho que não tem nada a ver... — Ele estava realmente contrariado.

— Me fala sobre o que é, se eu gostar da história eu leio, se não eu te devolvo. — Cruzei os braços na altura do peito.

Ele respirou fundo, visivelmente constrangido, sem saber para onde olhar. E como se tivesse buscado coragem lá do fundo da sua alma, finalmente me encarou, muito sério.

— É sobre dois rapazes. — Ele largou a bomba no meu colo.

Levei segundos para assimilar o que ele queria dizer com “dois rapazes”.

— Wow... — Arregalei os olhos. De repente me dei conta de muita coisa que não estava preparado. Voltei a sussurrar. — Dois rapazes, tipo... dois rapazes?

— É... dois rapazes. — Sua face estava rígida, seu corpo parecia uma armadura.

— Você é *gay*? — perguntei e me arrependi. Não quis ser invasivo.

Não sei como reagiria se alguém me fizesse uma pergunta tão pessoal, ainda mais naquele meio em que vivíamos.

— Isso faz diferença pra você?

Claro que sua resposta em forma de pergunta era um *sim* declarado. Confesso que me senti tão aliviado que quis abraçá-lo. Saber que ele era como eu, foi como encontrar um tronco de árvore boiando na superfície de um rio turbulento onde eu estava me afogando a todo instante, sem saber para onde a correnteza está me levando. No fim eu só esperava não morrer afogado e não cair numa queda d'água gigantesca cheia de pedras embaixo. No fim eu só desejo sair vivo, mesmo que com algumas escoriações, afinal, sofrer faz parte da vida.

— Claro que não — sorri mais do que eu deveria. Meu coração acelerou mais do que eu esperava. — Eu vou ler sim.

— Você... é... — Ele sorriu de banda, pareceu que sua armadura tinha evaporado.

— Isso faz diferença pra você? — Lancei a mesma resposta em forma de pergunta, e se ele fosse tão esperto quanto eu pensava que era, ele iria entender.

Ele tentou disfarçar o sorriso, deu uns passos para trás, nossos olhos presos um no outro, e de repente eu me vi flertando, algo que nunca tinha feito na vida. Primeiro porque minha cabeça andava meio *bugada* nos últimos três anos e depois porque eu tinha o Caio.

Meu sorriso se abriu, dei de ombros enquanto ele se afastava.

— Quando ela for embora, me liga. — Ele piscou, virou de costas e foi embora levando o Toby no colo, já que ele se recusou a se afastar dali.

Entrei em casa em câmera lenta, tentando entender o que significavam aquelas respostas em forma de perguntas, aquela troca de olhares e os

sorrisos que não conseguimos disfarçar. Entrei em casa decidido a devorar aquele livro numa única noite, só para ter um assunto em comum para conversar com Phillipi. Entrei em casa sentindo uma euforia crescendo dentro de mim que fazia meu corpo parecer tão leve como uma pluma.

Entreí em casa feliz.

Mas toda a euforia acabou no instante que eu entrei no meu quarto.

— Enviei o seu e-mail. — Ela disse assim que me viu. Estava sentada em minha cama, com um álbum antigo de fotografias aberto em seu colo. — E levei sua vasilha suja pra pia.

Não soube o que fazer. Perdi as forças e os movimentos. Senti uma pontada forte no peito, não sei se pelo e-mail ou pelas fotos. Foi tão forte que fiquei sem voz. Tive vontade de gritar por ela ter invadido meu espaço de forma tão...agressiva! Tive vontade de segurá-la pelos braços e jogá-la para fora da minha casa. Tive vontade de chorar.

— Acho que *tá* na hora de você ir embora. — Minha voz saiu trêmula.

— Sua mãe é linda. — Ela fechou o álbum e desceu da cama. — E sua irmã também.

E ela foi embora. Passou por mim e deixou o pó da minha existência se agitando ao ar. Caí de joelhos no chão, em frente ao meu notebook e desejei mil vezes que Caio nunca lesse aquela mensagem. Desejei que ele não desistisse de mim. Desejei nunca ter tido mãe, nem irmã, nem ter conhecido o Phillipi e muito menos sua irmãzinha esperta e metida.

Desejei morrer.

Desejar morrer não significa necessariamente desistir de viver. Desejar morrer significa deixar de sentir.

Quando o Caio desistiu de mim pela primeira vez, eu não senti apenas saudade, eu senti solidão. Daí minha irmã passou a ser o centro da minha vida, e quando ela morreu eu senti culpa. Mas não tive tempo de viver meu luto, porque minha mãe surtou, meu pai se afastou e eu fiquei invisível. Quando mamãe morreu, eu me senti completamente desamparado. Quando meu pai deixou de me enxergar, Caio voltou e minha existência foi aos poucos se tornando significativa novamente.

Mas a alegria é um troço tão fugaz!

Eu só queria me sentir feliz mais vezes. Sair do modo *sobrevivência*, entrar no modo *vivência*. Queria deixar de sentir aquela tristeza que me sufocava de tempos em tempos. Queria parar de pensar no Caio a todo instante.



Com quase treze anos, meu corpo estava mudado. Meu pênis e testículos aumentaram de tamanho, os pelos apareceram e começaram a incomodar. Meu saco coçava a todo instante e o uso de desodorantes passou a ser uma necessidade. Evitava falar demais, era constrangedor em alguns momentos por causa da oscilação no timbre da voz. Mas o que mais denunciava minha puberdade eram as ereções, os “sonhos molhados” e a vontade que eu tinha de manipular meu pênis a todo instante.

Comecei a me sentir inquieto de alguma forma e meu humor passou a ser

instável. Era como se em mim estivesse nascendo um novo homem, cheio de conflitos. Eu precisava encontrar respostas para questões importantes sobre a vida e sobre tudo o que vinha sentindo. Minha cabeça girava, meu relógio biológico não parava e minha fome de compreender só aumentava. Não conversava com meu pai, não me sentia à vontade com os meninos da minha idade e a única pessoa que eu me sentia confortável para conversar era o Caio, mas ele passou aquele ano de grandes mudanças atolado em seus estudos. Eu sentia falta de estar com ele, e ele se esforçava ao máximo para ter tempo para mim.

Uma semana antes das férias escolares Caio passou na minha casa e me chamou para ver uma surpresa. Ele tinha um semblante triste e evitava olhar em meus olhos.

— Você tá bem? — perguntei enquanto caminhávamos em direção à árvore. Ele andava de cabeça baixa e mãos nos bolsos da bermuda. Fazia tempo que não corríamos juntos.

— Tô sim... — Ele sorriu para mim, passou a mão na minha cabeça e beijou meu cabelo.

Caio estava perto de completar dezoito anos. Seus cabelos claros quase batiam nos ombros e ele mal fazia a barba. Eu admirava sua beleza, seu corpo e seu sorriso. Eu me espelhava nele, queria ser ele.

Chegamos na árvore e ele me ajudou a subir. Eu não precisava mais de ajuda, mas ele quis me ajudar e eu deixei. Ele ficou muito próximo, nossos corpos sempre colados, suas mãos sempre na minha cintura e nesse dia eu não quis chegar primeiro lá no topo, quis ficar perto dele. Estava gostado daquilo.

Quando cheguei num galho antes do nosso, me surpreendi com o que vi. Nosso galho tinha ganhado uma casinha. Não era nada demais, apenas algumas ripas de madeira que Caio pregou lá no alto, dispostas lado a lado, de um galho para o outro. Se ficassemos abraçados de conchinha dava até para ficarmos deitados.

— Woow... você que fez? — Virei-me de frente para ele.

— Sim. Fiz pra você. Gostou da surpresa? — Seu braço estava apoiado na lateral da minha cabeça.

— Hmrrum... — Eu sorria abobalhado e apesar do sorriso em seu rosto, sentia que ainda estava triste.

Ele beijou minha bochecha, algo que fazia sempre, e esses beijos sempre tinham um significado diferente para mim. Não sabia explicar, era como se, com ele, eu me sentisse verdadeiro.

— Sobe lá garoto estrela... — Ele disse e eu obedeci.

Fiquei com medo de primeira, mas logo vi que era seguro. Caio subiu também e sentou-se recostado no tronco, pernas esticadas à frente e eu fiquei sem saber onde deveria me sentar. Fiquei em pé, me perguntando se aquela casinha não era a forma que ele tinha encontrado de se afastar de mim, de não me ter mais entre suas pernas e de não me abraçar por trás, pois essas atitudes, em alguns momentos, me pareciam erradas e acho que ele sentia o mesmo.

Caio estava diferente, um pouco distante, não conversava comigo como antes e eu temi que ele não me amasse como antigamente. Ele não me mandou sentar perto dele, ele não olhava para mim e eu me senti um intruso.

Fiquei segundos sem ação até que Caio tapou o rosto com as mãos e começou a chorar, e isso me destruiu por dentro, afinal, eu nunca tinha visto o Caio chorar. Nunca.

— Caio... — sussurrei. — Por que você tá chorando? — Fiquei com vontade de chorar também.

— Ju, vem cá... — Ele me puxou pela mão, eu praticamente caí de joelhos.

Suas coxas ficaram entre as minhas e eu estava sentado em seu colo, de frente para ele. Ele me abraçou pela cintura, afundou o rosto na curva do meu pescoço e chorou por um longo tempo. Eu não sabia o que fazer, mas sabia que precisava ficar ali com ele. Quando seu pranto cessou, ele me

encarou com seus olhos azuis e avermelhados. Sua expressão parecia mais leve, seu sorriso, apesar de tímido, era sincero. Ele alisou meu rosto e eu enxuguei as lágrimas que ainda molhavam seu rosto. Eu queria consolá-lo, mas não sabia o que dizer. Eu era muito imaturo ainda para falar coisas bonitas, então apenas lhe ofereci meus carinhos.

— Eu te amo, Ju. Nunca esqueça disso. — Ele disse por fim, me olhando fundo nos olhos.

Meu pau endureceu na hora.

Minha bochecha esquentou.

Ele percebeu.

Saltei do seu colo.

Fiquei tão aturdido que me virei de costas para ele. Meu coração ia saltar pela boca.

— Ei, o que houve? Volta aqui, Ju. — Sua voz era macia.

Não respondi, apenas balancei a cabeça em negação. A vergonha era grande demais.

— Ficou com vergonha?

Afirmei com a cabeça.

— Não fique...eu também tenho ereção de vez em quando, isso é normal.

Afirmei de novo com a cabeça. Queria olhar para ele, mas meu pau ainda estava duro.

Segundos de silêncio.

— Deixa eu ver? — Sua voz era baixa.

— Hã? — Virei-me de supetão, queria ter certeza de que tinha entendido

certo.

Ele respirava diferente, estava ofegante, suas bochechas estavam vermelhas e não era por causa do choro.

Ele não respondeu, mas seus olhos fixos no meu pau duro revelaram que eu tinha entendido muito bem o seu pedido.

— E se alguém nos ver? — Eu queria que ele me pedisse de novo. Eu queria que ele visse.

— Ninguém vai nos ver daqui. Vem cá...— Ele me puxou pela mão, de modo que eu dei uns passos para frente, abriu o botão e o zíper da minha bermuda, baixou até meus pés e depois baixou minha cueca. Meu pau continuava duro, mais que antes.

Minha respiração ficou entrecortada.

— É bonito... — Ele ficou me observando. Meu pau balançou. — Senta aqui... — Ele me pôs sentado entre suas pernas, de lado, minha bunda na madeira e minhas pernas sobre sua coxa.

Era tudo tão mágico! Meu corpo estava quente e eu estava tomado de paixão, de medo e de um desejo fora do comum e que eu não conseguia compreender.

— Posso tocar?

Sim, por favor! Toque-me agora e sempre, e quando você quiser!

— Pode. — Minha voz quase não saiu.

Foi perturbador.

Agarrei-me em sua camisa e afundei a cara em seu peito quando senti sua mão me envolvendo. Ele começou a me masturbar. Eu já tinha feito isso antes, era bom e eu gostava, mas a mão de Caio era maior e mais quente. Eu tremia e tentava não gemer. Minha respiração falhava. Sentia um calor aquecendo meu corpo inteiro, como se um furacão interno estivesse se

aproximando, e quando eu tive minha primeira ejaculação, foi como morrer e ir para o céu. Meu corpo convulsionou. Eu gritei sem querer. E depois desejei ficar no colo do Caio para sempre, pois me senti esgotado. Não foi muita coisa, mas melou minha camisa e a mão do Caio. Catei um pouco com o dedo, pois queria cheirar e sentir a textura daquilo que me pertencia, queria saber se era diferente daquilo que molhava minha cueca na madrugada.

— Não, tá louco? — Caio puxou minha mão na hora. — Não pode pôr na boca, Ju. — Ele riu feliz.

— Não ia pôr na boca, só queria cheirar. — Esfreguei um dedo no outro. — É viscoso.

— Ué... você ainda não tinha...?

— Não assim. Acordado foi a primeira vez.

— Merda! O que eu fiz? — Ele me empurrou e ficou em pé tão rápido que bateu a cabeça no galho de cima. — Ai, caralho! — Ele caiu de joelhos e ficou alisando a cabeça e gemendo. — Hmm...

— Machucou? — perguntei, ainda estava nu da cintura para baixo e meu pau estava tão encolhidinho que quase se perdia entre meus ralos pelos.

— Ju, me desculpa... — Ele arrancou a própria camisa do corpo. — Jura pra mim que nunca vai falar pra ninguém o que acabou de acontecer aqui. — Ele limpou minha camisa e seus dedos. — Se veste, por favor. — Ele parecia tão apavorado que eu obedeci na hora. Ele me segurou pelos ombros. — Você jura?

Balancei a cabeça em afirmação.

— E nunca deixe ninguém tocar em você. Nunca, garoto estrela. Nenhum adulto, nenhum garoto mais velho, jamais. No seu corpo ninguém toca. Só você. — Ele estava estranho, aperreado, era engraçado.

— E você. — Claro que ele teria que fazer aquilo de novo!

— Caramba! — Ele beijou minha bochecha. — Eu te amo tanto! — Ele me apertou em seus braços.

Aquela foi a última vez que nos vimos naquele ano. Ele estava fazendo provas, minhas férias chegaram e eu viajei para casa dos meus avós. Depois de quase um mês, eu não via a hora de voltar para casa e estar lá no alto da nossa árvore e abraçado a ele. Eu sabia que suas provas tinham terminado e que ele teria mais tempo para mim. E eu precisava sentir aquilo de novo, aquilo que me fez ter a certeza de que eu não era como os outros garotos.

Depois das festas de fim de ano meus pais viajaram sozinhos e eu fiquei com Duda na casa de vovó. Fazia uma semana que eu não fazia nada além de brincar com minha irmã de quatro anos e protegê-la do meu primo de seis. Juninho era um garoto chato e mimado que gostava de bater nos outros. Mas em Duda ele nem chegava perto, porque eu não deixava.

Estávamos brincando de bola quando Juninho se enfezou porque eu não o deixei chutar a bola na vez da Duda, e ele me tascou uma mordida na barriga que quase arrancou pedaço. A dor foi tão profunda e insuportável que eu me defendi dando um soco na cabeça dele.

Claro que ninguém viu o que ele fez. Levei uma bronca daquelas e uma crise de choro fez minha vó interromper as férias dos meus pais e me levar de volta para casa. Sabia que não era apenas a dor da mordida que me fazia chorar, eu estava com muita saudade de Caio e de casa.

Quando cheguei em casa e mamãe viu minha barriga arroxeadada, com uma imensa marca de dentes, ela brigou com minha avó e meu pai disse que eu fiz bem em ter dado um soco naquele moleque mimado. Senti-me amparado.

Mamãe mandou-me deitar e logo trouxe uma compressa de gelo e pôs em cima, me fazendo gritar pelo choque térmico.

Quando já estava me acostumando com o gelo, Duda entrou em meu quarto rebocando Caio pela mão.

— “Ele modeu o Zu” — Ela apontava para mim e puxava o Caio. —

“Bem foti, na baíga. Zu solou.”.

Eu estava só de cueca e fiquei muito envergonhado pelo Caio me ver daquele jeito. Um pudor que eu nunca tinha sentido, mas além do que tinha acontecido antes das férias, ele estava incrivelmente lindo de cabeça raspada e barba feita. Parecia que seus olhos azuis encandeavam meu quarto.

— Oi. — Meu coração queria voar pela boca. Meu sorriso rasgava meu rosto. Meus olhos se prenderam aos dele.

— Chega desse gelo. — Mamãe entrou no quarto fazendo meu coração quase parar pelo susto. Fiquei morto de vergonha. Meu rosto queimava.

Quando ela tirou o gelo de cima da mordida os olhos do Caio saltaram do rosto.

— Meu Deus, Ju... quem fez isso? — Ele sentou-se ao meu lado.

— “O pimo!” — disse a Duda.

Ele fechou a cara.

— Que filho da puta, quase que arranca um pedaço da sua barriga! — Ele falava alto.

— Caio! — Mamãe ralhou com ele e tapou os ouvidos de Duda.

— Desculpa tia, mas olha a barriga do Ju...

— Eu tô bem... — Levantei-me e vesti um short e uma camisa.

Ficar só de cueca na frente de mamãe e Caio, ao mesmo tempo, era algo que não combinava.

— Olha essa boca, viu?! — Mamãe fez cara de brava. — Vem filha... — Duda e ela saíram do quarto.

Caio me abraçou na mesma hora, como se quisesse me proteger. Foi uma demonstração e tanto de carinho. Senti os efeitos do seu afeto em lugares

inapropriados.

— Vamos pra árvore? — Eu só pensava em ter sua mão de novo me tocando.

— Hoje não... — E de novo ele estava triste.

— Por que não? — Nunca me senti tão decepcionado.

— A gente conversa lá fora. — Ele apontou para a porta com a cabeça.

Saí do quarto sentindo o coração espremido dentro do peito. Alguma coisa ruim estava acontecendo.

Quando chegamos na sala meu pai abraçou o Caio.

— E aí, aviador! Parabéns campeão. Seu pai meu contou, estamos todos muito orgulhosos de você.

Caio sorria envergonhado e eu não estava entendendo nada.

— Obrigado tio. — Ele olhou para mim de soslaio.

— Quando você se apresenta? — Papai perguntou.

— Amanhã.

— Muito bem, veio se despedir do Ju? — Papai me olhou. Olhei para Caio na mesma hora.

O baque no meu peito foi forte. Um nó se formou na minha garganta.

— Se despedir de mim?

*— Caio passou na AFA... — Papai deu uns tapinhas nas costas de Caio.
— Em alguns anos será você, meu filho. — Papai pôs a mão no meu ombro.*

Sabia que a AFA não ficava em Santa Maria.

Caio iria embora!

Não quis chorar na frente do meu pai.

Saí correndo de casa.

Sei que alguém me chamou, mas não consegui olhar para trás, estava chorando. Corri em direção à árvore e Caio correu atrás de mim.

— Ju, espera! — Ele me alcançou e me puxou, mas eu não queria falar com ele.

— Não!

O empurrei e corri mais um pouco, mas logo ele me alcançou novamente. Ele tentava me segurar e eu só consegui bater nele. Estava com raiva porque ele iria embora. Estava sentindo tanta dor que era como se meu peito estivesse rasgando. Eu chorava e lutava, ele chorava e tentava me abraçar. Por fim perdi as forças e caí de joelhos, ele me abraçou, eu o abracei.

— Você não pode ir embora! — Eu soluçava, minha garganta ardia enquanto eu falava.

— Vai ser melhor assim...

— Como pode ser melhor? — Eu estava consumido pela tristeza. — Como eu posso ficar aqui sem você? Por que você fez aquela casinha se não vai mais subir na árvore comigo? Eu não sei viver sem você, Caio. — Apenas naquele momento é que eu me dei conta de que era totalmente apaixonado por ele.

— Não faz assim, garoto estrela. — Ele também soluçava.

— Alguém descobriu, foi isso? — Eu senti uma pontinha de esperança. O encarei. — Eu nego, eu nego tudo.

— Descobriu o que, Ju?

— Que você me tocou...

— Shhhh... — Ele tapou minha boca e olhou para os lados. — Não fala isso, nunca mais — disse nervoso.

— Então por quê? — Eu berrei.

— Porque eu cresci, Ju. Você é um menino ainda. Mas quando eu voltar, você já vai estar grande e aí a gente vai poder ficar juntos de novo. Vai ser melhor assim, pra mim e pra você.

— Não... — Eu não podia acreditar naquilo. Eu estava sofrendo como nunca tinha sofrido na vida.

— Tá difícil pra mim, Ju. Eu quero ficar com você a todo instante, não estou conseguindo resistir.

— Do que você tá falando?

— Quando você crescer vai entender. Eu te amo. Me perdoa. Não esquece de mim.

Ele deu um beijo nos meus lábios e foi embora.

— Caio... — O chamei, ele não voltou. — Caio... — Eu berrei, ele saiu correndo sem olhar para trás.

Nunca mais subi na árvore.

A partida de Caio foi a primeira grande dor da minha vida.

Só o vi novamente quando Duda já não estava mais entre nós.



— Por favor, não desiste de mim — falei em voz alta e encarando a tela do meu notebook.

Levantei-me, tomei um banho, mandei uma mensagem para o Phillipi e fui para o clube.

Cheguei ao clube e dei de cara com Phillipi e Emílio sentados sob um guarda sol, entre a piscina e a imensa palhoça onde ficava o bar e o salão de jogos. Eu estava vestindo uma bermuda tãtcl, camisa pendurada no ombro e uma atadura mal enrolada no braço e presa com esparadrapo, protegendo o corte do sol escaldante de Natal e do suor do meu corpo. Eles riam alto de alguma coisa e eram tão lindos, com suas bocas escancaradas e cheias de dentes, olhos apertados e o som da risada ecoando pelo clube que eu não tive como não rir deles.

— E aí?! — Cumprimentei os dois ao mesmo tempo, mas meus olhos demoraram um pouco mais nos olhos de Phillipi.

Olhos tão azuis quanto os do Caio.

Acreditei na hora que eu tinha uma queda por olhos azuis, mas depois percebi que não podia tirar essa coincidência como base, dois pares de olhos era uma amostragem muito pequena para análise do todo. Eu precisava diversificar meu universo antes de chegar a tal conclusão. Ou talvez os olhos azuis de Phillip só me lembrassem dos olhos azuis de Caio, e imaginar que Caio poderia desistir de mim para sempre me fez quase entrar em pânico. Instintivamente passei a mão no bolso, conferindo se meu celular estava lá. Pensei em ligar para ele.

— E aí cara?! — Emílio me despertou do transe. — O que é isso no teu braço?

— Um curativo.

— Ju caiu da bicicleta ontem. Levou doze pontos — disse Phillipi.

— E você se cortou aí? Na parte interna do braço? — disse admirado. — Quando eu caio da bicicleta fico todo estropiado.

— Fala isso porque não viu a queda — disse Phillipi ao Emílio. — Ele voou por cima da bicicleta, rolou no chão e parou em pé. Foi bonito pra caralho!

— Cena digna de um filme — disse o Emílio em tom de deboche.

— É sério. Eu vi tudo. — Se defendeu Phillip. — Quando cheguei perto o sangue esguichava do braço dele.

Meu estômago embrulhou com a lembrança.

— Ugh! — Emílio virou a cara de lado, repugnado.

— Ai... chega desse papo — bufei, tentando não lembrar de toda aquela sangueira, sentindo um leve latejar no meu braço.

— Isso, vamos falar daquela coisinha que acabou de entrar no clube — disse Emílio de olho numa garota de cabelo vermelho, de costas para nós, braços apoiados na grade da piscina, fone nos ouvidos e celular na mão.

— Tira o olho, Emílio — disse Phillipi sussurrando. — Se o marido dela te pega olhando vai dar merda pro teu lado.

— Ouw! — Emílio virou-se de supetão, tapando a boca com as mãos, como se estivesse com medo que seus pensamentos escapassem por ali. — Ela é esposa de militar? — Ele sussurrou.

— Não acho que seja esposa — disse observando a garota. — É muito nova.

— Concordo. Acho que ela tem uns quinze ou dezesseis anos — disse Emílio.

— Acho que tem mais, é muito gorda pra ter só quinze — disse Phillipi.

— Hmm... achei esse comentário meio gordofóbico... — comentei.

— Também achei. — Confirmou Emílio. — E ela não é gorda. — Ele nos encarou. — Pegava fácil.

— Se ela quisesse né? Machista! — disse.

— Cara, papo de homem. Saca? — Emílio piscou para mim. — Moralista!

— Não sou moralista. — Me defendi.

— E eu não sou gordofóbico, e nem teria como ser. — Ele riu de banda, como se lembrasse de algo importante.

— E muito menos eu sou machista, babacão.

— Fala sério vocês... — Levantei-me e fui em direção à garota de cabelo vermelho.

— Ju... — Emílio sussurrou, mas já era tarde.



— Oi... — disse à garota, colocando os braços em cima da grade, igual a ela.

Ela me olhou de cima a baixo, mas não aquele olhar de desprezo, como se tivesse enojada com a minha presença, foi um olhar de quem quer entender o que faz um garoto aparecer do nada e simplesmente dizer “oi”.

— Oi — Ela respondeu secamente, sem sorrir.

— Sou o Juliano. E você? — Estendi a mão como um bom cavalheiro.

— Valquíria. — Ela respondeu, apertando minha mão como uma dama.

— Você é nova aqui?

— Hmrrum. Vim morar com uma prima, que é esposa de um aviador.

— Sei... eu moro aqui desde o ano passado, e aqueles cuzões ali... — Apontei para os meninos que me olhavam embasbacados. — Vieram pra cá este ano, como você.

Valquíria riu, olhando na direção dos meninos. Um sorriso diferente. Fiquei maquinando um apelido para ela, tentei lembrar tudo que já aprendera sobre a mitologia nórdica, mas tudo o que vinha na minha cabeça era a Trilogia Thor.

Emílio não perdeu a oportunidade e assim que apontei para eles, ele deu um soco no ombro do Phillipi e levantou-se rapidamente, caminhando em nossa direção com aquele sorriso largo de dentes brancos estampado no rosto. Era como se ele me agradecesse mentalmente. Phillipi veio logo atrás.

— Sei... — Ela respondeu, virando-se para mim, disfarçando o sorriso que era incrivelmente belo e cínico ao mesmo tempo, como se tudo o que ela quisesse fosse que Emílio se aproximasse de nós. — E vocês? São o quê?

— Gente mesmo — respondi

— Nãaa... — Ela gargalhou — Vocês são militares?

— Somos filhos — respondeu Emílio antes de mim. Phillipi parou ao meu lado, bem perto.

Gostei da proximidade, não vou mentir.

— Esse é o boneco de pano — disse à Valquíria, apresentando Emílio a ela.

— Boneco de pano é tua mãe, otário! — Ele me empurrou e se pôs na minha frente. — Sou Emílio...

A palavra mãe que saiu da sua boca me cegou. Eu estava bem e feliz e de repente foi como se uma nuvem negra de tempestade desabasse sobre mim. Apertei os punhos e busquei o ar algumas vezes. Queria arrebentar a cara do Emílio por ter trazido a lembrança da minha mãe à tona num momento nada a ver e principalmente pela falta de respeito em colocá-la no meio de uma

brincadeira estúpida de adolescente. Dei um passo à frente, disposto a começar uma briga com Emílio, mas Phillipi se pôs na minha frente.

— Emílio não sabe de nada da sua mãe, tenho certeza — disse Phillipi com a mão em meu peito, me contendo.

Olhei para ele tão abismado que meus olhos estavam quase saltando da minha cara. O que ele sabia que Emílio não sabia? Ele sabia da minha mãe? Senti meus dentes rangendo de raiva.

— Não me olha com essa cara, Ju. É claro que eu sei que sua mãe está morta. Meu pai e o seu serviram juntos. Minha mãe conhecia a sua... — Ele disse de uma forma tão condescendente que eu senti meus olhos lacrimejando. Engoli o bolo que se formou na minha garganta, não choraria na frente do Phillipi de novo, definitivamente não!

— Merda. — Desviei meus olhos dos seus, tentei me afastar, queria ir embora, mas ele me segurou.

— Tá tudo bem, Ju. Você não é o primeiro nem o último cara do planeta que perdeu a mãe. — Ele sussurrava, seu rosto bem próximo ao meu.

Ele queria reduzir meu sofrimento e eu entendia sua atitude, pois pelas suas palavras, era certo que ele não sabia como minha mãe tinha morrido, e estava apenas tentando me encorajar.

Não disse nada, apenas afirmei com a cabeça, dando razão a ele.

— Esse é o Phillipi — disse Emílio o apresentando à Valquíria.

— Pililipi para os íntimos — disse, guardando na caixinha de lembranças ruins o que acabara de acontecer e empurrando-a para aquele cantinho escuro do cérebro que a gente tenta esquecer que existe.

— E eu sou quem? Já que todo mundo tem um apelido eu quero um também — disse Valquíria entrando na onda.

— Uma deidade — disse Phillipi segurando a mãe dela e beijando em seguida.

Uma atitude que me confundiu por segundos, mas logo ele piscou para mim e sorriu com os lábios cerrados. Sorri de volta. Era quase um sorriso de agradecimento.

— Gostei! — disse a Valquíria. — Deidade é a fonte de tudo aquilo que é divino.

— Você é divina — disse Emílio me roubando uma careta, fazendo Phillipi revirar os olhos e a Valquíria dar uma risada alta.

Ficamos os quatro conversando amenidades. E depois daquele dia logo veio o sábado, que passou tão rápido quanto o domingo, nosso último fim de semana de férias, mas foram dias suficientes para nos conhecermos melhor, ou totalmente, pois ficamos colados um no outro. Esqueci-me de Caio, do meu pai e de tudo que tinha acontecido comigo nos últimos anos. Dois dias de sol que me valeram por dois anos vivendo na escuridão.

Descobri que Valquíria morava com os pais em Vitória, no Espírito Santo, e por alguma razão que ela prometeu nos explicar depois, a mãe dela a despachou para a casa da prima, que morava numa vila militar. Emílio era filho do segundo casamento do seu pai e tinha duas irmãs mais velhas por parte de mãe. Phillipi tinha pai, mãe e uma irmã. E todos ficaram sabendo que eu era órfão de mãe, que, para eles, ela morreu num acidente. Menti sobre sua morte e ocultei que tive uma irmã. Num momento mais oportuno contaria a verdade para todos. Ou não.

Logo dois casais estavam formados, pelo menos na minha cabeça. Eu e Phillipi, Emílio e Valquíria. E logo o Quarteto Fantástico ficou famoso na vila, pois éramos os únicos adolescentes dali e éramos inseparáveis. Pelo menos naquele primeiro semestre, o semestre que tudo aconteceu.

Somente no domingo à noite eu me lembrei do Caio. Ele não tinha mais me enviado nenhuma mensagem, então resolvi ler todas as que ele já tinha enviado antes e que eu nunca tinha lido. Queria que ele visse que eu não tinha esquecido dele e que ainda estava interessado em tudo o que ele tinha para me dizer. Queria pedir desculpa pelo e-mail, dizer que nunca tive a intenção de enviá-lo de verdade e que ele soubesse que eu também o amava. Mas não

fiz nada disso. Antes de dormir pedi a Deus que não deixasse Caio desistir de mim.

Quando acordei na segunda feira com o despertador tocando, eu meio que pirei. Levantei-me num salto, me arrumei para a aula, tomei meu café da manhã e fui avisar ao meu pai que já estava de saída.

— Aonde você vai? — Ele perguntou ainda sonolento.

— Vou pro ponto de ônibus, combinei com os meninos da gente se encontrar lá — falei com o coração na mão, arrependido de não ter contado a verdade para eles.

Mas não queria ser o esquisitão da turma. Todos eles pegariam a condução no ponto de ônibus e eu não queria que eles pensassem que eu era privilegiado por ser pego na porta de casa. Seria esquisito, no mínimo. Na verdade, eu não tinha privilégio nenhum, eu tinha traumas, eu tinha medo. Não queria pisar num ponto de ônibus cheio de crianças e esperar pela condução como fazia em Santa Maria. As lembranças daquele dia fatídico ainda rondavam minha cabeça. A culpa me massacrava e a saudade que eu sentia da pequena Duda me sufocava.

— Oh... — Papai pôs-se de pé. — Tem certeza, filho? O cabo Freitas já sabe que é pra te buscar em casa...

— Não pai... eu vou pra lá. Todos vão.

Nos encaramos, aquele silêncio que gritava todas as palavras nunca ditas entre nós dois, e meu pai disse por fim:

— Tudo bem. Boa aula então.

— Valeu.

Saí de casa, mochila nas costas, respiração ofegante e um pavor me rondando a cada passo. Quando cheguei ao ponto, que ficava em frente a um parquinho cercado por uma mureta baixa, entre duas fileiras de blocos de casas, apenas Phillipi e Elisabeth estavam lá. Cumprimentei Phillipi com um

abraço rápido e sentei-me num balanço ao lado da pequena Elis, que estava distraída cantarolando uma música num inglês só dela.

— Oi amiga — disse baixinho

Ela me encarou por segundos, paralisada, como se estivesse brincando de estátua. Depois olhou para o irmão e voltou a olhar para mim.

— Você me chamou de amiga? — Ela estreitou os olhos.

— Sim... — Dei de ombros. — Você não é minha amiga?

— Eu sou — disse sussurrando —, mas não conta para o Lipe, *tá?!*

Olhei para ele, que revirou os olhos quando o encarei.

— Claro. Vai ser nosso segredo.

Não demorou e logo o ponto estava cheio de crianças. Valquíria e Emílio se juntaram a Phillipi. Eles me cumprimentaram de longe, mas não tive coragem de me aproximar deles e permaneci sentado no balanço ao lado de Elis. Era como se as muretas do parquinho me protegessem de alguma forma, e estar ali evitava que eu pensasse demais.

Quando a condução apontou na esquina todos gritaram. Quis tapar meus ouvidos. Meu coração estava tão acelerado que eu podia senti-lo no meu pescoço. Elis tentou correr, mas eu não permiti e a segurei pelo pulso.

— Não corre princesa... — disse em tom de desespero.

— A gente vai perder a condução. — Ela tentava se livrar de mim.

— Não vamos não...tem muita gente pra entrar. — Minha voz falhava.

Não conseguia olhar em direção ao ônibus. Minhas mãos suavam.

— Todos já entraram, só falta nós dois. — Ela me puxava.

Escutava ao longe Phillipi gritando, mas não conseguia identificar os

sons. Meu queixo tremia e meus dentes batiam. Não estava frio.



— *Eu tô com tanto frio...*

Ela disse antes de fechar os olhos...



— Ju! — gritou Phillipi ao meu lado, me tirando do transe. — A condução já chegou.

Ele segurou meu pulso e puxou o braço de Elis, que me olhava assustada.

Olhei em direção à condução e apenas Emílio ainda estava do lado de fora, esperando por nós.

— Claro. — Levantei-me e sem dizer nada, passei por Emílio, entrei no ônibus e fui direto para o fundão. Sentei-me abraçado à mochila, olhando para fora, me sentindo a criatura mais perturbada da face da Terra.

— Você tá bem? — perguntou Emílio sentando-se ao meu lado. — Parece que viu um fantasma.

Sorri para ele.

— Vou ficar.

Certas lembranças matam mais que a própria morte, e eu me sentia um pouco morto naquele momento.

Quando Caio foi embora eu senti o gosto amargo da solidão. Foi só quando ele foi embora que percebi que não tinha amigos. Meus amigos eram os amigos do Caio, que eu não me sentia mais à vontade em estar com eles. A diferença de idade entre nós era tão gritante que fiquei me perguntando se algum dia eu já tinha feito parte daquele bando. Na verdade, nunca. Eu não andava com os garotos mais velhos, eu andava com o Caio.

Os garotos da minha idade eu mal conhecia, e eles também não gostavam assim de mim, afinal, eu era visto como o garoto que só andava com os garotos mais velhos.

Passei a andar sozinho. Depois passei a não mais sair e me tranquei em casa.

Do Caio eu morria de saudade. Era um sentimento que travava minha garganta e me fazia perder o ar quando pensava nele. Algumas noites, quando eu me deitava para dormir, descia minha mão pela barriga até alcançar meu pau, que eu pressionava sob o short do pijama, imaginando a mão do Caio a me pressionar. Nunca conseguia ir adiante com aquele toque, apenas fechava os olhos e me encolhia em posição fetal com a mão entre as pernas, sentindo a garganta ardendo e os olhos marejando. Às vezes sussurrava o nome dele: Caio... era uma forma de amenizar a dor do meu peito sufocado.

Meus pais começaram a se preocupar comigo, pois eu meio que me isolei. Minha vida se resumiu a escola e casa. E em casa eu tinha a Duda.

Quando eu completei treze anos ganhei de presente um celular. Meu primeiro celular. Se eu fiquei feliz? Só muito! Não porque eu era o único

garoto da minha idade que ainda não tinha um celular, mas porque eu poderia falar com o Caio sempre que quisesse — pelo menos foi o que eu imaginei. Aquele celular seria um acalanto para a minha saudade. A primeira ligação que eu recebi foi dele mesmo.

— E aí amigo? — Ele disse assim que eu atendi.

Não foi fácil controlar a ansiedade na frente dos meus pais.

— Caio?! — Eu quis chorar. Ouvir a voz dele depois de meses fez meu coração acelerar e minha voz embargar.

— Feliz aniversário, garoto estrela. Que bom que agora a gente vai poder conversar sempre.

— Né?!

Meus pais bem na minha frente e a única coisa que eu queria era correr com aquele celular para o meu quarto e trancar a porta. O sorriso rasgando meu rosto fez um sorriso aparecer no rosto deles, por isso não pedi privacidade. Mas acho que eles perceberam que estavam sendo indiscretos, vigiando minha conversa e logo me deixaram sozinho. Corri para o meu quarto. Lá eu não disfarcei a emoção, não cheguei a chorar, mas disse ao Caio tudo o que estava sentindo, a falta que eu sentia dele e até das vezes que chorei no banho e depois tive que dizer para minha mãe que caiu shampoo no meu olho.

Conversamos por quase uma hora. Ele disse que eu precisava viver minha vida e aproveitar minha adolescência, que a nossa amizade nunca iria morrer e que logo estaríamos juntos novamente. Ele me fez prometer que não mais choraria por ele, que tentaria fazer amizade com os garotos da vila e que iria me matricular em algum esporte. Sugeri natação e ele insistiu no vôlei. Eu concordei. No fim da conversa ele disse que me amava, que estava com saudade e que não via a hora de estar ao meu lado novamente. Acreditei.

Passei a falar com o Caio quase que diariamente, pelo menos na primeira semana. Depois ele passou a não atender mais minhas ligações,

mas sempre me retornava horas depois dizendo que estava ocupado estudando. Ele disse que o estudo na AFA era muito pesado e que ele teria que se dedicar quase que exclusivamente aos estudos se quisesse ser um piloto de verdade.

— Você já pilotou um avião? — perguntei entusiasmado, imaginando a emoção que seria pilotar um avião.

— Não Ju, primeiro eu tenho que saber toda a teoria, só depois que começam as instruções práticas. Só vou pilotar um avião no segundo e no quarto ano.

Com o tempo eu e o Caio passamos a nos falar com menos frequência, chegando ao ponto onde só nos falávamos duas ou três vezes por mês, pois ele estava sempre ocupado. Queria dizer que ele também ficou frio e distante, mas não seria verdade. Quando eu não ligava para ele, de birra mesmo, ele ligava para mim e eu sempre me derretia com suas palavras de carinho, com fotos e vídeos que ele me enviava e principalmente, suas declarações de amor. Essas sempre me desmontavam, pois ele sempre deixava claro que nenhuma distância iria nos separar. E meu amor por ele só aumentava. Só voltei a vê-lo novamente quando já estava com quinze anos.



Duda passou a ser o centro da minha vida. Eu a amava. Ela era esperta e estava sempre me surpreendendo. Ela tinha mania e me abraçar com força, pressionando sua bochecha contra a minha. Era um carinho doloroso.

*— Aaaaii... — gritei certa vez enquanto ela me apertava e eu a empurrei.
— Poxa Duda, você sempre faz isso — reclamei massageando minha bochecha com a palma da mão.*

— Eu gosto de você... — Ela disse chorosa.

— Dói Duda. — Eu estava muito bravo.

— Mas “Zu”, meu amor é assim.

Claro que o amor dela era daquele jeito, era o amor mais puro e sincero que eu já tinha recebido em toda a minha vida. O simples e verdadeiro amor fraterno.

Ela passou a ser minha companheira, minha parceira, minha amiga. Eu gostava de ensinar a ela as coisas da vida. Com cinco anos ela já sabia ler bem e escrever palavras simples. Com seis me dava lavada no LittleBigPlanet. Meus pais se orgulhavam dela, tenho certeza, mas eles também reconheciam meu mérito. Duda era uma menina incrível e que vivia rindo. Era magrinha, com cabelos lisos em cima e cacheados nas pontas. Um sorriso adorável, afável e que conquistava todo mundo com um simples bom dia, ou obrigada ou “com licença senhor, seu cadarço tá desamarrado, vou amarrar pra você”.

E ela amarrava mesmo. Ela era sensível e chorava vendo desenhos animados. Eu sempre tinha que consolá-la, inventando finais alternativos para os filmes.

Se teve uma criatura que veio ao mundo com a missão de me fazer feliz, essa foi a Duda. Mas essa felicidade durou apenas sete anos.



Eu andava irritado devido a tantas transformações no meu corpo e mente e falta de ter com quem conversar. Quando não estava com a Duda, me trancava em meu quarto. Evitava meu pai, que vivia me chamando para sair com ele, pescar, jogar vôlei, assistir jogos de futebol no estádio, mas eu nunca queria. Estar com meu pai era como a iminência de sofrer um ataque terrorista, sendo que eu era a bomba. Eu morria de pavor de sequer imaginar que ele poderia ao menos suspeitar que eu não era como ele. Que eu gostava de garotos.

Eu temia que ele me perguntasse: quer ir ao cinema?

E eu respondesse: Sim papai, sou gay.

Era tão óbvio para mim que eu tinha certeza absoluta de que ele sabia e esperava ter uma oportunidade para me colocar contra a parede. Loucura,

eu sei, mas era assim que eu me sentia, por isso me isolava e me afastava dele.

Minha mãe dizia que era a adolescência, que quando eu estivesse mais velho nós dois seríamos inseparáveis. Eu duvidava. Um oficial da Aeronáutica jamais seria amigo de um filho gay. Ele teria vergonha de mim. Eu acreditava piamente que ele me expulsaria de casa se descobrisse. Pura sandice!



Era outubro, semana da criança na escola para os alunos do Ensino Infantil e Fundamental 1. Duda estava animada para mostrar para as coleguinhas seu brinquedo novo: uma pelúcia enorme da Raibow Dash.

Eu ainda nem tinha tomado café da manhã e Duda já estava pronta, me infernizando para sair logo de casa, pois ela temia que o ônibus passasse e ela perdesse a condução. Algo que nunca tinha acontecido. E não iria acontecer naquele dia, pois estávamos dentro do horário.

Eu estava acostumado com os chiliques da Duda. Mas meu pai não. Ela chorava escandalosamente porque eu ainda não estava pronto. Mamãe achava graça e tentava acalmá-la. Eu estava calmo e não me abalei com aqueles gritos de desespero. Mas meu pai sim.

Ele se irritou comigo e me deu uns gritos, me chamando de egoísta.

— Egoísta, eu?

— Não me provoque moleque!

Era certo, meu pai sabia do meu segredo, foi a única coisa que passou pela minha cabeça.

Saí de casa sem tomar café da manhã.

— Me desculpa! — Lamentava Duda a caminho do ponto de ônibus, lancheira nas costas, puxando a mochila de rodinhas e a Raibow Dash

debaixo do braço.

— Papai me chamou de egoísta, mas a egoísta aqui é você — disse irritado.

Ela parou, tirou a lancheira das costas, abriu e tirou de dentro uma vasilha com biscoitos.

— Come meu lanche Zu, não quero que você fique com fome por minha causa. — Seus olhos estavam marejados.

Suspirei. Sorri e me agachei na sua frente

— Tá tudo bem. — Eu a abracei.

— Não quero que você fique bravo comigo, você é meu melhor amigo.

— Não estou bravo. — Beijeí sua bochecha. — Só não faz mais aquilo, ok? Papai não entende esse seu teatro.

— Ok.

Tive que aceitar seu lanche ou ela se recusaria a ir para a aula. Comi uns biscoitos mais deixei alguns para ela.

Já próximo ao ponto ela gritou espantada e saiu correndo. Corria atrás sem entender nada.

— O que houve?

— Ninguém chegou ainda, vou ser primeira da fila.

Quando chegamos no ponto ela ajoelhou-se no chão e agradeceu ao papai do céu por ter realizado seu desejo. Revirei os olhos, tamanho era o exagero. Mas Duda era assim, intensa!

Aos poucos o ponto foi lotando e eu me afastei da fila para conversar com alguns garotos, algo que acontecia esporadicamente, afinal, tinha prometido ao Caio que iria me entrosar.

Duda se sentindo a rainha do pedaço, tanto pelo sua enorme pelúcia, que todas as meninas queriam passar a mão naquela crina colorida a todo instante, quanto por ser a primeira da fila, algo que era seu desejo de vida. Ela seria a primeira a entrar no ônibus e eu sei bem que o que ela pretendia era sentar nas primeiras cadeiras. Eu estava feliz por ela.

Quando a condução apontou ao longe, foi aquela euforia. Aproximei-me de Duda para ajudá-la a subir no ônibus, mas deixei ela reinando em seu posto, pois sabia que ela defenderia meu lugar com unhas e dentes bem ao lado dela.

Ouvi uns gritos desesperados ao fundo e quando virei de costas, vi um garoto gordinho correndo, atrasado, pedindo para a condução esperá-lo. Não conseguia entender aquela agonia das crianças, pois a condução nunca deixava ninguém para trás. Tive vontade de rir. Quando o ônibus estava parando no ponto, o menino gordinho, que também chegava correndo para o fim da fila, tropeçou e caiu, empurrando a criança logo à sua frente, que por sua vez empurrou o da frente e esse “engavetamento” fez com que Duda também fosse empurrada.

Foi tão rápido...

O ônibus parando e o corpo da minha irmã sendo arremessado para frente por aquela avalanche de crianças...

— Duda... — Ainda tentei segurá-la, mas foi tão rápido...

Ela era tão miudinha e a roda daquele ônibus era tão grande...

— Duda! Nãaaaooo.... — O grito saiu rasgando minha garganta.

Todas as crianças gritaram.

Puxei minha irmãzinha debaixo daquele ônibus.

Ela não chorava, mas me olhava assustada, como se pedisse desesperadamente por ajuda.

— Meu Deus, não...

Agarrei-a em meu colo e corri para casa. Um carro parou ao meu lado e mandou eu entrar. Nos levaram para o hospital. Entrei com Duda numa sala. Faltava um tênis em seu pezinho. As marcas da roda em sua camisa branca.

— Zu, eu tô com frio... — Ela estava assustada.

— Você vai ficar bem... — Eu chorava copiosamente.

Rapidamente a levaram para a sala de raio X. Minutos depois ela estava em meu colo e os médicos a examinaram em meus braços, já que ela se recusou a me deixar novamente. Todos me olhavam penalizados.

— Seu pai está a caminho... — Um deles passou a mão na minha cabeça

Duda limpou minha bochecha encharcada de lágrimas. Beijeí sua mão.

— Eu tô com tanto frio.

Ela fechou os olhinhos e seu corpo ficou mole.

Meu pai entrou na sala do médico e a tomou dos meus braços. Mas nada poderia ser feito. Duda já tinha nos deixado.

Foi tudo tão rápido...

Eu tentava não pensar, os gritos dentro do ônibus estavam insuportavelmente perturbadores. Emílio tentava puxar conversa, mas eu não consegui manter a mente vazia, o turbilhão de lembranças insistia em aparecer em flashes na minha cabeça.

Apoiei os cotovelos nas coxas e enfiei a cabeça entre os braços, tampado ou ouvidos, pedindo a Deus que me deixasse esquecer. Todas aquelas imagens...

— Argh! — Meu estômago estava embrulhado.

— Cara, você não tá nada legal! — disse Emílio passando a mão nas minhas costas. — Ainda dá tempo de descer.

— É só dor de estômago, já vai passar.



— Onde você estava? Onde você estava? — Mamãe me chacoalhava, apertando meus braços, sentia suas unhas na minha carne.

Eu só chorava. Não sabia o que responder, eu estava bem ao lado da Duda, mas não consegui evitar...

— Para com isso, Renata! — Papai a puxou pelos ombros. — Ele não teve culpa...

— AAAAAAH... — Mamãe berrou e desabou no colo do papai, que teve que fazer um esforço para ampará-la. — Minha filha... minha filhinha... —

Mamãe urrava de dor.

Uma dor que eu entendia, pois a minha era igualmente dilacerante.

Alguns médicos tentavam medicá-la, ela se recusava.

Saí daquela sala enorme, pois as paredes me comprimiam.

No corredor da emergência muitos médicos e enfermeiros conversavam aos cochichos.

— Hora do óbito, sete e vinte e cinco da manhã...

Foi tudo muito rápido, eu não consegui segurá-la. Eu queria berrar.

Passei por uma sala, uma cama de metal no centro, Duda em cima, sozinha.

Entrei.

As pontas dos seus dedos e seus lábios, estavam roxos.

— Você tá com frio, irmã? — perguntei. — Eu vou cobrir você, está bem?

— Você não pode ficar aqui... — Alguém me puxou para fora.

Colocaram um lençol branco em cima dela.

Cambaleei pelo corredor.

A mochila, a lancheira, um pé do seu tênis, a Raibow Dash, estavam todos em cima de uma mesa, na sala do médico do dia.

Meu coração disparou, minhas mãos ficaram frias, minhas pernas bambearam, desmaiei.



Estava sentado no último banco, cumprido, de madeirada, na capelinha onde estava acontecendo o velório da Duda. Algumas pessoas passavam e alisavam meu cabelo, outras sentavam-se ao meu lado e apertavam minha mão, mas logo desistiam de mim, que permanecia inerte, a única coisa que eu conseguia fazer era fitar o banco da frente, a cor castanha da madeira, o verniz desbotado, alguns riscos...

Papai estava lá na frente, mas era como se seu corpo estivesse vazio, sem alma.

Mamãe estava sob efeito de calmantes. Seu pranto era incessante.

Eu me perguntava a todo instante: e se eu tivesse tomado meu café da manhã? E se eu não tivesse cedido aos seus prantos? E se eu tivesse ficado ao lado dela o tempo todo? E se aquele garoto gordinho não estivesse atrasado?

E se...

Nenhuma resposta traria Duda de volta.

E eu me culpava.

“Onde você estava?” Mamãe perguntou.

Eu estava bem ao lado dela, mas não consegui salvá-la.

Senti uma pessoa sentando-se ao meu lado. Uma mão segurando minhas mãos pousadas sobre meu colo. Um braço pousando sobre meus ombros.

— Vem aqui, garoto estrela! — Ele me puxou para um abraço.

— Caio?! — Por um segundo achei que estava surtando, mas era ele mesmo, o único mínimo conforto que eu poderia receber naquele momento de tanta dor.

Reconheci o calor daquele corpo que agora pertencia a um homem feito, cheio de músculos, mas o cheiro era o mesmo, assim como o toque macio da sua pele na minha e a rouquidão da sua voz.

— Sim, meu menino, sou eu mesmo... — Ele afagou meus cabelos.

— Oh Caio! Dói tanto! — Chorei feito uma criancinha, meu rosto fundo em seu peito, minhas mãos tremendo, agarradas em sua camisa.

— Eu sei. — Ele beijou meu cabelo. — Chora, vai te fazer bem.

E foi o que eu fiz. Chorei.

Caio ficou ao meu lado até o último momento.

Depois ele voltou para AFA.

Papai resolveu ir embora de Santa Maria. Nos mudamos para Manaus, a maior merda que poderíamos ter feito.



Primeiro dia de aula é sempre aquele gelo, pessoal vai se reencontrando, uns ainda meio desenturmados, alguns novatos, e os veteranos querendo aparecer, como se fossem os reis da escola.

Phillipi ficou na mesma sala que eu, a Turma “C”. A terceira sala, do terceiro ano, que ficava no terceiro andar. Emílio ficou na Turma “A”. Valquíria estava no segundo ano ainda, então ficou no andar de baixo.

No ônibus eu fechei os olhos e disse que ia tentar dormir para a dor de estômago passar, assim eu não precisava fingir que estava tudo bem. Enfiei as duas mãos entre as coxas para que ninguém percebesse que eu estava tremendo. Só quando descemos do ônibus é que consegui relaxar. Só quando relaxei é que pude perceber o uniforme enorme de Phillipi. Uma camisa que daria quase dois dele, uma calça folgada e suas basqueteiras nos pés. Uma coisa era certa, Phillipi tinha um jeito peculiar de se vestir.

Só quando percebi o jeito peculiar de Phillipi é que me dei conta de que ele estava totalmente por fora. Suas bochechas estavam levemente coradas e ele observava cada um dos alunos que começavam a entrar na nossa sala.

Quando ia chamá-lo para apresentá-lo aos meus colegas de classe, fui tomado por um abraço, que fez os olhos de Phillipi desviarem dos meus.

— D’Alva!

Era Thomas. Ele sempre me abraçava. Aliás, ele abraçava todo mundo, meninos e meninas.

— *Thomas e seus amigos!* — Eu o abracei de volta e como sempre, ganhei de brinde um beijo na bochecha.

Thomas foi o primeiro garoto que conseguiu se aproximar de mim quando me mudei para Natal. Eu estava vivendo o céu e o inferno — entenda por céu o Caio e por inferno meu pai — já estávamos na segunda semana de aula e não conhecia ninguém. Estava saindo da sala quando ele parou bem na minha frente, bloqueando minha passagem, fazendo gestos estranhos como se tentasse se comunicar por linguagem de sinais.

— Olha, desculpa, mas eu não tô entendendo nada... — Achei mesmo que ele era surdo ou mudo.

Thomas caiu na gargalhada.

— Eu sabia que você não era mudo. Aí galera... — Ele gritou para um grupo de pessoas do lado de fora da sala. — Ganhei a aposta!

— Você apostou que eu era mudo? — Achei aquilo muito bizarro.

— Eu não, eles... — Thomas passou o braço sobre meus ombros e me levou para junto dos outros. — Eu apostei que você era apenas tímido demais.

E foi assim que Thomas virou meu amigo. Ele foi, sem sombra de dúvidas, uma das poucas pessoas que fizeram diferença na minha vida, e foi também um cara que não me deixou desistir de viver. Não no sentido de me matar, mas de ainda ver beleza ao meu redor, pois ele estava sempre me fazendo sorrir.

Caio também me fazia sorrir, mas era de um jeito diferente.

Segurei a mão de Thomas e o conduzi para perto de Phillipi.

— Thomas, esse é Pililipi...

— Phillipi... — Ele se adiantou em me corrigir.

— Mano, de boa, esse Julianos adora apelidos, relaxa.

Thomas segurou a mão estendida de Phillipi e o puxou para um abraço, seguido de um beijo na bochecha.

Phillipi me encarou, rubro, olhos arregalados.

— Esse é o *Thomas e seus amigos*! Adora abraçar e beijar, não liga não, vai se acostumando.

— Cala a boca, D’Alva. — Thomas me deu um soco no braço.

Teria revidado se a professora de Português não tivesse entrado na sala já com a cara de fim de semestre e tivesse mandado todo mundo se sentar.

Logo uma enxurrada de bilhetinhos voou na minha carteira. Todos de garotas perguntando quem era meu novo amigo com a cara do Zac Efron.

Fala sério, mano! Zac Efron foi apelativo.

Mande todos os bilhetes para ele.

Ele mandou outro de volta pra mim:

Preferia um seu!

Juro, o ar travou na garganta. Senti um negócio na barriga e minhas bochechas queimaram. Não tive coragem de responder. Quando finalmente tive coragem de olhar para ele — um pouco antes do intervalo — ele piscou pra mim. Sorri sem jeito.

Sabe quando o coração martela no peito? Foi assim que eu fiquei quando o sinal do intervalo tocou. Parecia que eu estava indo para o abate.

Ele era direto, mas acho que já tinha comentado isso. Eu só não imaginava o quanto! Ou não esperava.

— ‘Bora pra quadra? — Thomas perguntou.

— Vamos... — respondi para ele. Phillipi parou bem ao meu lado. — Vamos? — Esforcei-me para minha voz não falhar, foi pior, saiu mais grossa do que eu imaginava.

Phillipi sorriu.

— Claro. Vou ver se o Emílio que ir também, a gente se encontra lá.

— Beleza... — respondi.

Phillipi se espremeu para passar por trás de mim pelo corredor estreito de carteiras. Senti sua mão atravessar minhas costas, de um lado ao outro da minha cintura.

Prendi a respiração.

Quando olhei em direção da porta ele estava me olhando.

“Caralho, estou pirando ou ele está me dando todos os sinais?”

A dor no estômago tinha voltado, mas agora era de ansiedade.



Quando cheguei à quadra Phillipi não estava lá, apenas alguns garotos e umas meninas que conversavam na arquibancada, mas não me juntei a eles. Não sei se fiquei aliviado ou frustrado por Phillipi ainda não ter chegado, mas a verdade é que, apesar de nunca ter flertado na vida, eu estava gostando daquele jogo.

O bom de estar no último ano era que nosso intervalo era num horário diferente do restante da escola e as áreas comuns não ficavam lotadas de adolescentes. E o mais legal mesmo era que, por nosso horário se entender até uma e quinze da tarde, nosso tempo de intervalo era de meia hora. Por outro lado, tínhamos horário integral três dias na semana, aulas no sábado e eventualmente nos domingos. Mas era o último ano.

— Não tem bola aqui, vou buscar na secretaria — disse Thomas me deixando sozinho.

Não conhecia muito bem todos da minha sala. Apenas me relacionava com o grupo do Thomas, mas estes costumavam lanchar na hora do intervalo e sempre demoravam a estar com a gente. Eu nunca comia na escola, não tinha paciência pra fila.

Subi dois lances de escada da arquibancada e assim que me sentei, Phillipi apareceu acompanhado do Lauro, outro colega de classe. Meu estômago embrulhou, pois seus olhos foram diretamente para os meus e se mantiveram ali. Não soube o que fazer, se o encarava ou se desviava. Optei por desviar.

— Conseguiu falar com o Emilio? — perguntei assim que Phillipi sentou-se ao meu lado.

— Ele *tá* vindo. Foi lanchar.

Thomas chegou com a bola, mas não era de futsal e sim de basquete e este era um esporte que eu não curtia muito. Não me sentia à vontade sendo envolvido por braços e nem com encontrões no meu corpo. Por alguma razão, senti-me traindo Caio. E por quê? Porque eu gostava dos braços e encontrões.

Lauro logo se juntou ao Thomas e me deixou a sós com o Phillipi. Thomas assobiou chamando nossa atenção e acenou com a mão nos chamando para jogar.

— *Tô* fora! — gritei.

Ele não insistiu, revirou os olhos e começou a bater a bola no chão. Não vou negar que a imagem de Thomas e Lauro, um tentando roubar a bola do outro, era agradável aos meus olhos. Phillipi também os observava com atenção. Um sorrisinho apareceu em meus lábios.

— Gosta de ver? — perguntou Phillipi.

— Hã? Oi? — Meu rosto pegou fogo na hora.

— Eu gosto também. — Ele me encarou. — Hei! Não precisa ficar assim. — Ele riu.

— Assim como?

— Vermelho.

— Não estou vermelho. — Baixei a cabeça depois de um muxoxo. Phillipi tinha uma sinceridade que me irritava.

— Está sim. — Ele levou a costa da mão à minha bochecha. — Vermelho e quente.

Quis me enterrar de vergonha. Balancei a cabeça em negação, tentando disfarçar o sorriso constrangedor, mas foi inevitável.

— Você me desconcerta. — Olhei para ele, ele olhou pra minha boca. Umedeci os lábios.

— Gosto de te ver desconcertado. — Ele tombou seu corpo no meu, me dando um encontrão que quase me derruba de lado. — Você tem uma timidez que me fascina.

Endireitei-me em seguida. Mas a conversa estava seguindo um rumo do qual eu tinha medo, tanto por não saber o que falar quanto por não saber como me portar, e mais uma vez o receio tomou conta de mim.

— Você é direto, Pililipi, não estou acostumado com isso. — Minha voz rouca denunciando meu nervosismo.

— Acostumado com o quê? Com um cara dando em cima de ti?

— Isso.

Ele não esperava minha resposta, talvez imaginasse que eu não estava acostumado com alguém tão direto e decidido e talvez ele não imaginasse as coisas que eu já tinha passado e o tipo de relacionamento que tinha vivido, Phillipi não imaginava que eu nunca tinha flertado na vida. Era muita novidade de uma vez só.

— Uow... — Ele sussurrou. — Você é BV? — Ele perguntou de súbito.

— Não! — O encarei abismado. — Claro que não... não sou nem mais virgem.

Fiquei deveras irritado com sua pergunta que soltei aquela informação sem pensar direito. Um silêncio constrangedor se fez. Ele limpou a garganta.

— Então qual é o lance? — Ele me encarou. — Não tá a fim? Pode ser sincero, não vou ficar com raiva nem nada.

Suspirei longamente, comecei a me sentir pressionado. Não que eu não o quisesse, mas as coisas estavam acontecendo rápido demais e eu ainda pensava no Caio, dia e noite. Mas como ele mesmo sugeriu, decidi ser o mais sincero que pude.

— É que eu saí a pouco tempo de um relacionamento que me machucou muito, com um cara que era meu melhor amigo, mas essa é uma história bem longa e complicada que um dia, talvez eu te conte, mas agora não dá. — O encarei muito sério, meus olhos úmidos quase denunciando a emoção e a dificuldade em me expressar.

— Então você não quer? — Ele me encarava com seriedade, seus olhos demonstrando compreensão e afeto.

— Eu quero — sussurrei. — Só te peço pra ter paciência comigo. Ninguém aqui na escola sabe que eu sou *gay* e eu não sei como é esse lance de azaração porque nunca fiz isso.

Engoli em seco ao falar. Emílio chegou em seguida bufando de raiva e nem percebeu que minha respiração estava descompassada. Phillipi tinha um sorriso imenso no rosto.

— Que merda, cara! — Emílio resmungava. — Crente que ia dar ao menos um cheiro na minha deidade.

Eu sorri, aliviado pelo clima ter ficado mais leve e Emílio não ter percebido o excesso de emotividade que pairava no ar.

— Tu passaste o fim de semana agarrado na Val, Emílio. Relaxa que daqui a pouco vocês estão juntos na condução de novo. Deixa a guria respirar... — disse rindo.

— Por isso mesmo Ju. Nosso fim de semana foi tão intenso que parece que ela já faz parte de mim.

— É, eu te entendo. — Phillipi bateu no ombro do Emílio ao se levantar e em seguida olhou para mim. — Sou um cara bem paciente. — Piscou e foi jogar.

Emílio olhou do Phillipi para mim e sem papas na língua, perguntou:

— Que que *tá* pegando? — Ele se sentou ao meu lado. — Percebi um clima tenso quando cheguei.

— Emílio...você... percebeu... — Senhor, como perguntar isso?

— Que o Phillipi *tá* caidinho por você? Arrãm... desde o primeiro dia.

Afundi a cabeça entre os braços. Queria rir. Meu peito transbordando algo que nem soube identificar o que era, mas era bom e me trazia felicidade.

— Mas a gente se conhece tão pouco. — Claramente eu o estava comparando ao Caio, alguém que conhecia como os dedos da minha mão.

— Nada a ver. Se você *tá* afim, que diferença faz? — Ele deu de ombros. — É mais um motivo pra deixar rolar. Meu lance com a Val é o mesmo do seu com o Lipe. Relaxa.

Ele me deu um soco no braço e foi jogar também.

Meus olhos ficaram presos em Phillipi, no seu jeito de correr, na forma como ele afastava o cabelo da testa, o sorriso lindo e simétrico emoldurado por uma barba rala, os olhos incrivelmente azuis que vez por outra se conectavam aos meus. Era evidente que entre nós dois o sentimento ia além da amizade. Eu me sentia atraído por ele e até comecei a gostar das suas roupas largas, era fofo e o fazia único em meio aos garotos tão padrãozinho da escola, com suas calças super skinny, tênis de marca e camisas com mangas apertadas em seus bíceps. Phillipi tinha um ar misterioso e uma sinceridade fora do normal. E se ele fosse mesmo paciente como dissera, então, por que não?



O resto da manhã passou rápido, já que praticamente não teve aula de fato, apenas apresentações e conversas infintas sobre a necessidade de se dedicar exclusivamente aos estudos neste último ano de escola. O mesmo discurso de todos os professores.

Phillipi manteve-se mais distante, mas não menos atencioso. Ele facilmente se entrosou com o resto da turma, algo que eu ainda não tinha feito.

Quando saímos, ele se manteve ao meu lado, desde a porta da sala até entrarmos na condução. Gostei daquilo, pois quando eu me atrasava no passo, ele me esperava. Era uma atenção que eu não estava acostumado. Ele não tinha receio em estar comigo e parecia não ligar muito para o que os outros pensavam.

Valquíria e Emílio já estavam em frente ao ônibus quando chegamos. Ela reclamava da demora do término das nossas aulas. Eles subiram, depois Phillipi e eu logo atrás.

Fiquei admirado quando vi Elisabeth bem na primeira fila, que assim que viu o irmão, tirou a mochila de cima do banco para ele se sentar, mas foi completamente ignorada por um Phillipi que mal a viu. O sorriso de tristeza

nos olhos daquela garotinha partiu meu coração. Sentei-me ao lado dela.

— Por aqui a esta hora? Pensei que já estava em casa — falei com naturalidade sem ligar para a cara de espanto que ela fazia ao me ver sentado bem ao seu lado.

— Eu tenho que esperar meu irmão. — Ela disse muito baixo.

— E você não fica com fome? — Fiquei muito preocupado com ela, até senti raiva por Phillipi ser tão mal com a própria irmã. — Você dever estar cansada, gatinha!

— Eu almoço na escola. Depois espero na biblioteca. Daí já faço meu dever de casa e quando chego em casa posso ficar no meu tablet.

— E como foi seu primeiro dia?

— Não foi muito bom. Acho que não gostaram muito de mim. — Ela murchou no banco e soltou um gemido de desgosto.

— Duvido. Acho que só estão tímidos. Depois que te conhecerem vão descobrir como você é incrível e nunca mais vão querer ficar longe de você.

— Não sou incrível. — Ela tentou sorrir. — Acho que meu irmão tem razão, eu sou muito chata.

Virei-me automaticamente para trás e fuzilei Phillipi com os olhos, que me encarou sem entender nada.

— O quê? — Ele perguntou.

Balancei a cabeça em reprovação e voltei minha atenção a Elis. Como ele podia ser tão cruel com ela?

— Você não é chata. E eu acho que no fundo seu irmão tem é ciúmes de você.

— Ciúmes de mim? Por quê? — Ela sussurrou ao perguntar, por certo com medo de que Phillipi ouvisse.

— Porque você além de ser mais bonita e inteligente que ele, é menina, e meninas são sempre mais encantadoras que os meninos — sussurrei também, compactuando com ela um segredo indizível.

Elisabeth tapou a boca com as mãozinhas, contendo o sorriso que eu esperava tanto ver em seus lábios de criança. Seus olhos brilhavam como de uma menina travessa. Ela pôs-se de joelhos e observou o irmão sentado duas cadeiras atrás. Virei-me para olhá-lo também. Phillipi revirou os olhos, fazendo com que eu e Elisabeth caíssemos na gargalhada.

Meu celular vibrou dentro do bolso. Era uma mensagem de Phillipi.

Qual é, tão tirando uma com a minha cara?

Mostrei a mensagem à Elis, que tapou a boca para rir mais uma vez.

Juntei meu rosto ao dela.

— Vem, tira uma foto comigo.

Tirei uma self nossa, fazendo careta com os olhos trocados e a língua de fora e enviei para Phillipi. Não demorou e ele mandou uma foto como resposta, fazendo uma careta igualmente espantosa.

Elisabeth não conseguiu conter a gargalhada. Passamos o resto da viagem de volta para casa rindo da foto de Phillipi. Não sei quantas vezes ela me pediu para ver a foto, não sei quantas vezes ela se acabou de rir com a careta do irmão e por todas as vezes eu ficava feliz com a alegria dela. Phillipi definitivamente não sabia o que era ter uma irmã mais nova e não sabia dar valor a irmã que tinha. Elisabeth era simplesmente encantadora.



— Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico! Tem 46 letras.

— Como é, menina? Repete!

— Não, pelo amor de Deus! — protestou Phillipi. — Já são mais de duas

horas e eu *tô* morrendo de fome.

Estávamos eu, Elisabeth e Phillipi embaixo de uma árvore que ficava no canteiro na divisa dos blocos. A condução já tinha partido e todos já tinham ido para suas casas. Mas eu estava decidido a aprender a maior palavra da língua portuguesa, que até então, para mim, era *inconstitucionalissimamente*.

— Essa palavra não existe né? Você *tá* inventando! — Não era possível que uma menina tão pequena conseguisse decorar uma palavra tão gigantesca. Quiçá pronunciar.

— Existe sim, significa uma pessoa que possui a doença pulmonar causada pela inspiração de cinzas vulcânicas — disse Elis toda orgulhosa de si.

— Ráaa... *tá* explicado! Tinha que ter vulcão no meio. — Ela não sabia a palavra só porque era esperta demais, ela sabia por que tinha a ver com o assunto que ela mais amava no mundo: vulcões.

— Agora vamos Elis. Mamãe deve *tá* preocupada. — Phillipi empurrou de leve a irmã.

— Vão lá... hei... — Segurei o braço de Phillipi e me aproximei para cochichar em seu ouvido. Percebi ele paralisando, respiração presa, lábios entreabertos, olhar preso nos meus lábios. — Não esquece o que eu te falei, tenha paciência com ela.

Ele soltou o ar com força pelo nariz, rindo nem sei de quê e encostou a testa no meu ombro.

— Isso foi covardia. — Ele olhou fundo nos meus olhos e deu dois passos para trás. — Vai ter volta, viu? — Ele apontou o dedo na minha cara.

— O quê? — Fiquei definitivamente sem entender.

— Nada, Juliano. — Ele virou-se de costas e seguiu embora para casa. — Você me paga por essa! — Ele gritou sem olhar para trás.

— Ainda não *tô* entendendo!

Gritei de volta, mas decidi deixar o assunto de lado. Estava morrendo de fome e o sol castigava minha cabeça, que derretia em suor. Assim que abri a porta de casa senti o aroma de comida caseira invadindo minhas narinas.

— Dona Aurélia! — disse alto, tamanha era minha felicidade. Larguei minha mochila no chão e corri até a cozinha.

— Sentiu minha falta? — Ela perguntou assim que me viu, estava enxugando as mãos no avental e abriu os braços ao me ver.

— Sim. — tomei-a num abraço apertado, cheio de saudade.

Dona Aurélia veio trabalhar em minha casa assim que chegamos à vila. Uma senhora alta e magra, cabelos compridos e brancos, sempre enrolados num coque. Seus olhos eram negros e expressivos e ela sempre exalava um cheirinho de colônia suave e agradável. Era carinhosa, cuidava de mim com devoção e me ajudava nos momentos difíceis. Quando meu pai brigava comigo, principalmente por causa de notas baixas, era ela que me acalentava. Já cheguei a chorar por diversas vezes com a cabeça em seu colo enquanto ela acarinhava meus cabelos e me acalmava o coração. Sentia-me protegido quando ela estava em casa. Sentia-me menos solitário e menos invisível. Ela sabia sobre minha mãe e irmã e tenho certeza, também sabia sobre mim e o Caio, mas nunca, em momento algum, deixou transparecer que sabia, e sempre respeitou meu silêncio e meu segredo. Dona Aurélia era como uma segunda mãe.

— Também senti sua falta, meu menino! — Ela segurou meu rosto entre as mãos e beijou forte minha testa. Ela tinha, bem dizer, a minha altura. — Agora venha almoçar, deve estar morrendo de fome.

— Sim, estou... — Meu sorriso rasgava meu rosto. — Você já almoçou? — perguntei quando vi dois pratos em cima da mesa, cuidadosamente posta. Nós dois sempre almoçávamos juntos quando papai não estava em casa.

Eu dizia a ela que não a deixaria comendo sozinha, mas no fundo sempre soubemos que era ela quem me fazia companhia e não o contrário.

— Ainda não, estava te esperando.

— Tá tarde... — Senti remorso por ter ficado jogando conversa fora com o Phillipi e a Elis enquanto Dona Aurélia me esperava.

— Eu tomei café da manhã bem dizer agora, estava sem fome. Agora vá lavar as mãos que vou fazer seu prato.

Corri no banheiro, joguei uma água no corpo e nos juntamos à mesa. A comida, como sempre, era divina. Tinha sabor de lar.

— Quando o menino Caio aparece? Também estou com saudade dele.

Meu coração falhou. Dona Aurélia tinha saído de férias antes do Caio partir e os dois não chegaram a se despedir.

— Caio foi transferido. *Tá* morando em Porto Velho.

— Vixe, e onde fica isso?

— Em Rondônia — falei com pesar. Caio e eu estávamos mais uma vez separados por quilômetros de distância.

— Nossa, coitado. Nem falei com o bichinho! — Percebi os olhos dela marejando, mas não comentei e nem dei atenção, senão provavelmente eu iria chorar.

— Ele foi transferido. A senhora sabe, né? Vida de militar é assim mesmo. — Estava penalizado por ela, mas mais ainda por mim, pois agora, além de longe, não nos falávamos mais.

— E por que ele foi morar tão longe?

— Ele não teve escolha — falei sentindo um remorso tomar conta de mim, pois sei que Caio acabou sendo penalizado por minha causa e por causa da briga com o Aspirante Ruriz.

— Ele tá bem pelo menos?

— Sim. — Limitei-me nas palavras. Não tinha o que dizer, nem sabia se ele estava vivo.

Terminei de almoçar e me tranquei em meu quarto, imerso na dor da saudade, que me sufocava vez por outra. Caio tinha atendido meu pedido e sumido da minha vida.

Era sábado e fui acordado por volta das duas da tarde com Emílio, Phillipi e Valquíria invadindo meu quarto.

— Acorda *bonitão da bala chita*! — Emílio, de bermuda e camiseta regata, jogou-se em cima de mim e depois ao meu lado.

— Não...espera! — Estava atordoado e meu humor foi para o espaço por ter sido acordado abruptamente. — Sai, boneco de pano.

— Já disse quem é boneco de pano! — Emílio me empurrou da cama e por pouco não me estabaquei no chão.

— Para com isso Emílio! — Valquíria o recriminou. Estava usando roupas de academia.

— O que vocês querem? — perguntei tentando controlar a raiva que queria me dominar. Meu coração estava acelerado. Não estava acostumado com aquilo.

— Só encher teu saco — disse Val. Ela estava muito fofa com aquela roupa justa no seu corpo rechonchudo. Ela era uma menina doce e extremamente alegre.

— Não é nada disso — disse Phillipi sentado à minha cadeira da escrivaninha, sempre de roupas folgadas. — A gente veio te chamar pra jogar vôlei.

— Meu braço ainda está com pontos. Não posso — resmunguei ao sentar-me na minha cama com um Emílio esparramado nela.

Agradei mentalmente por não estar só de cueca.

Era sábado e a semana tinha passado rápido. Phillipi e eu estávamos cada vez mais próximos, mas só nos víamos na escola, pois seus pais eram muito severos com horários e estudos e Phillipi não tinha autorização para sair de casa durante a semana se não fosse para escola, inglês e natação, que ele praticava num clube em Parnamirim. Ele era carinhoso e atencioso na frente de qualquer pessoa, nunca se importava em demonstrar afeto por mim, e isso vinha mexendo comigo de uma forma que eu não esperava.

Já Emílio ia todo santo dia para minha casa, já que meu pai nunca estava por lá. Passávamos a tarde colados, vendo filmes, estudando, jogando vídeo game, ou simplesmente cada um ficava largado num canto da sala falando merda enquanto vasculhávamos nossos celulares. Viramos rapidamente amigos, e ele, sem querer, me ajudava a não pensar demais no meu passado e em todas as tragédias que tinha acontecido, que eu acabei revelando a ele. Ou talvez fosse apenas o tempo se encarregando de fazer o seu trabalho: curar feridas.

— Era pra você ter ido tirar esses pontos ontem, Ju — alertou-me Phillipi.

— Acabei esquecendo. — O encarei, ele me observava com atenção.

— A gente pode ir ao hospital antes de ir ao clube — disse Val, se jogando na cama ao lado do Emílio. Os dois ficaram de conchinha.

Perguntei-me que ponto daquela história eu tinha perdido, já que os dois se mostravam muito íntimos. Levantei-me na mesma hora, pois me senti meio mal em estar na cama, mesmo sendo minha, com aqueles dois ocupando todo meu espaço.

— Do que você me chamou, antes de se apossar da minha cama? — Olhei intrigado para Emílio, parecia que eu estava acordando naquele exato momento.

Ele gargalhou muito alto.

— De *bonitão da bala chita*.

— Que diabo é isso? — Meu cérebro ainda estava pegando no tranco.

Que diferença fazia o que ele tinha me chamado? Nenhuma! Mas eu ainda estava acordando.

— Procura aí no *Google*. — Ele cheirou o pescoço da Val que se contorceu em seus braços.

— Aahh...para! — Ela gritou. — Também quero saber.

Não apenas eu, mas Phillipi e Valquíria também pegaram seus celulares para pesquisar o que significava aquele elogio, ou xingamento.

Valquíria foi a primeira a descobrir, sua gargalhada alta e histérica tomou conta do quarto. Phillipi descobriu em seguida, mas se recusou a me dizer.

— Não, descubra você sozinho — disse-me quando pedi pra ver seu celular, pois o meu ainda estava ligando.

E sem me render à curiosidade, já que o orgulho falava mais alto, antes de pesquisar, entrei no meu *Facebook* para tirar as tenhas de aranha, depois fui direto para o *WhatsApp*, pois tinha uma mensagem do meu pai.

Chego em casa por volta das vinte horas, não espere por mim para jantar.

Digitei um “OK” e quase tenho uma parada cardíaca quando, no alto da tela, estava o nome do Caio: *digitando...*

Minha respiração acelerou na hora. Fiquei segundos paralisado observando aquilo. Minhas mãos tremiam.

— E aí, descobriu? — perguntou Emílio me tirando do transe.

— Hã? — Olhei para ele. Olhei para o celular. Caio ainda estava digitando. — Ainda não. — Minha voz falhou.

Saí do *WhatsApp*, entrei no *Google* e digitei rápido “*bonitao ad.balachiat*”, mas mesmo assim o *Google* entendeu, me corrigiu e quando eu vi a

embalagem de uma bala chamada Chita, com a foto de uma macaca estampada nela, aquilo deveria ter sido engraçado ou sem graça, não sei, só sei que eu já não tinha mais estômago para estar ali.

— Haha...palhaço! — falei sem convicção.

Voltei ao *WhatsApp*, Caio continuava digitando e o medo do textão que ele estava escrevendo chegou a marcas estratosféricas, e ficar naquele quarto se tornou insuportável.

— Vou ao banheiro.

Saí a passos largos do quarto, respiração acelerada e coração saindo pela boca. Larguei o celular em cima da caixa acoplada do vaso sanitário, mijeiei, escovei os dentes e quando peguei o celular novamente, tinha uma mensagem do Caio.

Recebi seu e-mail

O QUÊ? Recebeu meu e-mail? E DAÍ???? Duas horas digitando pra isso? O medo se transformou em raiva. Como ele podia ser tão insensível aos meus sentimentos? Como ele era incapaz de me compreender? Como eu sou estúpido em esperar por ele?

Aquela mensagem só poderia ter um significado: era um fim definitivo.

Saí do banheiro querendo jogar meu celular na parede, minha respiração ficou superficial e eu não queria que ninguém me visse abalado daquela maneira, então recostei-me na parede, ao lado da porta do meu quarto. Minha cabeça pendeu para trás com força e um *tum* foi ouvido por todos.

— Será que ele caiu? — perguntou Valquíria.

Phillipi apareceu em seguida e quando me viu, um sorriso se abriu em seu rosto.

Sei que deveria ter me controlado, mas não resisti à tentação de me dar uma chance de ser feliz e sem pedir licença, passei a mão pela sua nuca e puxei sua cabeça de encontro à minha, alcançando seus lábios em seguida,

incidindo sua boca com minha língua, lhe roubando um beijo desesperado e impensado. Ele não hesitou em nenhum momento, pelo contrário, agarrou minha cabeça com força e gemeu com sofreguidão com meus lábios devorando os seus, sua língua explorando a minha, sua saliva e a minha formando um só sabor, que preenchia nossas bocas e eu estava amando aquilo.

O medo, a raiva, a insegurança cediam lugar a um sentimento novo e transformador, que ia aos poucos me livrando da carga emocional que eu vinha carregando nos últimos anos e de repente, me vi flutuando com os pés no chão e com a possibilidade de ser feliz de verdade e totalmente liberto daqueles sentimentos que me aprisionavam ao Caio e à minha antiga vida.

Percebi então que eu queria aquele beijo, não era vingança. Era verdadeiro.

Nos beijamos de forma afobada e apaixonada, mesmo que eu não sentisse paixão por ele, mas meus lábios e meu corpo estavam felizes com aquele contato. Phillipi me pressionou contra a parede e quando nossos lábios se separaram para recuperarmos o fôlego, ele sorriu e afundou a testa na curva do meu pescoço, respirando pesado, suas mãos apoiadas em minha barriga, que subia e descia numa respiração ofegante. Meus braços envolvendo seu corpo num abraço carinhoso.

— *What the fuck?* — A voz do Emílio fez nos afastarmos abruptamente.

Olhamos espantados para ele com medo de sermos recriminados e mal julgados por causa de beijo. Um simples beijo.

— O que foi? — Valquíria saiu do quarto e ficou olhando de nós para Emílio.

Eu estava atônito. Nunca, ninguém tinha me visto beijando outro homem.

— Vocês são doidos por acaso? — Emílio sussurrou. — Teu pai pode aparecer a qualquer momento, macho. Ele sabe que tu é *gay*?

— Não. Mas ele só vai chegar à noite. — Minha voz quase inaudível.

— O que houve, eles se beijaram? — sussurrou a Val.

— Sim — respondeu Lipe sem cor nos lábios.

— AAAA... — gritou Val e em seguida nos abraçou pelo pescoço, pulando e vibrando como se estivesse comemorando um gol.

Senti meu rosto esquentando de vergonha quando Emílio se juntou a ela e nos abraçou também. Não sabia onde enfiar a cara e Phillipi parecia igualmente constrangido.

— Meninos, vocês querem pipoca? — Dona Aurélia perguntou ao pé da escada, na porta da cozinha.

— SIM... — gritou Val.

E enquanto Emílio e Valquíria foram à casa dele buscar refrigerante, já que na minha casa não tinha, eu e Phillipi voltamos para o meu quarto. Estava sentado na minha cama e recostado na parede e ele recostado em meu peito.

— Queria ter mais tempo pra ficar assim, de bobeira contigo. — Suas mãos acariciavam minhas pernas.

Era bom tê-lo ali. Meu pensamento não divagava, estava preso em meu quarto.

— Seus pais são muito carrascos... — disse já rindo.

— Meu pai é bitolado com rotina e compromisso.

— E meu pai nunca tá em casa — suspirei.

— Não sei o que é pior. Ou melhor.

Ele me encarou, um sorriso bobo nos lábios que eu selei com um beijo que deveria ter evoluído para um beijão de língua se não fosse por Dona Aurélia avisando que a pipoca estava pronta.

— Deixa eu ir lá buscar. — O empurrei de leve.

— Vou te ajudar.

Não precisava de ajuda, afinal era só um balde de pipoca, mas deixei-o vir atrás de mim. Passei por ele, ele me abraçou por trás e beijou meu pescoço. Eu estava feliz, leve, e tentava a todo custo não pensar na mensagem insensível do Caio.

Mas como nem tudo são flores, assim que entrei na cozinha, aquela imagem horrenda das labaredas invadiu meu cérebro e todas as lembranças vieram à tona e de uma forma tão aterradora que eu quase surtei. Quase! Pois apesar de saber exatamente o que estava acontecendo, era como se eu estivesse revivendo.

O pano de prato pegava fogo, Dona Aurélia o segurava pela ponta e logo o jogou na pia e abriu a torneira em seguida. Mas o estrago já estava feito. Não era o pano de prato que eu via, era ela, minha mãe. Eu paralisei. Um frio inexplicável subiu pelas minhas pernas. Meus olhos estavam arregalados vendo aquela cena. As lágrimas banhavam meus olhos, meu corpo tremia de pavor, e o mijo escorreu pelas minhas pernas. Foi inevitável.

Quando Dona Aurélia olhou pra mim, ela levou as mãos à boca.

— Oh não! — Ela correu ao meu encontro. Phillipi ainda não tinha se dado conta do que estava acontecendo. — Não foi nada, meu menino. Não foi nada. — Ela me abraçou. — Foi só um pano de prato... oh Meu Deus! — Ela disse ao pisar na poça de mijo bem aos meus pés.

Sentia minhas bochechas molhadas, mas não tinha percebido que estava chorando, já que, nem ao menos eu sabia se estava respirando.

— Ju... — Phillipi segurou minha mão.

A campainha tocou e os outros dois já estavam entrando em casa.

— Vá atendê-los — disse Dona Aurélia a Phillipi. — Vou levá-lo para se lavar. — Ela me guiou para o banheiro. Eu era um corpo sem vida.

Aquelas malditas lembranças jamais sairiam da minha cabeça.

Não sabia como ia encarar Phillipi novamente.

A vergonha esquentava meu corpo enquanto a água gelada fazia o favor de me acalmar.

Quando saí do boxe, Dona Aurélia tinha deixado uma cueca, uma bermuda e uma camisa em cima do balcão da pia. Nem vi quando ela entrou e saiu.

Enxuguei-me, vesti-me e já podia ouvir as vozes dos meus amigos vindo do meu quarto. Não sabia como iria encará-los novamente, ou melhor, como iria encarar Phillipi. Não queria que ele pensasse que eu era um fodido da cabeça. Mesmo eu sendo.

Respirei fundo, atravessei o corredor — apenas três passos — e quando entrei no meu quarto, os três que estavam conversando, calaram-se. Estavam todos em pé, em frente à minha cama e Valquíria estava abraçada a um balde de pipoca. Fitei-os, uma a um. Phillipi sorriu com os lábios cerrados, um sorriso solidário e generoso que me desmontou.

— O quê? — perguntou Val antes de colocar uma pipoca na boca, observando atenta à pasmaceira que nos envolveu de repente.

— Tá melhor? — perguntou Phillipi e eu apenas assenti.

— Melhor do quê? O que aconteceu? — perguntou Emílio.

— Ju não *tava* muito bem e *Dona Coisa* teve que rebocá-lo pro banheiro — disse Phillipi me roubando um sorriso que saiu sem forças.

— Dona Aurélia, Lipe. — Sentei-me na cama, sentindo-me mais pesado que um elefante.

— Ah *tá*. E você chorou. — Val não largava o balde de pipoca.

Meus olhos deveriam estar vermelhos. Não soube o que responder. Meu coração batia forte como um tambor.

— Sabe que eu tenho inveja de vocês? — sussurrei. Olhei para os três que ainda me observavam como se eu fosse uma atração de circo. Meus olhos marejaram. Engoli em seco.

Falar sobre meus fantasmas me afetava emocionalmente, mas eu queria, naquele momento, desabafar. Eu precisava. Mesmo que fosse parcialmente verdadeiro, por alguma razão, tê-los ali, no meu quarto, era motivador.

— Inveja de quê, Ju? — A Val foi a primeira a se aproximar, ela ajoelhou-se nos meus pés e colocou o balde de pipoca sobre meus joelhos.

— Inveja de ser leve. — Minha voz falhou, mas eu consegui segurar o choro que ardeu minha garganta.

Phillipi sentou-se de um lado e Emílio sentou-se do outro. Quando senti a mão de Phillipi apertando a minha, igualmente como ele havia feito no hospital, eu tombei a cabeça em seu ombro. Ele passou o braço pelas minhas costas e pôs a mão na minha cintura. Emílio segurou minha outra mão entre as suas. Val comia pipoca.

— Comece... — disse Val empurrando o balde de pipoca para o meu colo e apoiou os braços nos meus joelhos.

Senti-me acolhido num ninho de amor. Não amor carnal, amor fraterno, desses que aquece o coração, apenas o coração.

— Ah, que bom! — Dona Aurélia entrou no quarto fazendo todos se endireitarem, inclusive eu. — Vejo que você *tá* bem amparado. Cuidem dele, ok? Já *tá* na minha hora.

— Pode deixar Dona Aurélia. — Foi a vez de Emílio falar. — Ele não vai sair dessa redoma.

Quando ela saiu, depois de beijar o topo da minha cabeça, finalmente

relaxamos, e claro, voltamos todos à posição de antes: cabeça no ombro, braço abraçando, mãos segurando mãos, braços nos joelhos e Val comendo pipoca.

Respirei fundo.

— Eu tinha uma irmã... ela morreu de um acidente...

— Oh meu Deus! — Val tapou a boca com as mãos.

— Eu já sabia — disse Phillipi consternado.

Quase quebrei meu pescoço para encará-lo.

— Você sabia? — Soltei minha mão da sua. Senti-me traído.

— Meus pais e os seus eram amigos, Ju. Eu sei que você perdeu sua mãe e irmã num acidente de carro, mas não sei de mais nada, eu juro.

— Não sabia que tinha sido num acidente. — Emílio me olhou com pena. Não me importei, sabia que sua pena não era degradante, era apenas pesar.

— Você sabia, *nêgo*? — Val perguntou ao Emílio.

— Alguma coisa que o Ju me contou.

— Você nunca me disse nada... — Phillipi comentou.

— Desculpa. — O que eu poderia dizer? Ele nunca estava lá. Já Emílio estava todos os dias. — Não dá pra conversar sobre esse tipo de coisa na escola...

— Eu sei. — Ele sorriu e beijou de leve meus lábios. Gostei daquilo, foi carinhoso. — Você quer falar sobre isso?

— Talvez.

— Eu quero ouvir... — disse Val.

Assenti com a cabeça, falar seria bom, mesmo que não fosse a verdade absoluta.



— Onde você estava? — Essa tinha se tornado a pergunta favorita da minha mãe.

Parecia que ela queria sempre me afrontar, ela fazia a mesma pergunta, todos os dias, a mesma que ela tinha me feito quando chegou ao hospital no dia do acidente com a Duda. Não importava se eu chegasse da escola, ou tivesse acabado de acordar ou se era ela quem tinha acabado de chegar em casa.

— Onde você estava? — E aquele olhar cruel, acusador.

E a resposta estava sempre na ponta da língua, mas eu jamais ousaria falar, eu não a afrontaria, ainda mais naquele estado perturbado em que ela se encontrava. Minha mãe não era a mesma e eu duvidava que um dia voltasse a ser. Era como se Duda tivesse levado junto com ela toda a parte boa da minha mãe, deixando comigo apenas a parte perversa.

Quando meu pai decidiu que nos mudaríamos para Manaus, para fugir das pessoas, dos lugares e dos familiares, ele esqueceu que as lembranças viriam com a gente. A casa que nós fomos morar não era da Aeronáutica, ficava mais na periferia, perto da minha escola, num bairro meio duvidoso. Era bem pequena, estreita e cumprida, apenas dois quartos, um banheiro, uma sala apertada e escura e um quintal que daria facilmente para construir mais duas casas daquela. Um quintal perfeito para uma criança, pois era todo gramado e tinha uma árvore ao fundo, ideal para pôr um balanço. Um quintal que vez por outra eu me pegava imaginado correndo com a Duda, brincando de jogar bola ou tomando banho de chuva, algo que acontecia com frequência naquela cidade. Acredito que mamãe também tinha esses pensamentos, pois estava sempre na porta da cozinha que dava para o quintal, sorrindo com lágrimas nos olhos.

Papai passava o dia trabalhando, mesmo quando não tinha expediente no

quartel, inventava algo para fazer. Sei que ele queria fugir de casa, eu queria fugir de casa, mas se era para fugir, que fugíssemos juntos, um dando suporte ao outro, nos segurando na mesma dor. Mas não foi isso que aconteceu, ele nos largou numa casa sem conforto, num bairro estranho, rodeados de pessoas que não conheciam nosso passado. Minha mãe não tinha amigos, eu não tinha amigos e meu pai só trabalhava. Não foi justo, e mamãe se entregou ao desespero.

A cada dia, ela demonstrava mais e mais que não estava bem. Eu evitava ficar no mesmo ambiente que ela, e não eram poucas as vezes que eu a escutava chorando no quarto. Quando eu ia confortá-la, ela gritava comigo, jogava coisas em mim e mandava deixá-la em paz.

Eu obedecia, pois era o que me restava fazer, afinal, eu também estava despedaçado, sentia saudades de Duda, sentia saudades de Caio, sentia saudades da minha escola, de andar de bicicleta, de jogar vôlei...

Mas nunca mais teríamos nossa vida de volta.

Certo dia quando cheguei da escola, mamãe estava parada em frente ao fogão olhando fixo para uma panela que pegava fogo. O cheiro de comida queimada e a fumaça tomavam conta da casa. Corri onde ela estava, desliguei o fogão, joguei a panela na pia e mamãe só despertou quando o fogo apagou.

— O almoço queimou. Vamos ter que almoçar fora. — Ela disse simplesmente, como se nada tivesse acontecido.

Eu não consegui dizer nada, estava mudo, aturdido, quase vomitando meu coração que batia na minha garganta. Minhas pernas quase não me sustentavam. Foi neste dia que comecei a ter medo de mamãe.

Conversei com papai, contei a ele o que tinha acontecido e ele concordou comigo que mamãe estava precisando de ajuda, mas infelizmente ela não concordou, e no dia que ele propôs a ela que procurasse um psicólogo, a casa caiu. Literalmente. A discussão entre eles ultrapassava as paredes do quarto, da sala, da cozinha, de tal forma que eu resolvi dormir na garagem, dentro do carro. Não sei como a briga terminou, mas mamãe resolveu fazer

aulas de pintura.

As coisas não melhoraram, mas pelo menos mamãe não me atormentava mais com aquela pergunta que me destruía por dentro, sempre me lembrando daquele dia fatídico, e acho até que ela esqueceu que tinha um filho, pois eu me tornei invisível naquela minúscula casa. Papai se dedicava a mamãe e os dois não me enxergavam mais.

Nossa casa se transformou num ateliê de pintura. Onde eu pudesse imaginar tinha pincel, tinta, telas, cavaletes, solvente, tudo espalhado pela casa, na sala, na cozinha, no quintal, até no banheiro. Só se salvava meu quarto, que eu passei a cuidar como se fosse meu universo particular, pois era ali que eu passava todas as horas do meu dia quando não estava na escola. Mamãe precisava de calmante para dormir e eu passei a roubar seus calmantes vez por outra. À tarde me dedicava aos estudos e quando o sol baixava, eu dormia. Nos fins de semana eu falava com o Caio, e isso me ajudou a não surtar também.

Mas quando o mês de outubro chegou, as coisas pioraram consideravelmente. Um belo dia mamãe tinha se entupido de calmantes e papai teve que levá-la para fazer uma lavagem estomacal. E se antes eu compreendia o sofrimento de mamãe, comecei a odiar tudo o que ela fazia, comecei a ter raiva da casa suja, da falta de comida, das minhas roupas meladas de tinta. Porra! Eu ainda era seu filho, e eu estava vivo.

No dia que completou um ano da morte de Duda, eu estava atrasado para escola, era dia de prova, as primeiras provas do último bimestre e eu estava decidido a passar por média, pois queria fugir para a casa dos meus avós, algo que nunca curtia quando era mais novo, mas que naquele momento, a casa deles me parecia um pedaço do paraíso.

Estávamos todos à beira de um colapso.

Eu estava feito louco procurando minha camisa do uniforme, que tinha deixado pendurado atrás da porta do meu quarto e não estava mais lá.

— Mãe, você viu minha camisa da escola? — Ela estava na cozinha, passando café.

— As roupas lavadas estão na máquina. — Ela nem ao menos olhou pra mim. Estava descabelada e vestia apenas camisa e calcinha.

Minha camisa não estava suja, mas eu resolvi não argumentar. O problema era que as roupas estavam na máquina, estavam molhadas. Meu sangue ferveu.

— Porra mãe! Minha camisa estava limpa! — Eu berrei. — E agora? Eu tenho prova!

— Vai com a outra.

— A outra tá manchada de tinta. — berrei mais um pouco.

— O que está acontecendo aqui? — Meu pai apareceu na cozinha, já fardado.

— Nada!

Larguei a camisa molhada em cima da minha cama, peguei a outra manchada de tinta e quando saí do quarto, minha mãe me fez a maldita pergunta:

— Onde você estava?

O QUÊ?

Eu não aguentava mais aquela vida.

— Onde eu estava? — Sentia meu rosto pegando fogo de tanta raiva. — Onde você estava, mãe? Onde você está agora?

— Para com isso, Juliano. — Meu pai me repreendeu, não dei atenção.

— Porque eu estou bem aqui, o tempo todo, eu não morri.

Saí de casa chorando.

Fiz a prova e fiquei enrolando na escola. Não queria voltar para casa.

Almocei na padaria perto de casa, esperando a chuva passar.

Quando já era perto de duas da tarde, finalmente o cansaço me venceu e eu só pensava em me trancar no meu quarto, esquecer que dia era aquele, dormir até meia noite e aproveitar o silêncio da madrugada para estudar.

Mas não consegui fazer nada do que estava em meus planos.

A rua estava molhada e o vapor do calor subia como neblina. O clima era quente e o suor escorria pela testa. A cabeça não pensava em nada, estava vazia, mas quando avistei minha casa, foi como se o mundo caísse sobre meus ombros. Era sombrio pensar que na minha própria casa eu me sentia como um vulto.

Quando fui atravessar a rua, já em frente à minha casa, a imagem que eu vi... aquilo...

Eu não merecia ter visto aquilo.

Eram chamadas...

Os sons de pavor que ela emitia... assustadores!

Ela saiu pelo portão, desesperada, correndo em direção à casa vizinha.

Não era um filme de terror, era pior, era real, era minha mãe, em chamadas.

Eu mijei nas calças na mesma hora. O sangue sumiu das minhas veias.

A vizinha berrou aterrorizada. Mamãe continuou correndo rua abaixo. O fogo só apagou quando o marido da vizinha começou a bater nela com um cobertor.

Não lembro muito bem o que aconteceu depois, só me lembro da vizinha abraçada a mim e aos prantos, depois papai desesperado com as mãos na cabeça, andando de um lado para o outro no hospital, de estar num avião rumo à casa dos meus avós, depois num carro rumo à casa do meu tio, pai do Juninho.

Não fui ao enterro de mamãe, que faleceu semanas depois.

A diretora da escola resolveu me passar de ano, pois minhas notas eram muito boas.

Passei a fazer xixi na cama quase que diariamente.



— Minha irmã morreu um ano antes da minha mãe. Ela foi atropelada. E mamãe morreu num acidente, carbonizada. — Apenas falei. Jamais entraria em detalhes.

— Senhor, que horror! — disse a Val. — Sinto muito, Ju.

— Foi acidente de carro? — perguntou Phillipi.

Levantei a cabeça do seu ombro e o encarei.

— Sim!

Como dizer para o cara que você tinha acabado de beijar que sua mãe jogou solvente de tinta no corpo e tacou fogo em si mesma?

Não tem como falar esse tipo de coisa, para ninguém.

— Sinto muito. — Ele me abraçou e eu me deixei envolver pelos seus braços, mas não o abracei de volta.

— É D’Alva... — Emílio apertou minha coxa. — Foi barra! Mas fica firme cara, a gente *tá* aqui pra te ajudar.

— Valeu! — O peso dos ombros ainda continuava, mas tinha diminuído umas boas toneladas. — Por isso falei que tenho inveja de vocês, não num sentido negativo, mas é que às vezes é bem *punk* ter certas memórias, e eu sinto falta delas duas. — Minha voz embargou.

— Ouw... — Fui engolido por um abraço coletivo, apertado e demorado.

— Mas não fica triste não, Ju — disse Val, a primeira a se dissolver do abraço. — Eu mesma era bem zoada antes de vir pra cá. — Ela levantou-se e estendeu a mão para mim. — Vamos sair... vamos tirar esses pontos do seu braço. Vida que segue!

Suspirei longamente.

— É isso aí, vida que segue! — Joguei o balde vazio em cima da cama, aceitei sua ajuda e levantei-me também.

Sorri aliviado, de verdade, porque eu não estava sozinho. Eu tinha aqueles três comigo. Calcei minhas sandálias, peguei minha identidade de dependente de militar e fomos para o hospital.

Antes de sairmos de casa, ainda na garagem, Phillipi me puxou pelo braço.

— Você *tá* bem? — Seus olhos iam dos meus olhos para minha boca.

Eu não soube responder, mas sabia que precisava ficar bem. Ou pelo menos que as coisas entre nós dois estava indo bem, então o empurrei para dentro de casa.

— Sim. — Beije novamente seus lábios como da primeira vez, intensamente, com pressa. Ele gemeu como da primeira vez. Meu pau endureceu pela primeira vez com um beijo que não fosse do Caio e eu desejei saber se Phillipi estava na mesma situação que eu. Desejei ter mais que um beijo dele, mas não seria um cafajeste, ele era virgem e Emílio e Val estavam nos esperando.

— Vamos... — Segurei sua mão e o puxei para fora de casa.

— Antes, me beija de novo... — Foi a vez dele de me puxar.

Nos beijamos mais uma vez. Sua língua e a minha se descobrindo e se enroscando. Era bom, seu sabor era marcante, doce e quente. Sua língua era macia e ágil. Seus lábios acariciavam os meus num encaixe perfeito e dessa vez fui eu quem gemeu. Phillipi mordeu meu lábio inferior, tão dolorido e tão

excitante que demorei segundos para abrir os olhos e quando abri, ele sorria feliz para mim. Sorri de volta meio envergonhado.

— Adoro você! — Ele disse, mas não esperou resposta. Beijou rápido meus lábios e saiu de casa.

Respirei fundo para acalmar o corpo e os segui.

Bem ou mal, minha vida estava recomeçando.

Depois que tirei os pontos, a Val não quis ir para o clube pelo meio da vila e sugeriu darmos a volta na lagoa. Andaríamos pelo menos dez quilômetros a mais, mas eu não achei ruim, pois a orla da lagoa era deserta e eu poderia ao menos segurar na mão do Phillipi. Seguimos então pela rua em frente ao hospital, passamos pela capela e ao invés de seguir pela lagoa, ela resolveu que queria ir pela frente do prédio do Comando da Base.

— Vamos pela lagoa mesmo — protestou Emílio. Ele estava impaciente.

— A gente pode cortar caminho pela Marrecolândia. — Eu disse e os três me olharam como se eu tivesse mandado os três para aquele canto. Estalei a língua no céu da boca. — Só me sigam. — E saí andando. Eles me seguiram.

A verdade é que eu conhecia aquela vila como a palma da minha mão. Quando fui morar lá eu não tinha amigos além do Caio, que trabalhava e estudava, e eu não tinha autorização de sair da vila sozinho, afinal, Natal e Parnamirim tinham virado um campo de batalha do crime organizado, segundo meu pai. Então, andar de bicicleta era meu passatempo favorito. E eu gostava! A Base Aérea de Natal tem uma arquitetura peculiar. Seus campos são verdes e expansivos e os prédios são bem longe uns dos outros, em sua maioria térreos, lembrando a arquitetura americana da década de 1940, já que a base aérea de Natal — que fica em Parnamirim — foi construída por americanos como parte dos acordos feitos por causa da Segunda Guerra.

Depois que passamos pela capela, entramos em fila indiana numa estrada estreita de terra, que passava por meio de várias mangueiras, até chegarmos numa casinha de apoio para a manutenção da lagoa, onde se criavam patos. Nunca tinha visto ninguém por ali. A lagoa era enorme. Do lado norte ficava

a pista cercada de árvores que dava acesso aos hangares. Ao sul ficava uma pista enorme que daria facilmente para pousar um avião comercial e depois desta pista ficava o prédio do Comando. Do lado leste ficava a vila de casas dos oficiais e do lado oeste, o restante da base: prefeitura, esquadrões, bancos. A lagoa era cercada por árvores e campos verdes. Era um lugar realmente lindo. Eu não queria, mas lembrei imediatamente do Caio. Era como se ele estivesse ali comigo, as lembranças de nós dois juntos estavam latentes em minha memória.



— Quando eu for Brigadeiro do ar e Comandante desta Base, é ali que vou trabalhar. — Ele apontou para o prédio de vidros. — E quando estiver lá, na minha sala, vou olhar pelo vidro e lembrar dessas tardes com você e dos melhores dias da minha vida.

Caio tinha este dom de falar coisas que me derretiam por dentro. Estávamos os dois do outro lado da lagoa, na beira da pista que dava para os hangares, sentados no capô do carro e chupando manga. Era fim de tarde de um domingo, o sol estava se pondo e o céu estava laranja.

— E eu, vou ser o que quando você for um Brigadeiro do ar? — perguntei enquanto tentava sem sucesso tirar os fiapos de manga do meio dos dentes.

— Meu! — Ele disse simplesmente. — Sempre meu!



— Que calor dos infernos! — reclamou Val.

— Vamos pro clube agora, chega de explorar! — resmungou Emílio e parou na minha frente. — Pra que lado fica o clube? — Ele estava ligeiramente aborrecido, talvez por causa do calor infernal e dos insetos que nos devoravam naquele fim de tarde.

— Pra lá... — Apontei.

Ele passou por mim e seguiu em frente batendo no pescoço para espantar os insetos, sem esperar por ninguém. Valquíria foi atrás dele. Phillipi me segurou. Não queria ficar com ele ali, as comparações seriam inevitáveis.

— Aqui é bem sossegado. — Ele disse. — A gente pode fugir pra cá de vez em quando.

— É... — Prendi o ar quando ele se aproximou de mim.

Phillipi colou seus lábios nos meus. Fechei os olhos e me deixei levar, seria bom para substituir lembranças. Abracei seu corpo que aos poucos eu começava a gostar. Ele tinha músculos por baixo de tanto pano. Eram firmes e eu queria tocá-los. Nossas línguas se acariciavam, ele gemia gostoso embevecido pelo beijo e eu queria mais, pois seus gemidos me excitavam, então desci minha mão pelas suas costas e parei acima da sua bunda, ele não hesitou. Meu pau pulsou e eu queria saber se ele também me desejava, então coloquei minha mão sobre seu pau e apertei. Ele me empurrou de supetão. Seus olhos azuis eram como raios de gelo na minha direção, seu maxilar estava trincado, sua respiração acelerada.

— O que foi? — perguntei sem entender sua reação, afinal, ele gemia tanto!

Ele engoliu em seco e respirou fundo.

— Nada. — Sua voz era rouca. — Não esperava que você avançasse o sinal.

— Desculpa. — Não soube o que dizer senão pedir desculpas. — Você fica gemendo nos meus lábios, queria o quê? — Isso era um fato.

Phillipi e eu ficamos nos encarando.

— Vocês vêm ou não? — Emílio berrou ao longe. Agradei a ele mentalmente, porque eu não sabia mais o que fazer nem dizer.

Phillipi parecia me odiar por ter colocado a mão nele, algo que eu não conseguia compreender, já que ele também estava duro.

— Vamos? — perguntei, estava me sentindo culpado.

Talvez eu fosse mesmo. Talvez eu fosse um perverso, estava sempre imaginando situações e levando meus pensamentos para zonas nada confortáveis e que me deixavam constrangidos vez por outra. Talvez Caio nunca tivesse me tocado novamente se eu não tivesse insistido tanto. Talvez eu ainda fosse virgem se não tivesse pedido a ele para me foder. “*Me fode, Caio!*”

Meu Deus, eu era insano. Ou estava insano, não sei. E carente. E perturbado da cabeça com tudo o que tinha vivido e vinha sentindo naquele ano desastroso. Ou talvez eu não fosse tão culpado assim. Afinal, desejar ter mais que um beijo devia ser normal para alguém da minha idade, com os hormônios gritando e escapando de todos os seus poros.

Phillipi apenas assentiu e passou por mim sem dizer nada. Quando chegamos ao clube o constrangimento entre nós continuava. Sentamos nas cadeiras em volta de uma mesinha e por sorte Emílio e Val estavam tão ocupados com uma discussão infantil sobre a volta que demos, que não perceberam o constrangimento instalado entre nós dois.

— Ah, tá bom! — disse Emílio, tentando encerrar a conversa.

— Você foi porque quis, ninguém te obrigou — retrucou Val, cara emburrada e braços cruzados sobre o peito.

Eu olhava para Phillipi, tentando decifrar suas feições, ele me olhava e desviava o olhar.

— Vou comprar água, vocês querem? — Ele perguntou. O suor escorria pela sua costeleta.

Não respondi, estava mal por ter sido rejeitado daquela forma e por ter forçado a barra. Eu sabia que Phillipi era virgem, mas ele sabia que eu não era. E ele gemia caramba!

Quando ele voltou trazendo quatro garrafas de água, agradei, ele sorriu de banda. Já estava escuro, algo que acontecia muito cedo em Natal, bem

dizer dava dezoito horas e o céu já estava preto. Meu celular tocou, era meu pai.

— Pai! — Atendi receoso, afinal, ele só estaria em casa depois das vinte horas.

— Vem pra casa. — E desligou.

Meu coração disparou dentro do peito. Meu pai estava se esforçando para sermos uma família novamente, pelo menos o respeito voltava a reinar de forma tímida, mas não foram poucas as vezes que eu acreditei que ele me odiava, e eu temia uma recaída de sua parte, ainda mais com um “vem pra casa” tão seco.

— Eu preciso ir... — falei para todos, coração na mão.

— Tudo certo? — perguntou Val.

— Sim. Era meu pai. — Olhei para Phillipi. Esperava que ele ao menos dissesse tchau.

Ele respirou fundo, levantou-se e passou por mim indicado que ia ao banheiro e eu respirei aliviado.

— Tchau — falei para os dois e segui Phillipi, que entrou no banheiro masculino na minha frente.

— A gente se vê amanhã? — Ele perguntou assim que eu entrei.

Balancei a cabeça em afirmação. Olhava para ele me sentindo péssimo.

— Não estou com raiva de você, não me olha assim. — Ele sorriu e eu me desarmeí.

— Sei lá... — sorri debilmente.

— Você me pediu paciência, Ju. E eu te dei. Agora eu te peço o mesmo.

— Lipe... — Dei uns passos em sua direção, não queria que ele fizesse

qualquer tipo de coisa comigo apenas porque eu queria, queria que ele quisesse também — Não se sinta pressionado, por favor.

— Não me sinto. — Ele segurou meu rosto entre as mãos e afundou seus lábios nos meus. — Eu quero.

Sua última declaração agitou meu pau.

Mais um selinho, ele saiu do banheiro e eu fui embora para casa, ou melhor, fui correndo, mente trabalhando rápido tentando lembrar se eu tinha feito alguma coisa de errado. Quando virei a esquina do meu bloco vi um carro prata estacionado em frente à minha casa. Alívio bateu forte, provavelmente meu pai estava com visitas e queria me apresentar a eles.

Entrei em casa esbaforido.

— Pai! — falei alto, pois não tinha ninguém na sala, mas o cheiro de comida que vinha da cozinha era delicioso.

Quase tive uma parada cardíaca quando a mãe do Caio apareceu bem na porta da cozinha.

— Ai meu Deus! Como você cresceu! — Ela me abraçou, eu não conseguia me mexer, estava atônito. Tia Fernanda agora era mais baixa que eu. Ela me segurou pelos braços e sorriu aberto com os olhos marejados. — Como você *tá* lindo. — Ela alisou meu rosto. — *Tá* da altura do Caio.

— Caio é mais alto que eu. — Eu finalmente saí do transe e sorri. No fundo estava com tanto medo de encontrar o Caio ali, que meu corpo paralisou, mas lembrei-me que ele não morava com os pais havia anos, então relaxei e aproveitei a presença deles em minha casa.

Quando entrei na cozinha fui recebido com entusiasmo pelo pai do Caio, que eu não sabia o primeiro nome. Caio o chamava de pai, meu pai o chamava de Prates e a tia Fernanda o chamava de Jojo. Ele, para mim, era tio Prates.

Ter a presença dos pais do Caio na minha casa era desconcertante. Era

como se eu pudesse perdoá-lo, pois o carinho que seus pais falavam dele e de nós, e da nossa infância juntos, era como se ele e eu nunca tivéssemos nos separados. A saudade que eu senti daqueles tempos me fazia perder o ar vez por outra. Mas quando a tia Fernanda resolveu fazer uma vídeo-chamada para o Caio, eu sufoquei.

Estávamos todos na mesa da cozinha e minha janta veio do estômago para a boca junto com meu coração. Ninguém ali sabia que eu e ele havíamos brigado e muito menos que tivemos uma relação que ia muito além da amizade. Ninguém sabia que eu havia me entregado a ele de corpo e alma e que ele havia me traído daquela forma tão cruel e desprezível. Para todos ali, ainda éramos os mesmos amigos de sempre.

— Alô! Caio, meu filho, advinha onde eu tô com seu pai? — Uma coisa era certa, tia Fê estava feliz.

E eu estava bem ao lado dela, mas não tinha coragem de olhar para a tela do celular. Minha respiração começou a falhar.

— Oi mãe! Que saudade. Não faço a mínima ideia. — Caio sorriu, e a voz dele reverberou em todo meu corpo e de repente eu me vi tremendo.

A dificuldade de respirar já estava comprometendo a oxigenação cerebral, pois eu me vi despencando num avião em queda livre.

— Olha quem tá bem aqui do meu lado! — Tia Fê me entregou o celular.

Quase desfaleço.

— Oi Caio. — Minha voz saiu tão rouca que eu tive que limpar a garganta. Senti meu pescoço e rosto pegando fogo. Meu coração virou uma bateria de escola de samba.

— Ju! — A voz dele falhou. Ele tapou a boca com os dedos e seu peito subiu e desceu. Pude perceber também seus olhos de safira marejando, o que fizeram os meus marejarem também. Tive que piscar diversas vezes para disfarçar. — Que saudade!

Ele soluçou.

— Eu também! — Engoli o caroço na garganta, devolvi o celular para tia Fernanda, pedi licença e fui para o banheiro.

Fechei a porta e o choro contido veio de forma incontrolável. Recostei-me e escorreguei até sentar-me no chão. Caralho, eu amava aquele homem desesperadamente. Amava tanto que chegava a doer.

Eu deveria ter ficado aborrecido por não ter passado o domingo com Phillipi, mas ao contrário do que eu imaginei, aquele foi o melhor domingo que eu tive desde que Caio tinha ido embora de Natal e levando com ele um pedaço de mim.

Foi neste domingo que eu me senti verdadeiramente leve, em paz comigo mesmo, e comecei a ter um breve vislumbre do que realmente queria para minha vida, e o que eu queria era muito pouco. Era algo comparado a poder olhar o mar e não sentir vontade de afundar, e sim vontade de flutuar.

Os pais do Caio convidaram a mim e ao meu pai para fazermos um passeio de bug para conhecer o litoral norte do Rio Grande do Norte. Meu pai aceitou o convite e eu não tive a chance de dizer não. Fui praticamente obrigado a ir.

Antes de dormir, já recuperado da vídeo-chamada com o Caio, lembrei-me de Phillipi e da sua declaração sincera sobre o “eu quero” e me senti motivado a enviar uma mensagem avisando que passaria o domingo fora, mas que nos veríamos à noite. Ele lamentou, mas disse para eu me divertir. Ainda conversamos um monte de baboseiras antes de eu apagar com o celular sobre o peito. Acordei no outro dia, antes do meu pai, com a claridade e o calor da manhã invadindo meu quarto e só então que me dei conta que não tinha fechado a janela antes de dormir, e nem ligado o ventilador.

Levantei-me, tomei um banho, preparei o café da manhã e quando meu pai se levantou, eu já estava quase pronto para sairmos.

— Caiu da cama? — Meu pai perguntou quando entrou na cozinha e eu estava terminando meu café da manhã.

— Não — sorri. — Só me esqueci de fechar a janela e ligar o ventilador.

— Você *tá* bem? — Ele sentou-se à mesa. — Ontem percebi que você ficou um pouco abalado quando falou com Caio.

Travei. Meu café da manhã veio parar na garganta.

— Ele também ficou bem triste. — Meu pai continuou, sem olhar para mim, servindo sua xícara com café. — Aconteceu alguma coisa que eu não sei? Os pais do Caio também ficaram bastante intrigados. — Meu pai olhou pra mim. Minha respiração ficou curta.

— Não aconteceu nada.

— Não vai me dizer que ainda é por causa daquele aspirante... qual é mesmo o nome dele?

— O Ruriz? — Jesus, me ampara que eu *tô* caindo! — Não pai, claro que não. Quer dizer, a gente meio que não conversou sobre aquilo e depois ele foi embora e não nos despedimos direito...

Mentira, Caio ainda tentou falar comigo antes de partir e eu fui um imbecil com ele.

— Eu sei que o Tenente Prates perdeu a cabeça desnecessariamente, mas ele já está sendo penalizado por isso, sendo obrigado a servir tão longe de casa. Não o penalize também.

— Não estou pai — sussurrei. — Eu vou escovar os dentes. Com licença.

Levantei-me antes que não conseguisse mais inventar desculpas para o meu pai. Não sou o tipo de pessoa que consegue mentir por muito tempo, a culpa e o remorso não permitem. E meu pai, coitado, é o típico pai que acredita que conhece o filho que tem. Ele não tem ideia das coisas que aconteceram entre mim e o Caio. A briga com o Aspirante Ruriz foi só a ponta do iceberg. E seu eu estava penalizando o Caio, era porque ele merecia, mesmo que isso significasse minha própria condenação. Afinal, eu tinha plena consciência da minha parcela de culpa. Eu não era totalmente inocente.

Quando chegamos ao hotel onde os pais do Caio estavam hospedados, mal estacionamos o carro e já subimos no bug rumo ao quilômetro zero da BR-101. No começo eu imaginei que aquele seria o passeio mais terrivelmente chato da minha vida. Mas meu pai estava tão receptivo e carinhoso e me chamando de filho a todo instante, me mostrando as paisagens e curiosidades do caminho, que eu até me senti mal por tê-lo xingado mentalmente por me obrigar a estar ali.

Até chegarmos ao município de Touros, foi chão a dar com pau. Depois do marco zero fomos ao Farol do Calcanhar, que é o segundo maior farol do Brasil segundo o guia turístico. O mar estava calmo e o sol massacrava sem piedade. Logo tia Fernanda me untou total com protetor solar.

Depois de Touros fomos a Maracajaú andar de barco e fazer mergulho em meio aos parrachos. Já passava das duas da tarde quando paramos para almoçar e eu me esbaldei no pastel de arraia, que não sei se era de arraia mesmo, mas era delicioso e eu comi bem dizer uns seis antes do almoço chegar. Como ninguém estava dirigindo além do guia, todos se permitiram beber à vontade e meu pai me permitiu tomar umas latinhas de cerveja. Mas quando chegamos à Genipabu para um passeio de bug sobre as dunas, minha cabeça rodava, minha voz estava meio trôpega, como se minha língua fosse maior que a boca, então meu pai me obrigou a tomar uma água de coco, achando graça da minha falta de experiência com bebidas alcoólicas, e por pouco eu não vou ao passeio, pois comecei a passar mal. Mas por sorte a água de coco me reanimou e o passeio foi sensacional e com emoção, apesar dos protestos da tia Fernanda. Quando regressamos ao hotel, tio Prates insistiu para jantarmos num restaurante famoso onde a especialidade da casa era camarão e por sorte eu e meu pai tínhamos levado roupas extras. Depois de um banho e mais um bocado de hidratante espalhado no meu corpo pela tia Fernanda, finalmente jantamos e fomos para casa. Já passava das nove da noite quando chegamos em casa e Lipe já estava dormindo, pois não visualizou minhas mensagens e quando liguei para ele, caiu na caixa postal.

Fui dormir lembrando meu primeiro dia em Natal, depois de uma viagem longa e excruciante, onde eu acreditava que Natal era o nome de uma cidade que ia de encontro com meus propósitos: morrer.



Depois que minha mãe morreu e eu fui deportado para a casa do meu tio, os pesadelos começaram de forma assustadora e eu comecei a fazer xixi na cama, quase que diariamente.

Meu primo Juninho não chegava perto de mim, acho que ele estava com medo de levar outro soco na cabeça. Ou então ele estava com nojo, pois sabia que eu urinava na cama. A família inteira sabia. Eu queria morrer todo dia quando acordava encharcado.

Quando meu pai veio passar as festas de fim de ano conosco, ele comprou um colchão novo para meus tios. Ele mal conversou comigo. Mal olhou para mim. Mal me desejou feliz ano novo. E se eu já era um garoto tímido e retraído, me encolhi dentro de uma concha de proteção e me isolei do resto do mundo.

Só voltei a ver meu pai novamente em Natal, quando a mudança já tinha chegado à nossa nova casa e eu fui deportado de volta para aquilo que se chamava de lar.

Uma tristeza invadiu todo meu ser quando entrei naquela nova casa e não vi os móveis de antes. Meu pai tinha doado ou jogado fora os antigos, e agora minha casa tinha móveis rústicos, pesados, de madeira maciça, completamente fora dos gostos da minha mãe. Ela gostava de coisas leves, finas e elegantes.

— Móveis novos? — Minha pergunta saiu em tom de lamentação.

— Sim. — Meu pai respondeu secamente. — Melhor assim. Suas coisas estão no seu quarto.

E esta última frase era um alerta para não fazer mais perguntas. Segui para dentro. O primeiro quarto estava repleto de caixas, algumas escritas com a letra “E” e outras com a letra “R”. Entendi de cara que se tratava das iniciais “delas”, e, portanto, estava fechado para mim.

Só entrei naquele quarto uma única vez. E parando para analisar os

acontecimentos da minha vida, foi o melhor momento, pois eu não teria suportado antes.

O segundo quarto era o meu, frente para o banheiro, achei bom isso. Também estava repleto de caixas, cama nova do lado esquerdo, a antiga estante de carrinhos embaixo da janela e vazia, e escrivaninha do lado direito. Era hora de arregaçar as mangas e colocar tudo no lugar, e sem o auxílio da minha mãe, que sempre me ajudava a organizar melhor os espaços.

Primeira noite na casa nova e eu acordei em cima de uma poça de mijo. Levantei desesperado, tirei toda a roupa de cama, levei para a área de serviço e quando voltei para o quarto a fim de colocar o colchão na janela para secar, meu pai estava em pé, encostado no batente da porta, fardado, braços cruzados e me observando como se eu fosse uma aberração.

— Acho que você não tem mais idade pra isso. Ou tem?

— Não senhor.

Eu nunca tive pavor do meu pai. Um pouco de medo, talvez, pela forma imperativa que ele comandava nossa casa, receio dele descobrir quem eu realmente era, mas ele nunca havia me olhado daquela forma, com desprezo, como se no fundo ele desejasse que eu morresse também. Aquilo me apavorava.

— Isso vai acabar?

Engoli em seco, e sem conseguir responder, apenas balancei a cabeça em afirmação. Sim, eu esperava que acabasse, pois eu mesmo já não conseguia conviver com aquilo, era degradante.

— Assim espero. — Ele passou por mim.

Senti que ia desmaiar, tamanha era a dificuldade de respirar.

Ele foi tomar seu café da manhã e eu fui tomar banho. Quando saí do banheiro, só de bermuda, meu pai falava com alguém na sala de estar.

— Ele vai gostar de te ver...

Desci os três degraus da escadinha e quando cheguei à sala, sufoquei totalmente. Meu pai e ele conversavam na porta de entrada. Meu pai foi embora. Ele olhou para mim. Olhar doce cor de safira, barba rala, vestido à paisana, lindo como um anjo.

Meus olhos transbordaram.

— Garoto estrela. — Ele sorriu com lábios cerrados, seu peito subiu e desceu num suspiro.

— Caio... — Corri ao seu encontro. O impacto dos nossos corpos foi tão forte que ele emitiu um gemido de dor. Eu o abracei. O abracei e apertei e chorei.

— Shhh... — Ele acariciava meus cabelos. — Não chora... — Ele me abraçava com força.

— Foi horrível. Foi horrível, Caio. Aquelas chamas... — Eu estava desesperado por aquele contato. Não era nada sexual. Era apenas o abraço. O calor do seu corpo. A calma de suas palavras. O afago de suas mãos.

— Eu sei... já passou! — Ele me mimava como se eu fosse uma criança. E talvez fosse assim que ele me visse.

Ele me guiou para o sofá e me fez deitar a cabeça em seu colo enquanto afagava meus cabelos. Eu soluçava. Ele vez por outra beijava minha bochecha. Em todas as vezes eu fechava os olhos e sentia meu corpo relaxando, como se seus beijos e carinhos pudessem curar a dor que eu carregava em meu coração.

Acabei adormecendo. Acordei um tempo depois com ele me chamando.

— Hei... vamos tomar café da manhã? Tô morrendo de fome. — Ele estava agachado à minha frente.

— Caio... — Eu sorri, um sorriso aberto, feliz. Quando me levantei percebi o quanto estava me sentindo mais leve.

Ele me levou para comermos numa padaria em Ponta Negra. Depois me levou para conhecer o Forte dos Reis Magos. Lá tiraram uma foto nossa na entrada e quando estávamos saindo, nos ofereceram um chaveiro com a foto. Ele comprou um para ele e um para mim. Depois nós fomos conhecer seu apartamento, foi lá que tudo começou. Foi lá que abandonei meus planos de morrer.



Na segunda feira, quando cheguei ao ponto do ônibus, Phillipi e Elisabeth ainda não tinham chegado. Cumprimentei Valquíria e Emílio que estavam abraçados e fui me sentar no balanço do parquinho. Ainda era difícil encarar o ônibus se aproximando e tantas crianças histéricas e desesperadas para serem as primeiras a entrar.

Phillipi só chegou quando o ônibus já havia chegado e eu já estava acomodado no último banco. Ele sorriu ao me ver e sentou-se ao meu lado.

— Oi. — Ele disse. — Como foi com seu pai?

— Tranquilo.

Desejei beijar-lhe os lábios. Não que eu estivesse morrendo de saudade. Mas eu estava feliz. Eu tinha entendido que não precisava de muito para ser feliz. E Phillipi poderia fazer parte dessa felicidade, bastava eu me dar uma chance.

Assim que coloquei o pé no andar da minha sala de aula, avistei ao longe Thomas conversando com alguns amigos. Emílio já tinha ficado para trás com a Val e Phillipi estava bem ao meu lado. Thomas, quando me viu, abriu os braços ao ar e gritou para quem quisesse ouvir:

— D’Alva!

— *Thomas e seus amigos!* — respondi no mesmo tom.

Todos os alunos que estavam do lado de fora de suas salas olharam para nós dois.

Thomas veio ao nosso encontro e como sempre fazia, apertou-me calorosamente num abraço acolhedor e que eu amava, tanto pela forma carinhosa que ele sempre me tratava como também pelo seu corpo colado ao meu, pois era quente e gostosinho de apertar. Não que eu tivesse segundas intenções com ele, mas éramos amigos e nada mais justo tirar umas casquinhas de vez em quando.

Depois do abraço, o sorriso que havia nos lábios de Phillipi tinha sumido, e quando Thomas foi abraçá-lo, ele se esquivou e apenas estendeu a mão. Thomas pode não ter percebido, mas eu sim, e Phillipi claramente tinha rejeitado o abraço e eu não queria pensar que ele tinha ficado com ciúme.

Já estava na sala sentado na minha carteira, alguns alunos em pé. Phillipi tinha ido ao banheiro e Thomas bem na porta controlando quem entrava e saía, quando Phillipi entrou, empurrou Thomas de leve com a mão espalmada em seu peito e num canto perto da lousa os dois começaram a cochichar. Phillipi estava sério e Thomas me encarou de supetão com olhos assustados e

bochechas coradas e eu não sei porque, fiquei constrangido e baixei os olhos. Thomas assentiu para Phillipi, Phillipi sorriu para Thomas, os dois se cumprimentaram e a professora megera de português entrou na sala mandando todos se sentarem. Quis perguntar a Phillipi o que tanto ele e Thomas conversaram, mas resolvi deixar quieto. Se eles estavam sussurrando, então não era um assunto da minha conta.

Na hora do intervalo Thomas saiu sem falar comigo e eu achei muito estranho. Emílio foi comprar seu lanche e eu e Phillipi fomos para quadra, não conseguia olhar em seus olhos e nossa conversa até lá não passou de palavras soltas. Lá chegando tinha uns garotos jogando handball e Phillipi se animou em jogar, mas eu não. Subimos alguns lances da arquibancada e assim que eu me sentei, Phillipi tirou sua camisa e jogou na minha cara.

— Cuida aí, vou jogar.

Abri a boca para dar uma resposta desaforada, mas fiquei mudo ao ver, pela primeira vez, meu namorado sem camisa. Ele era forte. Puta merda, como ele era forte! Seus braços eram musculosos, seu peitoral definido, seu abdômen era lisinho, suas costas largas eram perfeitas e eu não consegui parar de secá-lo enquanto ele pulava cada degrau da arquibancada até chegar lá embaixo. Sua calça era muito folgada, mas sua cintura era fina e seu bumbum era incrivelmente empinado. Ele virou-se para mim e me encarou sorrindo, alisando a barriga e eu já nem sabia como se respirava. Meu pau estava duro e eu me contive para não inalar profundamente aquela camisa que estava sobre meu colo, disfarçando o imenso volume que havia dentro da minha calça. Ele piscou para mim, como quem sabia que eu estava babando por ele, virou-se de costas e se juntou aos outros garotos na quadra.

Não me restava nada a fazer senão ficar ali, admirando Phillipi correndo na quadra sem camisa e me perguntando se eu teria a tal paciência que ele havia me pedido. Afinal, cada vez que o abraçasse novamente, sentiria uma vontade louca de arrancar aquela sua camisa contra raios solares e meter a boca naqueles mamilos rosados e lambe-los todos aqueles gominhos da sua barriga.

Caramba! Como eu era tarado!

Mas Thomas entrou na quadra logo em seguida e veio diretamente na minha direção. Logo meu foco não era mais o peito nu do meu namorado, era o meu amigo.

— Oi. — Ele disse constrangido ao sentar-se ao meu lado.

— Oi. Tudo certo? — perguntei olhando fixo em seus olhos. Queria e precisava saber se seu sumiço na hora do intervalo era por causa do Phillipi.

— Mais ou menos... — Ele secava as mãos na calça, nervoso.

— Hm...

— Eu não sabia que você era *gay*. — Ele disse na lata.

— Hã? — Perdi o ar.

— Phillipi me contou que vocês estão namorando.

— Como? — Meu pescoço e rosto começaram a queimar.

— Eu só quero que você saiba Ju, que nunca tive qualquer intenção com você quando te abraçava. Eu te considero um amigo e você sabe disso, e eu tenho essa mania de abraçar e você sabe disso também. Mas eu prometo que vou parar com isso, não quero criar problemas pra vocês.

Olhei imediatamente para Phillipi e depois voltei meus olhos para Thomas. O que diabos Phillipi tinha falado para Thomas agir daquele jeito?

— Não vai criar... — Bem dizer sussurrei.

— Só não sei por que você nunca me disse nada. — Os olhos de Thomas eram inquisidores. E ele estava visivelmente magoado.

— Thomas... — Minha respiração acelerou, não queria ficar mal com um cara que só me fazia bem. — Me desculpa.

— Não precisa se desculpar...

— Deixa eu me explicar, por favor! — Apesar de estar triste por ver meu amigo magoado e decepcionado, eu comecei a nutrir uma raiva descomunal por Phillipi. Ele teria que me dar uma boa e sincera explicação por ter revelado nosso segredo sem me consultar antes. E eu não conseguia e nem queria acreditar que tinha sido por puro ciúme.

— Você não tem que me dar explicações. — Thomas evitava olhar em meus olhos e aparentemente evitava uma conversa, e eu o entendia, pois aquela era definitivamente uma situação embaraçosa.

— Eu nunca falei nada porque meu ex-namorado é militar e você sabe, esse é um assunto ainda delicado dentro das forças armadas. Mesmo que as leis internas militares estejam mudando, que eles preguem a igualdade e tal, o Caio não queria se expor, não era só por causa do meio militar, era também por eu ser filho de um oficial e ainda ser menor de idade. Isso podia dar uma merda enorme pra ele dentro do quartel, ia envolver meu pai e esse também é outro fator complicador, porque meu pai não sabe que eu sou *gay*. Aliás, além do Phillipi, do Emílio e da Val, você agora é o único que sabe. — Desabei a falar antes que ele fugisse dali.

Ele apenas me observava e eu não conseguia distinguir se suas feições indicavam se ele estava ou não de boa.

— Caio?

— Oi?

— Caio não era aquele que vinha te buscar na escola de vez em quando?
— Thomas cerrou o cenho.

— Sim, você se lembra dele? — Meu coração acelerou apenas com a lembrança do Caio na porta da escola vestindo seu macacão de aviador. Um sorriso apareceu em meu rosto, mesmo eu não querendo.

— Achei que ele fosse seu irmão.

— Não era... — Baixei a cabeça, envergonhado por revelar um segredo tão bobo, mas que mexia comigo profundamente.

Caio tinha tudo para ser um irmão mais velho, pois ele cuidava de mim, me protegia e me dava um tipo de amor que nunca recebi de pessoa nenhuma. Ele sabia me cativar, me fazer sorrir e nunca, jamais, me negava nada que eu pedisse. Mas ao mesmo tempo ele me confundia como ninguém.



Era por volta das seis da tarde quando tinha acabado de sair do treino de voleibol, o suor escorria pelo meu rosto, minha camisa estava molhada e colada ao corpo e eu estava exausto. Tomei um banho no banheiro do ginásio, vesti novamente meu uniforme — sempre ficava direto na escola em dias de treino —, enfiei a roupa suada num saco plástico e quando estava saindo da escola para pegar um ônibus, meu celular tocou, era o Caio.

— Garoto estrela? Tá na escola ainda? — Ele perguntou assim que atendi.

— Sim... — Só faltei rasgar meu rosto em dois com o sorriso que apareceu em meus lábios apenas ao ouvir sua voz.

— Então me espera aí que eu tô indo te buscar. — Ele desligou.

Para quem já estava fodido da cabeça com tudo que tinha acontecido na minha vida, ouvir aquelas palavras foi o mesmo que levar um soco no estômago. Ainda era início do semestre, minhas aulas haviam começado apenas a algumas semanas e Caio nunca tinha ido me buscar na escola. O pensamento trabalhou rápido e eu só imaginava que alguma coisa de muito grave tinha acontecido com meu pai.

Os minutos de espera pareceram horas e quando o carro do Caio apareceu em frente à escola minhas pernas bambearam, mas o sorriso estampado em seu lindo rosto me fez relaxar.

— Por que você veio...? — perguntei assim que entrei em seu carro, mas ele nem esperou eu terminar a pergunta.

— Os ônibus estão em greve e a polícia militar também — ele arrancou com o carro — então você já pode imaginar o caos que está esta cidade. Não

vou nem te levar em casa, vamos direto pro meu apartamento.

— Mas eu preciso avisar meu pai... — Fiquei com medo do meu pai não gostar da ideia e isso não era bom, já que eu e meu pai não vínhamos nos entendendo muito bem.

— Já falei com ele. — Caio pôs a mão na minha coxa. — Inclusive foi ele que me aconselhou a te levar para o meu apartamento, que é mais perto da escola, assim a gente não precisa pegar a BR. Estão fazendo barricada na altura da entrada da Base, Ju. Atearam fogo num ônibus e o pior, estão saqueando lojas. Estamos vivendo uma guerra urbana.

— Ah... — Fiquei tão assustado com tanta violência que não soube o que falar. Só depois de uns minutos que eu me dei conta do que estava acontecendo. — Eu vou dormir com você? — Olhei para ele de imediato e não sei o quão minha cara devia estar engraçada, pois ele caiu na gargalhada.

— Comigo não, garoto estrela, mas vai dormir no meu apartamento sim.

Sim, era fato que desde que Caio tinha voltado para minha vida, ele nunca tinha avançado o sinal. Ele me tratava como um príncipe e me dispensava tanta atenção que não tinha como eu não me sentir especial quando estávamos juntos, mas ficávamos apenas no zero a zero, nos afagos despreziosos — pelo menos da parte dele — e eu já tinha me conformado com aquele amor fraterno que ele tinha para me dar. Caio já era um homem e eu ainda era um adolescente de dezesseis anos, mas em muitos momentos era quase impossível disfarçar a vontade que eu sentia de sentir a mão dele me tocando novamente.

Foi então que tudo começou...

O rádio do carro informava que ônibus haviam sido queimados, os shoppings iriam fechar as portas mais cedo, alguns arrastões tinham acontecido no centro da cidade e o Secretário de Segurança pedia para população evitar sair de casa. Eu estava com medo.

Assim que chegamos no apartamento do Caio ele mandou eu avisar ao

meu pai que já estava são e salvo. Depois ele preparou um macarrão no alho e óleo com alguns pedaços de fundo de alcachofra em conserva. Estava uma delícia.

Depois ele me deu uma escova de dente, uma toalha e um short. Ficamos na sala vendo televisão. O apartamento do Caio não era grande, tinha apenas dois quartos sendo o dele uma suíte. Eu iria dormir no outro quarto.

Eu estava muito constrangido com aquela situação. Eu desejava o Caio. Eu queria tocá-lo, beijá-lo — mesmo sem nunca ter beijado na vida — acariciar seu corpo ou sentir o seu me abraçando. Mas não era assim que ele me via, ou pelo menos se via, não demonstrava. Ele me amava, não posso negar, mas eu, além de amá-lo, era fodidamente apaixonado por ele.

Na hora de dormir as imagens da televisão não saíam da minha cabeça. Ônibus pegando fogo e eu só imaginava se alguém tinha se ferido, se o ônibus estava vazio quando atearam fogo, se alguém tinha morrido queimado... mas não disse nada.

Resultado: sonhei com minha mãe e fiz xixi na cama. Acordei completamente atordoado quase nadando numa poça de mijo.

— Ah não! — Quase chorei de desespero. Caio não sabia que eu estava vivendo este problema em casa.

Levantei-me, tomei um banho, vesti minha única roupa limpa — calça jeans da escola, coloquei toda roupa de cama na área de serviço e depois liguei o ventilador na potência máxima bem em cima da parte molhada do colchão. Fui para sala. Não consegui dormir com o calor, liguei a TV e fiquei mexendo no meu celular. Caio apareceu em seguida.

— O que você tá fazendo aqui, Ju? — Ele sentou-se ao meu lado.

— Caio, me desculpa, mas acho que estraguei seu colchão. — Eu me sentia um derrotado. Se ele já me via como um irmão mais novo agora ele me veria como uma criança.

— Estragou? Como? — Ele passou o braço sobre meus ombros. Ele

sempre fazia isso quando eu estava para baixo, me acalantava em seus braços.

Respirei fundo e longamente antes de explicar toda a minha delicada situação de menino mijão que eu me tornei depois do incidente com a minha mãe. Quando terminei de explicar nem conseguia olhar em seus olhos. Minha cabeça estava baixa, meus olhos fixos no chão.

— Não tem problema nenhum você ter feito xixi na cama, Ju. Não precisa ficar assim. — Ele me abraçou e beijou meu cabelo. — Vamos dormir comigo, amanhã a gente dá um jeito na roupa de cama. Esquece esse assunto.

— Caio... — Olhei em seus olhos. — Não conta pro meu pai...

— Eu jamais faria isso. — Ele levantou-se, segurou minha mão e me levou para o seu quarto. Quando cheguei lá, já nem lembrava que tinha feito xixi na cama.

Eu iria dormir na cama dele, ao lado dele.

Ele se deitou e abriu os braços, me convidando para deitar-me em seu peito.

— Vem, tira essa calça...

— Eu não tenho outra roupa, Caio... — Fiquei o observando, me olhando, me convidando para tudo aquilo que eu mais queria no universo naquele momento, que era me aninhar em seus braços e dormir colado a ele.

— Dorme sem calça mesmo... vem. — Ele sorria, e meu Deus, como era lindo seu sorriso. E seus olhos azuis pareciam o mar me convidando para um mergulho.

Eu ainda cheguei a levar a mão ao botão da calça, mas por um segundo tudo aquilo que eu tanto queria me pareceu confuso e insensato, e por impulso, sentei-me na beirada da cama, de costas para ele.

O que ele queria de mim afinal?

— Você me confunde. — Desabafei sem disfarçar a tristeza que me acometeu.

— Eu te confundo? Por que, Ju? — Ele sentou-se atrás de mim, suas pernas ao lado do meu quadril e quando seus braços envolveram meu torso nu e minhas costas colaram em seu peito, foi como se ele tivesse me projetado diretamente para os dias em que ficávamos abraçados em nossa árvore. Tudo veio à tona. Cada momento que vivi ali, toda a beleza de ser criança, toda a inocência e leveza que eu carregava dentro de mim, e as lembranças da minha família, completa e feliz. Eu vivia num mundo perfeito e este mundo tinha acabado para mim. Minha garganta travou como se eu tivesse engolido um caroço, e sem conseguir conter a emoção que varreu minha cabeça e meu coração, eu desabei.

— Caio... — Abracei seus braços, tombei a cabeça em seu ombro e chorei.

— Ei garoto estrela, não chora... — Ele me apertou em seus braços.

— Eu senti tanta falta desse abraço... — Estava difícil conter as lágrimas.

— Ju... — Ele beijou minha orelha. — Por favor, não chora.

— Eu só queria que, ao menos entre nós, nada tivesse mudado. — Eu precisava pôr para fora tudo que me sufocava.

— Nada mudou. — Ele sussurrava. — Ainda sou o mesmo Caio. E eu te amo, Ju. O que mudaram foram as circunstâncias, mas meu amor por você continua o mesmo.

— Você jura? — Eu soluzei como uma criança, mas consegui conter as lágrimas.

— Sim, eu juro.

Ele beijou minha bochecha, meu pescoço, depois me puxou para mais perto ainda do seu corpo e apoiou o queixo no meu ombro. Enquanto isso eu

me acalmava em seus braços até minha respiração voltar ao normal. Mas ainda ficamos abraçados, segundos em silêncio, e ele depositou mais uns beijos no meu pescoço, delicadamente, e me cheirava alisando minha pele com a ponta do seu nariz. Era a tortura mais deliciosa que já tinha sentido na vida, eu estava enlouquecendo com aquele chamego e meu pau cresceu de forma descomunal. Então, sem conseguir controlar a vontade de sentir o calor da sua mão me tocando novamente, entrelacei meus dedos nos seus e levei sua mão diretamente para minha excitação.

— Ju, não... — Ele tentou puxar a mão, mas eu segurei firme.

— Por favor... eu preciso sentir aquilo de novo, Caio. — Eu insistia em manter sua mão ali, massageando meu pau, apertando sua mão de leve.

Sentia sua respiração forte contra meu pescoço e seu peito subindo e descendo contra minhas costas. Como ele não puxou a mão novamente, continuei me torturando por cima da calça jeans.

— Ok...tire a calça. — Ele sussurrou no meu ouvido. Fechei os olhos e arfei, de satisfação e alívio.

— Ok... — respondi, e sem me desencostar do seu corpo, abri o botão e o zíper da calça e abaixei apenas o suficiente para meu pau ficar exposto.

Ele então cuspiu na própria mão e envolveu meu pau. Aquilo foi tão erótico que meu pau endureceu mais um pouco. Ele começou a me manipular devagar, brincando com meu desejo, me fazendo respirar descompassadamente. Ao mesmo tempo, ele chupava o lóbulo da minha orelha, arfava em meu ouvido e espalhava o pré-semem pela minha glândula. Eu gemia alto contra minha vontade, tamanha era a miríade de sensações que eu estava vivendo. Logo ele acelerou o movimento.

— Juliano...

Ouvir meu nome sussurrado em meu ouvido, por aquela voz baixa e rouca de quem estava extremamente excitado, foi como ter sido golpeado pelo prazer. Parei de respirar, contrái o abdômen de forma abrupta e gozei tão intensamente que minha porra branca e viscosa espirrou por sobre todo

meu peito. Meu coração parecia que ia voar pela boca enquanto meu corpo parecia que flutuava em nuvens. Demorei um tempo para me reencontrar e Caio respeitou este tempo. Não sei precisar quantos minutos ficamos ali, naquela mesma posição, cada um perdido nos próprios pensamentos, até que Caio rompeu o silêncio do quarto.

— Vai se limpar vai. Depois volte pra cama. — Ele depositou um beijo no meu cabelo.

Não disse nada, acenei com a cabeça e apenas obedeci. Levantei-me, tomei um banho bem ligeiro e voltei para o quarto enrolado na toalha. Caio ainda estava em seu banheiro, chuveiro ligado e a porta entreaberta. A curiosidade foi maior e eu resolvi olhar pela fresta. Encontrei-o de costas, músculos tensionados, uma mão apoiada na parede do boxe e a outra manipulando seu pênis. Ele estava se masturbando. Seu corpo era de um deus, sua bunda branca era tão firme quanto o resto dos seus músculos. Eu o observei até o fim, quando seu corpo tremeu, sua respiração falhou e por fim ele relaxou, parecendo exausto, recostando a testa no azulejo do boxe. Naquele momento tive a plena certeza de que eu queria ser dele. Totalmente dele. Do jeito que ele quisesse. E eu faria qualquer coisa para isso acontecer.

Quando ele saiu do banheiro, só de short, eu estava sentado em sua cama ainda enrolado na toalha. Ele não me olhou nos olhos, mas eu sabia o que ele tinha feito, e tinha sido por mim, e isso foi o suficiente para eu querer mais dele, então, num impulso, avancei em sua direção, segurei sua cabeça entre as mãos e beijei seus lábios num beijo de língua completamente louco, atrapalhado e molhado.

Ele ficou imóvel enquanto eu sugava seus lábios descontroladamente, percebendo de cara que eu nunca tinha beijado na vida. Então ele gentilmente segurou meu rosto e me encarou. Seus olhos eram doces.

— Isso era pra ser um beijo? — Ele passou o dedo na minha testa, tirando meu cabelo dali.

Não respondi, estava constrangido demais para abrir a boca.

— Você nunca beijou. Estou certo, garoto estrela? — Ele alisava meu rosto com os polegares.

Balancei a cabeça em negação. Ele sorriu.

— Eu tô aqui pra te ensinar, ok? — Sua voz era mansa.

Balancei a cabeça em afirmação.

— Só me segue...

Ele puxou meu rosto de encontro ao seu e aproximou seus lábios dos meus — segundos de medo, ansiedade e vontade. Ele me beijou de leve, me encarou com olhos semicerrados e meu coração explodindo em meu peito. Depois um beijo mais forte seguido de um beijo mais molhado, com sua língua no meio dos meus lábios, e finalmente sua língua invadiu devagar a minha boca, procurando a minha língua, seus lábios me sugavam e eu repetia cada movimento seu.

Viajei naquele beijo delicado, o sabor da sua saliva, o contato da sua língua na minha, me explorando minunciosamente, era muito mágico. Logo suas mãos envolveram minha cintura e costas e me apertaram de encontro ao seu corpo. Meus braços envolveram sua cabeça e meus dedos passearam pela sua nuca de pelos batidos. Sua respiração era tão pesada quanto a minha. Seus lábios eram deliciosamente macios. Seu corpo rígido estava quente, e o meu, em brasa. Quando o beijo acabou, Caio me abraçou com força e afundou o rosto na curva do meu pescoço, quase me suspendendo no ar. Eu estava em transe. Estava novamente excitado e não teria achado ruim se ele me tocasse novamente, mas ele fingiu que não percebeu o volume por baixo da toalha. Depois ele segurou minha cabeça entre as mãos e depositou um beijo casto em minha testa.

Como ele era quente, e carinhoso.

— Vamos dormir agora.

— Hmrrum... — Eu não sabia muito bem o que fazer. Meus lábios ainda estavam molhados e dormentes e meu corpo ardia de desejo com a sensação

que seu beijo provocou em mim.

Ele deitou-se e mandou-me pegar um short em sua gaveta da cômoda. Obedeci e me deitei ao seu lado. Ele não disse nada, apoiou a cabeça na mão e apenas começou a acariciar minha barriga com a ponta dos dedos. Aquilo era divino, e eu tive que fazer um esforço sobre-humano para não revirar os olhos. Mas eu precisava tirar uma dúvida que estava me matando por dentro.

— A gente tá namorando? — perguntei.

Ele gargalhou muito alto, tombando sua cabeça para trás.

— Você tá me pedindo em namoro, Ju?

— Não! — A vergonha foi tanta que eu tapei o rosto com as mãos. Como eu era imaturo perto dele.

— Vamos fazer assim... — Ele puxou minha mão para eu olhar em seus olhos. — A gente tá namorando sim, mas isso vai ser o nosso segredo, tá bom?

— Tá.

Ele selou meus lábios e nós dormimos abraçados.



— E por que vocês terminaram? — Thomas perguntou.

Dei de ombros. Não revelaria que fui traído.

— Ele foi transferido. — Era inegável a tristeza em minha voz ao revelar este fato. — Pra muito longe.

— Caramba Ju! Você ainda é doidinho por ele! — Constatou Thomas sem me dar o direito a réplica.

A verdade é que eu não tinha argumentos. Sim, eu ainda amava o Caio.

— Só não deixa o Phillipi perceber, ele é meio ciumento e isso pode dar merda.

Eu concordei com a cabeça.

— Obrigado! — Agradei nem sei por quê. Talvez pela conversa, ou pela discrição. Não sei, mas eu me sentia grato.

Fim do intervalo Phillipi correu no banheiro para lavar o rosto e secar o suor e quando devolvi sua camisa minha cara não era das mais felizes.

— A gente precisa conversar — falei de forma dura.

Ele não respondeu, apenas me encarou apreensivo e concordou com a cabeça.

Ele ia ter que se explicar.

— Juliano, eu dou meu pau pra qualquer um chupar se o Thomas não for *gay*! — disse Phillipi irritado depois que eu o questionei sobre ter revelado nosso segredo ao Thomas e ainda ter dito a ele que parasse de me abraçar.

Estávamos no fundo da condução escolar, de volta para casa, e discutíamos aos sussurros. Eu estava muito irritado com a insistência de Phillipi sobre a sexualidade de Thomas, e principalmente pelo fato dele ainda não ter me pedido desculpas pela sua língua grande.

— Eu já te falei um milhão de vezes que ele não é *gay*, e mesmo que fosse, era comigo que você tinha que ter conversado e não com ele. Se você não gosta de uma coisa que eu faço, é pra mim que você tem que falar. Eu não gostei do que você fez Lipe, você agiu pelas minhas costas. Ponto final.

Ele ficou mudo por segundos.

— Me desculpa por isso. Mas eu sinceramente não gosto de ver meu namorado se agarrando com outro homem, principalmente se ele for um *gay* cheio de segundas intenções.

Não sabia exatamente quando nossa relação tinha evoluído para um namoro, mas resolvi deixar de lado já que não era o foco da questão.

— Caralho! — praguejei entre dentes. — Ele. Não. É. *Gay*.

— Tá Juliano, vamos fazer o seguinte... — Ele deu uns tapinhas no meu ombro. — Vamos pagar pra ver, tá legal! Faz o que você quiser, continua com sua intimidade com o Thomas, só não diz que eu não te avisei.

Lipe ficou emburrado, percebi sua raiva quando seu peito começou a

subir e descer sem parar. Tive que engolir em seco. Comecei a acreditar que talvez o Thomas fosse realmente *gay*, tamanha era a certeza que o Phillipi carregava.

— Ele sendo *gay* ou não, não justifica sua atitude — disse por fim apenas para não me dar por vencido.

— Sobre isso eu já te pedi desculpas. — Phillipi estava visivelmente chateado e era como se ele tivesse revertido o jogo para o seu lado. Era eu quem deveria estar chateado e não ele.

Mas resolvi não discutir mais, Phillipi tinha se redimido e pedido desculpas. Além do mais, ele precisava entender que Thomas era meu amigo e eu não evitaria qualquer tipo de contato com ele. Mas tinha uma questão nesta história do Thomas ser *gay* que não se encaixava de jeito nenhum: os vídeos pornô e *héteros* que ele me enviava com certa frequência.

— Lipe, o Thomas sempre me envia vídeo pornô, cara. Além do mais, ele ficou bem surpreso quando você revelou que estávamos... hm...namorando. E ele me confessou que nunca teve segundas intenções comigo.

— Rá! — Ele disse bem alto, como quem descobre algo importante. — Dito e feito. Ele é *gay* sim, porque se não fosse, não teria lhe dado justificativas.

Revirei os olhos, me recostei na poltrona e resolvi desistir da discussão. Não valia a pena. Phillipi tinha sua opinião, eu tinha a minha e nem um nem outro iria conseguir convencer o outro do contrário. Fim de papo.

Ficamos em silêncio sepulcral até chegarmos à vila. Assim que o ônibus parou, eu o esperei sair primeiro e só depois de um tempinho desci, mas para minha surpresa, ele me esperava do lado de fora. Eu o encarei, mudo. Ele olhou em volta e esperou todos irem embora, inclusive Elisabeth, que ele mandou ir para casa sem ele. Emílio e Val logo perceberam o *climão* entre a gente e foram embora sem muita conversa.

Não disse nada, se ele tinha me esperado, ele que começasse a falar.

— Não quero mais discutir com você. — Ele deu um passo à frente, ficando muito próximo a mim. — Eu vou respeitar sua opinião. Mas antes, me deixa ver ao menos um dos vídeos que ele te mandou.

Eu bufei sem acreditar, olhando para o lado como quem procura uma rota de fuga.

— Lipe...

— Por favor. Eu te explico depois.

E sem dizer nada e ainda hesitante, tirei meu celular do bolso, abri minha conversa com Thomas, cliquei num dos links que ele havia me enviado, lembrei-me do Caio, pois tinha prometido a ele que não veria mais vídeos pornôs, meu coração acelerou por causa da lembrança e quando o vídeo iniciou, passei meu celular para Phillipi.

— Aqui.

Ele pegou meu celular, assistiu ao vídeo por segundos e depois devolveu o celular para mim.

— São todos assim? Digo, nessa mesma posição?

Balancei a cabeça em afirmação. A verdade é que todos os vídeos que Thomas havia me enviado, mal apareciam as mulheres, mas o *monumento* dos caras... eram de tirar o fôlego.

— Não tenho dúvidas de que ele é *gay*. Só espero que você seja sincero comigo, Ju. Se você quiser continuar com toda aquela intimidade com o Thomas, eu vou te respeitar, ele é seu amigo e eu sei o quanto ele foi importante pra ti ano passado. Mas não me traia, porque isso eu não vou perdoar.

— Eu não sou desleal, Lipe. E eu gosto de você de um jeito que não gosto do Thomas.

Ele assentiu, me puxou pela nuca e me abraçou demoradamente. Retribuí com prazer, afinal ele era gostoso demais e eu queria tê-lo tocado desde a

hora que ele tirou a camisa na quadra. Depois um beijo na bochecha e cada um foi para seu lado.

Cheguei em casa e antes de almoçar, entrei no banheiro, cliquei no link do tal vídeo e quando o *site* abriu fui no ícone de pesquisa, digitei “gay” e meu pau endureceu apenas com as imagens dos vídeos que apareceram. Assisti ao primeiro vídeo, bati um punheta e saí do banheiro de banho tomado e me sentindo vitorioso por ter descumprido minha promessa ao Caio. Se eu não tinha controle sobre suas ações, então ele também não teria sobre as minhas.



Depois que rompemos a barreira do contato, eu e Caio começamos a ficar juntos com mais frequência. Ele estava sempre me buscando na escola nas sextas-feiras e passávamos o fim de semana juntos. Meu pai não se importava com isso e no fundo eu acredito que ele até se sentia aliviado por não me ter em casa, pois por diversas vezes cheguei a acreditar que, se ele pudesse, trocaria minha vida pela vida da minha mãe ou da minha irmã. Eu até cheguei a questionar Deus por não ter me levado no lugar delas, teria sido mais fácil para todo mundo, mas quando estava com Caio, esses pensamentos não habitavam minha mente e eu conseguia ficar de boa sem me sentir um peso na vida de ninguém.

Estávamos numa sorveteria-barra-lanchonete, em Ponta Negra, perto da praia, comendo um x-bacon e tomando milk shake, quando outros três aspirantes chegaram e se juntaram a nós. Parecia que ali era um lugar comumente frequentado por aviadores. Era fim de tarde e eu ainda estava com uniforme da escola.

— Prates! — disse um deles cumprimentando Caio pelo seu nome de guerra.

Todos se sentaram à mesa conosco sem serem convidados. Não gostei de primeira, preferia estar sozinho com o Caio, mas todos eles eram muito legais e logo eu me senti mais à vontade, principalmente com o Ruriz, que além de ser um cara muito bonito — um cara forte, moreno, cabelos pretos e

olhos amarelados —, ele era muito engraçado e gentil. Ele e Caio foram colegas de quarto.

— E aí moleque! Tá em que ano? — Ruriz perguntou de forma amistosa.

— Segundo ano.

— Vai passar o fim de semana com o Caio?

— Sim...

— Deixa ele, Ruriz. — preveniu Caio de forma bruta.

Meu alerta ligou na hora. Não entendi muito bem a atitude do Caio e para mim, só tinha uma única explicação: ciúmes.

— Tô só perguntando, cara. Relaxa. — Ruriz e Caio pareciam ser muito amigos, e de alguma forma, Ruriz tinha muito respeito pelo Caio, até uma admiração, algo que eu não soube explicar até descobrir toda a merda que rolava entre eles.

Ficamos todos jogando conversa fora e vez por outra eu pegava o Ruriz me encarando. Comecei a ficar incomodado com aqueles olhos de citrino observando cada movimento meu e em todas as vezes que eu o pegava me olhando, ele disfarçava e olhava para o Caio em seguida. Foi estranho. Mas como um bom adolescente, eu esqueci aquilo rapidamente, pois meus momentos com o Caio valiam mais.

Quando chegamos em casa eu fui tomar meu banho, ele foi tomar o dele e quando estávamos sentados à mesa de jantar, ele tentando me ensinar logaritmo — sou uma negação em matemática — e eu sem conseguir me concentrar, apenas querendo que ele me beijasse, afinal era apenas o que rolava entre nós, eu decidi pedir com toda educação que eu tinha.

— Me deixa ver seu pau?

— Como é? — Ele me encarou assustado

— Por favor. — Uni as sobrancelhas.

— Por favor digo eu, Juliano. Claro que não, e claro que vamos esquecer esse assunto. — Ele puxou o livro de matemática para mais perto.

— Eu não quero estudar... — Empurrei o livro para longe. — Por favor, Caio. Eu nunca vi um pau senão em vídeos pornô.

— Para de falar pau. — Ele se levantou, mas pude perceber que estava excitado. — E eu não acredito que você vê filmes pornô.

— Ué... qual problema? — Levantei-me para não ficar tão mais baixo que ele e porque eu queria que ele percebesse que meu pau também estava em alerta.

— Garoto estrela... filmes pornô? — Ele arqueou os ombros como alguém que se rende.

— São apenas vídeos e eu só quero ver. Por favor. Você já viu o meu duas vezes, e eu nunca vi o seu.

E este último argumento foi certo. Ele me encarou por segundos, passou a mão em seu evidente volume no meio das pernas e sem dizer nada, sentou-se no sofá e baixou o short até o meio da coxa. Sentei-me ao seu lado e fiquei admirado com o tamanho daquela barra de aço bem na minha frente. Ele segurava a base fazendo-o ficar ainda maior. Era grande, com muitas veias, a glândula era rosada. Era um pau muito bonito. Era semelhante aqueles que eu via com frequência nos filmes, mas esse era real e estava disponível e duro, eu tive que engolir a saliva que encharcou minha boca.

Caio estava muito excitado, porque além de duro, pela fenda da glândula minava uma gotinha de pré-sêmem. Olhei para ele, que estava recostado no sofá, seus olhos caídos e a respiração vacilante. Mas eu queria mais que olhar, e sem pedir licença, segurei-o entre as mãos.

— Ju... — Ele gemeu.

Aguardei alguma hesitação da sua parte, como não tive, comecei a manipulá-lo lentamente, apenas para sentir o poder daquela potência em minhas mãos.

— Ahh... — Ele gemeu mais e seus lábios se abriram. — Ju, não... — Ele fechou os olhos e eu continuei os movimentos, meu pau pulsava de felicidade ao ver o Caio tão entregue a mim. — Hmm... — A respiração dele acelerou. — JU. NÃO!

Ele empurrou minhas mãos, levantou-se de supetão e num instante vestiu seu short. Ele alisava a têmpora, de costas para mim, evitando me olhar de frente.

— Qual o problema? — Eu berrei frustrado. — Por que eu não posso te tocar? — Tinha lágrimas nos olhos, pois a rejeição bateu forte no peito.

— Ju, eu não quero te corromper. Por favor... — Ele virou-se para mim, ainda de pau duro. Seu olhar era de súplica. — Entenda minha posição...

— Entenda você a minha, Caio. — Levantei-me e me aproximei dele. — Se a gente tá namorando... e eu quero... — Não sabia o que argumentar, eu apenas queria sentir aquilo que aqueles caras dos filmes pareciam gostar muito. Então aproximei-me dele, segurei sua camisa na altura da barriga, recostei a testa em seu ombro. — Nos filmes parece ser tão bom.

— A vida não é um filme pornô, garoto estrela. — Ele me abraçou.

— Você não me ama? — perguntei com a voz chorosa.

— Claro que eu te amo, Ju. — Seu nariz passeando pela minha orelha.

Meu pau estava dolorido. Eu precisava gozar.

— Me fode, Caio? — Voz manhosa, sorrisinho de canto de boca, pelos arrepiados.

— Não usa essa linguagem chula comigo... — Beijos no pescoço, sua mão entrando por baixo da minha camisa.

— Faz amor comigo, Caio... — supliquei.

Nossos lábios se encontraram com delicadeza, depois nossas línguas se tocaram com desejo e um beijo terno e saboroso começou de forma intensa.

Sua mão subiu por debaixo da minha camisa até alcançar o bico do meu peito, que ele apertou com força.

— Ah! — Dei um mini salto para trás. Não que tenha doído, mas foi uma sensação estranha e que eu nunca tinha sentido antes. Não soube precisar se tinha gostado ou não.

— O que foi? Doeu? — Ele me observava intrigado.

— Não... — sussurrei, ainda sem entender o que tinha acontecido.

Ele me encarou por segundos.

— Você não conhece seu corpo, não é? — E o Caio adulto voltava a falar com o Juliano adolescente, e não com seu namorado.

Coisa que éramos, eu pensava.

Neguei sua pergunta com a cabeça.

Ele respirou longamente, depois segurou minha mão.

— Como eu te disse... — Ele me guiou para o sofá. — A vida é bem mais que um filme pornô. — Ele sentou-se no tapete, recostado no sofá. — Senta aqui... — Ele me puxou, me obrigando a sentar entre suas pernas, como era sempre. Pude sentir seu pau ainda duro bem na base da minha coluna. — E fazer sexo na vida real vai além de uma foda num pornô gay. — Ele tirou minha camisa e me abraçou, como sempre fazia.

— A gente vai fazer amor? — perguntei com a voz rouca.

— Sim... de certa forma. — Ele respondeu num sussurro bem no meu ouvido. — Mas antes você precisa saber, garoto estrela, o quanto nosso corpo é receptivo ao toque... — Ele enfiou os dedos nos meus cabelos e de leve massageou o couro cabeludo, fazendo eu revirar os olhos imediatamente. — Existem zonas erógenas que você nem faz ideia, e é pra isso que eu tô aqui... — Ele desceu o contorno dos meus ombros com as pontas dos dedos, pelos meus braços e até chegar nas minhas mãos. — Pra te dar prazer. — Ele entrelaçou seus dedos nos meus e me abraçou. — Ok?

— Ok... — respondi num gemido de satisfação.

Então seus dedos soltaram os meus, subiram pela minha barriga e logo Caio começou a rodear meus mamilos com as pontas dos dedos, até o bico ficar retesado. Nunca tinha sentido nada parecido. Tombei a cabeça para trás e me deixei levar pela sensação que aquele toque estava causando em mim. Era um prazer novo e inesperado. Caio sabia como me tocar e como me estimular. Seus dedos eram sagazes, rodeavam e pinçavam o bico dos meus peitos com precisão e enquanto isso, meu pau latejava dentro da cueca.

— *Estão sensíveis?*

— *Sim.*

Em seguida vieram os beijos no pescoço e lambidas na orelha. Eu tentava me controlar e em meio à respiração eu soltava um gemido de prazer, principalmente quando ele apertava com força o bico do peito e a sensação de prazer se misturava com um pouco de dor. Uma dor alucinadamente prazerosa.

— *Você gosta?*

— *Sim... — Minhas pernas começaram a ficar impacientes e quando ele sugou o lóbulo da minha orelha para dentro da sua boca, eu senti que poderia gozar a qualquer momento.*

— *Abaixe o short.*

Senti minha ereção crescer um pouco mais.

— *Você vai meter em mim agora? — perguntei sem pensar muito e abaixei o short em seguida. Senti-me aliviado por ter libertado meu pau da prisão em que ele se encontrava.*

— *Você quer que eu meta em você, Ju? — Ele perguntou com a voz rouca e um tanto quanto perversa. Uni as sobrancelhas. Mas ele não esperou minha resposta, cuspiu na mão, segurou firme meu pau e sussurrou com a boca bem colada ao meu ouvido. — Você quer que eu meta nesse seu*

cuzinho virgem, garoto estrela?

Minha respiração acelerou e por um segundo me senti inseguro. No instante seguinte Caio virou meu rosto e começou a devorar meus lábios com força e paixão ao mesmo tempo que começou a me masturbar com vontade. Não sabia se gemia ou se respirava e quanto mais ele me tocava, mais sem fôlego eu ficava e mais meus gemidos se intensificavam. Ele não largou meus lábios nem meu pau até que eu não conseguisse mais me controlar, minhas pernas tremeram e eu gemi muito alto com seus lábios colados aos meus quando minha porra espirrou de mim com vontade. E ainda sem desgrudar dos meus lábios ele ficou me beijando e me masturbando até meu pau amolecer em sua mão, tamanha era a exaustão que tomava conta de mim. Senti-me um naufrago chegando finalmente em terra firme. Meus músculos não me obedeciam e a única coisa que eu conseguia fazer era respirar. Meus lábios estavam dormentes, os bicos dos meus peitos levemente doloridos, minha barriga melada de porra e minha mente dava voltas com tudo o que tinha acontecido.

— Eu te desejo mais que tudo no mundo, garoto estrela. — Ele me abraçou com carinho sem se importar com minha barriga melada e beijou minha orelha como sempre fazia. — Mas vamos esperar você, ao menos, completar dezessete anos?

Não respondi, mas concordei com a cabeça.

— Eu te amo demais e não quero te machucar.

— Ok. — Apenas respondi. Estava me sentindo um perverso e concordaria com qualquer coisa que ele dissesse naquele momento.

— Só me promete uma coisa. — Ele me abraçou ainda mais, como se quisesse me ter para sempre em seu colo.

— Hm...

— Não assista mais esses vídeos pornôs, tá bem?

— Tá. — Concordei sem questionar.

Depois nos lavamos, cada um em seu banheiro e eu sei que ele se masturbou antes de voltamos para os estudos, como se nada daquilo tivesse acontecido. Pelo menos para ele. Para mim, a promessa ficou pairando sobre mim até o dia que eu completei dezessete anos.

A semana passou rápido. Com aulas pela manhã e alguns dias à tarde, eu e Phillipi passamos a ficar mais grudados um no outro, e a ideia de ser oficialmente seu namorado começou a soar mais naturalmente para mim. Não sei se foi por causa da conversa com Phillipi ou se pelo fato dele ter descoberto sobre minha sexualidade, mas a verdade é que Thomas se afastou de nós um pouco. Não que ele estivesse frio ou evitando nossa presença, mas os abraços cessaram definitivamente e quando estava apenas com Phillipi, Thomas não chegava junto, e isso me entristecia de certa forma, pois Thomas era especial para mim e eu não queria perder sua amizade. Eu preferia pensar que ele evitava entrar em confronto com o ciumento do meu namorado do que imaginar que seu afastamento era devido ao fato de eu ser *gay*. Pensar sobre isso me doía, pois eu continuava sendo o mesmo cara de antes.

Phillipi e eu éramos namorados sim, mas era com Emílio que as conversas mais profundas e filosóficas aconteciam. Nos dias que não tínhamos aula à tarde, era na minha casa que ele sempre estava. Não sei por qual razão estes momentos entre mim e Emílio nunca tinha sido mencionados nas nossas rodas de conversa quando Phillipi estava presente e quando Phillipi descobriu que eu passava mais tempo com Emílio do que com ele, o bicho pegou.

— Não era segredo, Lipe, apenas nunca pensei que saber sobre isso fosse importante pra ti. Não tem nada demais passar um tempo com um amigo.

Estávamos no pátio da escola, embaixo de uma árvore, ele na minha frente e eu com a bunda recostada numa mesa, com braços e tornozelos cruzados, na defensiva.

— O que mais me impressiona é você achar que não era nada demais.

Phillipi estava zangado comigo sendo que eu não tinha feito absolutamente nada de errado e isto estava me tirando do sério

— Não era mesmo, Phillipi. E eu não sabia que tinha que te pedir autorização para receber um amigo na minha casa.

Ele me encarou por segundos. Testa franzida e expressão de quem estava se controlando para não perder a cabeça.

— Você não tem. E eu queria que você me levasse a sério. — Ele se virou e seguiu a passos largos em direção às escadas.

Suspirei.

— Merda! — Fui atrás dele. — Lipe... — Segurei seu braço e o virei para mim. — Você tem que parar com isso, cara. O Emílio tem namorada. Eu tenho namorado. É foda toda essa sua desconfiança, sempre achando que eu vou te enganar. Qual é? Você acha que eu não tenho caráter, é isso?

Sua expressão se suavizou. Ele tinha apreendido meus sentimentos sobre nunca merecer um voto de confiança.

— Não é isso. — Sua voz bem mais branda. — É que... talvez porque... — Ele olhou para os lados como quem procura respostas.

— Apenas diga.

— Eu nunca namorei um menino, Ju. — Ele, como sempre muito direto, me olhou fundo nos olhos. — Então eu nunca me importei, porque eu nunca estava envolvido. Só que agora é diferente. Eu gosto de você pra caramba e eu sei que você não está envolvido nas mesmas proporções que eu estou.

— Lipe...

— Não Ju, é verdade. E eu não estou te cobrando nada. Mas se você quer saber se eu tenho medo de te perder? Então a resposta é sim. E eu só queria que você se importasse.

— Mas eu me importo. — Já tinha baixado totalmente a guarda, pois a

conversa tinha seguido para um rumo que eu não esperava.

— Será, Juliano? Porque parece que, pra você, tanto faz.

Ele saiu da minha frente e então eu apenas me virei para ver suas costas se afastando de mim. Enchi o peito de ar, me perguntando o que diabos ele esperava de mim em tão pouco tempo de relacionamento. Não sabia mais o que pensar sobre nós dois, principalmente porque no fundo eu sabia que ele tinha razão. Eu ainda estava amarrado ao meu passado, ao Caio e a tudo aquilo que vivemos. E infelizmente, mesmo que eu não quisesse, as comparações estavam sempre rondando a minha cabeça. O problema é que não tinha como comparar os dois, Caio era um homem adulto, independente, cheio de responsabilidades e jamais poderia assumir um relacionamento homossexual. Já Phillipi... era apenas um adolescente, que assim como eu, tinha a cabeça cheia de dúvidas e incertezas, mas estávamos dispostos a tentar ser feliz mesmo com todas as intempéries possíveis. Pelo menos era o que eu pensava.

E mais uma vez, eu e Phillipi precisaríamos ajustar as pontas soltas. Eu podia compreender suas inseguranças, mas acima de tudo, ele precisava confiar em mim.

Quando entrei na sala, Phillipi, que já estava sentado à sua carteira, desviou os olhos de mim. Ele estava aborrecido, ou magoado, não sabia precisar e eu precisava contornar isso, então escrevi um bilhete e coloquei em sua mesa:

Eu me importo. Desculpe-me se pareceu o contrário. Eu e Emílio somos apenas amigos, e ele é hétero. Apenas confie em mim.

Era arriscado demais usar celular em sala de aula, já que eramos monitorados por câmeras, além do professor. Fiquei olhando para ele enquanto lia e então ele me encarou, deu um sorriso fraco e acenou positivamente. Sorri de volta com os lábios trancados.



Quanto ao Emílio, nossa amizade começou a se fortalecer. Como era

nosso último ano de escola, nos dias que não tínhamos aula à tarde, passávamos a tarde e muitas vezes o início da noite na minha casa e estudando. Era sossegado e nos dias que Dona Aurélia estava em casa, ela fazia de tudo para não fazer barulho e nos incomodar. Ela era realmente um doce de criatura.

Mas era na hora da pausa ou do lanche que as conversas mais elaboradas aconteciam e eu comecei a conhecer um Emílio forte, honesto e muito, mas muito parceiro. Aos poucos fui me abrindo com ele e revelando coisas sobre mim. Era bom ter alguém para conversar no qual eu não estava interessado em enfiar a língua na sua boca.

Emílio me contou sobre seus conflitos com sua mãe e eu me abri sobre meus problemas com meu pai, desde que minha mãe tinha morrido.

— Eu amo minha mãe, Ju. De verdade. Mas a convivência com ela bem é complicada. E o que mais me entristece, é que eu sou seu único filho, sabe? E em contrapartida, com meu pai, é tudo diferente. Ele não é apenas meu pai, ele é meu amigo. Eu conto com ele pra tudo e vice-versa. Com meu pai, até trocar uma lâmpada é divertido, já com minha mãe, tudo é um estresse. — Emílio desabafava enquanto devorávamos os sanduíches que Dona Aurélia tinha preparado.

— Pelo menos você tem uma mãe.

O comentário escapou pela minha boca. Emílio ficou em silêncio. O clima ficou tenso.

— Ei? — disse chamando a atenção de Emílio que me olhou de cabeça baixa. — Não era minha intenção deixar a conversa pesada. Foi mal.

— Não, tudo bem!

— É sério! Eu posso entender como você se sente em relação à sua mãe. Pois com meu pai era mais ou menos assim, principalmente depois que minha mãe morreu. Hoje as coisas estão melhores, mas eu já cheguei a ter pavor do meu pai.

— Nossa. — Emílio arregalou os olhos. — Pavor é pesado. E por quê? Ele te batia ou algo assim?

— Não. Bater não, mas... — Engoli em seco, afugentando a lembrança da primeira e única vez que meu pai me bateu, exatamente no dia que completou um ano da morte da minha mãe e exatamente no dia que descobri a traição do Caio.

Esse, definitivamente, era um dia que eu queria apagar da minha memória.

— Mas? — perguntou Emílio tirando-me do meu devaneio.

Olhei para ele. Dei de ombros e suspirei longamente antes de responder.

— Meu pai sempre teve uma personalidade muito forte e quando ele estava com raiva, ele não se importava em demonstrar. Cresci meio que evitando muito contato, porque eu sempre me sentia acuado quando ele gritava ou batia nas coisas para descontar suas frustrações e raivas. Mamãe era sempre a parte mais suave da nossa família e papai a parte mais bruta. E quando ela surtou com a morte da Duda, papai não soube lidar com a parte bruta da mamãe. E quando ela morreu, papai meio que extravasou toda sua dor em cima de mim. E o ano passado...

Meu coração começou a dar uns saltos. Baixei os olhos para respirar e não deixar as emoções transbordarem.

— Ano passado?

— Ano passado foi a vez do meu pai surtar. E se não fosse o Caio eu teria surtado também e talvez eu nem estivesse vivo pra contar a história. — Olhei fundo em seus olhos, esperando que ele compreendesse o peso das minhas palavras.

Emílio engoliu em seco.

— Tenho que admitir que já gosto do Caio. Desculpa!

Tive que rir, balançando a cabeça em negação. *E eu queria não gostar*

tanto.

Esse tipo de conversas, definitivamente, eu não tinha com o Phillipi.



Fim da aula, já na condução, assim que entramos, senti falta da Elisabeth na primeira fila.

— Cadê Elis? — perguntei virando-me para trás, buscando os olhos de Phillipi bem atrás de mim.

— Era pra estar aqui. ELIS? — Ele berrou. Encolhi-me, pois não esperava o grito bem no meu ouvido.

— Ela está no fundo — respondeu o PA - (*Polícia da Aeronáutica*).

Segui direto para o fundo, pois Elisabeth gostava de se sentar na primeira fileira e ela era metódica demais para mudar de hábito de uma hora para outra. Quando a alcancei com os olhos, ela tinha lágrimas no rosto e um olhar perdido na janela.

— Elis, o que houve? — Sentei-me imediatamente ao seu lado.

Phillipi, Val e Emílio foram para a fileira de assentos logo à nossa frente, mas ao invés de se sentarem, ficaram olhando para nós com joelhos nos assentos.

— Nada. Eu tô bem. — Ela fungou e passou a mãozinha no rosto, limpando a lágrima que escorreu pela bochecha.

— O que aconteceu, Elis? — Phillipi foi duro na pergunta. — E se você não me contar vou dizer pra mãe que você estava chorando.

Olhei para ele com a testa franzida, pedindo um pouco mais de paciência, mas parece que ele conhecia bem a irmã que tinha, pois Elisabeth desandou a chorar e falar.

— Todo mundo foi convidado pra festa de aniversário da Melissa, menos eu. Ela disse que eu ainda era novata e que nós duas ainda não éramos amigas. Eu disse que a gente podia ser amiga se ela quisesse e eu até ofereci meu lanche pra ela, mas ela disse que ainda não gostava tanto assim de mim e talvez só fosse me convidar pra a festa dela no ano que vem. — Ela chorava e soluçava.

Odiei a Melissa sem nem ao menos conhecê-la. Trinquei o maxilar de tanta raiva.

— Acho que essa Melissa não merece sua amizade, Elis — disse Val tentando amenizar a dor de uma garotinha rejeitada.

— Essa Melissa deve ser uma chata, Elis. Nem vale a pena ir pra festa dela não — disse Emílio.

— Eu queria ir. — Ela disse muito baixo e com uma voz triste de partir o coração. — Todo mundo da minha sala vai estar lá, menos eu.

Phillipi não dizia nada, mas pela sua cara, eu podia perceber o quanto ele estava sentindo as dores da irmã. E se eu o conhecia bem, ele queria torcer o pescoço dessa Melissa.

Eu precisava fazer alguma coisa para alegrar Elisabeth, que sempre me fazia sorrir com seu jeitinho meigo e perspicaz.

— Quando vai ser a festa dessa garota? — perguntei.

— Amanhã — respondeu Elis.

— Amanhã? — E uma ideia passou rápido pela minha cabeça. — Mas logo no dia do meu aniversário? — Os três ajoelhados à minha frente me olharam rapidamente. — Poxa, que alívio saber que você vai estar lá na minha festa. — Pus a mão no peito como se estivesse realmente aliviado. — Eu ia te convidar hoje mesmo.

Elis enxugou as lágrimas com as mãos e olhou para mim com um sorriso no rosto. Um sorriso inocente e genuinamente feliz. *Como é fácil agradar a*

uma criança, meu Deus! Elas se contentam com tão pouco.

— Você ia me convidar?

— Claro, eu até comentei com o Lipe. — Olhei para Phillipi — Não é, Lipe?

— Sim, sim. Eu ia te falar, mas acabei esquecendo. — Phillipi fez uma cara de desgosto, se auto recriminando. Mas seus olhos estavam sorrindo para mim.

— Que horas vai ser mesmo, Ju? Não lembro — perguntou Emílio.

— Hãa... — Olhei para os três, desesperado por uma resposta.

— Às dezoito, não é? — disse a Val.

— Isso, às dezoito. Mas olha, não precisa levar presente, tá? É só uma festa para meus melhores amigos. Coisa bem simples.

E eu só esperava que Elisabeth não comentasse com a mãe e essa, por sua vez, comentasse com meu pai.

— A gente vai, né Lipe? — Os olhos da Elisabeth brilhavam e eu seria capaz de comemorar meu aniversário uma vez por mês só para ver aquele sorriso em seu rosto fofo.

— Claro que vamos. Eu não perderia essa festa por nada.

— Nem eu! — Ela suspirou com um sorriso escancarado nos lábios que fez meus olhos brilharem.

Quando olhei para Phillipi, ele sorriu para mim com os olhos cerrados e um “obrigado!” silencioso foi dito por seus lábios carnudos e rosados.

Nós quatro nos encaramos e no fundo sabíamos o que se passava na cabeça de cada um: tínhamos uma festa para organizar.

Mal tinha descido as escadas para meu café da manhã, ainda sem saber se já tinha acordado ou não, quando ouvi o grito do meu pai me chamando em seu quarto:

— Juliano!

Despertei repentinamente.

— Senhor? — respondi. Já estava subindo os três degraus novamente quando meu pai apareceu na porta do meu quarto. — *Tô aqui, pai.*

Ele voltou-se para mim. Estava todo arrumado. Calça jeans, camisa de botão aberta e por fora da calça e sapatilhas. Parecia que ia para uma festa.

— Vai sair? — perguntei desapontado, pois meu pai nunca estava em casa. Nunca!

Ele chegava tarde da noite todos os dias da semana e nos fins de semana, ele simplesmente desaparecia. E eu sentia falta de um rosto familiar e de sentir que alguém se importava comigo. Eram nesses momentos que eu mais pensava em Duda, em mamãe e principalmente no Caio. Eram nesses momentos que a tristeza se alojava e eu me questionava sobre coisas que normalmente pessoas da minha idade não precisaria se questionar. Coisas como: será que alguém se importa comigo?

— Eu tenho uma reunião importante, não posso faltar. — Ele abotoava sua camisa e não olhava para mim.

— Hm. — Não era uma reunião do quartel, porque ele não estava fardado, não era sobre trabalho, então, o que poderia ser tão importante

assim, além de passar ao menos uma hora do dia comigo?

Pelo visto, qualquer coisa.

— Então... — Quando ele acabou de abotoar a camisa, finalmente se deu ao trabalho de perceber minha presença. — A Iara me ligou logo cedo perguntando o que podia fazer pra ajudar na sua festa de aniversário e como seu aniversário é daqui a um mês, não soube o que dizer. Você pode me explicar que festa de aniversário é essa?

Eu olhava para cima. Meu pai no alto da escada de três degraus parecia um gigante perto de mim. Engoli em seco.

— Pai... — Respirei fundo, não queria que ele pensasse o que eu tinha certeza de que ele iria pensar. — É que a Elisabeth estava chorando por não ter sido convidada a uma festinha da sala dela e eu inventei essa história de aniversário. Não é nada demais, é só uma brincadeira. Dona Aurélia vem hoje e eu prometo que não vou deixar a casa bagunçada.

— Elisabeth é a irmãzinha do Phillipi, certo? — Meu pai desceu os três degraus e parou na minha frente.

— Sim.

Meu pai ficou me encarando com um olhar duro e uma postura rígida. Ele queria fazer a pergunta, mas falar no nome *dela* ainda era difícil, para nós dois.

— Pai, isso não tem nada a ver com a Duda. — Um caroço travou minha garganta. Meus olhos nadaram em lágrimas.

Seu peito subiu e desceu rapidamente.

— Eu sei, filho. Eu sei. — Ele me segurou pelos braços. — Só não quebre nada. — Seus olhos fixos nos meus e eu concordei com a cabeça. Não queria chorar na frente do meu pai. Aliás, eu não queria chorar. Não mais. Ele mordeu o canto da boca. — Você vai ficar bem?

— Sim. — Minha pulsação acelerou. Ele pareceu se importar de alguma

forma. E isso importou para mim.

— Ok. Bem... então até mais tarde. — Ele depositou um beijo na minha bochecha e foi embora.

— Até — sussurrei, mas não sei se ele me ouviu.

Um simples beijo na bochecha e eu senti que ele ainda se importava. Eu ainda era seu filho, e sim, ele era meu pai. Meu pai!



Era por volta das quatro da tarde quando Emílio e Valquíria chegaram em casa. Emílio trazia refrigerantes e brigadeiros e Valquíria um bolo gigante de chocolate que encheu meus olhos de felicidade assim que o vi em suas mãos.

— Uau! — Minha boca encharcou.

O cheiro que vinda da cozinha dos cachorros quentes que Dona Aurélia preparava já estava fazendo com que meu apetite abrisse, mesmo tendo almoçado há menos de duas horas, já que depois do café da manhã voltei para cama e acabei dormindo novamente. O bolo da Val foi só um *plus* a mais na minha vontade de devorar tudo.

Eu me sentia um aniversariante de verdade, principalmente porque, assim que Emílio entrou em casa e pôs tudo em cima da mesa, ele me abraçou e me desejou feliz aniversário.

— Vai à merda! — Empurrei-o com um sorriso largo nos lábios. — Põe esses *refris* na geladeira.

— Onde tem uma toalha, pra gente pôr em cima dessa mesa da sala? — Val perguntou para Dona Aurélia assim que entrou na cozinha, sem nenhuma cerimônia.

Eu gostava disso, de saber que meus amigos se sentiam em casa, na minha casa. Era uma sensação de reciprocidade. De familiaridade, se é que isso existe. Fazia com que eu me sentisse parte de um todo. E isso era

reconfortante de alguma forma.

— Lipe? — Emílio perguntou assim que fechou a geladeira. Ele caminhou na minha direção e parou bem na minha frente.

Estava recostado no batente da porta da cozinha.

— Ainda não chegou.

— Falou com ele?

Dona Aurélia e Val pararam na nossa frente, cada uma com uma toalha de mesa na mão, discutindo qual seria a melhor opção para a *minha* festa e nós nos esprememos na porta para elas passarem.

— Sim. Ele foi até Parnamirim com a mãe, mas disse que chegava logo.

— Elis vem com ele?

— Não, né? — Abri bem os olhos. — Ela só vem na hora da festa.

Seguimos para a sala. Dona Aurélia e Val decidiram pela toalha azul. A saudade me invadiu de forma arrebatadora. Era a mesma toalha azul que minha mãe costumava usar em pequenas reuniões de família. Sufoquei com a lembrança.

— Vou pegar meu notebook lá em cima. — Eu precisava respirar.

Quando cheguei no meu quarto, me recostei na parede, tombei a cabeça para trás e fechei os olhos, tentando me recompor. Em breve seria meu aniversário de dezoito anos e nem minha mãe nem minha irmã estariam presentes. Talvez meu pai? Esperava que sim. Pensei em Caio e lembrei-me do meu último aniversário, da sua promessa e da forma que tudo aconteceu.

— Ju? — A voz de Phillipi me despertou.

— Aqui!

Senti-me traindo Phillipi por ter pensado em Caio. E este foi sentimento

novo para mim.

Quando Phillipi entrou em meu quarto, com aquele sorriso lindo e simétrico nos lábios, vestindo suas roupas folgadas e um chinelão nos pés, meu coração deu uns saltos dentro do peito. Só então fui entender o que estava acontecendo de verdade e porque me senti traindo-o ao pensar em Caio. Phillipi tinha plantado uma sementinha no meu coração e aos poucos, essa sementinha estava criando raízes, crescendo devagar, tomando seu espaço. Meu sorriso se abriu quando nossos olhos se conectaram.

— Oi... — Ele disse, vindo em minha direção.

— Oi — respondi.

Ele passou a mão na minha nuca e me puxou para um beijo casto, mas eu senti necessidade de mais, então o envolvi em meus braços e deslizei minha língua para dentro da sua boca, que foi recebida de forma calorosa pela língua de Phillipi. Ele me abraçou e como sempre, soltou um gemido gutural que reverberou diretamente no meu pau. Foi um beijo quente, mas suave, daqueles que deliciosamente matam uma saudade recente. Não durou muito, mas foi gostoso e fez meu peito se encher de orgulho por ele ser meu namorado.

Depois do beijo, um abraço afetuoso e mais alguns selinhos.

— Hm... gosto da sua boca. — Ele disse com os lábios grudados aos meus.

Afastei-me e olhei em seus olhos.

— Também gosto da sua.

— Vem comigo, quero que você veja uma coisa. — Ele segurou minha mão e me puxou para sala.

— Espera! — Soltei sua mão, peguei meu notebook para as músicas e seguimos para a sala.

Meu queixo caiu quando eu vi a quantidade de balões coloridos

espalhados pelo chão da sala, e Emílio, Val e Dona Aurélia estavam enchendo mais.

— O que é isso? — Meu sorriso rasgou o rosto. Passei pelo meio dos balões, chutando para o alto.

— Porra Ju! Vai estourar assim! — Emílio berrou reclamando.

— Você que trouxe isso? — Olhei para Phillipi.

— Sim. — Ele se encolheu timidamente ao responder. — Hoje cedo minha mãe ligou para seu pai oferecendo ajuda e como ele não soube o que dizer, eu acabei contando a ela toda a verdade. Ela ficou feliz e até emocionada por você ter sido tão bacana pra Elis, que resolveu contribuir com “sua festa”. — Ele balançou os dedos, imitando aspas.

Parado em meio aos balões, dei uma volta em torno de mim mesmo.

— E tem mais... — Lipe pegou uma sacola no chão. — Ela comprou copos, pratos e garfinhos descartáveis, pipoca, chocolate, marshmallow... — Ele foi tirando tudo de dentro da sacola e jogando em cima do sofá.

— Nossa, acho que nem quando eu era criança eu tive uma festa de aniversários assim.

Phillipi largou a sacola no chão e se aproximou de mim, parando bem na minha frente. Meus olhos foram direto para Dona Aurélia, que soprava uma bexiga na boca.

Phillipi percebeu minha apreensão e enfiou suas mãos nos bolsos de trás da bermuda.

— Mamãe mandou te dizer que muito obrigado. — Seus olhos ligados aos meus.

Engoli em seco.

Merda! Quando foi que eu comecei a me apaixonar por ele?

Apaixonar? Nãaaao... não. Não mesmo! Não...

— Diz pra ela que eu não fiz nada sozinho. — Meu rosto esquentou.

— Mas a ideia foi sua.

Caramba, eu queria muito beijá-lo!

— Vocês dois vão ficar de cochicho ou vão ajudar a encher a porra desses balões? — Val praticamente gritou.

— Vamos ajudar, claro! — Uma risada rasgou minha garganta.

Pisquei para ele, ele sorriu para mim pelo canto da boca e em seguida já estávamos soprando bexigas. Nossos olhos sempre ligados e eu achei fofa a forma que ele enchia as bochechas de ar, antes de soprar.

— Credo! Fica uma meleca na boca — reclamou Emílio fazendo careta.



A mesa da sala estava lindamente posta. O bolo estava no centro da mesa, Dona Aurélia, antes de ir embora, recheou os pães com o molho de salsicha e os embalou, um a um, em papel alumínio e arrumou todos numa bandeja, formando uma pirâmide de cachorro quente. Em potes estavam os chocolates e os marshmallows, as pipocas dentro de um cesto, os brigadeiros numa bandeja e eu já estava pronto para receber meus convidados. Os balões estavam espalhados pelo chão. Achamos que ficaria melhor que pendurado em paredes.

Combinamos de ficar arrumadinhos, mas não exageradamente, afinal, sabíamos que não era aniversário de ninguém.

Eu vestia uma bermuda de sarja preta, blusa azul e chinelos de couro nos pés. Valquíria foi a primeira a chegar, ela usava um vestido jeans curto e tênis. Ela estava linda, seus cabelos vermelhos estavam ligeiramente ondulados e seus olhos realçados com um contorno preto. Além de linda, ele estava adorável.

— Passou até perfume! — Ela me abraçou forte, como se me desejasse feliz aniversário silenciosamente.

— Afinal, é meu aniversário. — Justifiquei-me.

— Ah Ju! — Ela me abraçou novamente. — Só você pra inventar uma festa de aniversário pra levantar o astral da Elis.

— Foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça. — Tentava diminuir minha intenção. Mas a verdade é que eu adorava aquela menininha. E talvez sim, eu enxergasse um pouco da Duda nela, mas mais que isso, eu enxergava muito do Phillipi nela.

— Não Ju. — Val me segurou pelos braços. — Sua ideia foi fantástica. E não é só pela Elis, é por todos nós, porque hoje, eu me sinto feliz em fazer alguém feliz. E esse sentimento que ilumina meu peito, eu devo a você.

— Não deve nada... — Voz embargada, olhos inundados.

Val piscou para disfarçar as lágrimas dos olhos.

— Sim, eu devo. — Ela me abraçou. Eu retribuí. Senti amor naquele gesto. — Chega! — Ela me empurrou de leve. — Não quero parecer um panda quando os outros chegarem.

— Um panda? — Franzi a testa.

— É... borrar a maquiagem sabe? — Ela passou o dedo embaixo dos olhos. — Não tem música nessa festa não? — Ela soltou uma risada fraca.

— Claro que tem!

Ótima saída, Val.

Assim que liguei o som, Emílio chegou, de calça jeans skinny, camisa justa e chinelos. Ele estava lindo de morrer e Val praticamente o devorou com um beijo-desentupidor-de-pia. Em seguida Lipe chegou com Elis. Ela usava um vestido de flores que ia até os joelhos, fita nos cabelos e uma sandália dourada. Ela estava linda, seus olhos brilhavam e o sorriso que

rasgava seu rosto em dois, fazia tudo valer a pena. Ela tinha um presente em mãos, minhas pernas bambearam. Ajoelhei-me para cumprimentá-la.

— Elis!

— Feliz aniversário! — Ela me abraçou tão demoradamente e tão apertado que eu senti meu corpo flutuando de tanta energia positiva. Elisabeth era pura luz. E pessoas iluminadas afugentam as trevas. Melissa era pura treva e talvez ela nunca fosse capaz de entender a burrice de ignorar Elisabeth. — Seu presente.

— Não precisava, eu te falei! — Beije a bochecha dela.

— É seu aniversário. Abre.

Levantei-me abri a embalagem. Um livro de Richard Bach.

— Longe é um lugar que não existe. — Só o título fez meus olhos se encherem de lágrimas. Fiz uma força sobre-humana para não levar meus pensamentos para Porto Velho. Folhee, era um livro ilustrado. — Obrigado! — Eu a abracei novamente.

Olhei para Phillipi, bem na minha frente. Real! Disponível! Aqui! E lindo...

Seu sorriso igualmente radiante me prendeu. Ele me abraçou, nossos corpos colaram-se de ponta a ponta. Seu corpo estava quente. Demorei segundos para soltá-lo. Além de cheiroso, ele não vestia suas roupas largas de sempre. Ele vestia bermuda assim como eu e sua camisa polo se moldava em seu corpo, deixando seus bíceps em evidência. Seu cabelo estava penteado de lado e ele tinha feito a barba. Pus a mão em seu rosto macio.

— Você tá lindo.

Ele corou e sorriu.

— Leia esse pelo menos — disse Phillipi referindo-se ao livro, já que o dele, eu nem sabia onde tinha guardado. — Ela fez questão de ser esse livro.

— Vou ler. — Folheei mais uma vez. — Olha, tem figuras.

Phillipi gargalhou, tombando a cabeça para trás. Engoli a saliva que encharcou minha boca com a vontade de lamber seu pescoço, bem em cima do pomo de Adão.

— Nunca tinha ido numa festa tão linda! — Elis olhava tudo à sua volta, chutando os balões.

Além de fofa, ela era gentil.

— Então *bora* curtir! — Val aumentou o som.

Começamos a chutar e jogar os balões ao ar. Ninguém mais enxergava ninguém.



Vinte horas e *tarará*, cantamos os parabéns. E depois de tanto comer e beber, eu queria mais que apenas ficar na sala sem poder tocar em Phillipi.

Elis e Emílio estavam sentados no sofá, Emílio com meu notebook em seu colo e Elis lhe mostrando um vídeo sobre os vulcões mais mortais do mundo. Ele estava embasbacado.

Eu já tinha recolhido grande parte dos descartáveis dentro de um saco de lixo. Phillipi se distraía, tentando não deixar um balão cair no chão apenas dando cabeçadas. Seus olhos azuis muito concentrados no balão e toda vez que ele flexionava as pernas para cabecear o balão, os músculos das suas coxas se tensionavam e seu bumbum ficava em evidência. Eu queria tocá-lo.

Olhei em volta e Val descia as escadas dos quartos, voltando do banheiro.

— Val, faz um favor... — cochichei em seu ouvido.

— Hm...

— Fica de olho na Elis pra mim. Quero levar o Lipe lá em cima uns

minutinhos.

— Rá, rá! — Ela colocou as duas mãos na cintura. — Não vou ficar de babá enquanto você fica de amasso no quarto.

Empertiguei-me com seu comentário.

— Por favor.

— Não. — Ela se afastou, mas eu a segurei pelo braço.

— É foda né? — sussurrei. — Você e Emílio estão sempre se agarrando, em todo lugar. Na piscina, na quadra, na lagoa e eu não posso nem andar de mãos dadas com o meu namorado. Que vida injusta a de um *gay*! — desabafei total.

Ela revirou os olhos e suspirou.

— Quinze minutos. — Ela olhava fundo em meus olhos.

Juntei as mãos, rezando.

— Meia hora.

— Vinte...

— Porra! *Tá*, vinte minutos. Se meu pai chegar, corre e me chama.

— Ok.

Busquei Phillipi com os olhos. Ele segurava um balão no ouvido. Quando seus olhos encontraram os meus, ele disse:

— Acho que esse *tá* vazando.

Sorri abertamente.

— Vem aqui. — Chamei-o com a mão e olhei para Emílio, Elis e Val, que se juntava a eles.

Ele largou o balão e veio até mim.

— O quê?

Não disse nada, segurei sua mão, o levei para meu quarto e assim que fechei a porta, eu ataquei seus lábios com os meus.

— Hmm... — Ele gemeu satisfeito quando minha língua encontrou a sua.

Phillipi me abraçou. Suas mãos em minhas costas, as minhas em seus cabelos e no instante seguinte ele estava me pressionando contra a parede, consciente de que aquele não seria um beijo qualquer. Não, não era. Era quente, bruto, desesperado. Parecia que um queria engolir a alma do outro. Nossas respirações quentes e pesadas se misturavam. Agarrei firme seu cabelo, ele me pressionou contra a parede, seu corpo colou no meu e quando eu senti sua ereção roçando na minha, gemi satisfeito. Pressionei mais seus lábios contra os meus e elevei o quadril para aumentar a fricção. Quando ele gemeu, sufoquei de desejo. Livrei minha boca da sua e busquei o ar como se estivesse imerso. Imerso nos lábios de Phillipi.

— Ah... — Meus lábios estavam doloridos.

Phillipi começou a beijar meu pescoço. Elevei a cabeça, expondo minha pele, louco para sentir seus lábios umedecendo cada canto do meu corpo.

— Lipe...

— Ju.

Ele atacou meus lábios e sugou minha língua.

— Hm! — Foi a minha vez de reverberar meu desejo. Empurrei Phillipi. Era também a minha vez de pressioná-lo contra a parede. Ele sorriu maliciosamente e seus olhos escureceram antes dos meus lábios encontrarem os seus novamente.

Meu pau pulsou.

Phillipi era quente, mas ainda muito imaturo na arte do amasso e eu

queria mais que boca contra boca. Então segurei seus pulsos e os pressionei contra a parede, acima da sua cabeça. Encaixei uma perna entre as suas e enquanto nossas línguas batalhavam, eu roçava minha ereção na sua. Phillipi arfava e gemia contra meus lábios.

— Você é quente, Lipe — sussurrei em seu ouvido quando comecei a devorar seu pescoço, lambendo e mordiscando sua pele. Ele se contorcia. — Levante a cabeça.

— Sim... — Sua respiração completamente descontrolada e quando ele tombou a cabeça contra a parede, passei a língua desde a base do seu pescoço, passando pelo pomo de Adão até chegar ao queixo.

Ele engoliu em seco. Suas pernas tremeram. Ele estava com muito tesão, e minha excitação elevou-se ao nível máximo, crescendo mais alguns centímetros a ponto de ficar dolorosa. Soltei seus braços.

— Pega na minha bunda, Phillipi — ordenei, já meio inconsciente de tudo à minha volta, desesperado para me livrar daquelas bermudas.

Esperava que Phillipi apenas me apalpasse por cima daquele tecido grosso, mas fui surpreendido pelo calor das suas mãos quando ele levantou minha blusa e enfiou-as dentro da minha cueca, me puxando contra seu corpo.

— Argh! — vociferei quando ele apertou as duas nádegas, as espalhando. Quase perdi o equilíbrio.

Apoiei uma mão ao lado da sua cabeça, a outra se embrenhou nos seus cabelos, e quando nosso beijo se tornou calorosamente carnal, comecei a rebolar de encontro ao seu corpo. Quando encontrei o ponto e o movimento perfeito para massagear meu pau da maneira que eu precisava, não consegui mais parar.

— Merda Ju. — Ele tombou a cabeça na parede. — Isso é bom.

Ele apertava minha bunda, me instigando, arfando e gemendo. Ele também tinha encontrado o ponto e o movimento perfeito.

Cristo, estávamos fodendo, vestidos! Aquilo era tão inapropriado, mas deliciosamente quente e gostoso. Ele estava tão duro e grande e eu a ponto de explodir dentro da cueca.

Apoiei a testa na curva do seu pescoço. Eu gemia, ele gemia. Ele apertava minha bunda e eu rebojava contra ele.

Meu corpo inteiro começou a aquecer de uma forma desmedida. O suor escorria pela minha testa. O pescoço do Lipe estava molhado. Lambi seu suor e suguei o lóbulo de sua orelha. Foi o ápice para ele.

— Oh! — Ele apertou minha bunda com muita força, seu corpo tremeu.
— Hmm...

Sua respiração estava entrecortada e quando levantei a cabeça para beijá-lo, ele tinha os olhos exprimidos e a boca entreaberta. Foi o meu ápice ver Phillipi gozando apenas com um amasso. Meu saco se encolheu.

— Oh porra... — Afastei-me dele. Enfiei a mão na bermuda e agarrei meu pau. — Oh foda... — Virei-me contra a porta e lá mesmo, bati uma punheta rápida e gozei alucinadamente. — Foda, foda... — gemia e arfava enquanto cada gota era despejada do meu corpo.

E com as pernas trêmulas, apoiei a testa contra a porta, com o pau na mão e a mão melada de porra, tentava recuperar o fôlego e as forças.

Ficamos em um silêncio constrangedor alguns segundos até Phillipi falar:

— Não acredito que você gozou na sua porta.

Uma risada fraca escapou da minha boca. Espremi meu pau antes de guardá-lo mole dentro da cueca.

— Não acredito que você gozou nas calças. — Virei-me para ele. Ele estava vermelho, lábios inchados e todo descabelado. — Nossa! Você tá engraçado.

Ele estreitou seus olhos.

— E você parece que voltou da guerra.

— Guerra de rola. — Tentava diminuir o constrangimento que pairava entre nós.

Ele riu.

— A gente precisa limpar essa bagunça. — Ele disse, olhando em volta, buscando algo para limpar a porta.

— Espera... — Abri uma fresta da porta. Não tinha ninguém no corredor e todos pareciam ainda estar entretidos na sala. — Fica aqui. — Fui direto para o banheiro, lavei as mãos, joguei uma água no rosto para me refrescar, passei os dedos para arrumar o cabelo e voltei para o quarto com papel higiênico nas mãos.

— Vou me limpar... — Ele já estava saindo do quarto quando o segurei pelo braço. Seus olhos se fixaram nos meus.

Sorri, feliz e satisfeito.

— Foi... divertido.

Ele sorriu também.

— Sim. Foi. — Ele selou meus lábios e foi para o banheiro.

Enquanto ele se lavava, eu limpei minha porta. Quando estávamos descendo os degraus para voltar para a sala, ele me parou.

— Eu te pedi paciência, mas isso que aconteceu hoje foi bom. — Ele abriu bem os olhos para falar.

Seus olhos azuis eram lindos.

— Sim, foi quente, não foi?

Ele ficou sério.

— Hmrrum, e eu quero mais, Ju. Sei que seu aniversário é mês que vem, então eu já sei o que vou te dar de presente. É uma promessa.

Put a merda!

Senti o ar escapando dos pulmões.

Ele selou meus lábios e foi para a sala. Eu continuei ali, perdido em suas palavras, tentando não pensar no Caio, mas foi impossível. Não era sobre transar com Phillipi, não era medo e muito menos comparações. Era a porra da promessa.

Acordei no dia do meu aniversário de dezessete anos com o toque insistente do meu celular, bem embaixo do meu travesseiro. Enfiei a mão por baixo para desligar, achando que era o despertador, mas quando vi a imagem do Caio brilhando na tela, um sorriso se espalhou em meu rosto e eu, preguiçosamente, atendi a ligação.

— Oi... — Minha voz saiu embargada de sono.

— Feliz aniversário!

— Hmm... — Virei-me de bruços, pressionando contra o colchão os efeitos que sua voz causou no meu pau duro pela ereção matinal.

— Está dormindo?

— Não mais.

Ele riu, me fazendo fechar os olhos. Não de sono.

— Não queria te acordar...

— Já está na minha hora. — Olhei para a tela do celular, conferindo as horas. — Na verdade eu iria me levantar em quinze minutos, mas ouvir sua voz é melhor que dormir.

— Sério?

— Sim... melhor ainda é quando eu durmo ouvindo sua voz, ou sua respiração.

— Você sempre me provocando.

Respirei fundo, meu coração acelerou e o sorriso em meu rosto se transformou em saudade.

— Sinto sua falta.

Caio andava bem ocupado nas últimas semanas com tudo o que se exige a um aspirante a aviador da Aeronáutica. Ele me disse certa vez, numa das inúmeras vezes que o cobre para estar mais presente: “este momento da minha vida é cheio de desafios e abnegação, Ju. Procure entender minha ausência”. Pesquisei no Google o significado da palavra abnegação e depois disso parei de atormentá-lo. Eu não exigia vê-lo e o via muito pouco, bem menos do que eu gostaria na verdade.

— Eu também sinto sua falta, garoto estrela, e esta é uma razão pela qual estou ligando agora. Eu quero te ver hoje.

E apesar da felicidade martelando forte em meu peito, um sorriso tímido apareceu em meus lábios, pois eu me lembrava muito bem da sua promessa, e eu queria aquilo como um inferno, que queimava meu corpo cada vez que eu me lembrava das suas palavras: “Quando você fizer dezessete anos...” Bem, eu tinha completado dezessete anos.

— Você vai cumprir sua promessa? — Eu tinha esperanças.

— Sim... — Sua voz soou rouca. — Se você quiser.

Suspirei aliviado. Enfiei a mão entre as pernas e apertei meu pau por cima da cueca. Meu quadril subiu e desceu. Reprimi um gemido.

— Eu quero Caio. — Enfiei a mão dentro da cueca e assim que senti o calor da minha mão em minha carne sensível e esticada, o prazer me invadiu. — Foda... — Soltei sem querer.

— Você tem certeza sobre isso? Sobre eu ser o seu primeiro... — Podia ouvir sua respiração pesada.

— Sempre foi você Caio. — Minha voz ficou rouca, mas não era pelo

sono.

Fechei os dedos envolta do meu pau e comecei a rebolar, fodendo minha própria mão. Meu quadril subia e descia, minha respiração ficou ofegante. Estava impossível reprimir o tesão que me envolvia naquele momento, imaginando Caio do outro lado da linha e tudo o que aconteceria logo mais à noite. Finalmente.

— Hmm... — *gemi alto. Afundei o rosto no travesseiro e apertei o celular no ouvido.*

— *O que foi isso?*

— *Caio... Aumentei a intensidade dos movimentos.*

— *Você está se masturbando?*

— *Sim... oh! Minha respiração vacilava, meu peito subia e descia e eu não conseguia raciocinar muito bem.*

— *Merda Ju! Não são nem seis horas da manhã...*

— *Ah! Caio! Rolei na cama, deitando-me de costas e dobrei os joelhos. Vai me dizer que nunca fez isso?*

— *Morar num quartel reprime qualquer tesão de certa forma, então não, nunca tão cedo. Mas me diga... você está nu?*

Não era como se nós nunca tivéssemos feito sexo pelo telefone. Caio sempre me incentivava quando nos falávamos tarde da noite, quando eu estava sozinho em casa. E eu sempre estava sozinho. E sempre ligava para ele. E ele sempre que podia, conversava comigo por horas. Numas dessas vezes, palavras pervertidas rolaram pela conversa, meu pau endureceu e foi então que tudo começou.

— *De cueca... respondi.*

— *Então tire.*

— Ok! — Larguei o celular no colchão, tirei a cueca e a joguei no chão. Meu pau apontou para o teto, eu o envolvi entre os dedos. Peguei o celular novamente e o levei a orelha. — Pronto.

— Quão duro você está?

— Muito duro, Caio! — Um calor correu por todo meu corpo. Tombei a cabeça para trás enquanto me tocava.

Ouvia a respiração de Caio do outro lado da linha.

— Quero ouvir você gozando, Ju. — Sua voz era baixa, rouca, macia. Podia jurar que ele também estava se masturbando, mas não quis perguntar. — Fale meu nome quando isso acontecer.

— Ok... — Minhas bolas formigaram com seu comentário. Eu gemia e me tocava, e quando um arrepio correu pela base da minha espinha e se espalhou pelo meu corpo, eu sabia que estava chegando. — Hmm...

— Está chegando? — A voz dele estava sensual ao extremo. Era como se ele estivesse bem ao meu lado.

— Sim.... sim... — Meu abdômen contraiu. Levantei a cabeça para me ver jorrando. — Oh! CAIO...— Meu corpo convulsionou e jatos de esperma foram derramados em minha barriga. Minha respiração vacilava, e quando tudo foi expelido, minha cabeça caiu no colchão.

— Você gozou, Ju?

Levei segundos para responder, pois estava sem fôlego.

— Sim.

— Bom... agora vá tomar seu banho e se prepare que á noite você vai ter muito mais que uma foda por telefone.

— Estou ansioso por isso...

— Eu te amo, garoto estrela. E parabéns.

— *Eu também te amo. Tchau!*

Encerrei a ligação e encarei o teto do quarto. Não conseguia parar de sorrir.



Eu e Caio combinamos de jantarmos juntos, ele já tinha conversado com meu pai e ele não se opôs. Eu iria dormir na casa dele, algo que fazia cada vez mais, com menos frequência.

Eu e meu pai almoçaríamos juntos. Era sexta feira e eu tinha treino de vôlei à tarde.

Levantei-me, catei minha cueca no chão, limpei minha barriga e abri uma fresta da porta do meu quarto para constatar que meu pai ainda estava dormindo. Atravessei o corredor correndo e enfiei-me no chuveiro.

Já de uniforme, desci as escadas para comer qualquer coisa antes da condução escolar chegar e me deparei com uma caixa grande e retangular embrulhada num papel de presente em cima da mesa da cozinha. Nela tinha um papel colado com fita adesiva:

Feliz Aniversário! Te pego na hora do almoço. Papai!

Rasguei o papel e meu queixo caiu quando vi um notebook, última geração. Soltei uma lufada de ar, surpreso e incrédulo pelo presentão que havia ganhado e logo do meu pai. Peguei a caixa e levei para meu quarto, pois não teria tempo, naquele momento, de abrir a caixa. Escrevi no verso do papel:

Obrigado pai! Adorei!

Colei na porta do meu quarto e não tive tempo de fazer mais nada, pois ouvi a condução buzinando do lado de fora, já que naquela época, eu não ia para o ponto de ônibus. Peguei minha mochila, que eu tinha arrumado na noite anterior, com meu uniforme do treino e uma camisa preta com gola em V para a hora do almoço com meu pai e o jantar com o Caio. Uma cueca

extra, perfume, toalha e minha mochila parecia um chumbo. Tinha calçado um tênis mais novo também. Queria estar bem apresentado quando Caio fosse me buscar. Queria que ele me admirasse.



A hora do almoço foi estranha, mas nada de surpreendente. Eu e meu pai não tínhamos assunto em comum. Estávamos distantes, frios, quietos. Ele me levou para o shopping, pois meu tempo era curto e precisaríamos comer num self service. Conversamos praticamente sobre meu novo notebook, sobre o processador, memória, disco rígido, as polegadas da tela e eu mal conseguia olhar em seus olhos. Éramos como dois estranhos pisando num campo minado. Na hora de se relacionar um com o outro, era como se a qualquer momento a tensão que havia entre nós fosse romper e desencadear uma guerra. E eu não aguentava mais viver aquela guerra, pois sempre perdia. Não havia afinidades. Tudo o que nos ligava havia morrido. E eu sentia a todo instante que ele se obrigava a me amar.

Fim do almoço ele me levou de volta para a escola.

— Você vai dormir no Caio hoje, certo? — Ele perguntou assim que parou em frente à entrada do ginásio.

Paralisei.

— Sim. — Meu coração disparou no peito. Temia indiscriminadamente que meu pai descobrisse o que havia entre mim e o Caio.

— Ele me disse que ia te levar numa balada. — Meu pai riu.

— Acho que sim. — Queria desesperadamente descer daquele carro. Eu não sabia mentir.

— Sei que o Caio é muito responsável, mesmo assim é meu dever de pai falar... — Ele tamborilou os dedos no volante. — Não beba nada do copo de estranhos ok?

— Ok.

— E bem... você é bem crescidinho, então... — Meu pai limpou a garganta. — Use camisinha... você sabe, caso...

— Eu sei pai. — Senti meu rosto esquentando.

— Muito bem. Feliz aniversário filho.

— Obrigado. — Abracei meu pai e desci do carro.

Segui para o treino imaginando se Caio usaria camisinha comigo e minha bunda apertou com a ideia de tê-lo dentro de mim.



Assim que o treino terminou, quis correr para o vestiário, mas o técnico me chamou. Ele esperou todos saírem da quadra para falar comigo e eu já estava impaciente, respiração curta e coração acelerado, mas não era por causa das cinquenta voltas que demos correndo em volta da quadra no fim do treino. Era ansiedade pura.

— O que está acontecendo com você? — perguntou o técnico, um cara magro, alto “pra caralho”, barba rala e cabeça raspada.

Não era de forma dura que ele falava comigo, pelo contrário, eu senti que ele realmente se importava.

— Nada! — Dei de ombros. Passei o dedão na testa limpando o suor que escorria para meus olhos.

— Seu rendimento está caindo. No início do ano eu vi em você um atleta em potencial, mas hoje, por exemplo, senti que você estava sem foco e disperso. — Ele colocou a mão em meu ombro. — Está tudo bem com você? Saiba que pode contar comigo...

Seus olhos me analisavam. Ele sabia de tudo. Era óbvio. Todos na escola sabiam: diretora, coordenador, supervisora, professores. E tudo, significava saber sobre minha irmã e minha mãe. Engoli em seco. Desviei meus olhos dos seus. Aquele era um assunto difícil e a simples menção dele fazia minhas

emoções virem à tona.

— Hoje é meu aniversário — disse com a voz fraca.

O técnico era inteligente o suficiente para entender o que significava para mim aquela data sem minha mãe e minha irmã ao meu lado.

Mas desde que Caio tinha voltado, eu evitava sobremaneira pensar nelas duas. Ele preenchia os espaços vazios em minha vida de certa forma. Eu só tinha ele. Ele era a corda que eu me segurava para não cair no precipício. Então não era sobre elas minha dispersão na hora do treino, era sobre ele.

Não precisei dar mais explicações.

Senti a mão do técnico pressionando meu ombro quando uma linha fina se formou em meus lábios. Ele me puxou para um abraço.

— Parabéns!

— Valeu — suspirei aliviado por ele não insistir na conversa. Eu queria tomar banho.

— Posso contar para o resto do time? — Ele me soltou e me segurou pelos braços.

— Eu prefiro não... — Fiz uma careta de desgosto.

— Tudo bem. Vai lá, vai.

— Obrigado técnico! — Saí correndo em direção ao vestiário.

Tomei banho, me vesti, me perfumei e quando saí da escola com minha mochila chumbo nas costas, Caio estava me esperando do lado de fora do seu carro, calça jeans e camisa branca e justa em seu torso definido. Ele estava recostado no capô, pernas cruzadas na altura dos tornozelos e cabeça baixa, olhando seu celular entre as mãos. Aquele homem era lindo e eu o admirava de todas as formas. Paralisei totalmente quando o vi, perdi o ar, minha barriga congelou, minha bunda apertou e meu pau deu um salto. A expectativa de tudo o que eu iria viver naquela noite estava fazendo minha

mente dar voltas.

— Droga! — praguejei. O nervosismo bateu tão forte que eu precisei me recompor.

Virei-me de costas, respirei fundo, passei a mão nos meus cabelos molhados e virei-me para ele novamente. Era o meu momento, ele havia chegado!

— Caio! — Meu coração queria voar pela boca.

Os olhos do Caio procuraram por mim, e quando me encontraram, do outro lado da rua, o sorriso que abriu em seus lábios me fez perder o ar. Eu atravessei a rua correndo enquanto ele guardava seu celular no bolso e quando parei na sua frente, ele me abraçou.

*— Ju! — Não um abraço qualquer, mas um abraço cheio de promessas.
— Feliz aniversário.*

Seu rosto afundou na curva do meu pescoço e seus braços me apertaram um pouco mais, quase me suspendendo no ar. Tive que ficar na ponta dos pés. Ele inalou profundamente meu perfume e depois, delicadamente, beijou minha bochecha. Meu coração palpitava freneticamente. Quando ele me soltou, segurou meu rosto entre as mãos. Minha respiração vacilou, pois pensei que ele me beijaria nos lábios ali mesmo, em frente à minha escola, mas então ele beijou carinhosamente minha testa enquanto minhas mãos estavam pousadas em sua cintura. Depois me olhou fixamente nos olhos e sorriu.

— Entre no carro. — Quando ele me soltou eu quase desabei no chão, pois estava mole com tanta demonstração de afeto.

— Ok. — Dei a volta no carro quase tropeçando nas pernas e olhando discretamente em volta. Por sorte não havia ninguém conhecido, pois eu estava excitado.

Assim que entrei no carro, Caio deu a partida e nós seguimos em silêncio por alguns poucos quilômetros.

— O que você prefere jantar? — Ele colocou a mão na minha coxa. —

Hoje você é quem manda.

— Ah, não sei! — Eu estava tão nervoso que não conseguia raciocinar.

— Prefere frutos do mar, massas ou comida japonesa?

Pensei por alguns instantes. Não estava com fome, pelo contrário, estava sentindo um pouco de náusea por causa da ansiedade. E enquanto meu corpo gritava de agitação, Caio parecia extremamente tranquilo e isso não estava ajudando. Toda a excitação de antes começou a se converter em insegurança.

— Acho que não estou com fome — disse baixo demais.

Caio suspirou.

— Então eu já sei pra onde vou te levar. — Ele olhou de soslaio para mim, passou os nós dos dedos na minha bochecha e voltou sua atenção ao trânsito que estava bem intenso devido ao horário.

Ele aumentou o volume do som e seguimos calados. Mais à frente ele pegou a via costeira e meus olhos se prenderam nos hotéis de luxo na beira da praia, à escuridão do mar e às estrelas no céu. A lua estava encoberta por nuvens e parecia que ia chover. Quando ele entrou numa estradinha de terra num campo aberto e sem construções, olhei imediatamente para ele.

— Aonde nós vamos? — perguntei pálido. Ele deu de ombros.

— Apenas conversar...

Oh merda! Será que foi alguma coisa que eu fiz de errado? Minhas mãos começaram a tremer.

Caio parou o carro de frente para a imensidão escura. Era um morro alto e o mar se agitava lá embaixo. Ele baixou os vidros e desligou o motor. A noite nos envolveu como um véu. Era até perigoso ficar ali sozinhos, mas quando a brisa do mar invadiu o carro e o barulho das ondas arrebatando na areia preencheu meus ouvidos, eu viajei no momento e abstraí-me do mundo lá fora. Ficamos segundos olhando o mar.

— É bonito, não é? — Ele disse, roubando minha atenção.

— Sim, é lindo. — Não conseguia olhar em seus olhos. — Apesar da escuridão.

— Eu quero te dar um presente. — Caio abriu o porta luvas e pegou uma embalagem azul, brilhosa e molenga. — Mande fazer pra você. — Ele entregou a mim.

Sorri.

— Obrigado. — Abri a embalagem. Era uma camisa amarela de algodão. Na parte da frente tinha um enorme desenho em preto, tipo uns rabiscos feito à mão, onde um garoto estava numa janela, esticando-se para pegar a única estrela no céu.

— Que lindo! — Pousei a camisa sobre minhas coxas e passei a mão por cima. — Sou eu, na imagem? — Olhei para ele e depois voltei para o desenho.

— A estrela sim. O garoto sou eu.

Meus lábios se separaram. Meu coração falhou. Era ele tentando me alcançar. Meus olhos umedeceram. Engoli em seco.

— Olhe atrás. — Sua voz estava rouca. Ele apoiou o braço no encosto do meu assento e acariciou minha nuca.

Virei a camisa. Tinha uma pequena poesia escrita bem no meio das costas.

Antes do sol nascer

É você que eu vejo

Quando o sol está se pondo

É em você que eu penso

De todas as estrelas no céu

Você é a única que eu almejo

(C.P.)

— Caio... — Olhei em seus olhos azuis e estavam transbordando emoção.
— Você que escreveu? — Minha pulsação acelerou.

— Sim. É como eu me sinto em relação a você. É boba, mas é sincera.

— Não é boba. — Eu o abracei. — É linda. E diz tanto... é uma referência à estrela D'alva, certo? — Meu sorriso não cabia em meu rosto.

— Sim, exatamente isso. E ao que eu sinto por você, obviamente.

Caio sempre me surpreendendo! Por essas e outras que eu o amava.

— Nunca, ninguém, fez algo assim por mim — suspirei. — Obrigado. — Eu o abracei novamente.

— Gostou?

— Sim, claro que sim. — Tinha amado mais que o presente do meu pai.

De repente todo o medo e insegurança que eu estava ostentando em minha cabeça, desapareceram como a espuma das ondas na beira da praia. Senti-me um felizardo por ter um homem tão incrível e lindo ao meu lado e por tanto tempo.

— Sabe Ju? — Caio segurou minha mão entre as suas. Ele ficou sério quando olhou diretamente em meus olhos. — Meu coração parou de me pertencer no dia que eu te vi pela primeira vez. Naquela época eu era só um adolescente confuso, descobrindo que era diferente dos garotos da minha idade. Mas por alguma razão, eu comecei a te amar. Eu pensava em você o tempo todo, sentia sua falta, sendo que nós só tomamos um sorvete juntos e nada mais e você era só um garotinho de oito anos. — Ele suspirou e soltou minha mão. Eu estava petrificado com suas palavras. Ele virou-se para frente e encarou a escuridão. — Não sei ao certo quando este amor mudou

dentro de mim.

Meu coração pulou uma batida.

— Mudou? — disse num sussurro rouco, pois não sabia aonde ele queria chegar.

— Sim, mudou. — Ele olhou para mim. — Quando você cresceu e seu corpo começou a mudar, eu não só te amava, como te desejava. E você ainda era só um garotinho. Deus! — Ele passou as mãos no rosto.

— Caio... — Um caroço se formou na minha garganta.

— Ju... — Ele segurou meu rosto abruptamente. Nossos rostos ficaram muito próximos. — Por que eu não consigo deixar de te amar e de te desejar? — Ele parecia atordoado. — Eu temo tanto por estar te fazendo mal. Por favor, se eu estiver, você tem que me falar.

Como ele poderia me fazer algum mal? Se tudo de bom que eu tinha na vida era exatamente ele?

— Você não está. — Uma lágrima rolou pelo meu rosto.

Seus olhos viajaram dos meus olhos para minha boca. Ele então esmagou seus lábios nos meus de forma dura e sua língua invadiu minha boca. Quando minha língua colidiu com a sua, um gemido aranhou sua garganta. Começamos um beijo desesperado, da parte dele, eu apenas me deixei levar. Meu corpo inteiro reagiu e se por ventura ele quisesse, eu teria me entregado a ele ali mesmo, dentro do carro. Quando ele se livrou dos meus lábios, encostou a testa na minha. Seus olhos estavam fechados.

— Foda! — Seus dedos roçavam em meus cabelos. — Eu não resisto a você, garoto estrela.

Nossas respirações pesadas se misturavam.

— Caio, me leve pra sua casa. — Estava determinado e não tinha criatura no mundo que me fizesse parar. Eu seria dele.

Seus olhos se abriram.

— Ok. — Ele ligou o carro e nós partimos.



Assim que chegamos em seu apartamento, que me era tão familiar, eu senti que algo estava diferente. Larguei minha mochila no chã da sala, Caio acendeu as luzes e largou suas chaves, carteira e celular em cima da mesa. Ele caminhou para o meio da sala, eu continuei parado ao lado da porta.

— Quer beber alguma coisa? — Caio olhou em todas as direções antes de olhar para mim. Neguei com a cabeça. — Quer que eu prepare alguma coisa pra você comer? — Ele esfregou a mão no seu jeans sobre seu pau, que estava quase rasgando a calça. — Se preferir eu peço pizza.

Foi então que eu entendi o que estava diferente: Caio estava nervoso.

— Não quero nada. — Meus olhos fixaram-se na sua ereção e meu pau se sentiu invejoso, pois logo estava tão grande e duro quanto o dele. Quando voltei minha atenção para Caio, ele estava me olhando. — Apenas você!

A tensão sexual flutuava de mim para ele e voltava para mim e quando o silêncio nos abraçou, apenas nossas respirações pesadas puderam ser ouvidas naquele pequeno ambiente preenchido pela luxúria.

— Ok. Sente-se aqui, Ju. — Caio mandou, dando a volta no sofá.

Eu não tinha palavras, não sabia nem como deveria me comportar. Então apenas fiz o que ele mandou e me sentei ao seu lado. Caio virou-se para mim e espalmou sua mão em minha bochecha.

— Você sabe o que acontece agora, não sabe? — Sua pupila estava dilatada.

— Sim, eu sei. — Comecei a ofegar.

— Tem alguma pergunta que você queira me fazer?

Eu tinha tantas dúvidas sobre tantas coisas! Eu tinha sonhado com aquele momento por tantas vezes e de todas as cenas que eu tinha criado e imaginado, sentar-me no sofá com o Caio e lhe fazer perguntas não era algo que tinha passado pela minha cabeça.

— Talvez eu tenha, mas eu não consigo pensar em nada agora. — O calor da sua mão irradiava ondas de tesão por todo meu corpo. Eu queria lhe beijar, chupar, arrancar suas roupas, sentir suas mãos em mim e seu pau me preenchendo, sua boca no meu pau... Deus! Eu estava ficando tonto de tão excitado. Acho até que já tinha melado minha cueca. — Dói? — Foi a única coisa que me veio à mente.

Caio sorriu, tombando sua cabeça para baixo, talvez disfarçando seu sorriso, para não me constranger. Ele suspirou. Depois chegou um pouco mais perto. Sua mão foi para minha nuca e fez uma leve pressão. Seu sorriso sumiu e ele me encarou.

— Vai doer um pouco sim, mas antes eu preciso te preparar para que essa dor seja prazerosa e suportável. Vamos fazer tudo no seu ritmo.

Minha boca ficou seca. Balancei a cabeça em afirmação. Ele colocou uma mão na minha cintura e me puxou para mais perto.

— Eu quero você, Ju. — Ele beijou minha bochecha. — Muito... — Seu nariz roçou minha orelha.

Um arrepio percorreu minha espinha.

— Caio... — Fechei os olhos.

— Sim? — Ele sussurrou. Sua língua deixou um rastro úmido na base do meu pescoço até o lóbulo da minha orelha, que ele sugou para dentro da sua boca.

Eu me contorcia de prazer com suas carícias. Sua mão apertava minha cintura enquanto a outra entrou em meus cabelos e puxou para trás. Meus lábios se separaram quando ficamos face a face.

— Eu também te quero.

Nossas bocas se conectaram. Caio me empurrou contra o sofá e foi aos poucos subindo em cima de mim. Agarrei sua cabeça e quando estávamos deitados, ele separou minhas pernas com as suas e nossos paus duros se encontraram por sob nossas calças.

— Hmm... — Um gemido arranhou minha garganta.

Ele então apoiou uma mão no encosto do sofá, a outra ao lado da minha cabeça e pairou sobre mim, olhando-me diretamente nos olhos.

— Sente isso? — Ele esfregou seu pau no meu.

Caio estava tão duro, porra! Eu queria sentir aquilo.

— S...sim... — Minha voz falhou quando ele se esfregou em mim novamente.

— Isso é só um prelúdio, Ju. — Ele selou meus lábios e se levantou. Meu corpo quente sentiu o impacto gelado da sua ausência. Mas antes que eu perguntasse aonde ele iria, Caio estendeu a mão para mim. — Venha... sua primeira vez não vai ser num sofá, garoto estrela. Eu quero você na minha cama.

Meu coração disparou, o momento havia chegado, eu e Caio finalmente nos uniríamos. Segurei sua mão, ele pegou seu celular e me conduziu pelo corredor. Quando entramos em seu quarto, um cheiro agradável e acolhedor invadiu minhas narinas. O quarto estava impecavelmente limpo, cortinas novas de cor creme estavam entreabertas deixando entrar a brisa do litoral e uma colcha azul marinho cobria a cama. Tinha algumas velas em cima da cômoda que Caio se apressou em acender. Eram aromáticas. Ele colocou uma música baixa e romântica no celular, depois chegou até mim e me abraçou, uma mão nas costas, outra na nuca. Coloquei minhas mãos em seus ombros. Seu nariz passeou pelo meu pescoço e meus pelos se arrepiaram. Separei meus lábios e comecei a arfar. Meu pau duro pulsava na mesma batida do meu coração.

— O amor verdadeiro consiste em dar e não em tomar. — Ele beijou meu pescoço. — Hoje eu vou te dar prazer, Ju. Amor e prazer. — Suas mãos seguraram a bainha da minha camisa. — Não vou tomar sua virgindade, isso vai ser apenas a consequência. — Sua voz era tão rouca e sensual que reverberava em todo meu corpo. Ele subiu minha camisa e eu levantei os braços. Caio tirou e a jogou de lado.

Ele tinha um brilho carnal em seus olhos. Sua respiração estava pesada. Ele então colocou as mãos em meus ombros e desceu delicadamente pelos meus braços até chegar em minhas mãos. Meu peito subia e descia de excitação.

— Vem... — Ele me puxou pelas mãos e me conduziu à sua cama. Ele mandou eu me deitar e eu obedeci.

Eu estava tomado de paixão naquele momento. Meu corpo inteiro vibrava desejo e vontade. Minhas mãos suavam e tremiam. E eu estava mudo, mas, o que falar numa hora dessas? Eu não sabia e mesmo que soubesse, meu nervosismo não permitia que eu abrisse a boca. Eu só sabia respirar e sentir todo momento mágico que estava vivendo. Eu e Caio.

Ele tirou meus tênis, depois as meias e quando suas mãos foram para o botão da minha calça, eu apertei a colcha para conter a vontade de gemer. Respirar estava sendo uma missão impossível e Caio estava disposto a me matar de excitação, pois seus movimentos eram lentos e precisos. Ele abriu o botão, baixou o zíper e quando seus dedos passearam entre o elástico da minha cueca e minha pele febril, meu pau chorou.

— Hmm.

Seus olhos alcançaram os meus.

— Tá ansioso, garoto estrela? — Ele tinha um sorriso presunçoso nos lábios. Balancei a cabeça em afirmação. — Vou aliviar sua tensão então, assim você vai aproveitar melhor o momento. — Ele puxou minha calça, juntamente com a cueca e quando chegou na metade da minha pélvis, apenas meus pelos de fora, Caio olhou para mim e eu entendi seu olhar, então elevei o quadril e ele terminou de puxar a calça fora, me deixando completamente

nu. Elevei a cabeça para ter uma visão de mim mesmo. Meu pau apontava diretamente para minha cara.

— Porra! — Minha cabeça caiu no travesseiro. Meu pau estava duro como uma barra de aço. Minha glândula estava tão esticada que reluzia, e pela fenda, uma gotinha de pré-goio minava.

— Você é lindo, Juliano.

Quando olhei para Caio, ele estava sem camisa. Apreciei seu corpo. Ele era forte e definido, mas não de uma maneira exagerada. Era na medida certa. Ele era da minha medida. Perfeito para mim.

— Eu sou magro... — disse envergonhado por estar nu e ele ainda vestido.

— Não... — Ele abriu o botão e o zíper da sua calça. — Você não é magro, você tem os músculos do tamanho certo pra ser um tesão de garoto. — Ele tirou sua calça e ficou de cueca boxer branca, que marcava perfeitamente o eixo da sua excitação. Tinha um pingo molhado bem na altura da glândula. Meus olhos ficaram presos ali e quando ele se massageou, meu pau deu um salto.

— Foda Caio... — Apertei a base do meu pau. Estava bem perto do meu limite.

— Eu sei. — Ele pôs um joelho na cama e pairou sobre mim, apoiando suas mãos bem ao lado da minha cabeça. — Eu vou te aliviar antes... — Seus lábios afundaram nos meus e sua língua invadiu minha boca.

Meu corpo inteiro reagiu e um gemido de satisfação arranhou minha garganta quando nossas línguas se tocaram e nossas salivas se misturaram, mas quando Caio deitou-se sobre mim, eu tremi da cabeça aos pés e a temperatura do meu corpo subiu consideravelmente. Abracei suas costas, sentindo seus músculos tensionados em minhas mãos. Quando seu pau vestido encontrou o meu nu, o beijo apaixonado se tornou ardente como um inferno e foi a vez do Caio gemer entre meus lábios.

Ele separou minhas pernas com as suas como havia feito no sofá e começou a moer seu pau no meu. Uma mão em minha cabeça, acariciando meus cabelos e a outra descia pela minha lateral, alisando meu corpo. Eu estava em transe, imaginando como ele faria para me aliviar. Caio então livrou seus lábios dos meus e começou a devorar meu pescoço. Sua respiração quente aquecia minha pele e arrepiava meus pelos. Seus lábios desceram pelo meu corpo, lambendo, beijando e sugando.

— Tão doce... — Ele me provava.

Sim Caio, prove-me, por favor! Eu estava quase inconsciente tamanha era a satisfação de ter os lábios do Caio passeando pelo meu corpo. Meu pau pressionado contra a pele quente do seu abdômen e deixando um rastro úmido em seu corpo a cada vez que ele descia e me massageava com seu corpo. Eu arfava e gemia e afundava meus dedos nos músculos das suas costas. Meus olhos fechados e quando meu pau foi envolvido por um calor úmido, eu sucumbi.

— Caio! — Levantei a cabeça e Caio estava com meu pau em sua boca. — Oh merda! — Minha cabeça tombou no travesseiro. Caio estava me chupando.

Ele enfiou meu pau até o fundo da sua garganta e depois voltou sobre meu cumprimento até a cabeça, que ele rodeou com a língua. — Aah! — Eu estava amando aquilo. Eram os lábios do Caio em meu pau, sua língua, sua saliva...

— Gosta? — Seus dedos me envolveram e trabalharam ali, sua respiração pesada e quente na minha glândula me fez estremecer.

— Oh! Sim! — Um arrepio percorreu a base da minha coluna.

— Goza na minha boca, garoto estela. — Ele me engoliu novamente.

Foi o ápice para mim. Meu saco encolheu, meu abdômen contraiu e eu jorrei.

— Caaaio... — gritei. Meu corpo tremendo de prazer, minha respiração

vacilante e de repente eu não sabia mais quem eu era, tinha me perdido nos lábios de Caio.

Quando as convulsões cessaram e meu corpo parecia ter afundado no colchão, Caio pairou sobre mim e antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, seus lábios alcançaram os meus e eu pude sentir meu próprio sabor em minha língua. — Hm — gemi, sem saber se tinha ou não gostado daquilo.

— Está menos ansioso agora? — Ele perguntou quando se livrou dos meus lábios. Seu sorriso e olhar eram igualmente safados.

Sorri gloriosamente, afinal, tinha acabado de gozar na boca do Caio.

— Sim.

— Ótimo! — Ele selou meus lábios. — Vou ao banheiro, não saia daí. — Ele se levantou e eu segurei meu pau, avaliando-o, estava semiduro, mas isso não me fez menos satisfeito. — Ju... — Caio me chamou da porta do banheiro, soltei meu pau e olhei para ele. — Você ainda quer seguir adiante? — Seu olhar era apreensivo.

Oh! Que pergunta!

— Claro, Caio. Isso é tudo o que eu quero.

Quando um sorriso de alívio rasgou seu rosto, eu me senti tão... caralho! Incrivelmente amado e desejado.



Não demorou nem um minuto e quando Caio saiu do banheiro, estava com um tubo de lubrificante na mão e um pacote de camisinha. Jogou em cima da cama, tirou sua cueca e rapidamente deitou-se ao meu lado, sem me dar a chance de admirar seu pau, que eu tinha visto apenas uma única vez e que não era nada modesto, pelo contrário, era grande e lindo. Ele virou-se de lado e apoiou a cabeça na mão. Virei-me também e quando seus olhos azuis se fixaram nos meus eu me senti um garoto de sorte.

Caio era o tipo de homem que chamava atenção onde quer que ele passasse. Lindo, forte e seus olhos tinham uma cor incrível e eram tão intensos que me desmontavam toda vez que se voltavam para mim. O mundo podia dar voltas e voltas, mas ele estava ali, comigo, ele era meu naquele momento.

— Você perguntou se eu tinha alguma dúvida... — Minha voz saiu rouca e fraca. Minha respiração ficou irregular.

— Pergunte qualquer coisa. — Ele passou a mão no meu braço, parou na minha cintura e chegou mais perto, colando nossos corpos. Quando seu pau duro encontrou o meu meio mole, ele fechou os olhos. Em segundos meu pau cresceu dolorosamente e meu coração virou um tambor dentro do peito. Ele cheirou minha orelha e rebolou e eu viajei na sensação. — Ju?

— Hm? — Não conseguia mais pensar.

— Você tinha algo pra perguntar. — Ele afundou o rosto no meu pescoço e começou a lamber e beijar.

— Sim... — Revirei os olhos com aquelas carícias.

— Pergunte. — Ele olhou em meus olhos. Engoli em seco.

— Posso segurar seu pau?

Caio sorriu escancaradamente.

— Deve... — Então ele segurou meu pulso e levou exatamente lá. Apertei, sentindo sua textura rígida e macia em meus dedos e palma da mão. — Hmm... — Ele fechou os olhos.

Era o paraíso. Estávamos nus em sua cama, excitados e prestes a transar. Eu não queria estar em nenhum lugar no mundo senão na cama de Caio com ele ao meu lado.

Ele me puxou pela cintura e nossos lábios se colidiram e se devoraram. Bombeeí o pau do Caio, mas logo ele tirou minha mão. Não me senti ofendido, pois soube que, se continuasse, ele gozaria. E isso me fez querê-lo

ainda mais. Não era só eu que o desejava, ele também me queria. Seus gemidos e reações não negavam.

Nossos corpos e membros colaram-se. Caio beijava meu pescoço e ombro e eu devolvia as carícias da mesma forma e intensidade. Gemíamos e arfávamos. Estávamos quentes como brasa e logo começamos a suar. Sua mão desceu para minha bunda. Estremeci.

— Eu tenho que te preparar antes, garoto estrela. — Ele sussurrou em meio às carícias e beijos. Sua mão puxando minha bunda e pressionando nossos membros tesos. A fricção da pele esticada e sensível do meu pau em sua pele nua, estava me levando à loucura.

Já tinha visto alguns filmes e entendia o que ele queria dizer. Ele enfiaria seus dedos em mim e eu não podia mais esperar.

— Então faça — sussurrei. Deitei-me de bruços.

— Céus... — Ele soltou uma lufada de ar. — Não precisava se deitar de bruços. — Ele se colocou em cima de mim. Seu peito em minhas costas e seu pau roçando minha bunda. — Mas já que você está deitado assim. — Ele mordeu meu ombro. — Não vou perder a oportunidade.

Caio começou a beijar avidamente cada espaço de pele exposta do meu corpo. Eu arfava descontroladamente, e quando seus lábios passeavam pelo meu pescoço eu me contorcía sob ele. Seus dedos se entrelaçaram aos meus e eu me senti amado. Ele separou minhas pernas e encaixou seu pau na fenda da minha bunda e rebolou.

— Caio... — Empinei a bunda. Merda, como eu queria. Não sabia o que esperar, mas eu queria.

Ele desceu seus lábios pelo meio das minhas costas e quando chegou na minha bunda mordeu levemente uma banda. Mas quando ele separou as bandas, eu perdi o ar. Me senti exposto e vulnerável.

— Nossa! Que perfeição. — Ele me admirou por segundos antes de afundar a língua no meu buraco.

— Ahhh... — Meus olhos rolaram para cima. Era uma sensação diferente de tudo o que imaginara. Gostoso, relaxante e...molhado.

Caio brincou comigo, definitivamente, pois sua língua entrava e saía e extraía de mim gemidos incontrolláveis. Sentia seu dedo me alisando, fazendo uma leve pressão, mas nada além disso. Tive que enfiar a mão por baixo do corpo e apertar meu pau, pois eu estava muito perto outra vez.

— Vire-se. — Ele disse antes de se levantar. Quando me virei, ele ficou de quatro sobre mim, nossos rostos muito próximos. — Suas bochechas estão vermelhas. — Ele beijou minha boca. — Eu te amo.

Desmanchei-me.

— Eu também — sussurrei.

— Dobre os joelhos. — Obedeci e ele se sentou sobre os calcanhares entre minhas pernas. Seus olhos entre elas. Ele pegou o tubo de lubrificante, abriu e derramou sobre os dedos. Quando seus olhos encontraram os meus, comecei a arfar.

Caio colocou uma mão em meu joelho, abrindo minhas pernas e a outra mão melada, foi diretamente para meu ânus. Ele alisou minha fenda e quando a ponta do seu dedo encontrou minha entrada, ele olhou para mim.

Todos meus músculos estavam retesados, minha cabeça levantada acompanhado seus movimentos e sem que eu percebesse, não respirava.

— Respire, Ju.

— Ah! — Minha cabeça caiu no travesseiro.

— Respire e relaxe, ok? — Ele fez uma pressão. — É gostoso, você vai ver... — Ele foi introduzindo aos poucos e quando meu ânus sugou seu dedo para dentro de mim, minha bunda apertou.

— Ooh! — Sim! Aquilo não era bom, era incrível e deliciosamente prazeroso, apesar de levemente dolorido.

— Tão apertadinho! — Ele puxou o dedo e empurrou novamente. Minha cabeça começou a dar voltas. Ele repetiu os movimentos, me torturando. Seu dedo era habilidoso. Mas quando um segundo entrou junto, eu me perdi. Ardeu deliciosamente.

— Merda... — praguejei.

Meu pau pulsava e babava e Caio me torturava com seus dedos, me dilatando e me preparando para recebê-lo. Ele segurou minha perna e pôs meu pé em seu peito. Depois veio até mim e beijou suavemente meus lábios. Fiquei completamente exposto e com seus dedos enterrados em mim. Agarrei sua cabeça, pois queria manter o contato. Nosso beijo foi calmo e cheio de gemidos. Quando ele raspou minha próstata, eu pirei e meu corpo tremeu. Soltei seus lábios, pois precisava respirar.

Ele voltou a sentar-se sobre os calcanhares. Seus dedos saíram lentamente de mim e eu senti sua ausência. Caio pegou a camisinha, rasgou o pacote com o dente e se vestiu. Depois derramou lubrificante em cima de si. Então pôs a mão em meu joelho enquanto se masturbava e me observava.

Eu estava à beira de um colapso. Estava quase gozando com seu escrutínio sobre mim.

— Por favor... — Meu Deus, ele tinha que fazer, e logo.

Seus olhos encontraram os meus e eu entendi a seriedade do momento. Não tinha como voltarmos atrás. Mas eu também não queria.

Então ele chegou mais perto, apoiou uma mão na lateral do meu corpo e com a outra ele mirou meu ânus com seu pau. Seus olhos azuis vieram a mim pedindo permissão para ir além, eu autorizei. Quando sua glândula me pressionou, meu corpo se retesou e eu tranquei.

— Você precisa relaxar, Ju. — Sua respiração estava irregular.

— Ok... — murmurei.

Ele fez mais pressão, eu me enchi de coragem e me deixei levar. Mais

pressão e meus olhos saltaram da cara quando a glândula entrou. O grito ficou preso na garganta. Comecei a arfar.

— Deus, Ju. Como você é apertado! — Caio apoiou os cotovelos na cama, ao lado da minha cabeça. Seus olhos azuis celestes irradiavam luxúria e amor. Ele beijou meus lábios com delicadeza, depois os cantos da boca. Eu estava imóvel, sentindo sua pressão cada vez mais avançando dentro de mim.

— Caio... — choraminguei e meu pau começou a murchar. O ardor na minha bunda beirava o insuportável. Caio recuou um pouco. Minhas sobrancelhas se uniram. — Hmm...

— Só mais um pouco, garoto estrela. — Ele depositou beijos em meu rosto e depois em meus lábios.

Segurei sua cabeça com força e viajei no seu beijo quente e cheio de tesão e paixão. Seus dedos alisavam meus cabelos e seus gemidos reverberavam em minha boca. Ele então foi avançando lentamente. Tentei cessar o beijo, queria gritar, mas ele não deixou, segurando firme minha cabeça e me beijando enquanto ele avançava dentro de mim. Sua investida parecia que iria partir meu corpo em dois enquanto seus lábios pareciam que iam nos fundir em um só.

— Argh! — vociferei quando consegui finalmente me livrar dos seus lábios. — Não vou aguentar, Caio. — Agarrei-me em seu corpo e afundei a cabeça na curva do seu pescoço. Eu estava sem ar. O suor minava de nossos poros.

— Já foi tudo, Ju. — Seu pau pulsava dentro de mim. Sua respiração pesada aquecia a pele do meu pescoço. Seus braços estavam tremendo devido a força que ele fazia para não desabar sobre mim. Eu estava agarrado a ele como se fosse afundar a qualquer momento. — Ju, por favor, não consigo respirar.

— Desculpa! — Sentia-me atolado naquele momento. Eu o soltei. Quando ele ergueu o corpo, seus olhos estavam espremidos e sua expressão era de dor. Preocupei-me. — Eu tô te machucando?

Um sorriso rasgou seu rosto. Seus olhos abriram e eu vi tanto amor ali que meus olhos umedeceram.

— Não Ju, você não está me machucando. — Ele saiu um pouco e entrou novamente, tão inesperadamente que minha cabeça pendeu para trás.

— Ahhh...

— Aguenta firme, meu menino. — Ele beijou meus lábios. Eu me contrai lá embaixo. — Puta merda, Ju. Não fode comigo. Cristo! — Sua expressão de dor voltou. Caio ergueu-se num braço e com o outro ele alcançou meu pau adormecido e começou a me estimular. — Quero que você sinta prazer também.

— Caramba! — Seus estímulos me acenderam totalmente e no instante seguinte minha excitação chegou ao nível máximo. Eu gemia e me contorcia de prazer.

— Você é lindo, sabia? — Seus olhos eram de devoção.

Quando meu pau estava duro o suficiente, ele deitou-se sobre mim, passou o braço sob meus ombros e me manteve firme. O calor começou a subir pelo colchão, eu agarrei a cabeça do Caio e nossos lábios se encontraram num beijo explosivo. Parecia que nunca um conseguia ter o suficiente do outro. Caio começou a bombear dentro de mim. Seu pau entrava e saía lentamente arrancando de mim os mais altos e sinceros gemidos de dor e prazer. Minha mente estava atordoada, meu corpo em chamas e Caio começou a aumentar o ritmo. Livrei-me dos seus lábios e mordi seu ombro vingando-me da dor que ele estava causando em mim. Uma dor alucinadamente gostosa, que me rasgava por dentro e me fazia ter picos de prazer nunca sentidos.

O choro do meu pau se derramava em minha barriga. A conexão com Caio era tão intensa, e eu, querendo mais e mais, envolvi minhas pernas em sua cintura, Caio vociferou e então ele ergueu a cabeça e gritou tão alto que zumbiu meus tímpanos.

— ARGH JUU... — Ele foi e voltou com seus quadris. Uma vez, duas

vezes, seus músculos tremeram e então ele desabou sobre mim.

Eu estava sem fôlego e não entendi de primeira o motivo dele ter parado, mas quando Caio ajoelhou-se, ainda dentro de mim, agarrou meu pau e me masturbou, foi então que entendi que ele havia gozado. Seu pau ainda estava meio duro e eu sentia sua pulsação. Era tão alucinante aquela sensação, e ao mesmo tempo tão real. Eu levantei minha cabeça para olhá-lo me tocando, minha testa estava franzida, meus lábios separados e minha respiração vacilava. Caio me observava, sua mão trabalhava em meu pau enquanto a outra alisava minha barriga. Minha cabeça tombou no travesseiro. Sentia meu ânus pulsando e quando Caio deu uma leve bombeada, foi o ápice para mim.

— Aaaaaah... — soltei um grito rouco, meu abdômen se contraiu e toda porra branca e viscosa jorrou em minha barriga. Meu corpo tremeu fadigado. Minha mente parou, esgotada. Eu só arfava e gemia e tentava recuperar a sanidade mental.

Caio lentamente saiu de mim. Apertei os olhos com o vazio que senti. Minha bunda ardia, mas meu coração tinha expandido dentro do peito. Não vi o exato momento que ele se levantou e foi ao banheiro, pois estava quase dormindo, mas fui despertado quando ele voltou para o quarto e passou uma toalha de rosto molhada na minha barriga.

— Hã? — Abri os olhos. Tentei me levantar, mas ele me empurrou de volta.

— Não. Fique deitado. Descanse um pouco. — Ele me limpou. Eu não fiz questão de desobedecê-lo. — Vou pedir uma pizza, ok? Ou você prefere sair?

— Pizza — balbuciei.

Devo ter apagado por uns minutos, pois quando Caio deitou-se ao meu lado, ele estava de cueca e cheirando a sabonete.

— Venha. — Ele me puxou para deitar-se em seu peito. — Já pedi a pizza.

— Você tomou banho... — Cheguei meu nariz mais próximo da sua pele, pois seu cheiro era muito agradável.

— Quando a pizza chegar, você toma um banho enquanto eu pago.

— Ok.

Ele beijou meus cabelos.

— Eu te amo.

Não respondi, mas sorri. Caio tinha cumprido sua promessa. E mais que isso, ele tinha me amado.

Quase um mês havia se passado e depois da festa do meu suposto aniversário, as coisas começaram a mudar na minha vida. De uma forma muito positiva e até surpreendente.

Meu pai pareceu finalmente ter acordado em si e percebido que eu ainda era seu filho e que nós dois ainda éramos uma família. Mesmo que eu o visse muito pouco, praticamente nos fins de semana e muito rapidamente, ele estava sempre se fazendo presente, seja com mensagens, bilhetes presos na porta do meu quarto ou apenas acordando cedo e preparando meu café da manhã nos fins de semana, antes dele sumir no mundo. Algumas vezes, quando eu já estava deitado e pronto para dormir, ele chegava sabe-se lá de onde, entrava no meu quarto, sentava-se na beirada da minha cama e nós conversávamos por alguns minutos. Ele perguntava sobre meu dia, eu perguntava sobre o dele e foi numa dessas conversas que ele confessou que estava fazendo um curso de pós-graduação à noite e por isso nunca estava em casa. Fiquei feliz por ele. Era bom compartilhar com meu pai informações bobas sobre nossas vidas, eu falava da escola, ele falava da faculdade e eu até comecei a cogitar a ideia sobre falar mais de mim, especificamente sobre como eu me sentia em relação aos garotos. Com Phillipi na jogada, seria mais fácil não mencionar Caio e como tudo havia começado, caso ele perguntasse. Mas antes eu precisava estar cem por cento confiante de que meu pai não surtaria ou me expulsaria de casa. Ainda precisava fortalecer esta relação de confiança com meu pai e ter a certeza de que, esta confiança era autêntica, somente assim eu iria ter coragem de abrir meu coração e revelar a ele meu verdadeiro eu. Sem máscaras. Por hora seguíamos como se fôssemos dois amigos interessados em fortalecer o laço de amizade. Um laço fidedigno de amizade.

Quanto a Phillipi, posso dizer que nosso namoro subiu de patamar. Ele

aos poucos foi ocupando um espaço tão grande em meu coração, que Caio passou a ser apenas uma boa lembrança e uma saudade gostosa, mesmo que eu o amasse de uma forma inexplicável, mas pelo menos não sofria por ele e nem pensava nele a cada instante do dia.

Passei não mais a pensar em mim como uma pessoa apenas, sozinha, éramos nós. Phillipi e eu. Na condução, indo ou voltando da escola, éramos nós, pois sentávamos sempre juntos e quando não havia ninguém por perto, ainda trocávamos uns beijinhos. Quando tínhamos trabalho em dupla para fazer, éramos nós, pois fazíamos questão de fazer juntos. Na escola, éramos definitivamente nós, pois estávamos sempre grudados. Na sala de aula, sentávamos ou lado a lado, ou um na frente do outro, e na hora do intervalo, estávamos com os outros, mas sempre colados, literalmente, e quando algum ou alguma colega perguntava se estávamos namorando, o *sim* era inevitável. Nos fins de semana, grudávamos um no outro assim como o Emílio grudava na Val e sempre que podíamos, nós quatro dávamos um jeito de nos esconder para tirar uns amassos. Val e Emílio eram sensacionais em relação a isso, pois sempre ficavam de vigília quando eu e Phillipi queríamos tirar uns sarros mais pesados. Mas nada além de “aquilo na mão e a mão naquilo”. Phillipi insistia que seria meu — ou eu dele, não sabia ao certo como iria funcionar a coisa toda — no dia do meu aniversário de dezoito anos. Não o pressionava e evitava pensar no assunto para não criar expectativas. Mas os sarros eram bons e eu amava.

— Quero te pedir uma coisa... — sussurrei arfando, certa vez, quando estávamos num sarro louco atrás da academia do clube.

Era uma noite de domingo, a academia não funcionava nesse dia e o clube estava praticamente vazio. Era um lugar escuro, cercado por árvores altas e barulhos de bichos noturnos. Val e Emílio estavam na parte da frente da academia, sentados no chão e escorados na parede, esperando por nós e vigiando caso alguém se aproximasse.

— O quê? — perguntou Phillipi.

Eu mal via seu rosto, apenas o brilho dos seus olhos. Nossas respirações estavam curtas e pesadas, nossos corpos em chamas e nossas bermudas caídas em nossas coxas. Eu estava recostado na parede dos fundos da

academia e Phillipi colado a mim, pressionando nossos paus juntos e devorando meus lábios e pescoço.

— Enfia seu dedo em mim? — Meu coração batia em minha garganta, meu pau parecia que ia romper-se de tão ereto.

Phillipi olhou fundo em meus olhos. Lábios separados e arfando. Ele demorou segundos para responder, talvez processando meu pedido.

— Ok. — Ele disse por fim e ficou passivamente me encarando.

Entendi que eu deveria orientá-lo, então segurei sua mão, enfiei seu dedo indicador na boca e o chupei. Phillipi fechou os olhos, soltou uma lufada de ar pela boca e pressionou seu próprio pau. Virei-me de costas, apoiei uma mão na parede, a outra levei ao meu pau e o segurei com força, apertando entre meus dedos e olhei para Phillipi por cima dos ombros, dando permissão para ele prosseguir. Ele deu um passo à frente, desceu seu dedo umedecido da minha saliva pela fenda da minha bunda e quando alcançou meu ânus, eu fechei os olhos.

— Ah... — A expectativa era grande.

Mas tudo não passou de uma tentativa.

— Oi crianças, vocês viram o Lipe? — A voz da mãe do Phillipi nos paralisou.

FO.DEU!

— Tia... — A voz de Emílio era alta e nervosa. — Não vimos não. Ele deve estar na casa do Ju.

Meu pau, que estava duro e prestes a explodir, murchou no mesmo instante, no mesmo instante em que minha bermuda já estava no lugar certo, a de Phillipi também e nós dois saímos nos esgueirando pelo outro lado da academia, passando por trás de um dos quiosques de churrasqueira, atravessamos correndo o campo de futebol e nos enfiamos dentro do banheiro.

— Puta que pariu! Puta que pariu! — Phillipi repetia sem parar.

Meu coração estava acelerado, mas eu sentia que o sangue tinha sumido das minhas veias, tamanho foi o susto que tivemos.

Quando finalmente pude ver o rosto do Phillipi com nitidez sob a luz do banheiro, vi que estava descabelado, bochechas vermelhas, lábios brancos e olhos arregalados de completo pavor.

— Lave o rosto, pelo amor de Deus, e se acalme — falei sussurrando. Estava sem fôlego.

Abri a torneira da pia.

— Lipe? Você *tá* aí, filho? — A voz da tia Iara encheu o banheiro.

Phillipi tapou a boca com as duas mãos.

SIM! Eu disse silenciosamente, gesticulando com a cabeça para que ele respondesse. Ele respirou fundo.

— Oi mãe! — Sua voz saiu rouca e grave. Ele limpou a garganta.

— Ah! Graças a Deus! Procurei por você na vila inteira, filho! Você deixou o celular em casa e eu tive que vir atrás de você. Seu pai está uma fera em casa porque você simplesmente sumiu.

Phillipi fechou os olhos e suspirou.

— Eu já vou, mãe. — Ele olhou para mim e eu assenti.

— Você *tá* bem? — Ela voltou a falar. — Onde você estava?

Phillipi revirou os olhos.

— Dor de barriga, mãe. Agora dá pra senhora me dar um pouco de privacidade? Eu já estou saindo. — Ele disse já sem paciência.

Tapei minha boca com as mãos para evitar rir alto.

— Oh filho, desculpa. Estou te esperando aqui fora, sim?

— Sim. — Phillipi estreitou os olhos para mim.

Tranquei os lábios e respirei fundo a fim de me acalmar. Ele lavou o rosto, secou as mãos no papel toalha, segurou meu rosto entre as mãos e selou meus lábios.

— Ainda não terminamos. — Ele sussurrou no meu ouvido.

Claro que não! De forma alguma havíamos terminado!

Dei descarga antes dele sair do banheiro, dei um tempinho e quando saí, Emílio e Val me esperavam do lado de fora com sorrisos cínicos nos lábios.

— Foi por pouco, heim? — Emílio deu um soco em meu ombro.

— Cala a boca — falei e nós três saímos do clube.

— Seus loucos — disse Val. — Estão usando camisinha pelo menos?

— Ainda não chegamos nesse nível — respondi e olhei imediatamente para eles com uma sobrancelha para cima, fazendo a mesma pergunta silenciosamente.

— Estamos, otário! — Emílio me empurrou. Não tocamos mais no assunto.



Mas como na minha vida nada são flores, ou até são, mas como as flores têm ciclo de vida assim como nós, elas nascem, crescem e morrem, algumas flores do meu jardim começaram a murchar.

Era uma quarta feira e neste dia não teríamos aula à tarde. O professor de álgebra tinha mandado a turma resolver uma imensa lista de exercícios para ser entregue na próxima aula, que seria sexta feira, valendo um ponto extra na nota para quem acertasse cem por cento dos exercícios.

Não que eu estivesse desesperado por este ponto extra, afinal, diferentemente do ano anterior, eu estava mandando muito bem nos estudos e minhas notas eram exemplares. Não somente as minhas, as de Emílio e Phillipi também, e como meu namorado mandava muito bem em cálculo, decidimos fazer os exercícios juntos, assim, qualquer dúvida que eu tivesse, ele me ajudaria. Inacreditavelmente, esta foi a primeira vez que eu entrei em sua casa. E foi a última também.

Cheguei da escola, tomei um banho, almocei, joguei minha mochila com o livro e folhas A4 nas costas e fui andando para casa do Phillipi, já que minha bicicleta ainda estava destruída.

Assim que toquei a campainha, fui recebido por uma garotinha sorridente, vestida apenas de maiô de natação e segurando Toby no colo.

— Oi... — Ela abriu a porta. — Bem-vindo à minha casa.

Deus do céu, como Elisabeth era fofa e gentil!

— Oi — sorri igualmente para ela, reclinei-me e beijei sua bochecha, ganhando de brinde uma lambida do Toby, dentro da orelha. — Sai! Cachorro nojento! — disse bravo, limpando a orelha com a manga da camisa.

Deve ter sido muito engraçado, pois Elisabeth riu tão alto que caiu mole no chão. Sua risada era tão estridente que eu achei engraçado, e logo Phillipi estava na sala junto com sua mãe para saber os motivos de tanta gargalhada.

— Oi Ju. — Tia Iara passou a mão no meu braço, mas nem esperou minha resposta. — O que é isso, filha? — Ela perguntou com um sorriso de orelha a orelha, sendo contagiada pela risada da filha, mas Elisabeth não conseguia explicar de tanto que ria.

Toby em cima dela, cheirando e lambendo e quando ele acertou uma lambida em sua orelha, ela deu um gritinho, se contorceu no chão e gargalhou ainda mais. Ri alto, tombando minha cabeça para trás. Elisabeth era mesmo uma figura.

— Cristo! — Phillipi revirou os olhos e levou as mãos ao ar, impaciente

pela falta de explicações da irmã. — Vem, vamos estudar no meu quarto.

Eu o segui, mas queria ter ficado na sala ouvindo e vendo Elisabeth se acabando de tanto rir.

Assim que subi as escadinhas que dava acesso aos quartos, porque sim, as casas na vila eram todas iguais, não pude deixar de observar as fotos da família na parede, que formavam um enorme mural. Phillipi parou ao meu lado e quando minha mão tocou a sua ele se afastou um pouco.

— Esse é você? — perguntei quando vi um garoto gordo segurando no colo um Toby ainda filhotinho.

— Sim. No meu aniversário de quinze anos. Toby foi meu presente.

Olhei imediatamente para ele.

— Nossa! — disse admirado. — Como você mudou! — Eu o olhei de cima abaixo e comecei a entender de onde vinham tantas roupas folgadas.

— Pois é... emagreci quase vinte quilos em pouco mais de um ano. — Ele se dirigiu ao seu quarto e eu fui atrás.

Assim que entramos ele fechou a porta, olhei rapidamente em volta, sentindo o aroma do seu perfume por todo quarto. Não era um quarto ostentoso, mas era bem decorado, com móveis brancos e planejados, cortinas e colcha azul marinho e alguns objetos de decoração bem masculinos. Quando ele passou por mim e seu cheiro invadiu minhas narinas, eu aproveitei, o abracei por trás e beijei sua nuca.

— Bonito seu quarto — sussurrei em seu ouvido,

— Ju... — Ele se contorceu, livrou-se dos meus braços e se virou para mim. — Aqui não, ok? Minha mãe está em casa e ela não costuma bater na porta antes de entrar.

— Oh, desculpa. — Encolhi-me constrangido e meu rosto esquentou.

— Tudo bem. Vamos logo começar. — Ele pegou seu livro em cima da

escrivaninha, sentou-se no tapete e puxou um pufe para sua frente, que serviria de mesinha. — Puxa aquele pufe pra você. — Ele apontou para debaixo da escrivaninha.

Phillipi parecia outra pessoa em sua casa. Não era o meu namorado — doce, carinhoso e apaixonado. Era apenas um colega de escola. Frio. Indiferente.

Fiquei me perguntando se ele estava chateado comigo, mas eu tinha certeza de que não tinha feito nada de errado, pelo contrário, horas antes, na condução voltando para casa, trocamos beijos e palavras de carinho. Mas não comentei nada, sentei-me no chão, puxei o pufe para o meio das minhas pernas e recostei-me em sua cama.

— Trouxe folha A4? — Ele perguntou.

— Hmrrum. — Abri minha mochila e tirei o livro e as folhas. — Página 52, certo? — Se eu estava ali para estudar, então era isso que eu faria.

Olhei para ele e sem querer, lhe lancei um olhar gélido. Ele respirou audivelmente.

— Não fica bravo comigo...

— Não estou. — Não esperei ele terminar de falar.

— Sim, você está. — Ele foi incisivo. — Mas com minha mãe em casa, somos apenas amigos. Não tem como ser diferente, Ju. E isso não significa que alguma coisa mudou entre nós.

Engoli em seco, olhei para meu livro aberto e pensei no meu pai.

— Você nunca pensou em contar pra eles?

Os olhos azuis de Phillipi cresceram tanto que eu achei que fossem saltar do seu lindo rosto.

— Contar para os meus pais? — Ele sussurrou. — Você *tá* maluco?

— Ué... — Dei de ombros e tentei argumentar, mas ele estava apavorado com a nossa possível conversa.

— Pelo amor de Deus, depois a gente conversa sobre isso. Aqui não é hora nem lugar. — Ele abriu seu livro e se concentrou nele.

Fiquei segundos o observando, sua respiração estava alterada. Ele estava visivelmente nervoso. Resolvi deixar a conversa para um outro momento e me concentrei em meu livro.

Quase uma hora depois, assim que terminamos a questão número doze, a mãe do Phillipi, assim como ele havia dito, entrou no quarto sem bater na porta. Os olhos do Phillipi vieram a mim antes dele olhar para a mãe.

— Estou indo levar sua irmã na natação. Maria está indo conosco. Tem bolo em cima da mesa e suco na geladeira.

— Ok. — Ele respondeu.

Tobby entrou no quarto balançando o rabo e se acomodou ao lado de Phillipi, que enterrou os dedos nos pelos do seu cachorro.

— Falta muito? — Tia Iara apontou para nossos livros com os olhos.

— Hm... falta trinta e oito questões — respondeu Phillipi.

Os olhos dela correram todo o quarto, passando por mim e parou em Phillipi novamente. Senti-me incomodado, como se ali eu fosse um intruso. Tia Iara era legal, mas me pareceu que ela não curtia visitas e não curtia garotos enfurnados no quarto impecavelmente arrumado do seu único filho.

— Bom, de qualquer forma vou deixar a porta aberta, já que não vai ter ninguém em casa. — Ela entrou no quarto e reclinou-se sobre Phillipi. — Tchau, filho.

— Tchau, mãe. — Ele levantou a cabeça e sua mãe deu um selinho em seus lábios.

Virei o rosto na mesma hora. Já tinha visto, em várias ocasiões, pais e

filhos que se beijavam nos lábios, mas naquele instante me senti constrangido, pois foi *meu namorado* que beijou a *própria mãe* nos lábios.

Que horror! Imagina lembrar disso na hora que fosse beijá-lo? Rezei a Deus para apagar aquela visão da minha mente.

Assim que todos saíram e o silêncio se fez, Lipe se levantou.

— Vou ao banheiro. Quer lancha agora ou depois? — Ele perguntou da porta do quarto.

— Quando você for eu vou.

— Ok.

Quando ele entrou no banheiro e fechou a porta, resolvi me levantar também. Fui até o corredor e parei em frente ao mural com fotos. Quando Lipe saiu do banheiro, segurou meus dedos e me puxou para a cozinha.

Um sorriso rasgou meu rosto, mas foi momentâneo. Entramos na cozinha e eu tentei abraçá-lo e beijá-lo, mas mais uma vez ele me rejeitou.

— Ju, aqui não, eu já disse...

— Não tem ninguém em casa. — Eu insisti. — Vamos terminar aquilo que começamos atrás da academia.

Meu coração já batia acelerado. Ele sorriu e então me abraçou pelo pescoço e eu envolvi sua cintura com meus braços e afundei o rosto na curva do seu pescoço, depositando ali um beijo molhado.

— Aqui não, ok? — Ele segurou meu rosto entre as mãos e selou meus lábios, me deixando com gosto de quero mais. — Por favor.

Entendi seu receio e o respeitei.

— Tudo bem. — Levantei as mãos me rendendo ao seu apelo e sentei-me à mesa.

Ele foi à geladeira, pegou a jarra de suco e serviu para nós dois e depois cortou duas fatias de bolo, uma para cada um.

Comemos quase que em silêncio, e quando só restava o suco, resolvi tocar no assunto sobre contar ao meu pai sobre mim.

— Sabe, Lipe? Eu tô querendo muito contar ao meu pai sobre nós.

— Não faça isso! — Ele me lançou um olhar mortal. — E se fizer, fale por você e não por mim. Não me envolva, Ju. Por favor.

Estreitei o cenho para ele.

— Não estou falando dos seus pais, Lipe. Tô falando do meu pai.

— Eu entendi, mas você disse antes que queria falar pra ele sobre nós, e eu tô te dizendo, fale sobre você, não sobre mim. — Ele me olhava firme nos olhos. — Você não conhece meu pai, Julianos. Ele seria capaz de me matar, e se não fizesse isso, chegaria bem perto.

— Ele é seu pai, Lipe. Ele não te mataria — sorri sem jeito, queria confortá-lo, eu já tinha sentido esse mesmo tipo de medo em relação ao meu pai, então eu o compreendia.

Ele suspirou longamente.

— Ele não me mataria, é verdade, mas iria dificultar minha vida. Ele provavelmente não me deixaria ir para o Canadá ano que vem, e sair de casa é tudo o que eu quero nessa vida. Meus pais me sufocam, Ju. Eu sei que eles me amam e tal, mas me sinto tolhido de todas as formas e ficar longe deles um pouco vai ser bom pra mim, entende? E estudar fora sempre foi meu sonho.

Sonhos! Mais uma vez me afastando de quem eu gosto.

E sem que eu conseguisse controlar, meus olhos lacrimejaram e eu tive que piscar muitas vezes para disfarçar.

— Ok — disse com a voz rouca, engolindo o caroço que se formou na

minha garganta.

Não era o fato dele não querer contar sobre nós que estava me sufocando, era a certeza de que ele iria embora. A certeza de que, mais uma vez, eu estaria sozinho. A certeza de que meu coração em breve estaria mergulhando na dor da ausência e da saudade. E eu era tão burro, mas tão burro, que ele tinha dito, no primeiro dia que eu o conheci, que iria estudar fora quando terminasse o ensino médio e mesmo assim, eu me envolvi com ele, baixei a guarda e me deixei apaixonar por alguém que não vai pensar duas vezes em me deixar, mais uma vez. Como eu era burro!

Virei o copo de suco na boca e levantei-me. Já não conseguia mais ficar ali com sua presença, e resolvi voltar para casa e terminar os exercícios sozinho.

— Acho melhor eu ir embora. — Subi as escadinhas numa passada só, entrei em seu quarto e fui guardando meu material na mochila.

— Ju, volta aqui. — Ele correu atrás de mim. — O que houve? — Ele me puxou pelo braço e me virou de frente. — Se você quer falar pro seu pai sobre você, fale. Eu só não quero que meus pais saibam, apenas isso.

— Não é isso. — Livrei-me do seu braço, não queria conversar, estava bravo demais, só não sabia dizer se era com ele, comigo ou com a vida.

— O que é então? — Ele sussurrou. — Por que você vai embora?

— Porque... — Tentei me justificar, mas caramba, eu não podia exigir nada dele, mas também não podia esconder que sua partida me afetava terrivelmente. — Porque você vai embora, Lipe. E eu, mais uma vez, vou ter que lidar com essa merda.

Saí do seu quarto, mas ele me segurou e me prensou na parede, suas mãos empurrando meus ombros para trás e as lágrimas correndo dos meus olhos. Olhei para o lado, pois não consegui olhar em seus olhos.

— Eu só vou embora ano que vem. Não pira!

— Eu sei, Lipe. — Engoli. — Mas de qualquer forma, você vai embora. — Olhei para ele. — E cedo ou tarde, no fim das contas, quem vai sofrer sou eu.

Seus lábios se separaram, sua respiração ficou pesada. Ele me puxou para um abraço, mas eu não retribuí.

— Eu vou voltar. — Ele sussurrou em meu ouvido.

— Essa é outra merda que eu vou ter que lidar. A espera. E eu não sei se quero esperar, mais uma vez — disse friamente.

— Do que você tá falando? — Ele me encarou, mas eu não precisei responder, ele sabia, não de todos os detalhes, mas ele sabia.

Ele me soltou quase me empurrando.

— Ah, o tal do Caio? — Ele riu em deboche. — O teu ex que foi embora e que você está agora claramente me comparando a ele.

— Não estou te comparando a ninguém — disse entre dentes, a raiva me dominado. — Não é sobre ele, nem sobre você que eu estou falando, é sobre mim. — Bati em meu peito. — Sobre acreditar, Lipe. Sobre ter esperança. Sobre ganhar e perder, o tempo inteiro.

As lágrimas vieram em cascata. Eu o empurrei e desci as escadas, limpando os olhos com as mãos, mas ele, mais uma vez, me segurou e me virou tão de supetão que minha mochila caiu no chão.

— Você tá terminando comigo? — Seus olhos me fuzilavam. — Porra, eu só vou embora ano que vem!

— NÃO! — Eu o empurrei com força, Toby latiu para mim. — Não estou terminando nada, muito embora eu saiba que nosso namoro já tem data certa pra terminar.

Ficamos os dois na sala, nos encarando e bufando, como dois oponentes prestes a se enfrentarem.

Phillipi foi o primeiro a baixar a guarda. Ele desviou seus olhos dos meus, passou a mão no cabelo, respirou fundo e me encarou novamente.

— Por favor, não vai embora. — Seus olhos umedeceram. — Vamos terminar o trabalho, esquecer esta conversa e ficar de boa. — Ele respirou algumas vezes, como eu não reagi, ele continuou. — Eu adoro você, Ju. Me desculpa por toda essa merda, mas se põe no meu lugar. Eu já tinha planos de morar fora antes mesmo de conhecer você, minha viagem está quase toda paga, eu não posso desistir agora, por favor. — Sua voz vacilava e ele estava fazendo um enorme esforço para não chorar.

Eu não soube o que dizer. Vê-lo fragilizado mexeu comigo, queria abraçá-lo, mas meu orgulho acabou falando mais alto e do jeito que eu estava, eu fiquei. Paralisado no lugar.

— Por favor! — Ele pegou minha mochila no chão, segurou minha mão e me encarou, esperando uma atitude minha.

Apenas assenti, então ele sorriu com os lábios cerrados e me puxou de volta para o quarto. Eu o segui, me deixando levar, mas meu coração ainda estava aflito e eu precisava quebrar o gelo. Quando subimos os três degraus da escadinha, eu o puxei para um abraço, que ele não rejeitou.

— Me desculpa também. — Não disse mais nada.

Ele me apertou em seus braços. Ficamos segundos abraçados, sem dizer nada. Depois nos soltamos e voltamos para o seu quarto, para os exercícios e para a álgebra. E mesmo que meus sentimentos por ele não tivessem mudado em nada, alguma coisa dentro de mim mudou. Talvez um escudo tenha se formado e inconscientemente, daquele dia em diante, eu parei de ir tão fundo.

Claro que eu ainda era o mesmo Juliano, o mesmo que tinha dormido com dezessete e acordado com dezoito, mas de alguma forma, eu me sentia diferente. Meus pensamentos eram os mesmos, minha aparência era a mesma, mas eu me sentia, sei lá...poderoso? Pode parecer que não, mas completar dezoito anos tinha seus méritos: podia tirar carteira de motorista, comprar bebidas alcoólicas, entrar em qualquer festa, viajar sozinho para o exterior... grande bosta! Para qualquer coisa dessas eu precisava de grana, e isso, definitivamente a maioria não iria me dar, então, continuava sendo o mesmo Juliano de sempre. Mas no fundo eu sabia mesmo era que, a maioria encerraria simbolicamente o turbilhão de transformações da adolescência, e uma nova etapa na minha vida seria iniciada, com mais responsabilidade, desafios e autonomia.

Mas existia uma coisa que a maioria iria me dar, não exatamente a maioria, mas a data do meu aniversário, e não que eu estivesse ansioso por isso, mas como qualquer garoto da minha idade, com os hormônios à flor da pele e uma vontade louca de enfiar meu pau em algum buraco, fazer sexo era algo que me motivava. Ainda mais com o gostosão do meu namorado, que fez questão de me lembrar durante toda semana que o *grande dia* estava chegando. Ele me torturava na verdade, mas eu estava gostado daquele joguinho.

Era uma quinta-feira sem sol e com probabilidade de chuva. Nada que estragasse meu humor. Meu pai me acordou antes do meu despertador tocar, entrando em meu quarto com uma bandeja nas mãos e falando alto.

— Quem aqui será obrigado a votar nas próximas eleições? — Ele perguntou animadamente.

Espreguicei-me e sorri.

— Acho que só os homens da casa — respondi com uma voz rouca e preguiçosa.

Ele estalou a língua no céu da boca, fazendo uma cara de reprovação, depois sorriu divertidamente e sentou-se na beirada da cama.

— Anos de luta das mulheres e aqui nesta casa, ainda vivemos no período da República Velha.

— Que Getúlio Vargas não nos ouça — retruquei na mesma altura da sua piada, já me sentando e me recostando na cabeceira da cama.

Meu pai colocou a bandeja em meu colo.

— Feliz aniversário, filho. — Ele disse com uma voz emocionada, bagunçando meu cabelo, o que me fez engolir em seco.

Olhei para bandeja e para toda aquela comida que eu tinha certeza de que não caberia no meu estômago

— Obrigado, pai — sussurrei emocionado.

— Espero que esteja do seu agrado.

— Está perfeito. — Olhei para ele.

Ficamos segundos em silêncio, meu pai com um sorriso fino nos lábios, nossas respirações acelerando e eu entendia bem o que estava se passando e sua cabeça: minha mãe. Mas eram emoções muito pesadas para serem colocadas para fora. Meu pai então colocou a mão na minha nuca, me puxou e beijou meu cabelo. Sorri envergonhado com a demonstração de afeto.

— Você se tornou um belo homem, meu filho. Em todos os sentidos. Tenho certeza de que sua mãe teria muito orgulho de você.

Eu travei. Olhar fixo na bandeja, coração disparado no peito e eu tive que piscar diversas vezes para impedir que as lágrimas que banharam meus olhos

escorressem pelo rosto. Não respondi, apenas balancei a cabeça. Sabia que ele entenderia meu silêncio.

— Seu presente está na mesa da sala. — Ele se levantou e bagunçou meu cabelo novamente. — Tenha um bom dia, filho. Te vejo à noite.

— Valeu — disse antes dele deixar meu quarto e quando ele saiu, eu respirei fundo, quase soluçando.

Engoli meu choro, olhei para o teto e me recompus, não iria permitir que as lembranças do passado acabassem com meu dia. Engoli meu café da manhã e corri pra sala, pois a curiosidade em saber qual era meu presente estava me consumindo.

Não entendi muito bem quando vi apenas um envelope pardo com meu nome escrito. Peguei o envelope, abri e virei em cima da mesa. Tinha vários folhetos de propaganda de carro, um contrato de matrícula de uma autoescola em Parnamirim e um bilhete escrito com a letra do meu pai: *Escolha um modelo que quando você tiver habilitado para dirigir, você terá seu próprio carro.*

— Como é? — Tive que ler o bilhete duas vezes a mais para ter certeza de que era aquilo mesmo que eu tinha entendido. Quando eu entendi que, sim, era aquilo mesmo, tapei a boca. O ar escapou dos meus pulmões. Subi correndo os três degraus da escadinha com o bilhete na mão, entrei no quarto do meu pai sem bater na porta e ele estava no banheiro, fazendo a barba. — Isso é verdade? — Levantei o bilhete à frente, olhando para meu pai pelo reflexo do espelho.

Meu pai sorriu aberto, virou-se para mim e voltou a me encarar pelo espelho.

— Claro que é! — Ele disse com naturalidade, como se me dar um carro fosse a coisa mais normal da sua vida.

— Caralho, pai! — Eu não cabia em mim de tanta felicidade.

— Ei, cara! Respeita seu velho. — Ele franziu o cenho, mas não estava

bravo. — Bom, vai ser um carro popular, mas acho que...

Avancei em sua direção.

— Eu te amo, meu velho! — Eu o abracei, afundando a cabeça em seu peito como um garotinho.

Ele deu uma risadinha.

— Eu também, filho. — Ele alisou minhas costas. — Agora vá se arrumar pra não perder a condução.

Olhei nos olhos do meu pai, um sorriso que eu não conseguia conter, dei uns passos para trás e saí do seu banheiro gritando feito um louco. *Porraa! Meu próprio carro, caralho!*



Quando cheguei no ponto de ônibus, Phillipi, Emílio e Valquíria me colocaram dentro de um círculo e cantaram parabéns para mim, depois me abraçaram ao mesmo tempo e Phillipi aproveitou o escudo formado pelos nossos amigos e selou meus lábios num beijo forte e molhado.

— Feliz aniversário! — Ele sussurrou.

— Por que vocês estão cantando parabéns para o Ju se o aniversário dele foi o mês passado? — indagou Elisabeth bem atrás de nós, com os braços cruzados e uma careta desconfiada.

Viramo-nos os quatro ao mesmo tempo para ela

— Haã...éee... — Ajeitei minha mochila nas costas e limpei a garganta, buscando na mente uma desculpa plausível.

— É brincadeira nossa, Elis. — Valquíria se adiantou. — Não liga não que quando você crescer vai ficar doidinha assim também.

— Deus me livre! — Ela uniu as sobrancelhas. — De doidinho lá em casa

basta o Lipe. — E ela foi se sentar no seu balanço preferido, mas a condução apontou na esquina e foi aquele alvoroço. Elis ia sair correndo, mas seus olhos vieram até mim. — Já sei! Não é pra correr! — Ela revirou os olhos e foi para o fim da fila.

Virei-me de costas para o ônibus e olhei para Phillipi.

— Doidinho, é? — Pisquei para ele, disfarçando meu eterno nervosismo quando a condução se aproximava de nós.

Phillipi sorriu de banda, deu dois passos à frente e então cochichou no meu ouvido:

— Um dia você vai me dizer por que tem tanto medo desse ônibus?

Respirei pesado, mordi o interior da bochecha e olhei em seus olhos azuis.

— Talvez.

Ele assentiu, passou por mim segurando de leve meus dedos e subimos no ônibus.

Talvez um dia eu contasse ao Phillipi muitas coisas sobre minha vida, sobre minha irmã, sobre minha mãe, sobre meu pai e talvez até sobre o Caio. Talvez eu contasse tudo sobre todas as coisas no dia que eu pudesse ter a certeza de que ele estaria presente quando eu precisasse, mas naquele momento, eu não precisava despertar meus fantasmas e mostrar a ele minhas cicatrizes mais horrendas, porque eu sabia que ele não estaria por perto quando meus fantasmas me assombrassem, ou quando minhas cicatrizes doessem. Phillipi tinha seus planos, e eu tinha que seguir com os meus.

Quando pisei no corredor da minha sala de aula, um *parabéns pra você* foi cantado em uníssono por todos que ali estavam. Começou com Thomas e Lauro, seguido por Emílio e logo o corredor inteiro estava cantando para mim. Minhas pernas quase que paralisaram e meu coração acelerou de tal forma que o sangue do meu corpo subiu para minha cabeça de tão quente que meu rosto ficou. Um círculo se formou à minha volta, me impedindo de me

esconder na sala de aula e quando os parabéns acabaram, fui engolido por um abraço coletivo guiado por Thomas, que me abraçou bem de frente. Seu corpo colou no meu, totalmente e logo o abraço ficou muito apertado devido à pressão que os outros faziam em nossos corpos. Foi tão forte que eu pude sentir sua pulsação acelerando e seu pau crescendo quando encontrou sem querer o meu. Meu coração disparou no peito, tanto pela surpresa da excitação de Thomas quanto por medo do Phillipi ter percebido que Thomas afundou sua cabeça na curva do meu pescoço e inalou profundamente, fazendo todos meus pelos se arrepiarem. Quando o abraço coletivo acabou e Thomas me soltou, nossos olhos se prenderam por segundos, eu o questionava o que diabos tinha acontecido ali e ele me pedia desculpas desesperadamente. E depois, como se nada tivesse acontecido, cada um foi para o seu lado. Eu entrei na sala de aula, sentei-me na minha cadeira e fingi que estava constrangido pela celebração em grupo e não pela reação do Thomas, que se sentou no fundo da sala e não se levantou mais.

A concentração nas aulas daquele dia do meu aniversário ficou complicada, principalmente porque, a cada professor que entrava, a sala inteira cantava parabéns novamente e eu comecei a me perguntar por que tinha me levantado cedo naquela manhã, sendo que dormir teria sido muito mais produtivo e menos embaraçoso também.

Foi somente na aula de geografia, antes do intervalo, que minha mente começou a trabalhar efetivamente. Algo dito pelo professor me despertou totalmente do cochilo que eu estava dando, escondido atrás do Lauro e deitado em cima da minha mochila.

— É o único vulcão extinto do Brasil que...

Vulcão?

— É o quê? — perguntei alto demais, arrancando risadas da turma.

— É o que o quê, rapaz? Tu *tava* dormindo aí... não sabe nem do que eu *tava* falando.

— Não...eu sei sim, era sobre um vulcão no Brasil. Um vulcão extinto. Eu *tava* ouvindo sim... — Eu gaguejava mais que falava.

— Ele *tá* lesado assim por causa do aniversário — disse Paty, uma menina que sempre se sentava no fundo.

— Fica na tua aí, otária! — Olhei para trás já rindo e obviamente ela tinha o dedo do meio esticado para mim. Lancei um beijinho para ela, ela fez coração com as mãos e então vi que ela estava ao lado do Thomas, que baixou os olhos quando olhei para ele. Comecei a ter certeza do que Phillipi afirmou com tanta veemência: Thomas era *gay*.

— Bom Juliano — disse o professor — ,eu estava explicando para a turma sobre o Pico do Cabugi, que segundo estudos, é o único vulcão que não teve forças para explodir no [Brasil](#) e que, até hoje, apresenta sua forma original.

— E onde fica esse tal Pico? — Meu interesse pelo assunto foi imediato e eu precisava saber todos os detalhes para contar para Elisabeth, que provavelmente não sabia que, no Brasil, existia um vulcão extinto. Ela iria pirar.

— Em Angicos, Juliano, mas isso eu já tinha falado antes. — O professor parecia impaciente, ou não acreditava no meu real interesse.

— E onde fica isso? É muito longe do Rio Grande do Norte?

— Fica a duas horas e meia de carro de Natal. Posso continuar minha aula agora?

— Duas horas de carro de Natal? — Eu quase saltei da cadeira. — Você quer dizer que esse Pico fica aqui, no Rio Grande do Norte?

— Foi isso que eu disse.

— Eu não disse que ele *tá* meio lesado — disse Paty novamente, mas eu não dei ouvidos dessa vez, pois meus olhos foram imediatamente para Phillipi.

Ele revirou os olhos. Ele sabia o que se passava na minha cabeça, e sabia que naquele momento, eu só tinha um objetivo: contar para Elis sobre minha mais nova descoberta.

— Se você quiser saber mais sobre o assunto, — disse o professor. — Tem um capítulo inteiro sobre o Pico do Cabugi na página cento e sete da apostila. Ou você pode pesquisar mais na internet, ok?

— Ok, professor. Obrigado. — Meu sorriso não cabia em meu rosto.

Duas horas era muito perto e eu iria levar Elis lá, da forma que fosse, mas ela iria conhecer esse tal vulcão extinto. Olhei para Phillipi novamente, ele negou com a cabeça.



— São só duas horas daqui, Lipe, você tem que dar um jeito. — Eu estava empolgado.

O sinal do intervalo mal tinha tocado e a primeira coisa que fiz quando saímos da sala, foi tentar convencer Phillipi a levar Elis no Pico do Cabugi. Uma aventura que eu estava disposto a enfrentar, por ela. Minha adrenalina estava a mil.

— Esquece, Ju. Eu sei que você ama minha irmã, mas você não tem que fazer isso.

— Eu não tenho, mas eu quero, por favor.

— Não. Tirar minha irmã da vila sem o consentimento dos meus pais é morte na certa.

Seguimos para a quadra nesse impasse. Eu tentando convencê-lo e ele tentando me dissuadir. Mas não haveria criatura no mundo que iria me impedir, eu estava disposto a correr todos os riscos, eu iria levar Elis nessa aventura.

Quando Emílio se juntou a nós, eu estava maquinando em minha mente um plano perfeito para tirar Elis da vila sem que ninguém soubesse, e principalmente, sem que os pais de Phillipi soubessem.

— Dá pra acreditar que nós só teremos uma semana de férias? — Emílio

estava revoltado. — Uma semana, cara. Nem um dia a mais. Sai na sexta-feira, uma semana e pá...aula novamente.

— Emílio, seu filho da puta! — Dei um soco no ombro dele, pois uma ideia brilhante passou pela minha cabeça. — Você é genial!

Nossas férias chegariam em pouco mais de um mês, e em pouco mais de um mês seria o churrasco de confraternização dos Oficiais na Barreira do Inferno. Uma data perfeita para tirar Elisabeth da vila sem que os pais do Lipe soubessem, já que o churrasco durava praticamente o dia inteiro e os oficiais e respectivas esposas iam e voltavam no ônibus da Base.

— Juliano, cara, não brinca com fogo, meu irmão! — Emílio retrucou, me fuzilando com os olhos, massageando o ombro e disposto a quebrar minha cara para revidar o soco que eu havia lhe acertado.

— É sério, Emílio. Você me deu uma ideia fantástica pra levar a Elis pra conhecer o vulcão lá do Pico.

— Vulcão lá do pico?

— É, caralho! Tu sabia que aqui perto tem um vulcão extinto?

— Ah! — Os olhos de Emílio cresceram. — O *Pico não sei das quantas* que fica aqui no Rio Grande do Norte, certo?

— Isso, o Pico do Cabugi.

— Aquela porra lá é um vulcão extinto, né? — Ele sorriu de banda. — Tô sabendo.

— Tu sabia? — Meu queixo caiu. — Tu sabia que a porra lá do Pico era um vulcão extinto? Como tu sabia uma coisa dessa e nunca me disse nada?

Emílio deu de ombros e se encolheu.

— Ué, você nunca me perguntou.

— Porra, Emílio! — Cocei a nuca com as duas mãos, eu precisava

colocar as ideias em ordem. Sim, eu estava eufórico e até um pouco descontrolado, mas não iria parar. — Assim que entrarmos de férias eu e Lipe vamos levar a Elis lá.

— Poxa vida, ela vai amar. Posso ir junto?

— Claro!

— Ju, para de viajar. — Lipe se sentou na arquibancada, dobrou os joelhos e me puxou para me sentar entre suas pernas abertas. — Elis provavelmente já sabe sobre esse vulcão e você *tá* criando expectativas à toa.

Sentei-me meio de lado, uma perna dobrada entre as dele e a outra para fora, apoiada no assento de baixo.

— Se ela soubesse, teria me dito — disse de forma emburrada para Lipe por estar boicotando meus planos. — Elis me disse tudo sobre todos os vulcões do mundo, mas ela não mencionou nenhum aqui no Brasil e esse *tá* pertinho da gente, Lipe. — Apoiei as duas mãos em seu peito. — Por favor, diz que vai pelo menos pensar no assunto.

Ele pegou uma das minhas mãos e beijou meus dedos.

— Tudo bem, eu prometo, mas antes de sequestrar minha irmã, nós precisamos resolver outros assuntos pendentes. — Ele me lançou um olhar provocador e carinhosamente separou meu dedo do meio e enfiou na boca.

Minha mente deu voltas e eu soltei uma lufada de ar, pois meu pau deu uns saltos e minha respiração ficou curta. Puxei minha mão.

— Para com isso — sussurrei, discretamente olhando em volta.

Ele riu maliciosamente e me abraçou.

— Amanhã. Já disse pra minha mãe que vou estudar na sua casa. — Ele beijou meu pescoço. Fechei os olhos.

— E ela deixou? — Estava mole em seus braços enquanto meu pau estava duro dentro da calça.

— Professor de educação física! — alertou Emílio.

Levantei-me num pulo e sentei-me afastado de Phillipi.

— Vocês dois... pelo amor de Deus. — Emílio balançou a cabeça em negação, nos reprovando. — É proibido esse tipo de coisa na escola. Respeitem as regras, porra!

Encolhi-me, mas Phillipi pareceu não se importar. Ele nunca se importava quando estávamos fora da vila, era como se fosse dois mundos diferentes para ele, mesmo que na escola fosse proibido beijos e abraços de namorados, sejam eles quem fossem.

— Hmrrum. Ela deixou. — Phillipi dobrou as pernas e apoiou os braços no joelho, provavelmente disfarçando sua ereção.

— Ok! — Quase não tinha voz, pois meu coração veio parar na minha boca com a expectativa do que muito em breve iria acontecer.

— E Lipe vai finalmente perder o cabaço? — disse Emílio me roubando uma risada, pois eu não esperava que ele estivesse prestando atenção na minha conversa íntima com meu namorado.

— Vai à merda! — Phillipi tentou acertar um chute em Emílio, mas ele pulou um degrau da arquibancada e foi embora às gargalhadas.



Na última aula aproveitei o atraso do professor e fui ao banheiro, quando estava voltando para sala, Thomas me viu ao longe e veio ao meu encontro, me abordando antes de entrar em sala de aula.

— Ei... — Ele tinha as mãos enfiadas nos bolsos da calça e evitava olhar para mim.

— Ei. — Olhei para a porta. Lipe não estava lá.

— Olha, desculpa por aquilo... não sei o que deu em mim.

— Relaxa. — Não sabia o que dizer e se ele estava constrangido, eu mais ainda.

— Não, é sério. — Ele me encarou. — É que eu não sou...você sabe... — Ele deu de ombros.

— *Gay*? — Levantei as sobrancelhas.

— É.

— *Tá* tudo bem, Thomas. E de qualquer forma somos amigos, apenas isso.

— Claro! — Ele balançou a cabeça positivamente.

Puxei sua nuca e beijei sua bochecha. Ele prendeu a respiração. Voltei para sala de aula e Thomas ainda demorou segundos depois que o professor entrou.

Quando a aula acabou, corri para a condução, pois precisava desesperadamente contar a grande novidade do dia para Elisabeth, mas Phillipi me fez mudar de ideia no meio do caminho.

— Se você contar, ela vai fazer um inferno em casa e muito provavelmente meus pais serão obrigados a levá-la lá, antes de você.

— Ah, não! Eu que quero fazer isso.

Lipe suspirou e me segurou pelo braço, me impedindo de subir na condução.

— Eu vou te ajudar a bolar um plano, e se tudo der certo, nós contamos a ela, não antes.

— Ok! — sorri feliz e aliviado. Contar com a ajuda de Phillipi seria primordial e eu não via a hora de dizer à Elisabeth.

Era questão de tempo. Pouquíssimo tempo.

Quando cheguei em casa, o cheiro de bolo invadiu minhas narinas assim que eu abri a porta de vidro de correr, que dava para a garagem, na lateral da casa.

— Esse bolo é pra mim? — falei alto, deixando a porta aberta quando passei por ela.

— E tem outro aniversariante nessa casa? — Dona Aurélia surgiu no corredor com um sorriso doce e encantador nos lábios e esticou os braços. — Vem aqui, meu menino, deixa eu te dar um abraço.

Larguei minha mochila no pé da escadinha e a abracei, sentindo-me grato por ter em casa uma pessoa que cuidava de mim com tanto desvelo, mesmo sem ter qualquer tipo de parentesco comigo.

— Parabéns! — Ela segurou meu rosto entre as mãos e ficou segundos me observando. — Que Deus ilumine sempre essa sua cabecinha e que te dê muito juízo nessa vida! — Ela beijou minha bochecha.

— Obrigado, Dona Aurélia. — Segurei seu pulso e beijei a palma da sua mão. — Mas e o bolo?

— Ah, menino! — Ela sorriu e me puxou para a cozinha. — Seu bolo ainda não está pronto, falta a cobertura, e mesmo assim, agora é hora de almoçar, e hoje eu fiz seu prato favorito. Sente-se.

— Oba! Estrogonofe — falei brincando enquanto me sentava, pois ela sabia bem que meu prato favorito era lasanha.

— Estrogonofe? — Ela arregalou os olhos para mim e cobriu a boca com a mão. — Não era lasanha? — Parecia que o sangue tinha sumido da sua

face.

Foi tão engraçado que eu gargalhei, tombando a cabeça para trás.

— Juliano! — Ela ralhou comigo, jogando na minha cara um pano de prato. — Não sei por que eu ainda caio nessas suas brincadeiras. — Ela tirou do forno uma travessa de lasanha fumegante com queijo derretido por cima. — Se eu fosse sua mãe te dava umas palmadas. — Ela colocou a travessa em cima da mesa e depois me serviu de um pedaço bastante generoso. — Come devagar porque *tá* muito quente.

— Obrigado, Dona Aurélia. Parece delicioso. — Minha boca já cheia d'água. — Vai almoçar comigo né? — Coloquei a mão em seu braço antes que ela se afastasse. — Não quero almoçar sozinho no dia do meu aniversário.

— Você não vai almoçar sozinho! — A voz do meu pai preencheu a cozinha. — Eu vou almoçar com você, filho.

— Pai?! — Surpresa e espanto aceleraram meu coração.

— Eu mesmo. — Meu pai se reclinou e beijou meu cabelo. — Como foi sua aula? — Ele sentou-se ao meu lado.

— Normal. — Eu sorria feito um bobo, estava feliz de ter um simples almoço com meu pai no dia do meu aniversário.

— Que bom!

— Boa tarde Major. — Dona Aurélia serviu meu pai igualmente como fez comigo.

— Obrigado, Dona Aurélia. O cheiro *tá* divino.

E antes dela se retirar da cozinha, eu fiz menção para meu pai, olhando desesperado para ele convidá-la para sentar-se à mesa conosco.

— Almoça com a gente?

— Não Major... — Ela quase gaguejou. — Que isso...

— Por favor! — Virei-me para ela. — É meu aniversário. — Fiz a maior cara de pidão que eu consegui.

— Tá bom, mas só porque é seu aniversário.

Quando ela se sentou à mesa conosco, meu pai me encarou, um sorriso de satisfação em seus lábios, quase que me agradecendo, ou me elogiando, por ter sugerido que Dona Aurélia se juntasse a nós. Ele alisou minha mão e assentiu. Foi uma sensação de reconhecimento, como se ele se orgulhasse de mim e isso me deixou transbordando de alegria. E então almoçamos nós três, um momento tão simples, mas que me fez absolutamente feliz. Depois do almoço eu fui para meu quarto dormir um pouco e meu pai voltou para o quartel, ordenando que Dona Aurélia não esquecesse de fechar a porta lateral que estava aberta, antes de ir embora.

Quando acordei já se passava das quatro da tarde. Dei um salto da cama amaldiçoando a mim mesmo por ter dormido demais, imaginando a barra que seria dormir mais tarde, pois muito provavelmente estaria sem sono algum à noite e a dificuldade que seria acordar cedo na manhã no dia seguinte e ir para aula.

— Droga! — Tomei um banho gelado para ficar totalmente desperto, mesmo sendo em vão, escovei os dentes, vesti uma bermuda e quando estava saindo do quarto para pegar minha mochila que tinha ficado no pé da escadinha, a campainha tocou.

Desci os degraus num único pulo, dei uma passada de olho na cozinha e constatei que Dona Aurélia já tinha ido embora, mas o bolo de chocolate brilhava me cima da mesa. Cheguei na sala e a porta lateral ainda estava aberta, quando enfiei a cabeça para olhar pelo lado de fora, fui surpreendido por duas mãos segurando meu rosto e lábios se esmagando contra os meus. Phillipi! Meu coração disparou no peito. E logo sua língua invadiu minha boca enquanto eu dava uns passos para trás, trazendo-o comigo. Meu peito nu colou-se à sua camisa, nossos braços envolveram nossos corpos, paus duros se encontraram e meu despertar da tarde foi com um amasso louco com meu namorado, na sala de jantar da minha casa. O beijo foi duro, forte, meio

desesperado, cheio de gemidos, daqueles que arrepiam os pelos do corpo e faz a gente melar a cueca.

— Pilililpi... — Segurei seu rosto entre as mãos, arfando, buscando ar, pois o beijo insano me deixou sem fôlego. — Achei que seria amanhã... — Não que eu não quisesse, naquele momento, fazer tudo aquilo que eu havia imaginado com meu namorado, mas já passava das quatro horas da tarde e muito provavelmente meu pai estaria em casa logo após o fim do expediente, pois era meu aniversário.

— Vai ser amanhã... — Ele estava com as bochechas vermelhas. — Mas eu precisava te ver e ficar contigo neste dia. — Seus olhos iam dos meus olhos para minha boca, como se ele ainda não estivesse saciado dos meus lábios.

— Oh Lipe! — Eu o abracei, me sentindo agraciado pelas suas palavras. — Então que bom que você veio. Vem, vamos pro meu quarto. — O puxei pela mão, deixando mais uma vez a porta aberta. Essa era a vantagem de morar numa vila militar, nós não tínhamos medo de sermos assaltados ou coisas do tipo. — Seus pais sabem que você *tá* aqui?

— Não. Eu fugi de casa.

Virei-me de supetão para ele, antes de subir a escadinha.

— Sêrio?

— Hmrrum. — Ele passou por mim, agora me puxando escada acima. — Minha mãe foi levar a Elis pra aula de inglês e eu disse que tinha uma prova importante amanhã e tinha que ficar em casa estudando.

— Você é louco, sabia? — Eu o seguia, perplexo com sua atitude, já que Phillipi era sempre muito obediente aos seus pais. — Se seu pai descobre você *tá* fodido.

Entramos no meu quarto, parando entre a cama e a escrivaninha e Phillipi se virou para mim e apoiou os braços em meus ombros. Apoiei então as mãos em sua cintura.

— Você vale o sacrifício. — Ele selou meus lábios. — Além do mais...
— Seus dedos faziam um carinho gostoso na minha nuca. — Eu quero terminar aquilo que começamos nos fundos da academia.

Um sorriso malicioso rasgou meu rosto em dois, meu pau, que já estava um pouco mais calmo, ficou em alerta total e minha bunda apertou, já pressentindo os dedos de Lipe me invadindo.

— É mesmo? — Não conseguia mais nem falar, estava louco para me livrar do meu short.

Ele assentiu e eu o puxei pela cintura, colando nossos corpos. Passei uma mão em sua nuca e inclinei a cabeça, buscando seus lábios num beijo calmo e quente. Nossos lábios se abriram, nossas línguas se encontraram e logo estavam se enroscando e se saboreando. Uma mão de Lipe pressionando minhas costas enquanto a outra desceu para meu bumbum e começou a apertá-lo. Fiz o mesmo com ele, e quando minhas mãos seguraram as duas bandas da sua bunda, ele gemeu alto, livrando-se dos meus lábios e então começou a devorar meu pescoço enquanto minhas mãos apalpavam e acariciavam sua bunda. Era dura, redonda, empinada e deliciosa de se apertar.

— Eu também quero, Ju. — Ele enfiou sua mão na minha bermuda, apertando bem embaixo da bunda, bem no meio.

— O que, Lipe? — Minha respiração estava pesada, meu pau dolorido e meu corpo queimava de tanto desejo. Como eram deliciosos aqueles amassos! — O que você quer?

— Quero que você enfie o dedo em mim.

E como se eu despertasse de um transe, meus olhos se arregalaram. Fiquei segundos estático, processando a informação preciosa que Lipe acabara de me fornecer, pois enfiar os dedos em alguém seria novo para mim.

— Eu quero ter uma ideia do que você vai fazer comigo amanhã. — Ele me encarou.

— Oh! Por essa eu não esperava. — Meus olhos cresceram um pouco

mais e eu tive que apertar meu pau para evitar gozar apenas com a ideia de enfiá-lo no traseiro de Phillipi.

— Não? — Ele inclinou a cabeça, intrigado.

— Não. Achei que seria o contrário.

Seus olhos azuis cresceram tal como os meus. O sorriso que abriu em seus lábios foi dos mais pervertidos que eu já tinha visto em seu lindo rosto de beleza marcante. Foi tão profano que a insegurança de transar com ele bateu com força, como se no fundo, ele estivesse se aproveitando de mim. Era um pensamento um pouco ingênuo para o momento, afinal, eu e Lipe nunca juramos amor eterno e nem nada parecido, mas de alguma forma, eu me senti um pedaço de carne.

— Eu não importo que seja o contrário. — Ele selou meus lábios.

— Nem eu, na verdade eu prefiro que seja exatamente o contrário. — Desci a mão pela sua bunda e apertei com força, bem no meio. — Eu quero você, Lipe — sussurrei em seu ouvido.

— Então eu serei seu... — Ele segurou meu rosto entre as mãos e seu peito estufou.

Seu olhar agora era diferente, emanava inexperiência e inocência e eu me senti mal por tê-lo julgado de forma equivocada. Phillipi não estava se aproveitando de mim, ele queria trepar e eu era seu namorado, porra! Era óbvio que ele queira fazer tudo e comigo.

— E eu vou ser muito gentil com você. — Eu o abracei, sentindo em meu peito uma sensação de amor, carinho e cuidado crescendo de forma desmedida. — Obrigado por confiar em mim.

— Eu confio.

Nos encaramos por segundos. Seus olhos azuis conectados aos meus, era quase como uma oração, um ato religioso, uma premissa de que em breve seríamos um só, nem que fosse por uma única tarde. Mas toda conexão foi

rompida quando um vulto apareceu na porta do meu quarto.

— Ju...

Phillipi e eu olhamos imediatamente na direção da porta e ele deu um salto para trás, me empurrando de supetão.

— Merda! — Ele praguejou assustado.

— Caio?! — Minha voz não passou de um sussurro. Meu coração pulou uma batida, meu corpo tremeu e respirar ficou complicado. Caio era a última pessoa no mundo que eu esperava ver na porta do meu quarto, vestido com seu macacão de aviador e aquele olhar de eterna devoção que eu conhecia muito bem. Foi como uma miragem.

— Oi. — Ele olhava de mim para Phillipi. Aquele meio sorriso em seu rosto perfeito, como se estivesse feliz em me ver, mas não nos braços de outro homem. — Eu vim... — Ele deu um passo hesitante para frente, entrando em meu quarto.

Eu tive que me amparar na escrivaninha atrás de mim, pois minhas pernas bambearam. Meu peito subia e descia violentamente e meus olhos nadaram em lágrimas. Eu queria tudo naquele momento: avançar em Caio, lhe devolver o tapa que ele havia me dado na última vez que nos vimos, expulsá-lo da minha casa e ao mesmo tempo, eu queria pular em seus braços, sentir o calor do seu corpo me aquecendo e devorar seus lábios num beijo carregado de saudade. Eu queria que Phillipi não estivesse ali.

— Eu só vim te dar os parabéns. — Ele não deu mais nem um passo, suas mãos se seguravam, nervosas — Feliz aniversário, Ju. — Seu pomo de adão subiu e desceu.

— Obrigado... — Minha voz saiu baixa e rouca.

— Bom... — Ele deu um passo para trás... *Por favor não vá embora!* — Eu não... Tchau! — E ele sumiu.

Olhei para Phillipi que estava sentado em minha cama, implorando

silenciosamente para que ele me permitisse ir atrás do homem que foi meu universo por longos e longos anos, ou que talvez ainda fosse, pois a emoção de vê-lo, estava impregnada em cada pedaço do meu corpo e alma.

— Vá... — Ele disse simplesmente, apontando para porta.

— Eu vou voltar, não sai daqui. — Nem sabia como ainda tinha voz.

Saí correndo do meu quarto, pulei os degraus da escadinha, atravessei a sala e quando saí pela porta que estava aberta, Caio ainda estava na minha garagem, cabeça baixa, uma mão apoiada na parede e a outra na barriga, como se ele estivesse sem fôlego.

— Caio... — Minhas pernas travaram no lugar.

Ele se endireitou na mesma hora e rapidamente limpou os olhos.

— Volte pro seu namoradinho, Ju. Eu não quero te atrapalhar. — Ele virou-se de costas.

— Espera! — Dei um passo à frente. — Não vai embora, Caio. Não assim. — A sensação que eu tinha era que, se eu o tocasse, ele desapareceria.

— Que droga, Ju! — Ele berrou, virou-se para mim, avançou em passos largos na minha direção e me tomou em seus braços, me abraçando como se no mundo não existisse mais ninguém, apenas nós dois.

— Oh Caio! — E emoção de sentir seu calor e seu corpo foi tão arrebatadora que eu chorei. Eu soluçava e o apertava de encontro ao meu corpo, temeroso de que ele me largasse e evaporasse.

— Não chora, garoto estrela. Não chora... — Ele segurou meu rosto entre as mãos e limpou meus olhos. — Eu senti tanto a sua falta. Eu te amo tanto... Deus... — Ele beijou meu rosto por inteiro, estava afoito, respirando pesado.

Eu segurava seus pulsos, com força, meus olhos fechados e seu hálito quente impregnava meus sentidos. *Porra, como eu o amava!*

— Por favor, me beija... — Tentei alcançar seus lábios.

— Não, Ju... — Ele se esquivou, empurrando de leve minha cabeça para longe da sua. Tentei trazê-la para perto, mas ele segurou meus pulsos e me afastou. — Não faça isso.

— Por que, Caio? É só um beijo. — Meu corpo inteiro clamava por um beijo.

— Eu não quero mais te magoar, Ju. Não quero te fazer sofrer...

— Mas você veio até aqui... — Eu já não sabia mais conter minhas emoções, elas estavam excedendo a mim mesmo. — Você voltou pra mim...

— Eu não voltei, garoto estrela. Eu vim numa missão para Recife, e sem poder, eu dirigi até aqui, só pra te ver. Eu precisava saber como você estava... mas vendo você com seu namoradinho eu percebi o quanto estou agindo errado...

— Eu termino com ele, Caio. Eu esqueço tudo, eu esqueço o tapa, o Ruriz, eu esqueço tudo, é só você me pedir...

— Não... eu tenho que ir. Me desculpa aparecer sem avisar. — Ele estava aturdido e eu desesperado para que ele ficasse ao menos uns minutos.

— Por favor! Não vai embora.

— Ju, você não percebe? — Ele tapou a boca com a mão e olhou para o lado, como quem busca respostas em algum lugar que não em sua própria cabeça. — Eu não posso fazer isso com você. Eu não posso mais interferir na sua vida, você tem que viver como um garoto da sua idade...

— Dane-se a minha idade... — gritei.

— Shh... — Ele me abraçou e eu me deixei ser envolvido por aquele carinho fraterno, mesmo que aquilo fosse tudo o que eu não esperasse dele, mas me contentava. — Eu erre com você, desde o princípio e eu me culpo por isso.

— Você não errou... — Minha voz era chorosa e até infantil. Eu não entendia por que ele insistia naquilo.

— Sim, eu errei. — Ele me segurou pelos ombros e olhou fundo em meus olhos. — Eu fui irresponsável com seus sentimentos. Sabia de todas as coisas ruins que aconteceram na sua vida e mesmo assim, eu não te protegi e me deixei levar por esse sentimento abrasador que me queima por dentro toda vez que estamos juntos, e eu simplesmente peguei você pra mim... — Sua expressão de dor me matava por dentro. — Eu fui um mostro.

— Não foi... — Por mais que eu tentasse, eu não conseguia buscar argumentos para convencê-lo de que eu o amava, e se teve alguém que me fez enxergar a beleza na vida novamente, foi ele, apesar de tudo.

— Ju... sim, eu fui. Talvez um dia você entenda...

— Eu não entendo... — Eu o empurrei para longe, queria bater nele, eu estava inconformado com o fato dele me amar e não me querer. — Eu não quero entender, Caio. Eu só quero que você pare, está bem... — Comecei a chorar. — Pare de ser cruel comigo. Você vem até aqui depois de foder com a minha cabeça, sabendo que eu o perdoaria no ato e agora me diz que foi um monstro comigo? O que você quer de mim, Caio? Me diz, o que você quer de mim?

Naquele momento, eu era apenas um adolescente perdido e insano, tentando buscar naquele homem um pouco de lucidez. Eu queria me agarrar à mínima esperança, por mais instável que ela fosse, de que eu não tinha vivido uma louca ilusão com o Caio. Eu queria acreditar que alguma coisa tinha sido real, que ele tinha me amado pelo menos por algumas horas, das inúmeras que vivemos juntos. Não seria possível que ele tivesse apenas me usado e me descartado.

Apoiei a testa na parede e chorei, abraçando meu corpo, buscando um pouco de conforto e equilíbrio em mim mesmo, tentando me manter em pé sendo que a única coisa que eu queria era me ajoelhar aos seus pés e implorar que ele não fosse embora mais uma vez.

— Eu quero você, Ju. — Sua voz era mansa, calma, comedida. Ele colocou as mãos no meu ombro e me virou de frente para ele. — Eu sempre quis você, mas o nosso momento ainda não chegou. Você não está pronto pra

mim assim que como eu não estou pra você.

Recostei a testa em seu ombro e respirei fundo, tentando me acalmar. Engoli meu choro e olhei para cima, para olhar em seus olhos azuis.

— Eu sempre estive pronto pra você...

— Não! — Ele colocou o dedo na minha boca, me calando. — Quando a gente tem dezoito anos pensa que sabe tudo, Ju, mas a vida não é tão simples assim.

— O que você quer dizer com isso?

— Que você vai voltar pro seu namoradinho e eu vou embora. — Sua voz embargou.

— Vai embora pra sempre? — A dor em meu coração era dilacerante.

— Não... — Ele sorriu e uma lágrima escorreu pelo seu rosto, que ele disfarçou me abraçando e beijando minha testa. Ele buscou o ar. — Eu não conseguiria... — Seu corpo começou a convulsionar e ele me abraçou com força, afundando o rosto na curva do meu pescoço, e quando buscou meu olhar novamente, seus olhos estavam vermelhos e úmidos. — Eu não vou pedir pra você me esperar, mas se você puder, me dá só mais uns anos, só até você se tornar adulto.

— E depois, Caio? Não me dê promessas vazias, por favor...

— Depois é você que vai me dizer. Mas saiba que eu vou te esperar. Eu vou sempre te esperar. — Ele afundou seus lábios nos meus. Fechei os olhos e quando seus lábios se desgrudaram dos meus, demorei segundos para abri-los, pois não queria ver sua partida.

Respirei fundo. Controlei as emoções. Passei as mãos no rosto para me livrar de qualquer lágrima remanescente e entrei em casa arrasado, como se Caio tivesse sugado todas minhas forças. Dei de cara com Phillipi sentado na escadinha, me esperando e me olhando com uma cara que parecia mais uma interrogação gigantesca. Engoli em seco, caminhei em sua direção e sentei-

me ao seu lado. Ficamos em silêncio uns bons minutos, até que ele resolveu falar.

— Você tá bem?

Balancei a cabeça em afirmação e limpei a garganta antes de abrir a boca.

— Não entendo como ele pode ser tão cruel comigo. — Apenas sussurrei, olhando como um derrotado para o chão.

— Assim como você está sendo comigo? — Sua voz era crua.

— Oh, Lipe! — Olhei para ele. — Me perdoa por isso.

Eu o abracei e ele retribuiu, ciente de que eu precisava de um afago, e não de uma crise de ciúmes, e sem conseguir controlar a mágoa em meu coração, eu chorei mais uma vez. Como era injusto aquele momento.

— Você quer que eu vá embora? — Phillipi alisava minhas costas.

— Não, eu quero que você fique. — Eu soluçava.

— Ainda estamos namorando?

— Hmrrum... — Eu o encarei. — Eu só estou um pouco ferido, mas vai passar. — Limpei minhas lágrimas.

— Eu espero que passe, Ju. Porque ver você sofrendo desse jeito por causa de outro homem me machuca.

Suspirei longamente.

— Eu sei. Me desculpa mais uma vez. — Levantei-me e fui ao banheiro lavar o rosto. Quando voltei, Phillipi ainda estava sentado no mesmo lugar. — Quer bolo de chocolate?

— Claro! — Ele se levantou, olhou para mim e sorriu.

Não tocamos mais no assunto e eu não queria perguntar, mas tinha

minhas dúvidas se ele ainda estaria disposto a se entregar a mim depois de tudo.

Quando meu pai chegou, Phillipi já tinha ido embora. Comi mais um pedaço de bolo com meu pai antes dele ir para faculdade. Antes de dormir, peguei o livro do Lipe que Elisabeth havia trazido para mim e comecei a ler. Eu precisava ocupar a mente. Era uma história sobre dois amigos ricos que estudavam numa escola cara no Rio de Janeiro, sendo que o pai de um deles faliu e ele teve que sair da escola, morar na periferia e recomeçar a vida do zero. Parei na parte onde eles voltavam a se encontrar, quando o pai falido conseguiu se reerguer e o garoto voltou para a antiga escola. A história era interessante, mas o sono, ao contrário do que eu havia imaginado, chegou mais cedo que o esperado. Acho que foi estafa emocional, pois de certa forma, meus pensamentos iam e viam e paravam no Caio e na sua mais nova promessa, de me esperar. Só não saberia dizer se seu tempo seria igual ao meu.

— Hmm... — Eu gemia de satisfação com o pau do Phillipi enterrado na minha boca enquanto seu dedo estava enterrado na minha bunda.

Ele me chupava na mesma intensidade que eu o estimulava com o dedo.

— Hmmm... — Seu gemido reverberou na minha glândula, fazendo minhas pernas tremerem e meu saco encolher.

Estávamos deitados no tapete da minha sala, entre o sofá e a mesinha de centro, fazendo um *meia nova*, que era nossa mais nova forma de se curtir. As cortinas estavam fechadas, as portas trancadas, meu pai estava no quartel e Phillipi mais uma vez tinha mentido para seus pais para ficarmos juntos. Começamos a nos beijar...tudo tinha começado com um simples amasso e quando nos demos conta, estávamos sem bermuda e um chupando o pau do outro.

— Oh... — Minha mente derreteu quando ele socou seu dedo de forma rítmica e então eu jorrei em sua boca. — Hm. Hm...

Logo Phillipi também gozou na minha boca, fazendo seu corpo tremer e seus gemidos ecoarem pela sala. Engoli tudo e caí de costas no tapete, satisfeito e feliz. Phillipi levantou-se e saiu correndo e tropeçando para o banheiro, pois ele nunca engolia, dizia que tinha ânsia de vômito. Besteira. Mas eu o respeitava.

Levantei-me, vesti minha bermuda e abri as portas e janelas para fazer o ar circular, já que estávamos banhados de suor. Quando Phillipi voltou pra sala, já estava vestido.

E sobre a primeira vez do Phillipi e a nossa tarde de sexo tórrido? Não

rolou. Não porque ele não quisesse, eu que não quis. O encontro inesperado com Caio tinha mexido comigo de uma forma muito intensa, então expliquei a Phillipi toda minha estranha e confusa história com o Caio, sobre a minha primeira vez, sobre a promessa e de tudo ter acontecido exatamente no dia do meu aniversário, e eu não achava justo com o Lipe, que ele se entregasse a mim sendo que eu, talvez, não estivesse cem por cento entregue a ele. Ele agradeceu a minha sinceridade, disse-me que eu tinha sido muito digno em confessar meus medos e receios e que ele me admirava por isso. No fim das contas, nada mudou. Continuávamos namorando.

Mas... o nível dos nossos amassos subiu consideravelmente. E essa foi a recompensa toda. Não sei se, caso tivéssemos transado, os amassos teriam evoluído de uma forma tão transloucada, pois bastava estarmos juntos e sozinhos que a vontade vinha à tona. Nós nos permitimos um conhecer o corpo do outro, aos poucos, e cada nova descoberta vinha acompanhada de incríveis sensações de desejo, tesão e prazer. Algo que eu não tive a oportunidade de fazer antes do Lipe. E caralho. Como era bom! Não era incomum nos pegarmos um olhando para outro com aquele olhar de cumplicidade, perversão e malícia. Namorar Phillipi e me permitir ser feliz ao seu lado estava sendo uma das grandes experiências da minha vida.

— Liga pro Emílio. — disse Phillipi quando se sentou à mesa da sala, já abrindo os livros. Era nossa última semana de aula e tínhamos combinado de estudar juntos.

— Liga aí, amor. Vou mijar e ver o que Dona Aurélia deixou de lanche. Tô com fome. — Segui para o banheiro, mijeí, lavei as mãos, o pau e o rosto na pia mesmo e quando desci a escadinha, Phillipi apareceu na minha frente com o celular na mão.

— Ele disse que não pode vir. — Phillipi tinha um semblante preocupado.

— Não pode? — Estreitei o cenho. — E por quê?

Phillipi deu de ombros.

— Ele não disse, aliás, ele mal disse nada, apenas: “hoje eu não posso”, e

desligou.

— Eu heim! Que estranho. — Segui para a cozinha e Phillipi me seguiu. — Se foi ele mesmo que marcou aqui em casa. — Abri a geladeira, peguei uma garrafa de água e depois conferi a hora no micro-ondas, eram quatro da tarde, exatamente a hora que marcamos de estudar para as provas, as últimas provas do semestre.

Servi água para mim e Phillipi e o silêncio que se instalou na minha cozinha significava que estávamos preocupados com Emílio.

— Será que foram as irmãs dele que chegaram? — perguntei. — Ele disse que elas estavam pra chegar...

— Elas só vão chegar domingo que vem, no dia que a Val viaja pro Espírito Santo. — Lipe sentou-se à mesa.

Abri o micro-ondas e não tinha nada lá dentro, então abri o forno convencional e o cheiro de bolo invadiu minhas narinas, fazendo minha boca encharcar de água.

— Ah, agora eu lembro dele ter comentado isso... — Levei o bolo para mesa. — Sobre a Val não conhecer as cunhadas. — Peguei pratos, garfos e uma espátula. Servi um pedaço para mim e outro para Phillipi. — Tem refrigerante, quer?

— Não. *Tá* de boa. — Ele colocou um pedaço na boca.

— Acho que vou mandar uma mensagem pra ele... — Eu estava realmente preocupado, já que nossos encontros de estudo eram sagrados para o Emílio, gerando até uma competição saudável entre nós dois para ver quem conseguia tirar as notas mais altas.

— Faça isso, Ju. — Lipe terminou seu bolo, levou a louça para pia e recostou o quadril no balcão. — E vamos estudar logo que amanhã é prova de Matemática 2 e minha última nota não foi lá essas coisas.

— Você tirou oito, Lipe. — Levantei-me e deixei a louça na mesa

mesmo. — É uma excelente nota. — Olhei para ele da porta da cozinha.

— Não se comparado ao seu dez. — Ele estreitou o cenho para mim e veio ao meu encontro.

— E por acaso você está competindo comigo? — comentei e seguimos para a sala.

— E por acaso eu não percebi que você e o Emílio ficam competindo entre si? E como ele não *tá* aqui hoje, vamos ver quem tira nota maior, você ou eu.

— É uma aposta? — perguntei.

— Sim.

— Valendo o quê?

— Hm... não sei. Um boquete? — Ele riu com malícia.

— Combinado.

E então nos sentamos à mesa da sala de jantar e antes de começar a estudar Probabilidade e Análise Combinatória, enviei uma mensagem para Emílio.

E aí? Td certo?

Mas ele não me respondeu. E quando deu exatamente sete horas em ponto, a mãe do Lipe ligou para ele, o mandando ir embora, pois ele estava estudando desde as duas da tarde e já era hora da janta.

— Tenho que ir. — Ele recolheu seus livros. — Vou ter que estudar de madrugada, merda!

— Quando seus pais dormirem? — No fundo eu me sentia penalizado por Lipe ser tão controlado pelos pais e até entendia sua necessidade esmagadora de morar em outro país.

— Pois é, mas valeu a pena essas duas horas a menos de estudo. — Ele passou a mão nas minhas costas, me puxou de encontro ao seu corpo e afundou seus lábios nos meus. — Te adoro!

— Eu também. Agora vai lá, senão vou te prender aqui. — Selei seus lábios mais uma vez e o levei até a porta.

— Ah, você nem sabe! — Ele falou de supetão. — Perguntei à Elis se existia vulcão no Brasil, e sabe o que ela me disse?

— Não! — Óbvio.

Como eu poderia saber se não estava presente na conversa dos dois?

— Ela disse que o único vulcão do Brasil fica na Amazônia e que inclusive é vulcão mais antigo do planeta.

— Sério? Não sabia.

— Pois é, nem eu. Mas você sabe o que isso significa, não sabe?

Um sorriso largo apareceu em meu rosto.

— Que ela não tem ideia do Pico do Cabugi?

— Exatamente. — Ele chegou um pouco mais perto para falar. — E meus pais já confirmaram presença no churrasco da Barreira do Inferno.

— Puta merda! — Disse alto. A felicidade explodindo em meu peito.

— Shh... — Ele riu e olhou para os lados.

— Então vai dar certo o sequestro da Elis? — sussurrei.

— Sim. Fale com o taxista amigo do seu pai que nós vamos sim.

— Rá! — Dei um soco no ar, a ansiedade já estava me consumindo.

— Eu sou um louco por ter concordado com isso. — E Phillipi foi

embora me deixando com os pensamentos a mil por hora.

Nossa aventura estava garantida! Agora eu só precisava confirmar com a Val e o Emílio.



Emílio: ***Td certo. Desculpa não ter ido hj. Briguei com a Val. Tava mal.***

E finalmente Emílio tinha respondido à minha mensagem.

Eu: ***Vcs tão bem agr?***

Emílio: + ***ou*** –

Eu: ***Quer conversar sobre isso?***

Emílio: ***Ainda não. Vou voltar pra Matemática. Bj***

Eu: ***Bjunda***

Era perto das dez horas, meu pai ainda estava na faculdade, eu estava na cama, sem sono e se eu fizesse mais algum exercício de Probabilidade, era provável que enlouquecesse. Larguei meu celular de lado e fui caçar um Danoninho na geladeira. Assim que desci a escadinha, a campainha tocou alto me fazendo dar um salto e quase ter uma parada cardíaca.

— Porra! — Coloquei a mão no peito para acalmar o coração e fui ver quem era que estava tão tarde na minha porta. — Val? — Minha cara de interrogação foi inevitável.

— Oi. *Tava* dormindo? — Seus olhos multicoloridos, nunca soube distinguir a cor exata deles, estavam inchados e vermelhos, como quem tinha chorado, e muito.

— Não, *tava* indo... quer entrar? — Abri a porta um pouco mais. Ela não estava ali por acaso, estava à procura de um ombro amigo e muito provavelmente para falar sobre sua briga de mais cedo com o Emílio. Me

senti na obrigação de ser o amigo que ela procurava.

— Posso? — Ela engoliu em seco, parecia atordoada.

— Claro Val. — Segurei sua mão e a puxei para dentro. — Vamos comer alguma coisa, nada melhor que uma boa comida e uma boa conversa pra melhorar o astral.

— Valeu Ju! — Ela me abraçou e seguimos abraçados para a cozinha. — Estava mesmo precisando de um ombro amigo.

— Eu imaginei.

— Emílio conversou com você? — Ela se sentou à mesa da cozinha.

— Só que estava mal por vocês terem brigado. — Abri a geladeira e fiquei me perguntando o que a Val gostaria de comer. — Hmm...o que você quer? — Olhei para ela.

— Pipoca. — Ela se levantou e abriu a porta da despensa. — Onde está o milho?

— Aqui... — Peguei o milho e o óleo e entreguei nas mãos dela. — Você faz, porque eu não sei.

Ela revirou os olhos.

— Fala sério, Ju. Pipoca é a coisa mais fácil de fazer, mais fácil que ovo. É só colocar o óleo na panela, o milho, tampar e esperar. E quando começar a pipocar você dá uma *balangada* na panela.

— Balangada? — Eu queria rir, mas estava me controlando.

— É, seu chato. — Ela socou meu ombro. — Você entendeu. — Ela fez tudo que havia dito e depois suspirou longamente, seus olhos encontraram os meus e ela sorriu com os lábios cerrados. — Obrigada!

— Pelo quê? — sussurrei, seus olhos estavam tristes e eu me senti triste por ela.

— Por ser um amigo. — Seus olhos marejaram.

— Vem cá... — Então eu a puxei para um abraço caloroso onde ela se permitiu chorar, mas logo o milho começou a estourar e ela me empurrou, já limpando os olhos.

— Chega! Não quero mais chorar. — Ela pegou a panela, balançou e colocou no fogo novamente. — Sabe que pipoca é uma das minhas comidas favoritas. — Obviamente ela estava fugindo do assunto, mas se ela não estava pronta para se abrir, não seria eu a forçar a barra. — Às vezes me pergunto se quando eu tiver oitenta anos ainda vou gostar de pipoca. Pega uma vasilha. — Ela ordenou.

— O problema não é gostar de pipoca. — Peguei a vasilha no armário embaixo da pia e entreguei a ela. — É ter dentre pra comer.

— Ahh...Juuu... — Ela gargalhou alto. — Que maldade! — Ela despejou a pipoca na vasilha e de repente ficou séria e me encarou. — Será que ainda vamos ser amigos? Engoli em seco.

— Eu espero que sim. Porque vocês são praticamente meus únicos amigos.

Seus olhos marejaram mais uma vez.

— Vocês também, Ju. Vamos prometer ser amigos para o resto de nossas vidas, você e eu?

Balancei a cabeça em afirmação, pois não sei por qual razão, estávamos transbordando de emoção naquele momento. Ela então cuspiu na palma da mão e esticou para mim. Deus, eu nunca tinha selado uma amizade daquela forma. Foi tão profundo que nem pensei duas vezes, cuspi na minha mão e apertei a mão dela. Tive que engolir o caroço que se formou na minha garganta. Nos encaramos por segundos, mas a sensação daquelas babas misturadas foi demais.

— Eca! — Tive ânsia.

— Ai, credo! — Sua voz tremeu, horrorizada.

Imediatamente lavamos as mãos na pia, disputando o fio de água e o detergente de louça às gargalhadas. Depois pegamos o balde de pipoca e fomos para o meu quarto. Nos sentamos na minha cama, de pernas cruzadas, um de frente para o outro e o balde de pipoca entre nós dois.

— Vai me dizer agora o que você veio fazer aqui? — Olhei sério para ela.
— Porque comer pipoca eu sei que não foi.

Ela respirou longamente.

— Emílio *tá* bravo comigo e com razão. Mas eu não tenho como consertar meu erro, Ju. — Ela olhou para o nada, pensativa e depois deu de ombros. — Eu pedi um tempo pra ele.

— Vocês terminaram? — A dor no meu coração foi profunda.

— Não... — Ela riu e me encarou. — Eu pedi um tempo pra resolver essa merda toda. Domingo que vem eu viajo, então não tem por que causar um incêndio na casa da minha mãe se não vou estar lá pra apagar o fogo, entende?

— Mais ou menos. É tão grave assim? — Uni as sobrancelhas.

— Grave? — Ela soltou uma risadinha sarcástica. — Bota grave nisso!

Ficamos em silêncio um tempo, perdidos em pensamentos e eu poderia imaginar um milhão de motivos graves que levariam o Emílio a ficar bravo com a Val. Mas eu era apenas um garoto de dezoito anos e o real motivo da briga dos dois passou longe de ser uma possibilidade para mim. No fim das contas, não conversamos mais sobre o motivo da sua ida até a minha casa tarde da noite e com a cara inchada de quem tinha se acabado de chorar minutos antes. Eu também tinha meus fantasmas e por muitas vezes, estar na companhia de alguém era tudo o que eu queria e precisava para não surtar. Quando meu pai chegou, Val me agradeceu pela pipoca, pela conversa e foi embora.

— Tudo bem? — Meu pai perguntou da porta do quarto quando já estava na cama e pronto para dormir.

— Tudo.

— Sua amiga *tá* bem?

— Hmrrum.

— Quantos anos ela tem? — Ele estreitou o cenho.

— Dezesseis. — Não sabia onde meu pai queria chegar.

— Nossa! — Ele fez uma cara de dor, ou pena. — Novinha né?

— Não sei... — Dei de ombros.

Meu pai ficou me encarando por segundos, ele queria me dizer alguma coisa, ou perguntar, mas eu estava morrendo de sono e desesperado para dormir.

— Pai, eu tenho prova amanhã — falei quase implorando para ele fechar a porta e me deixar dormir.

— Oh! Tudo bem, filho. Boa noite, e boa prova.

— Valeu, pai.

E no fim das contas eu só fui descobrir o que houve entre a Valquíria e o Emílio no dia da nossa grande aventura ao Pico do Cabugi. O dia em que o quarteto fantástico se desintegrou totalmente.

— Merda! Já são quase dez horas — resmunguei pela milésima vez, alternando o olhar entre a direção da casa do Lipe e as horas no meu celular.

Estávamos eu, Emílio e a Valquíria no ponto da condução escolar esperando o Lipe e a Elis. Era sábado, nosso primeiro dia de férias e o céu sem nuvens deixava o dia agradavelmente quente e perfeito para uma aventura selvagem e arriscada ao Pico do Cabugi. Eu vestia bermuda jeans, camisa branca de algodão e tênis. Emílio igualmente despojado e Valquíria, muito fofa, vestia roupas de academia. Marcamos de nos encontrar assim que o ônibus com nossos pais deixasse a vila e isso já fazia uns dez minutos.

— Já ligou pra ele? Já mandou mensagem? — perguntou Val e naquele dia, como dizia minha avó, ela estava com a macaca. Já tinha brigado comigo, com o Emílio e até com o pobre do soldado que fazia a manutenção no parquinho. — Por que você simplesmente não vai até a casa dele e vê se aconteceu alguma coisa? Ficar aqui resmungando não vai fazê-lo se apressar e se a gente não sair daqui em quinze minutos...

— Eles tão vindo, graças a Deus! — gritou Emílio dando um salto do banco, interrompendo mais um sermão da Val. — Viu, minha deidade? São eles. Olha lá... — Emílio ria nervoso quando abraçou a Val e depois selou seus lábios num beijo casto.

Acho que tanto ele quanto eu, estávamos com medo da Val naquele sábado. Ela parecia histérica. Quando eu cheguei à parada de ônibus, ao invés de um bom dia, levei foi uns gritos por ter me atrasado — dois minutos! E eu não tive nem como me defender, pois o Emílio foi logo se justificando e se desculpando por mim. Achei melhor ficar calado e encolhido na minha, pois se o próprio namorado estava com receio de vê-la nervosa, quiçá eu que era

apenas um amigo.

— É bom que ele tenha uma bela desculpa. — Ela nem sorria.

Eu acreditava piamente que a Valquíria estava possuída pelo cão naquele dia, principalmente porque ela iria viajar na manhã seguinte e toda a confusão que ela havia feito na semana passada seria desfeita. Somente depois fui entender o motivo de tanto estresse.

Enquanto Lipe e Elis se aproximavam, meu coração acelerava de tal forma que parecia querer voar pela boca. Comecei a roer as unhas e a ansiedade foi tanta que, quando eles estavam a uns passos da parada, eu fui ao encontro deles.

— Caramba, Lipe. Vocês demoraram! — Meu sorriso só faltava morder minhas orelhas.

Phillipi estava de camisa contra raios solares e boné. Elisabeth tinha uma mochila pendurada nas costas e seus cabelos longos e loiros estavam presos num rabo de cavalo. Ambos estavam muito sérios. Phillipi tinha a ponta do nariz avermelhada de quem tinha chorado e evitava olhar para mim. Meu coração acelerado se comprimiu dentro do peito e meu sorriso evaporou do meu rosto.

— O que houve? — Segurei seu queixo e o fiz olhar para mim, constatando o óbvio. — Por que você estava chorando? — Nunca tinha visto meu namorado chorar, então me preocupei de imediato.

Phillipi não pareceu gostar da minha invasão de privacidade, pois não respondeu aos meus questionamentos — e nem teve tempo também — e seu olhar mortal parecia que queria minha cabeça decepada. Soltei seu queixo e me encolhi.

— A nossa empregada faltou e papai queria obrigar que eu e Lipe fôssemos pro churrasco com eles e Lipe disse que não queria ir. — Elis tratou de relatar todo o ocorrido. — Aí os dois começaram a brigar e Lipe começou a chorar porque papai nunca confiava nele, e mamãe pediu pro papai deixar o Lipe em casa, e quando papai concordou eu disse que também não queria ir

pro churrasco, então Lipe disse que cuidaria de mim e foi mais outra briga.

Olhei da Elisabeth para Phillipi e suspirei.

— Ainda vamos?

Merda. Eu queria ter dito alguma coisa para consolá-lo, ou só abraçá-lo, mas Elis estava ali do nosso lado e Phillipi tinha me lançado aquele olhar intimidante, que o receio de não ser bem recebido me fez reagir com total frieza de quem só estava interessado em levar a garotinha para conhecer a porra do vulcão.

— Claro, Juliano. Claro que vamos. — Phillipi passou por mim, quase dando um encontrão no ombro.

— Hei... — Segurei seu braço. — Sinto muito pela briga com seu pai.

Phillipi olhou para baixo e engoliu em seco.

— Tá tudo bem. — Ele praticamente sussurrou.

— Eu queria te abraçar agora.

Ele sorriu e me lançou um olhar afável que me derreteu por dentro.

— Então abraça.

O sorriso que antes partia meu rosto em dois voltou e então eu o abracei, carinhosamente, afundando a cabeça na curva do seu pescoço e absorvendo seu cheiro de sabonete e perfume misturados, sem me importar com Elisabeth bem ao nosso lado, nem com os soldados que limpavam o parquinho e nem com qualquer outra pessoa que eventualmente pudesse nos ver abraçados. Era só um abraço! E foi inebriante sentir seu cheiro. Senti seu peito subindo e descendo como quem finalmente consegue relaxar.

— Então Elis... — Claro que Emílio iria nos salvar da Elisabeth. — Pronta pra grande aventura? — Ele gritou.

— SIIIIIMMM...

Eu e Lipe sorrimos, nos desfizemos do abraço e nos encaramos. Ele acariciou meu rosto e eu beijei sua mão, mas na verdade queria ter beijado seus lábios. Valquíria mal esperou nossos olhares se desconectarem e já começou a dar ordens para nos apressarmos. Então pegamos nossas mochilas, cada um munido com seus próprios suprimentos, como água, biscoitos e protetor solar.

Nos embrenhamos no mato e atravessamos a cerca de arame farpado que dava acesso ao bairro de Emaús, colado à vila, num momento em que não havia nenhum soldado fazendo patrulha, pois sabíamos que sair da vila pelo portão principal, ou o secundário, seria fácil, difícil seria sair da vila com Elisabeth a tiracolo. Então, burlar o protocolo de segurança fazia parte dos nossos planos.

— Nós vamos fugir de casa? — Espanto e surpresa estampados na cara de Elis.

— Lógico que não, mas se você abrir sua boca e contar pro papai que a gente saiu da vila, eu te mato. — Phillipi segurou Elisabeth tão firme pelo braço que os olhos da menina cresceram assustados. — Então é melhor você prometer que nunca, jamais, você vai falar pra ele onde nós vamos agora.

— E onde nós vamos? — Ela perguntou assustada.

— PROMETA! — Ele a chacoalhou.

— Ei, calma! — Val colocou a mão em seu braço.

— Eu prometo! — Elisabeth sussurrou.

— Eu também prometo — disse Emílio quebrando a tensão que se formou à nossa volta.

E então todos nós prometemos, inclusive Lipe.

— Mas onde nós vamos? — Agora sua feição era de surpresa e empolgação.

— Você já vai saber — respondeu Lipe.

Alguns quarteirões à frente e lá estava o amigo taxista do meu pai nos esperando. Foi aí que nossos problemas começaram, e se eu deveria ter desistido de tudo, aquele deveria ter sido o momento, mas eu estava focado demais em levar Elisabeth para conhecer o Pico do Cabugi, que nem me atinei para os sinais, tão evidentes, de que estávamos mesmo embarcando numa desventura. Em série.



Jorge era um cara magro e alto, cabeleira vasta e um tom de pele um pouco mais clara que do Emílio. Ele costumava me levar e buscar na escola ou qualquer outro lugar quando Caio ou meu pai não podiam. Quando lhe perguntei se poderia me levar ao Pico do Cabugi, ele nem questionou, apenas acertamos os detalhes do pagamento e marcamos um local de encontro. Eu o conhecia bem e confiava nele.

Quando nos aproximamos, já fui tratando de apresentá-lo a todos. Depois das formalidades, era hora de partir.

— Só tem um problema. — Jorge coçou a cabeça. — Você não me disse que era tanta gente, e como vamos pegar a BR, todos têm que estar de cinto, e eu não tenho quatro cintos no banco de trás.

Eu e os outros três nos entreolhamos. Elisabeth segurou firme a mão de Phillipi, talvez com medo de ser abandonada à própria sorte e longe de casa e dos pais. Quase me desmontei de pena por causa dos seus olhinhos apreensivos.

— Poxa Jorge, quebra esse galho pra gente. — Não seria possível que nossos planos iriam por água abaixo justamente na hora de pegarmos a estrada. — Ela vai atrás e quietinha, você pega leve no acelerador. Por favor.

Seus olhos correram entre nós cinco, que o observava com caras de cachorros abandonados. Ele suspirou.

— Ok. Mas a ruivinha vai na frente, é mais seguro.

— Por que *ela* vai na frente? — Emílio praticamente puxou Valquíria para trás de si. — *Eu* vou na frente. — Ele bateu no peito, mas parecia querer bater no Jorge.

— Você não, cara— retrucou Jorge. — Ou ela ou o loirinho. — Ele olhou fundo nos olhos de Emílio, era um olhar cheio de cumplicidade. — Me desculpe.

— Por que não eu? — Emílio baixou a guarda, mas ainda parecia intrigado.

Jorge hesitou em responder, e praticamente sussurrou para não ser ouvido por mais ninguém além de nós cinco.

— Porque nós somos negros, cara. E dois caras negros no banco da frente levanta muitas suspeitas.

— Ah, fala sério! — Val esbravejou.

Meu queixo caiu e meu lado primitivo transformou uma pequena faísca de raiva em uma grande explosão de desaforos.

— Ah não, Jorge! Eu te respeito pra caralho, mas não pode falar assim com meu amigo. — Eu praticamente apontava o dedo na sua cara.

— Eu não falei nada demais! — Ele recuou uns passos para trás enquanto Lipe e eu praticamente o encurralamos no canto de um muro.

— Peça desculpas pro nosso amigo, agora! — Phillipi berrou.

— Você não o conhece... — Estava prestes a dissertar todas as qualidades de Emílio para Jorge quando senti sua mão em meu braço.

— Deixa, Ju. Ele tem razão.

— O quê? — Cerrei o cenho para Emílio, não era possível que ele estivesse conformado com aquele absurdo. — Ele não tem razão, Emílio. Isso não existe.

— Pior que existe, moleque. Essas merdas vêm para nós de diversas formas e uma pequena abordagem da polícia e um bacolejo, só porque tem dois caras negros no banco da frente de um carro, é uma forma disfarçada de preconceito que só quem sofre é que percebe. Vocês não sabem o que é isso.

— Meu Deus! — Levei as mãos à cabeça e meus olhos umedeceram.

Que bosta de mundo é esse? Para onde tinha ido a porra da compaixão? Caralho! Tom de pele não define caráter. Orientação sexual não define caráter. Classe social não define caráter. E de certa forma eu entendia bem o que o Jorge queria dizer, eu não sofria preconceito por causa do meu tom de pele, mas sim, , por muitas vezes, me senti discriminado por causa da minha orientação sexual. Eu me isolava das pessoas. Eu morria de medo de admitir para todo mundo quem eu era de verdade, temia ser rejeitado, pelo meu pai e por qualquer outra pessoa. E esse era um sentimento muito foda. O medo da rejeição. Engoli em seco.

— Eu odeio isso! — Val bufava de raiva. — Deus, como eu odeio isso. — Ela levou a mão à barriga. — Eu abomino qualquer forma de preconceito ou discriminação. Meu namorado é negro, meu melhor amigo pra vida toda é *gay*, eu sou gorda...e daí? QUAL O PROBELMA DISSO? FODAM-SE TODOS VOCÊS. — Ela berrou para quem quisesse ouvir.

— Amor, calma! — Emílio a abraçou.

— Na minha sala as pessoas não gostam de mim porque eu falo demais e sempre sei de todas as respostas — disse Elisabeth. — Mamãe disse que todos eles têm inveja da minha inteligência. Então eu acho que quem tem preconceito, na verdade, tem inveja.

Deus, que menina é essa?

— É isso aí, Elis. — Phillipi passou a mão na cabeça dela e depois colocou as mãos na boca, formando um alto-falante. — FODA-SE SEU PRECONCEITO! — Ele berrou.

Foi tão engraçado que até nosso taxista riu e então todos nós repetimos o gesto de Phillipi e gritamos aos quatro ventos, inclusive Elisabeth: FODA-SE

SEU PRECONCEITO. Muitos olhares curiosos saíram de suas casas para nos ver aos gritos.

— FODA-SE! — Alguém gritou de dentro de uma casa.

Foi o suficiente para nós seis cairmos na risada.

— Não teria problema você ir na frente — disse Jorge por fim a Emílio, quando recuperamos o fôlego. — Somos pessoas de bem, mas infelizmente esse tipo de coisa acontece, já aconteceu comigo e com meu irmão e merda... vai continuar acontecendo até que as pessoas parem de se importar com a porra da carcaça, sabe? Mas a gente pode, de fato, ser parado por uma blitz ou coisas do tipo, e dessa vez, estaremos realmente fazendo uma coisa errada, que é levar a garotinha sem cinto de segurança.

— Eu vou na frente, não tem problema. Já extravasei a minha raiva. — Valquíria entrou no carro. — E entrem logo antes que chamem a polícia.

Todos concordamos sem questionar e seguimos nosso destino.



A primeira hora da viagem, Elisabeth parecia o Burro do Shrek perguntando a todo instante se já tínhamos chegado, a segunda hora ela apagou nos braços do Phillipi, e então ele a deitou em seu colo e eu coloquei suas pernas em cima das minhas. Ela parecia um anjinho dormindo e ressonando.

Emílio ficou calado e pensativo o trajeto inteiro, sentado atrás de Valquíria, mas com a mão possessiva — ou cuidadosa — em seu ombro.

Já eu, quase surtei quando, no meio da viagem, às margens da BR, num vilarejo no meio do nada, havia uma fogueira.

— Ah! — Desviei os olhos na hora e meu coração disparou no peito. As imagens da minha mãe vieram imediatamente à minha mente e eu praticamente me afundei no banco do carro.

— Oi? — Phillipi perguntou.

— Nada. — Disfarcei meu medo e forcei um sorriso. Foi pior, aquela estranha sensação de ansiedade começou a tomar conta de mim de forma implacável. Minhas mãos começaram a suar e a respiração parecia não funcionar.

Avistamos o Pico ao longe e a euforia começou a transbordar dentro do carro. Eu queria ficar feliz, mas de alguma forma, todos meus pensamentos me levavam à minha mãe, era como se ela estivesse ao meu lado.

Assim que chegamos na entrada do Pico do Cabugi, Jorge parou o carro em frente a um portão de madeira, que estava fechado e que dava acesso à estrada de terra que levava ao Pico. À nossa volta havia uma imensa vastidão de caatinga, relativamente verde por causa do período de chuvas e ao fundo, como uma pintura num quadro, estava o Pico do Cabugi. Alto, solitário e imponente. Não havia nada ali, apenas uma pequena construção e uma cerca de arame farpado, um pouco mais recuada da pista, que se perdia de vista por toda extensão da BR.

— Aqui estamos — disse Jorge.

— Acorda Elis. — Phillipi chacoalhou Elisabeth que despertou rapidamente.

— Chegamos? — Ela olhou assustada para todos os lados. — Onde estamos?

Não tivemos como responder. Estávamos hipnotizados por aquela coisa descomunal de mais de quinhentos metros de altura com uma estrutura cônica em seu ápice. Descemos do carro mudos e fascinados.

— Bom, eu vou esperar seu sinal num posto de gasolina a uns quilômetros daqui — disse Jorge.

Saí do transe e olhei para ele.

— E lembre-se, são mais duas horas de volta, então se vocês querem estar

em casa até as quatro horas da tarde, então temos que partir no máximo até as duas.

Peguei meu celular no bolso e conferi as horas, era meio dia e meia.

— Não precisa esperar eu te ligar. Esteja de volta às duas em ponto que estaremos aqui.

Jorge assentiu, entrou no carro e partiu. Voltamo-nos os cinco para o Pico.

— Lipe, onde nós estamos? — A voz da Elis saiu fraca.

Ela olhava fixamente para o Pico assim como nós, foi então que eu me ajoelhei em sua frente e segurei suas mãozinhas.

— Tá vendo aquela pirâmide bem atrás de mim?

Ela estreitou o cenho.

— Aquilo não é uma pirâmide, é uma montanha.

Eu sorri.

— É verdade, aquilo não é uma pirâmide, mas também não é uma montanha. Aquilo lá... — Olhei para trás por alguns segundos e depois voltei aos seus olhos, tão azuis quanto do Phillipi, mas muito mais curiosos. — Aquilo lá, Elis, é um vulcão. — Busquei ar quando terminei de falar, pois eu estava emotivo naquele momento.

Os olhos da Elis se prenderam aos meus por uns segundos e depois voltaram-se para o Pico atrás de mim. Pude perceber o exato momento que sua respiração acelerou, pois eu não consegui desviar meus olhos dela, eu queria capturar cada reação sua. Ela olhou para mim novamente.

— Mas no Brasil não existe vulcões.

Por Deus que os olhos dela marejaram. Meu queixo tremeu com a emoção estampada naqueles olhinhos, querendo negar o óbvio.

— Mas aquele gigante atrás de mim, é um vulcão. — Eu me levantei, segurei a mãozinha dela e demos uns passos adiante. — Na verdade, esse... — aponte para frente — é o Pico do Cabugi e é o único vulcão extinto do Brasil que mantém a sua forma original. Não é lindo?

— É verdade isso, Lipe? — Ela soltou minha mão e virou-se para Phillipi.

Quando me virei, percebi que Valquíria estava nos filmando com seu celular. Então me juntei aos quatro.

— Sim, é verdade. Você gostou da surpresa?

Elisabeth ficou mais séria do que se poderia e passou seus olhos por cada um de nós.

— Então a aventura de vocês era pra me trazer aqui? Vocês vieram aqui por mim?

— Sim. — Engoli em seco.

— Oh meu Deus! — Ela tapou a boca com as mãos, virou-se para o Pico, ficando de costas para nós e contemplou a beleza natural que se estendia do chão até quase alcançar o céu. Quando ela se virou para nós novamente, seu rosto estava banhado em lágrimas. — Obrigada! Vocês são os melhores amigos que eu poderia ter.

Tive que controlar as lágrimas, pois a felicidade da Elisabeth mexia demasiadamente com o meu emocional. Eu estava feliz por ela.

— A ideia foi do Ju, então agradeça a ele — disse Lipe com a voz entrecortada.

Foi então que Elisabeth correu ao meu encontro, e antes mesmo de chegar até mim, eu me ajoelhei no chão e fui recebido por um abraço que me sufocou de tanto carinho e gratidão, a ponto de me fazer verter emoção pelos olhos. Sim, eu chorei abraçado àquela garotinha que mais parecia um anjo de tão pura. Logo todos se juntaram ao abraço. Foi uma cena linda de se ver.

Com os corações mais calmos e emoções controladas, seguimos rumo ao Pico, mesmo sabendo que não poderíamos escalá-lo, principalmente por causa da Elisabeth, mas queríamos estar mais próximos possíveis da base do vulcão. Um castelo de pedra que derrubou as muralhas que havia em cada um de nós.

Segredos vieram à tona.

Talvez isso tudo tenha sido a ruína do nosso quarteto.

Quinze minutos de caminhada por uma estrada de terra, vegetação seca e rasteira à nossa volta, um sol escaldante torrando nossos miolos e eu não conseguia tirar a imagem da minha mãe correndo pela rua com as labaredas de fogo consumindo seu corpo.

Val e Elis iam na frente, de mãos dadas, cantando cantigas de roda, muitas das quais eu conhecia bem, pois Duda as cantava durante todo o dia, sem parar.

Eu ia mais atrás de mãos dadas a Phillipi e ele conversava empolgado com Emílio sobre seus respectivos pais.

— Juro que às vezes eu desejo que meu pai volte pra mãe das minhas irmãs. — Emílio se lamentava pelo péssimo relacionamento que ele tinha com a mãe. — Minha mãe é uma mulher difícil, viu?! Não sei como meu pai aguenta.

— Minha mãe é um doce sabe? Mas ela é tão bitolada quanto meu pai nesse lance de educação — disse Phillipi. — Já meu pai, porra, ele age como se nossa casa fosse um quartel. A disciplina impera lá dentro e se eu quebrar uma regra que seja, meu amigo, o pau quebra. É muito foda.

Comecei a lembrar dos meus momentos em família, nós quatro reunidos na mesa do café da manhã, numa manhã de domingo, comendo torradas com ovo frito, feitas por mamãe e conversando sobre a compra de uma casa grande onde nós poderíamos criar um cachorro. Eu e meu pai pesquisando sobre as melhores raças para crianças e Duda dando sugestões de nomes, sempre nos fazendo rir com suas escolhas mais que românticas e infantis, como Amorzinho se fosse um macho ou Florzinha se fosse fêmea. Mamãe

dizia que queria um closet enorme no quarto e uma piscina no quintal. Não éramos a família perfeita, mas era a minha família e eu era feliz ali. Mas logo as lembranças boas foram substituídas por atropelamento, labaredas e um pai enfurecido e fora de si.

— Hm! — Apertei os olhos e balancei a cabeça, desejando que todas aquelas lembranças ruins me deixassem em paz, mas fui despertado pela mão de Phillipi no meu ombro.

— Hei... tudo bem?

Abri os olhos e Phillipi estava na minha frente, me observando com preocupação, Emílio um passo mais à frente e Val e Elis vindo em nossa direção, curiosas para saber o que diabos estava acontecendo ou porque havíamos parado.

— Hã? — Não sabia o que dizer.

— Você parou de andar, estava com cara de dor. Você *tá* bem? — Ele passou o dedão sobre meu lábio superior, retirando dali gotículas de suor.

Eu respirava com dificuldade, e por Deus, eu não estava nada bem.

— Só um pouco enjoado, acho que é o calor. — Estralei meu pescoço, virando a cabeça de um lado para o outro a fim de relaxar.

— Porra, Ju. Você tem que se hidratar! — Phillipi foi para atrás de mim, abriu minha mochila, pegou minha garrafa de água e entregou a mim. — Bebe! É capaz de você estar com insolação de novo. — E ele se lembrava do nosso primeiro encontro onde eu passei mal por insolação.

Phillipi tirou seu boné e colocou na minha cabeça.

— Vamos parar um pouco — disse Val. — Eu também estou cansada e esse sol *tá* de matar.

Bebi metade da garrafa e a outra metade eu joguei sobre meu rosto, para aliviar o calor e refrescar a pele.

— Tem uma árvore fazendo sombra naquelas pedras, vamos nos sentar lá — disse Emílio já se dirigindo para onde ele havia apontado. — Cuidado pra não esbarrar nos cactos.

Saímos então da estrada de terra cercada por uma vegetação seca e rasteira e nos sentamos sobre as pedras avermelhadas e sob a única sombra decente à nossa volta. Phillipi ao meu lado, tratou de entornar sua garrafa de água na boca. Ele estava com tanta sede que gemia a cada gole, algo que ele sempre fazia quando estava sentindo prazer, e naquele momento, tomar uns goles de água estava sendo uma dádiva. Encostei meu nariz em seu ombro e a aba do boné bateu na sua bochecha.

— Ai! — Ele disse sorrindo.

— Desculpa — sorri de volta e virei o boné ao contrário.

Ao nosso redor, as plantas pareciam que nos observavam, sedentas para terem de nós uma gota de água que seja, de tão secas que eram, e de tão suados que estávamos. Não tinha uma alma viva sequer à nossa volta e o chão era tão seco e duro que qualquer fricção dos nossos tênis na terra, fazia um barulho um tanto quanto assustador.

Emílio tomou uns goles da sua água e ofereceu o restante para a Val, e quando ela lhe devolveu a garrafa ainda apela metade, ele a mandou curvar ligeiramente a cabeça para frente, entre os joelhos e então ele molhou a nuca dela.

Elisabeth ajoelhou-se na terra, colocou sua mochila bem na sua frente e começou a tirar de lá uma infinidade de coisas. Ela bebeu água, e depois olhou em volta como se estivesse procurando algo muito importante.

— Tive uma ideia! — Ela levantou o dedo indicador, seus olhos tinham um sorriso matreiro. — Eu trouxe marshmallow. — Ela se levantou. — Phillipi trouxe fósforo. — Ela começou a catar gravetos no chão. — Vamos fazer uma fogueira.

— O quê? Não! — Meu coração disparou no peito.

— Boa, Elis! — disse Val. — Amo marshmallow assado! — Val levantou-se da pedra e começou a catar gravetos também.

— Vocês são loucas — disse Emílio. — A gente corre o risco de pôr fogo em tudo à nossa volta.

— Acho que fazer uma fogueira nesse calor não é muito inteligente — disse Lipe.

— Põe tudo aqui, Elis. — Val disse ao colocar um montinho de graveto afastado da vegetação, bem ao centro de onde nós estávamos. — Aqui não corre o risco do fogo se alastrar.

— Não vamos fazer fogueira alguma! — Meu tom de voz se elevou. Eu estava pasmo e desesperado. Levantei-me e chutei os gravetos para longe. — Esquece isso.

— Pô Ju! Por que você fez isso? — Val ralhou comigo e começou a juntar os gravetos novamente. — A gente vai fazer sim.

— Não precisa ser uma fogueira grande, Val — disse Elisabeth catando mais gravetos.

— Solta isso Elis, não vai ter fogueira. — Eu fui ao seu encontro e bati em suas mãos, fazendo os gravetos que ela carregava caírem no chão.

— Ai! — Ela olhou para mim com olhos mortais, bufando de raiva.

— Hei, Ju, tá maluco? — Lipe gritou, mas não dei ouvidos.

— Vai ter fogueira sim! — Ela disse num tom autoritário e começou a pegar os gravetos que caíram sobre seus pés.

— Relaxa, Ju — disse Emílio. — É uma fogueira pequena, inofensiva.

— Inofensiva é o caralho! — retruquei. — Eu já mandei você largar isso! — Puxei Elis pelo braço e arranquei os gravetos da sua mão.

— Você não manda em mim! — Ela me empurrou. — E eu quero! — Ela

se ajoelhou e começou a juntar os gravetos com a mão, fazendo um montinho no chão, que eu afastei novamente para longe com o pé. — Para de fazer isso, seu chato! — Elis se levantou e mais uma vez começou a pegar os gravetos do chão.

A imagem da fogueira na estrada, minha mãe em chamas, Duda e sua teimosia para sair cedo de casa, de repente minha mente confundiu tudo e eu surtei.

— LARGA ESSES GRAVETOS, DUDA!

— Meu nome não é Duda! — Elis começou a chorar, pois eu a segurava e apertava seu braço. — Me solta, Ju.

— Larga ela, Juliano! — Phillipi me despertou quando segurou meu pulso e livrou o braço da irmã da minha mão. — Você pirou, porra? Ela não é a Duda!

E eu caí em mim.

— Oh Deus! — Meu queixo tremeu e meus olhos se inundaram de lágrimas.

Todos me olhavam assustados e se eu não desse explicações provavelmente iriam me tarjar de louco, algo que estava sendo naquele momento. Completa e insanamente pirado.

Olhei para Elisabeth, que me observava amedrontada atrás de Phillipi.

— Desculpa, Elis. Eu sei que seu nome não é Duda. Duda era o nome da minha irmãzinha. Ela foi atropelada bem na minha frente e morreu nos braços do meu pai.

— Ai! — Val colocou uma mão no peito, como se pudesse sentir a dor de perder um filho.

— É por isso que eu tenho tanto medo daquela parada de ônibus da Base. — Olhei para todos e depois olhei para Elis. — As crianças estavam correndo para entrar no ônibus e minha irmã foi empurrada pra frente. Eu vi tudo, foi

tão rápido e não pude salvá-la. Ela era tão teimosa, eu disse pra ela que ia dar tempo de pegar o ônibus, mas ela insistiu em sair mais cedo de casa. — O choro veio de forma uma tão incontrollável que eu tive que tapar a boca para não ecoar à nossa volta.

— É por isso que você não gosta que eu corra quando o ônibus chega? — A voz de Elis era tão doce e eu já estava tão arrasado, que desabei de joelhos no chão.

— Sim. — Sentei-me sobre os calcanhares, me sentindo fraco. — Deus! — Eu chorava feito uma criança. — AAAAAAAAAAARR... — Eu berrei, tentando colocar para fora de uma vez toda dor que me sufocava. — Um ano depois minha mãe ateou fogo no próprio corpo, e eu vi tudo. — Lágrimas, coriza e baba encharcavam meu rosto, eu precisava expurgar tudo aquilo, eu precisava. — Eu devia ter chegado mais cedo, mas não queria voltar pra casa e fiquei fazendo hora na rua... foi a coisa mais horrível que eu vi na vida, foi tão horrível! — Eu chorava, soluçava e apesar da vergonha de ter me exposto de forma tão banal, a descarga emocional fazia eu me sentir mais leve a cada palavra que saía da minha boca e a cada lágrima que eu derramava sem nenhum constrangimento. Foi a minha catarse. — Então, por favor... — Olhei para os quatro que me observavam atônitos e especificamente para Elis. — Sem fogueira!

— Meu Deus! — Val disse e quando olhei para ela, seu rosto estava banhado em lágrimas. — Você sofreu tanto com tantas mortes e eu querendo morrer todos os dias depois que descobri que tenho uma vida dentro de mim.

— Ah não! — Emílio levou as mãos à cabeça, fechou os olhos e virou-se de costas para nós, como se as palavras da Val tivessem sido um soco em sua cara.

Phillipi e eu ficamos olhando para Valquíria e como dois adolescentes idiotas que éramos, não entendemos nada do que ela disse

— Oh meu Deus, você tá grávida?! — Elis correu ao encontro da Valquíria e a abraçou, envolvendo sua cintura rechonchuda e afundando a cabeça em sua barriga.

Meus olhos imediatamente encontraram os olhos de Phillipi, que estava petrificado com tantas revelações.

— É sério? — Levantei-me e recuperado do meu desabafo, limpei meu rosto com a camisa. — Você tá grávida?

Emílio virou-se para mim, seus olhos estavam rasos d'água. Ele afirmou com a cabeça.

— Sim. — Ele disse por fim, e como se a revelação da gravidez tirasse suas forças, ele abraçou a Val. Suas costas tremendo denunciavam o quanto ele estava emocionado e fragilizado com a situação.

— Meu Deus! — E logo eu estava abraçando os dois ao mesmo tempo com Elis espremida entre nós.

— Que loucura! — Foi a vez de Phillipi se juntar ao abraço. — Você vai ser pai, cara. Parabéns, porra!

E todos nós rimos, pois foi engraçado, mas não era um sorriso de felicidade, era de nervoso.

— Merda! — disse Emílio quando nos soltamos do abraço. — Eu vou ser pai, né?

— É, meu negócio... — Val colocou uma mão na bochecha do namorado e a outra cobriu seu ventre. — Você vai ser papai sim, e eu vou ser a sortuda de ser a mãe de um filho seu.

Emílio trancou o maxilar, pois ficou sem palavras.

— Eu te amo. — Ele beijou a palma da mão da Val, ela o puxou pela nuca e os dois se beijaram.

Senti os dedos de Phillipi segurando os meus e demorei segundos para olhar em seus olhos. Ele não disse nada, apenas sorriu de lábios cerrados, um sorriso afetuoso e complacente. Virei-me de frente para ele e quando ia acertar um beijo casto em seus lábios, agradecendo pela cumplicidade e pelo seu silêncio que dizia tanto, um grito alto e estridente da Elisabeth fez a bolha

que nos envolvia se estourar e trazer todos de volta para a realidade nua e crua da vida.

— Um escorpião! — Ela começou a correr desesperada em círculos. — Um escorpião picou a minha perna! — Ela chorava e gritava, completamente apavorada e fora de si. — *Tá* doendo muito.

— Ah não! — Phillipi a segurou pelos braços para ela parar de correr. — Deixa eu ver!

— Não! *Tá* doendo Lipe! — Ela urrava e esperneava.

Eu senti o sangue se esvaindo das minhas veias. Não seria possível, Senhor! Tudo de novo não!

— Cristo, a gente precisa levar ela pro hospital — disse Val.

— Fica quieta, Elis! — Phillipi ralhou com ela, mas o terror era evidente em sua voz.

— Eu seguro ela! — disse Emílio já envolvendo a cintura da Elisabeth com os braços assim que se ajoelhou atrás dela.

Valquíria parou ao meu lado.

— Liga pro Jorge. Agora! — O sangue dela também havia desaparecido.

— Ok! — E sem querer ver a checagem dos dois na perna da Elis, me virei de costas e liguei para o Jorge. Apertei os olhos quando os gritos da Elisabeth começaram a ocupar todos os espaços à nossa volta.

— Já? — Ele perguntou assim que atendeu.

— Vem embora que a Elisabeth foi picada por um escorpião. — Não sei de onde tirei a frieza e a coragem de falar essa frase sem gaguejar, chorar ou gritar.

— Puta merda, estou indo!

Encerrei a ligação e olhei para Phillipi.

— Jorge está vindo, temos que correr.

Ele assentiu. Valquíria pegou as coisas da Elisabeth espalhadas no chão e rapidamente colocou-as dentro da mochila. Eu peguei a mochila do Phillipi, Emílio pegou a da Val, Phillipi pegou Elisabeth no colo e nós saímos correndo em disparada ao ponto onde Jorge havia nos deixado. A cada passo meus tímpanos zumbiam, meu coração mais acelerado do que nunca esteve na vida e eu só conseguia correr e repetir mentalmente uma súplica: Por favor, Senhor, de novo não!

Assim que chegamos na rodovia, Jorge estava parando o carro no acostamento. Ele desceu, abriu todas as portas e no instante seguinte estávamos todos dentro do carro. Não sei ao certo como entramos ali, eu estava tão apavorado com a possibilidade de que algo muito ruim acontecesse com a Elisabeth, que mal conseguia raciocinar.

Elisabeth, sentada no colo do Phillipi, entre mim e Emílio, berrava e esperneava, enquanto Phillipi a segurava com firmeza, impedindo-a de lhe acertar uns socos ou chutes. Emílio segurava as pernas da Elis com dificuldade e eu estava com medo até de tocá-la. Val olhava para trás com olhos esbugalhados e respiração curta. O suor banhava nossas peles e o cheiro de terra impregnava o carro. Olhei para Phillipi e não era apenas suor que banhavam suas bochechas rosadas e sujas, eram lágrimas. Parecíamos desertores fugindo da guerra.

— Deus, tenha piedade — sussurrei e comecei a chorar. Apoiei a testa nos joelhos, me sentindo culpado por tudo o que estava acontecendo e o que viria a acontecer, pois certamente, Phillipi seria severamente castigado por isso e tudo era culpa minha.

— Pelo amor de Deus, Jorge. Pisa nesse acelerador! — gritou Emílio.

— Já estou a cento e sessenta! — Jorge tinha os olhos vidrados na estrada e segurava com tanta força o volante do carro que seus músculos estavam retesados. Ele mal respirava.

Valquíria começou a rezar em voz alta e eu me amaldiçoei por não saber rezar.

— Quero vomitar! — disse Elis entre um soluço e outro.

— Aqui! — disse de prontidão, pois de alguma forma, eu tinha que fazer alguma coisa, então abri minha mochila, joguei tudo que tinha dentro no chão do carro e entreguei-a à Elisabeth.

Certamente ela teria questionado em outra ocasião, ou até recusado, mas não dessa vez. Ela pegou minha mochila, enfiou sua cabeça dentro e colocou para fora tudo que pôde.

— Tira o tênis dela, Emílio. — Val continuava olhando para trás, era como se ela não pudesse tirar os olhos da Elisabeth.

E então me veio uma brilhante ideia de pesquisar na internet sobre picadas de escorpião em crianças. Sequei meu rosto, peguei meu celular dentro do bolso da bermuda e comecei minha busca para tentar pelo menos minimizar a dor da Elisabeth.

— Isso, tira o tênis dela e põe a perna pra cima — disse para Emílio que me obedeceu de imediato. — Qual era a cor do escorpião Elis, você o viu, não foi?

— Sim, era amarelo e pequeno. Ele subiu no meu tênis e deu uma ferroada na minha perna. — Ela soluçava sem parar.

— Diz aqui que é bom lavar o local, alguém ainda tem água? — Minha voz e minhas mãos, tremiam.

— Na minha mochila — disse Phillipi.

— Eu pego. — Então Emílio lavou a perna da Elisabeth, que começou a se acalmar com esses cuidados básicos.

— O que mais, Ju? — perguntou Val, aflita.

— Diz aqui que é bom ela beber bastante água.

— Ela acabou de vomitar — disse Lipe.

— Mesmo assim, dá água pra ela. — disse Val.

— Eu quero água — disse Elis com a voz mais branda.

— Eu tenho! — Val então pegou sua garrafa de água e entregou a Elis, que entornou na boca de uma só vez, fazendo barulho a cada gole.

— Agora é correr para o hospital. — Eu disse por fim.

— Essa parte é comigo — disse Jorge. — Fiquem calmos agora, que ela vai ficar bem.

— Como você tem certeza disso? — A voz de Phillipi falhou.

— Porque ela é forte. — Jorge respondeu.

Phillipi soluçou e então segurou a cabeça da irmã e deu um longo beijo em seus cabelos.

— Você vai ficar bem, ok?! — Ele chorava, e por Deus, era de cortar o coração. — Lipe vai cuidar de você.

— Hmm... — Elisabeth se acomodou no colo do irmão, tremendo e suando e vez por outra choramingando de dor.

A ideia de fazer a pesquisa acalmou a todos de certa forma, que por um lado foi bom, pois sabíamos que Elisabeth não corria grandes risco se fosse socorrida logo, mas a culpa e o remorso ainda me corroíam por dentro.

— Hei! — sussurrei apenas para que Phillipi me ouvisse, e mesmo que Valquíria estivesse nos olhando, eu tive que dizer: — Me perdoa.

— Não faz isso. — Ele trancou o maxilar.

— Lipe...

— Não, Ju. Não foi culpa sua, ok?!

— Não foi culpa de ninguém e ao mesmo tempo foi culpa de todos nós —

disse Val.

— Não vamos pensar nisso, gente — disse Emílio. — Por favor. Não é o momento.

Ficamos em silêncio uns segundos, mas eu ainda queria falar, queria dizer a Lipe que sentia muito por tudo.

— Eu assumo a culpa, Lipe. Eu sei que seu pai...

— Por favor, cala a boca. — E ele me lançou um olhar tão rígido que meus músculos se enrijeceram em resposta.

Assenti para ele e engoli em seco, ciente de que alguma coisa havia mudado.

— Tudo bem.

E então cada um se reservou em seu mundinho enquanto Jorge corria contra o tempo e as leis da física para chegar ao hospital da Base o quanto antes.



— Ela vai ficar bem, vocês podem ir pra suas casas — disse o médico quando percebeu que ninguém arredava o pé do lado da Elisabeth.

Todos nós gritamos e vibramos.

O alívio da notícia tirou minhas forças, e então eu me recostei na parede atrás de mim.

— Deus, obrigado! — Tapei o rosto com as mãos e deixei a emoção tomar conta de mim.

— Oh Ju... — Valquíria me abraçou, penalizada pela minha crise repentina de choro, mas que controlei antes de ficar ridículo.

Elisabeth estava numa cama hospitalar na emergência do posto de saúde da Base, um corredor cumprido e largo com camas de cada lado separadas por biombos e cortinas. O médico do dia já tinha aplicado um soro antiescorpiônico, medicamento para dor e agora ela estava sendo hidratada com soro fisiológico na veia. Elisabeth estava dormindo e ficaria em observação por algumas horas, mas ficaria bem, segundo o médico.

— Mas somente um acompanhante pode ficar aqui com ela. Os outros terão realmente que ir embora.

— Eu fico... — disse de prontidão, fungando e secando as lágrimas.

— Não, Juliano! — retrucou Phillipi, mas eu não o deixei terminar de argumentar.

— Eu fico aqui enquanto você vai em casa, toma um banho e liga para os seus pais, Lipe. Estamos imundos e seus pais precisam saber o que aconteceu.

Phillipi não respondeu, mas concordou com a cabeça.

— Eu tenho que ir — disse Val. — Tenho que fazer minha mala que amanhã cedo eu viajo.

— Eu vou com você, amor — disse Emílio para Valquíria. — Vou tomar um banho também, e depois eu volto pra ver como ela está. — Ele estendeu a mão para mim que eu bati seguido de um soco de punho fechado. — Fique bem.

Val me abraçou, beijou minha bochecha e depois sussurrou em meu ouvido:

— Amigos pra vida?

— Sim. — Eu a segurei pelos ombros e beijei sua testa.

Os dois saíram de mãos dadas. Só então Phillipi fechou a cortina e ficamos sozinhos com Elisabeth dormindo e ressonando. Eu fiquei branco, pois acreditei que levaria um merecido soco na cara e muito provavelmente o mandaria bater do outro lado. Mas ele me abraçou. Só então eu respirei.

— Eu estou com raiva, não vou negar. Mas isso não muda o que sinto por você, Ju. Eu ainda gosto muito de ti, e apesar de tudo, esse dia vai ficar pra sempre marcado na memória da minha irmã. Então... obrigado.

— É uma despedida? — Meus olhos arderam.

— Não. — Ele sorriu. — É só um desabafo com meu namorado.

— Então ainda somos namorados? — Eu o puxei e o abracei.

— Claro que somos, Ju. Nada mudou sobre isso. — Ele selou meus lábios. — Eu volto em meia hora no máximo, ok?

— Ok.

Quando Phillipi foi embora eu mandei uma mensagem para o Jorge avisando que Elisabeth ficaria bem, que ele poderia jogar fora minha mochila recheada de vômito e que depois eu pegava minhas coisas que ficaram espalhadas no chão do seu carro. Puxei uma cadeira de plástico, sentei-me, apoiei os braços na cama e deitei a cabeça em cima. Senti a mãozinha da Elisabeth afagando meus cabelos e quando levantei a cabeça, ela sorriu e voltou a dormir. Beijeí sua mão, coloquei-a sobre meu braço e deitei a cabeça em cima, sentindo o calor e a maciez da sua mãozinha gorducha em minha bochecha. O cansaço me venceu e eu acabei cochilando.



— Hei! — Senti a mão do Phillipi alisando minhas costas.

— Hã? — Despertei-me. — Nossa, já? — Levantei-me e olhei para meu namorado, todo limpinho e cheiroso, com suas roupas largas e cabelo molhado.

— Caramba! — Ele tinha um sorriso divertido nos lábios. — O que houve com você, Ju? Você tá acabado, cara! E porra... — Ele me cheirou. — Você tá fedendo.

Estreitei os olhos e forcei uma risada.

— Engraçadinho! — disse com desdém e passei por ele. — Espera pra me ver daqui uns minutos.

— Minha bicicleta *tá* na entrada da emergência, pega lá pra você ir mais rápido.

— Ok.

Saí do hospital, peguei a bicicleta do Lipe e voei para casa, me sentindo um passarinho saindo da gaiola, pois andar de bicicleta era um dos meus prazeres favoritos e desde que eu tinha arreventado a minha naquela queda infeliz, nunca mais tinha sentido este prazer de ter o rosto acariciado pelo vento enquanto testava minhas habilidades motoras e condicionamento físico. E pelo tempo que cheguei em casa, não estava nada mal.

Entrei em casa como um raio já tirando as roupas e quando cheguei ao banheiro e vi meu reflexo no espelho pude entender o que Phillipi quis dizer sobre eu parecer acabado.

— Cruzes!

Joguei minhas roupas no chão, me enfiei debaixo d'água e o sumo escuro que escorria do meu corpo ia levando consigo um bocado dos sentimentos ruins que impregnaram minha pele e minha mente desde que aquela maldita fogueira na estrada havia roubado minha paz. Depois do banho vesti-me com uma bermuda, camisa, chinelos, penteei os cabelos me sentindo um novo homem, peguei uma maçã na geladeira e voei de volta para o hospital.

— Wow! Tempo recorde — disse Lipe assim que me viu. Seus olhos estavam arregalados de surpresa e o azul intenso da sua íris me fez querer beijá-lo.

— Não fui tão rápido assim. — Selei seus lábios. — Como ela *tá*?

— Dormindo, mas o médico disse que assim que acabar este soro, ela já pode ir embora.

Respirei fundo.

— Que bom. Eu tive tanto medo. — Olhei em seus olhos.

— Eu também. Vem cá... — Ele me puxou pela nuca e me abraçou. — Eu sinto muito.

Eu sabia que não era sobre Elisabeth que ele estava se referindo e muito menos sobre o ocorrido, era sobre meu desabafo carregado de emoção sobre minha irmã e minha mãe. Fechei os olhos e o abracei mais forte, sentindo o calor do seu corpo e todo o desvelo e preocupação que vinham das suas palavras e do seu abraço. Phillipi era assim, ele demonstrava sua preocupação com afeto e sua insatisfação com palavras. Isso era uma das coisas que eu admirava nele, pois não existia indiretas ou rodeios na nossa relação. As coisas simplesmente fluíam.

— Onde ela está? — A voz preocupada do pai de Phillipi bem nas nossas costas. — Phillipi? — E a interrogação em seguida, como se ele não acreditasse que era mesmo Phillipi que estivesse ali, abraçado a mim, de forma tão...comprometedora.

— Pai? — Phillipi me soltou do abraço, mas não abruptamente, foi lento, quase calculado, seus lábios sem cor e meu coração querendo voar pela boca.

— Elis? — Tia Iara...*graças a Deus...* entrou no cubículo, empurrando todos para chegar em Elis e as atenções se voltaram para ela.

Eu estava mudo e assim fiquei. Saí do espaço da cama e fiquei no corredor observando a movimentação da família Vilaça em torno de Elisabeth e rezando a Deus que o pai de Phillipi não tenha desconfiado de nada sobre nós. E por Deus, a picada do escorpião se tornou minúscula diante da minha preocupação.

O médico do dia apareceu em seguida e Phillipi juntou-se a mim no corredor para dar espaço para todos.

— Onde você estava quando isso aconteceu? — O pai de Phillipi lhe lançou um olhar feroz.

— Do lado dela, pai. — Phillipi estava mais tenso do que eu nunca tinha visto.

E merda, foi a mesma pergunta que minha mãe me fez: *Onde você estava?*

Certas coisas são inevitáveis. Pensei. *Acontecem quando tem que acontecer.* Naquele momento eu desejei ir para casa, me deitar na minha cama e ficar olhando pro teto por um longo tempo, mas eu não sabia se devia ficar ali com Phillipi ou simplesmente ir embora. Decidi pela opção mais difícil.

— Por que ela está imunda? — Tia Iara olhou para Phillipi.

É sério que ela perguntou isso?

Phillipi deu de ombros.

Uma enfermeira chegou para tirar o soro do braço de Elisabeth, que ainda estava sonolenta e alheia a tudo. O médico do dia e o pai de Phillipi começaram a conversar sobre picadas de escorpião, perigos, cuidados e porra...sobre estatísticas.

— Pai... — sussurrou Phillipi e eu parei de respirar. — Eu vou indo então, pois minha bicicleta tá lá fora.

— Chegar em casa a gente conversa. — Ele respondeu e voltou a conversar com o médico, que eu rezava para que amenizasse nossa barra e principalmente a de Phillipi.

— Sim, senhor. — Phillipi respondeu para o pai, olhou para mim e se dirigiu à saída. Eu o segui.

Praticamente só voltei a respirar quando já estávamos do lado de fora do hospital.

— Você acha que seu pai...

— Não quero pensar nisso, Ju. — Nunca tinha visto Phillipi tão

preocupado. Um vinco se formava em sua testa e ele evitava olhar para mim.

Seguimos em silêncio, andando e empurrando a bicicleta de Phillipi, e quando já estávamos na área da vila, eu coloquei a mão em seu ombro para tentar aliviar a tensão que pairava sobre nós.

— Relaxa. Elisabeth *tá* bem e o assunto do escorpião vai abafar tudo que seu pai viu. E se ele perguntar, diz a verdade.

— Dizer a verdade? — Ele elevou o tom da voz e empurrou minha mão. Seu olhar duro e carregado de ira me irritou profundamente.

— Que você estava sendo solidário comigo, porra! — falei mais alto. — Sobre minha mãe e minha irmã. Ou não foi isso que aconteceu lá dentro? — Apontei na direção do hospital.

Phillipi relaxou os ombros.

— Foi sim, desculpa, Ju. Eu só estou... — Ele suspirou.

— Tudo bem — disse com a voz mais branda e puta merda...eu o abracei novamente, a bicicleta entre nós dois e o barulho de nada à nossa volta, já que essa era umas das características mais marcantes daquele lugar nos fins de semana: o silêncio.

Mas uma freada de carro praticamente em cima de nós, nos fez dar um salto para trás e eu coloquei a mão no peito de Phillipi, por instinto, para protegê-lo.

— Entra! — A ordem dada pelo pai de Phillipi arrepiou os pelos da minha nuca.

Phillipi engoliu em seco, olhou para mim e sem dizer uma palavra, obedeceu à ordem do pai. Assim que ele entrou no carro, pude ouvir a voz da Elisabeth, que estava amuada no banco de trás: “Me desculpa, Lipe!”. Então eu soube: Phillipi estava ferrado.

Não sei ao certo como consegui chegar em casa, pois minhas pernas tremiam de medo, tanto por mim quanto por Phillipi.

Mandei um milhão de mensagens para ele, mas nenhuma delas ele visualizou. Liguei para Emílio, mas não quis aborrecê-lo com minhas preocupações, já que as deles eram tão grandes ou maiores que as minhas, então apenas conversamos sobre assuntos banais e rimos um pouco de tudo que tinha acontecido. Não conversamos sobre a gravidez da Val e eu não quis perguntar. Não naquele dia.

Quando meu pai chegou em casa, o sol já havia se posto.

— Ju! — Ele gritou animadamente assim que entrou em casa.

— Pai — sussurrei, pois estava na escadinha esperando por ele assim que ouvi o barulho do ônibus do churrasco parando em frente à nossa casa.

— Tudo bem? — Ele subiu os degraus e parou ao meu lado.

Neguei com a cabeça.

— O que houve, filho? — Sua expressão alegre sumiu.

Sentei-me no degrau da escada, meu pai sentou-se ao meu lado e então eu decidi contar tudo que tinha acontecido, e mesmo sabendo dos riscos de levar um sermão ou ficar de castigo, eu precisava falar a verdade. Foi a melhor decisão do dia. Meu pai me ouviu atentamente, sem fazer grandes perguntas, e por fim recebi um grande apertão no pescoço, daqueles que recebemos de amigos.

— Fico feliz que tenha me contado. Só não faça mais uma coisa dessa sem me comunicar com antecedência. Vocês estão bem agora, mas podia ter acontecido o pior, e eu não sei o que seria de mim se te perdesse também. — Sua voz falhou e minha garganta travou, e por sorte fomos salvos desse momento constrangedor pelo toque do telefone fixo, que raramente tocava, bem no alto da escadinha. Meu pai se levantou e entendeu.

— Major D’Alva — disse já se identificando. — Sim... oh Vilaça, como vai?

Meu coração parou de bater, juro.

— Claro. Agora? Pode vir.

Meu pai encerrou a ligação e olhou para mim.

— Major Vilaça está vindo aí, vá para seu quarto e só saia de lá quando eu chamar, está bem?

— Sim senhor.

Quando passei pelo meu pai ele me segurou pelo ombro.

— Não tem mais nada que eu precise saber?

Neguei com a cabeça.

Sim, tinha muita coisa que ele precisava saber e eu precisava contar, mas não naquele momento, não antes de uma conversa com o pai do Phillipi.

Meu pai assentiu e eu me tranquei em meu quarto, hiperventilando e suando. Liguei para Phillipi para saber como ele estava, mas a ligação caiu na caixa postal. Meia hora de pura agonia e eu à beira de uma crise de pânico, meu pai abriu a porta do quarto e eu dei um salto da cama.

— Vamos comer uma pizza? Não comi nada naquele churrasco e tô morrendo de fome.

É o quê?

— Como foi a conversa, pai? O que o pai do Lipe queria? — *Por Deus, me tire dessa aflição!*

— Nada, apenas me falar tudo o que você já tinha me dito.

— Meu Deus, pai! — Eu estava exasperado e meu pai parecia que tinha passado o dia no parque. — Foi só isso?

— Sim. Só isso. Ele *tá* meio puto com o filho. Vamos?

Reverei os olhos.

— Meio puto? — Calcei meus chinelos e passei pelo meu pai parado na porta. — Eu liguei pro Lipe um milhão de vezes, mas só caiu na caixa postal.

— Ah, o garoto vai ficar de castigo uns dias, mas vai ficar bem.

Droga! Em plenas férias.

— Eu espero — murmurei.

Não toquei mais no assunto e nós seguimos para a pizzaria, mas eu só consegui pensar em conversar com Lipe e saber se ele estava bem. Mas essa conversa nunca aconteceu.

— Merda! — Atirei com tudo o celular em cima da cama, fazendo-o quicar e dar uma cambalhota no ar. A preocupação com Phillipi se transformando em completa fúria.

Desde que tinha acordado, cedo da manhã, já tinha enviado mais de um milhão de mensagens para ele, ligado algumas vezes e em todas as tentativas, eu tinha ficado num imenso, escuro e silencioso vácuo.

Decidi então fazer as coisas por minha conta. Peguei meu celular, que por sorte não tinha caído no chão, enfiei no bolso da bermuda, montei na bicicleta do Phillipi que tinha ficado comigo e fui devolvê-la. Se meu namorado não pudesse falar comigo, ao menos eu saberia se ele ainda estava vivo. E saber disso seria um grande alívio para minha interminável angústia. Mas ao invés do que eu imaginei, o imenso, escuro e silencioso vácuo também tinha engolido a sua casa, pois não havia uma alma viva sequer ali, nem Bobby estava lá para contar história. As cortinas estavam fechadas e o carro não estava na garagem. Saí de lá meio sem rumo e com o coração na mão, mas deixei a bicicleta do Phillipi encostada no fundo da garagem, assim ele saberia que estive em sua casa.

Assim que saí do seu gramado verde e bem aparado, e pisei na rua de paralelepípedo, meu celular começou a tocar e vibrar dentro do bolso da minha bermuda. Tentei de pegá-lo, imaginando que fosse Phillipi, mas era só Emílio.

— Oi. — Atendi sem disfarçar a decepção na voz.

— Onde você tá? Vim aqui na tua casa e nem teu pai sabe do teu paradeiro.

— Tô voltando. Vim no Lipe, mas não tem ninguém em casa — suspirei decepcionado.

— Então vem logo que é sobre ele mesmo que eu quero falar contigo.

— Porra! — Coração acelerou. — Chego em um minuto. — Encerrei a ligação.

Deus queira que Emílio tenha alguma notícia, e que seja boa.

Desisti de devolver a bicicleta. Subi o gramado correndo, montei na bicicleta do Phillipi e voei para minha casa. Quando subi a rampa da minha garagem, Emílio, que estava sentado numa das cadeiras da varanda, deu um salto e levou as mãos à cabeça.

— Você enlouqueceu, Juliano? — Seus olhos querendo saltar da cara.

— O quê? Por quê? — Larguei a bicicleta em cima do gramado, não tão verde quanto do Lipe, meu coração martelando no peito, de cansaço e de ansiedade.

— Você roubou a bicicleta do cara. — Ele apontou exasperado para a bicicleta deitada em cima da grama.

— Que roubei que nada! — disse com raiva olhando para a bicicleta. — Ela *tava* comigo e eu fui devolver, mas como tu ligou... — Olhei para Emílio. — Esquece essa bicicleta. O que tu tem pra me falar? — Fui andando em direção às cadeiras da varanda e Emílio veio junto. — Ontem deu a maior merda, o pai dele nos pegou abraçados duas vezes, e ainda veio aqui em casa conversar com o meu pai. Por sorte eu tinha contado tudo a ele, senão, não sei o que meu pai teria feito comigo. — Sentei-me numa cadeira e Emílio sentou-se em outra. — Eu só sei que o Lipe vai ficar de castigo, mas eu queria ao menos saber se ele *tá* bem, e se o pai dele desconfiou de alguma coisa, porque o Lipe morre de medo...

— Ju... — Emílio me interrompeu, estava extremamente sério. — Phillipi viajou.

— O quê? — Calei-me na hora, só então percebi que estava tagarelando mais que o homem da cobra e que o que Emílio tinha para me dizer não era nada prosaico. — Viajou como?

— De avião. — Ele deu de ombros.

Revirei os olhos. Quis socar a cara do Emílio.

Não queria saber como Phillipi tinha viajado, pro inferno se foi de avião, trem ou de nave espacial, eu queria saber como *meu namorado* tinha viajado e nem ao menos me avisado, e mais, como Emílio sabia que ele tinha viajado e eu não.

— Viajou pra onde, porra? — A tristeza chegando aos poucos.

Ele respirou longamente.

— A Val encontrou com eles no aeroporto. Ele está de castigo por tudo que aconteceu, o pai confiscou o celular dele, e pelo o que a Val me contou, ele estava bem abatido e com os olhos inchados. Parecia que tinha chorado a noite inteira.

— Puta merda! — Apoiei os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos.

— Ele só volta semana que vem, quando as férias acabarem.

— Ah não! — Decepção batendo com força, recostei-me na cadeira e olhei para Emílio. — Ele disse alguma coisa sobre mim? Sobre...nós?

— Não que a Val tenha me dito, mas como ela só conseguiu falar comigo quando já estava no avião, provavelmente não me disse tudo.

— Ela podia ter ligado pra mim — desabafei, quase cuspiendo marimbondos, e mesmo sabendo que nem a Val e nem o Emílio tinham culpa de nada, fiquei irritado pelo fato deles saberem mais do meu namorado do que eu.

— Podia, Ju. Mas não ligou.

— Vou passar as férias longe do Lipe. Que merda! E o pior, sem notícia alguma dele.

Não sabia se também estava triste, com raiva ou com ciúmes. Mas uma coisa era certa, eu já estava morrendo de saudades do meu garoto de olhos azuis e todos nossos planos de passar as férias colado um no outro foi por água abaixo por causa de uma porra de uma infeliz aventura que quase custou a vida da Elisabeth.

Eu era realmente um cara sem sorte.

— Se serve de consolo, eu também vou ficar as férias longe da Val, e o pior é que ela vai contar tudo pra mãe dela e eu não vou estar ao seu lado pra dar apoio nem nada. Não sei como vai ser... — Ele estava bem arrasado.

Meus Deus, eu era um péssimo amigo.

— Oh Emílio, me desculpa cara — disse resignado. — Sua vida uma bagunça e eu aqui preocupado em passar as férias longe do Lipe.

Ele negou com a cabeça.

— Meu problema não é tão grande quanto o da Val. — Ele se recostou e escorregou o quadril para a beirada da cadeira. — Você sabe, ela não era nenhuma santa quando morava no Espírito Santo.

— Ela já comentou qualquer coisa sobre isso, mas nunca entrou em detalhes. Sei que ela aprontou um bocado por lá...

Emílio me encarou, e se ele quisesse conversar, eu iria ouvir, mas não forçaria uma barra para ele falar dos podres da sua namorada.

— A Val era meia doidinha, sabe? Ela andava com uma galera bem da pesada, que usava drogas e tal, e essa foi uma das razões que ela veio morar aqui.

— Nossa, não sabia.

— Meu único medo é que a mãe dela não a deixe voltar... — Sua voz

falhou e ele passou as mãos no rosto, como se não quisesse pensar no assunto, mas ele insistisse em martelar na sua cabeça.

— Seus pais já sabem? — Minha voz quase não saiu, pois temi estar perguntando demais, mas porra... ele era meu amigo e eu estava preocupado.

— Meu pai sabe.

— Sua mãe não. — Afirmei e ele negou com a cabeça, concordando comigo.

— O bom é que minhas irmãs chegam hoje e elas são muito minhas amigas. Muito mesmo. Você vai gostar de conhecê-las, Ju. Elas são muito legais.

— Não vejo a hora. — Sorri por ele, feliz por ele ter uma família a quem se amparar. — Mas cara, sem querer ser o amigo chato...

— Eu sei, Ju. Pisamos feio na bola. Erramos nos cálculos, sei lá... — Ele buscou ar.

— O que seu pai disse sobre isso?

Foi quando Emílio desmoronou. Seus olhos lacrimejaram e seu queixo tremeu.

— Ele *tá* bem decepcionado comigo. — Sua voz embargou. — Foda.

Emílio tinha um relacionamento invejável com seu pai. Eles eram mais que pai e filho, eles eram parceiros, amigos para toda hora, e Emílio nutria uma admiração incalculável pelo seu pai. Era louvável até. E decepcionar seu velho machucava profundamente seu coração.

— Vocês vão ficar bem — disse por experiência própria, esperando que as coisas se ajeitassem para Emílio assim como tinham se ajeitado para mim.

— Meu pai e eu sim, mas com a Val... merda! — Ele tentava disfarçar, mas eu podia perceber a apreensão estampada em seu olhar e o medo na sua voz.

— Do que você tem medo?

— Dela não voltar... — Emílio começou a chorar. — E eu não quero perder a minha deidade.

— Hei... — Pus a mão em seu joelho. — Ela vai voltar.

Ele limpou as lágrimas e olhou fundo em meus olhos.

— Eu já disse pro meu pai, Ju, se ela não voltar, eu vou lá atrás dela. Mas longe da Val e do meu filho eu não vou ficar.

— É assim que se fala, boneco de pano. — E apesar de incentivá-lo, não sabia se um garoto menor de idade seria capaz de viajar para outro estado em busca do grande amor da sua vida.

Ele riu.

— Idiota. Só não vou xingar sua mãe por causa de tudo que você disse ontem.

— Agradeço — sorri para ele. — Você é um bom amigo.

— É, eu sei. — Ele se levantou e estendeu a mão para mim, que me levantei e lhe dei um abraço um cheio de tapas nas costas — Você também é.

— Vamos entrar, tô com fome.

— Não, vou embora que daqui a pouco vou com meu pai buscas as meninas. Te ligo quando elas chegarem.

— Valeu. — Mais um abraço, Emílio foi para casa e eu entrei para tomar meu café da manhã, algo que não fiz antes por estar preocupado demais com o Lipe.



O que me acalmava era saber que as férias só durariam uma semana. Mas

ficar todo esse tempo longe de Phillipi e sem notícia alguma, foi um martírio interminável, e se não fosse pelas irmãs do Emílio, eu teria definhado até a morte trancado comigo mesmo na solidão do meu quarto.

Jamily e Rebeca eram duas mulheres lindas, adoráveis, inteligentes e cheias de senso de humor, que não se importavam em andar com dois adolescentes aonde quer que fossem, já que as duas tinham respectivamente vinte e quatro e vinte e seis anos. A Mily, apesar de mais nova, era mais séria que a Bec, mas ela era a mais carinhosa também, já a Bec era muito doida e falava muita bobagem, mas na hora de falar sério, ela não passava a mão na cabeça de seu ninguém e vez por outra ela puxava a orelha do Emílio por ter engravidado uma garota de dezesseis anos.

— Moleque irresponsável! — Ela disse quando Emílio contou que ia ser papai.

Ele ficou arrasado, coitado!

As duas foram minha salvação nessas férias, principalmente porque era fim do mês de junho e Cristo, vai ter fogueira assim lá no raio que o parta! Parecia que todo o dia de junho era dia de São João. E as duas, sabendo de todos os meus traumas, sempre que saíamos juntos e tinha uma fogueira na história, uma me abraçava, outra segurava minha mão e todos mudavam a programação do passeio só para me fazer feliz. Emílio ainda teve umas crises de ciúmes por causa de toda a atenção que eu recebia, mas nada que afetasse a nossa diversão a quatro.

Meu pai também me ajudou a não pensar em Lipe a cada hora da noite, pois ele estava de férias da faculdade e então aproveitamos seu tempo livre para nos aproximarmos. Colocamos a conversa em dia, como dizem por aí, e ainda maratonamos séries e assistimos a vários filmes. Uma vez Emílio e as irmãs nos fizeram companhia e foi nesse dia que fomos dormir mais de três horas da madrugada, pois depois de assistir um filme de terror e os três foram embora, meu pai e eu ficamos conversando na varanda de casa.

— Não conhecia as filhas do Guedes. Elas são muito agradáveis — comentou meu pai.

— Sim, elas são. Emílio tem sorte e as irmãs compensam o fato da mãe ser uma megera — disse rindo.

— A Hadassa? — Meu pai gargalhou muito alto, foi engraçado. — Não sabia que a mulher do Guedes era tão ruim assim.

— É o que o Emílio diz, eu não a conheço, só de vista.

— E a namoradinha dele? Como *tá*? — Meu pai ficou sério e meu sorriso sumiu do rosto.

— Bem. — Olhei para meu pai, que desviou o olhar. *Será que ele sabia?* — Por quê? — Cerrei o cenho.

— Nada. — Ele deu de ombros. — É que eles são tão novos.

Reclinei-me para frente e apoiei os cotovelos no braço da cadeira.

— Do que o senhor *tá* falando, pai?

Meu pai me encarou e uma linha fina se fez em sua boca.

— Não nasci ontem, filho. E eu posso nunca ter tido ninguém desde a sua mãe, mas eu ainda entendo um pouquinho de mulheres. — Ele olhou para frente e depois voltou a olhar para mim. — Percebi desde aquele dia que vocês estavam conversando no seu quarto. E como eu já tinha visto os dois juntos, desconfiei que fosse do Emílio. Aliás, eles nunca disfarçaram que havia muita intimidade entre eles, não é?

Minhas bochechas queimaram. Sim, Emílio e Val nunca disfarçavam o quanto se gostavam, mas não foi por eles que meu rosto enrubescou, foi por mim mesmo, e eu fiquei me perguntando se meu pai desconfiava igualmente de mim e Phillipi. As palavras me faltaram naquele momento.

— Quer uma cerveja? — perguntou meu pai depois de uns segundos constrangedores de silêncio.

— Hmrrum. — Meu coração acelerou, pois imaginei que a conversa ia ser longa e eu não sabia se estava preparado para falar sobre mim.

Engraçado como as coisas nunca acontecem do jeito que planejamos, por meses me imaginei contando tudo sobre mim para meu pai, e de repente, imaginar me assumir sem ter sido eu a tomar a iniciativa, fez um medo irracional tomar conta de mim. Quando meu pai se levantou, eu coloquei a mão no coração tentando acalmá-lo, e quando ele voltou, minhas mãos suavam e tremiam. Por sorte a conversa seguiu um rumo diferente do que eu tinha imaginado. Ele me entregou uma latinha e nós brindamos antes do primeiro gole.

— Esse ano você faz o ENEM, certo?

— Certo. — Isso, *vamos conversar sobre ENEM.*

— Já tem ideia do que quer fazer?

Definitivamente, conversar sobre estudos era um saco, mas meu pai estava tão disponível e nós nunca tínhamos ficado conversando altas horas da madrugada e ainda tomando uma cerveja como dois adultos, que eu decidi me abrir, contar para ele sobre meus planos, mesmo que fossem bobos ou sem grandes pretensões, mesmo esperando que ele me fizesse mudar de ideia, aliás, é para isso que servem os pais, para plantar sementinhas de dúvidas em nossos planos mais que perfeitos.

— Eu tenho ideia sim, pai. Só não sei se o senhor vai concordar.

— Conte-me. — Ele apontou a cerveja na minha direção.

Respirei fundo e tomei um gole generoso da minha cerveja. Lá vai... *e eu só esperava não chorar.*

— Eu quero continuar morando aqui, sabe? Ou em qualquer cidade litorânea e viver do meu próprio negócio. Pode parecer despretensioso, mas depois de tudo o que aconteceu na nossa vida, eu não tenho planos de ser um profissional bem-sucedido e cheio de fortuna, porque eu sei que não é isso que vai me trazer felicidade. Eu quero ter apenas o suficiente para viver uma vida confortável. Sei que é ingênuo da minha parte e talvez eu até mude de planos quando todas essas lembranças não me machucarem mais, mas por enquanto, eu só quero viver em paz comigo mesmo e com o senhor. — Eu

teria incluído o Caio nos meus planos, mas se eu quisesse ser realmente livre e viver em paz, precisava me libertar dessa dependência física e emocional que eu nutria por ele.

Meu pai ficou mudo e eu não sabia o que esperar. Obviamente seus planos para mim eram bem diferentes dos meus, afinal, qual pai e mãe não criam expectativas em cima dos filhos? E estão sempre enxergando nos filhos uma possibilidade de realizar seus próprios sonhos? Isso é frustrante, para todos, pais e filhos.

Ele respirou fundo, buscando o ar com tanta intensidade que me faltou ar.

— Bom... — Ele engoliu e seco. — Podemos pensar em algo.

Assenti. O que dizer depois de “*Podemos pensar em algo*”? Nada.

Terminamos nossas cervejas e fomos dormir.



A semana passou rápido e domingo à noite eu queria morrer sem notícias do meu namorado e já estava me tornando amigo íntimo daquela voz feminina da caixa postal, pois ela era a única que me dava atenção e sempre ouvia minhas queixas depois do sinal.

— Espero te ver amanhã! — Foi minha última mensagem na caixa postal do Lipe antes de dormir.

Mensagens eu tinha desistido, pois nem ao menos ele visualizava. Redes sociais, *o que é isso mesmo?*

Ninguém tinha notícia do paradeiro dele. Valquíria disse que ele não falou para onde estavam indo e eu não quis ficar lhe importunando com minha angústia sendo que ela já tinha as suas próprias. Emílio estava cansado de me ver lamentando pelos cantos, de saudade e de falta de informação, que nos últimos dias de férias o nome do Phillipi ficou proibido na nossa conversa, assim como o nome da Valquíria. Não era justo, afinal, ele falava com a namorada todo santo dia. Cheguei até a perguntar para meu pai se o

Major Vilaça havia sido transferido e ele me afirmou com cem por cento de certeza que não. Minha última esperança era ver Phillipi no ponto de ônibus na segunda pela manhã, dia do primeiro dia de aula após nossas curtas férias.

Valquíria só voltaria para Natal quando suas férias acabassem, uma semana depois da nossa — sorte de quem ainda estava no segundo ano. Mas era provável que ela voltasse a morar no Espírito Santo quando o ano letivo terminasse, já que sua prima não queria uma adolescente e um bebê para tomar conta. Emílio afirmava que eles iriam se casar e que Valquíria iria morar com ele na casa dos pais. E apesar de apoiar meu amigo, eu não acreditava que a mãe dele fosse concordar com isso e muito menos que a Val estivesse disposta a morar na mesma casa que a sogra megera. Mas esse era um assunto deles dois, eram eles que teriam que resolver.

Na segunda-feira, mal o dia raiou e eu já estava de pé. No meu celular o contato de Phillipi continuava naquele silencioso, escuro e imenso vácuo, mas a ansiedade de me encontrar com ele no ponto de ônibus e matar de uma vez a porra da saudade, me fez chegar com quarenta minutos de antecedência. Pura idiotice minha, pois não aguentei esperar e quando dei por mim, estava nos fundos da casa de Phillipi para ao menos ouvir alguma movimentação ali dentro. E sim, havia gente lá dentro e meu coração quis voar pela boca ao ouvir a voz dele, mas guardei minha empolgação para mim mesmo, voltei para o ponto e esperei até o ônibus aparecer. Phillipi não apareceu, nem Elisabeth.

— Talvez ele vá de carro — disse Emílio para me consolar.

— Só espero que ele não tenha mudado de escola.

Pelo menos ele estava de volta, e isso já era um bom começo.

Subi no ônibus com a esperança ainda batendo forte em meu peito, de que logo em breve nos veríamos e ficaria tudo bem. Santa estupidez!

Quando cheguei na escola fui recebido por uma enxurrada de perguntas sobre onde estava Phillipi, e um Thomas mais sorridente que o habitual, que aproveitou a ausência do meu namorado ciumento e grudou em mim.

Já havia se passado cinco minutos que o sinal tinha tocado, o burburinho do fim das minúsculas férias já havia cessado, todos estavam acomodados em suas carteiras, sendo que a do meu lado estava vazia, e o professor Lima se preparava para iniciar três aulas seguidas de matemática.

A tristeza já fazia morada no meu coração quando Phillipi entrou esbaforido pela porta.

— Professor? Ainda posso entrar?

Minha respiração ficou presa e meu coração se alegrou, pois ele não tinha saído da escola, apenas perdido a hora.

— Bom dia garoto!

— Desculpa. Bom dia. Posso?

O professor não respondeu, apenas apontou para dentro da sala indicando que Phillipi entrasse e se sentasse. Logo.

Controlando a emoção e a vontade de me levantar e o abraçar, eu o observei varrendo a sala com o olhar, procurando uma carteira vazia, e quando seus olhos encontraram os meus, meu coração pulou uma batida. Uma linha fina se formou em seus lábios e então ele caminhou rapidamente na minha direção e antes de se sentar, segurou minha mão pousada em cima da mesa e fez uma leve pressão. Meu peito se inflou com esse pequeno

contato. Não tirei os olhos de cima dele até ele se sentar e finalmente olhar para mim de uma forma decente.

— Oi. — Ele sussurrou.

— Bom pessoal, agora que estamos todos de volta... — disse o professor.

— Saudade. — Uni as sobrancelhas. Porra, como eu queria beijá-lo!

Ele não respondeu, sorriu novamente com os lábios cerrados.

— Tudo certo? — perguntei. Eu estava me segurando para não tocá-lo, não levar meus dedos às suas bochechas rosadas, aos seus cabelos claros e desgrenhados, entrelaçar meus dedos nos seus ou segurar sua nuca e afundar meus lábios nos seus, abrir espaço com a língua, sentir o sabor da sua saliva e matar toda a saudade que eu segurei bravamente durante uma longa e eterna semana. Eu queria matar minha vontade de Phillipi.

— Tudo certo. — Ele suspirou. — Uma semana de castigo, mas tudo certo.

— ... O futuro de vocês está mais próximo que nunca, está batendo à porta e pedindo pra entrar... — O professor fazia seu discurso motivacional e eu não conseguia parar de olhar para Phillipi, que abria sua mochila e pegava seu livro, caderno e caneta.

— E Elisabeth?

— Falou pra todo mundo que foi mordida por um escorpião.

Eu ri alto. Limpei a garganta.

— Desculpa professor. — Baixei a cabeça, envergonhado.

— Eu preciso mudar vocês dois de lugar?

— Não senhor.

— Bom! — E a aula começou.

E eu teria que esperar mais duas horas e quarenta e cinco minutos antes de finalmente beijar a boca do meu namorado.



Cinco minutos restantes, meu estômago se revirando e minha perna tendo um tremelique incontrollável por causa da espera incessante e torturante. Phillipi estava mais concentrado que nunca na aula e praticamente me dirigiu o olhar uma ou duas vezes, enquanto eu estava a ponto de ter um torcicolo, pois não conseguia parar de alternar minha atenção entre ele e o professor.

— Façam os exercícios das páginas duzentos, duzentos e um e duzentos e dois da apostila e me tragam dúvidas, pelo amor de Deus, na próxima aula. Caso contrário vou acreditar que aqui só tem gênio e eu estou perdendo meu tempo dando aula pra vocês. — O professor se dirigiu à sua mesa e verificou as horas no seu celular. — Dispensados.

UFA!!! Levantei-me na mesma hora. Phillipi guardou seu material dentro da mochila.

— Vamos? — perguntei ansioso para ficar a sós com ele, mas lá no fundo do meu coração, eu sentia que algo não estava bem e que esse *a sós*, não iria acontecer.

— Sim. — Ele se levantou e nós seguimos para fora da sala.

Entrelacei meus dedos nos seus e o puxei para a escada, eu na frente e ele atrás, mas ele me puxou de volta.

— Vem aqui. — Ele apontou para o fundo do corredor com a cabeça.

Foi aí que minhas entranhas se reviraram e meu coração quis perfurar meu peito, de tão forte que batia.

Ele me puxou para onde tinha apontado, num canto vazio de uma parede fria de azulejos e quando ficamos frente a frente, ele sério e respirando pesado, eu ainda tentando acreditar que estava tudo bem.

— Senti tanto sua falta. — Segurei seu rosto, puxei rapidamente sua cabeça e selei seus lábios, sem dar a ele a chance de reagir. Eu estava ofegante.

— Ju... — Ele segurou meus pulsos e livrou sua cabeça. — A gente precisa conversar.

Estávamos tão próximos que eu podia sentir o calor do seu corpo e o sopro da sua respiração. Seus olhos azuis encontraram os meus, mas eu não enxerguei ali o meu namorado e naquele momento eu só queria fugir daquela conversa, pois sabia que seus lábios carnudos, vermelhos e úmidos me diriam algo que eu não queria ouvir.

— O que foi? — sussurrei. Ele baixou os olhos e a cabeça, talvez fugindo do assunto e eu acompanhei seu movimento, tentando capturar com os olhos alguma coisa em suas feições que revelassem o que ele estava hesitante em me dizer. — Lipe? — Minha garganta travou. Meu peito começou a subir e descer. Ele me encarou.

— A gente não pode mais ficar junto, Ju. Acabou. — Seus olhos azuis estavam ligeiramente úmidos, mas ainda assim, eram frios como dois cubos de gelo.

— O quê? — Minha voz saiu carregada de dor, eu não podia acreditar no que tinha ouvido. Ou não queria.

— É isso mesmo que você ouviu. — Sua voz era glacial.

— Por quê? — Minha vista ficou nublada pelas lágrimas presas.

— Eu só... — Ele respirou. — Só não dá mais. A Elis ouviu nossa conversa no hospital, ela disse pro meu pai e não foi fácil convencê-lo de que ela estava sonhando ou coisa parecida. Toda a merda daquela ida ao Pico do Cabugi foi abafada pelo fato do meu pai desconfiar que sou *gay*.

— Lipe, a gente não precisa terminar por causa disso... — Eu queria me segurar naqueles argumentos. — É só sermos mais cautelosos e *tá* tudo bem...

— Não, Ju. Me desculpa.

— Por favor, Lipe. — Segurei seu braço, ele enfiou as mãos no bolso da calça. — Pensa um pouco... — Minha voz falhava.

— Eu passei uma semana fazendo absolutamente nada. Eu tive muito tempo pra pensar. Acabou. — Ele não demonstrava ter um mísero pinga de arrependimento em enfiar uma faca no meu peito.

— Merda! — Levei as duas mãos à cabeça e uma lágrima correu pela minha bochecha.

Eu o encarava clamando para que não fosse verdade, mas ele estava irredutível, e então, ele engoliu em seco, suspirou, fechou os olhos e se foi... e eu fiquei ali, no canto, sem conseguir nem respirar direito. Olhei para ele se afastando e a dor no meu peito me fez perder as forças. Ele passou pelo Emílio e quando seus olhos se encontraram, rapidamente os olhos de Emílio encontraram os meus. Virei-me de costas e apoiei uma mão na parede. Eu estava sofrendo além da medida, era uma dor nova e estranha, que me fazia perder o ar e querer gritar. Logo as lágrimas vieram em bolo e eu tive que tapar a boca para ninguém me ouvir.

— Hei... — Senti a mão de Emílio nas minhas costas, mas eu não queria seu consolo, então o empurrei, sem olhar para ele.

Amigo que era, ele não foi embora, ele permaneceu ali durante os minutos seguintes que eu fiquei no canto da parede, de costas para o longo corredor que Phillipi sumira, me debulhando em lágrimas, sentindo que meu mundo tinha desabado e que minha vida tinha perdido o prumo. Eu queria correr atrás dele e cobrar mais explicações, saber se ele tinha se envolvido com alguém e se todo o sentimento que ele dizia ter por mim realmente existiu. Eu queria acertar um soco na sua cara, mas sabia que nada o faria voltar para mim e eu sabia desde o início que nosso namoro não seria eterno. O problema era que eu tinha me apaixonado por ele.

— Sai daqui, cara! — Ouvi Emílio dizer para alguém.

— O que ele tem? — Era Thomas, e sua voz era preocupada.

— Nada. — Emílio então pousou seu braço sobre meu ombro. — Vem comigo. — Ele me puxou e eu me deixei guiar.

Com um braço em minhas costas e outro praticamente escondendo meu rosto, Emílio me levou para o banheiro, evitando que alguém se aproximasse de mim. Eu tentava em vão controlar as emoções e parar de chorar, mas não conseguia, porque estava tão magoado e meu coração estava tão partido que a dor precisava encontrar seu caminho para fora de alguma forma. Emílio nos trancou dentro de um boxe, me mandou sentar no vaso sanitário e depois desenrolou um bocado de papel higiênico e me mandou enxugar o rosto e o nariz. Foi quando eu consegui finalmente me controlar e respirar de forma regular e olhei para Emílio.

— Ele podia ao menos ter esperado a aula acabar. — Minha voz saiu tão infantil quanto de uma criança. Foda-se! Eu já tinha perdido parte da minha dignidade de qualquer forma.

— Ele podia ter feito de qualquer outra forma, Ju. — Emílio não conseguia esconder sua raiva de Phillipi. — Insensível do caralho! — Ele bufava.

— Droga! — Tapei o rosto com as mãos e comecei a chorar novamente. Sim, ele tinha sido insensível e cruel e um grandessíssimo filho da puta comigo.

Chorei mais um bocado de tempo enquanto Emílio alisava meu cabelo, mas chegou um momento que minha dor se tornou insuportável também para ele.

— Hei, para com essa porra, Ju! — Emílio puxou minhas mãos. — Você não vai ficar se martirizando. Para de chorar e bola pra frente, meu amigo. Acabou, acabou.

— É foda, Emílio, porque eu gosto dele. — Eu soluçava.

— Eu sei, Ju. E eu sei que ele também gosta de você, mas foi uma escolha dele e você vai ter que encarar e aceitar.

— Fazer tudo isso não me impede de sofrer...

— Vocês dois, pra coordenação! Agora! — A voz da supervisora de pátio seguidas de pancadas fortes na porta do box, me fez engolir o choro e os soluços na mesma hora.

Meus olhos inchados e vermelhos encontraram os olhos assustados de Emílio e por um segundo eu tive vontade de rir.

— A gente já vai. — Ele respondeu.

— Agora! — Ela berrou, louca! — O sinal tocou já faz mais de cinco minutos. Abre essa porta.

Emílio respirou fundo e abriu a porta.

A supervisora mais parecia um cachorro pinscher, tão pequena quanto e tão feroz quanto. Os olhos dela foram do Emílio para mim, e realmente, minha cara devia estar péssima, porque ela simplesmente se desarmou.

— Posso saber o que *tá* acontecendo?

Emílio fechou e abriu a boca.

— É que hoje é aniversário da morte da minha mãe. — Eu disse com a voz embargada.

Era certo que mais da metade dos funcionários da escola sabiam da minha história, pois tudo o que aconteceu na minha vida são assuntos dignos de grandes fofocas e muita compaixão. E porque esse era o tipo de coisa que a escola precisava saber caso fosse necessário lidar com algum tipo de comportamento subversivo.

Os olhos de Emílio cresceram na minha direção.

— *Fuck!* — Ele disse e virou-se de costas para a supervisora.

— Ei mocinho! Não adianta xingar em inglês que eu entendo tudo, e eu não quero saber desse linguajar aqui na escola!

— Me desculpa. — Ele respondeu.

— Vá pra sala! — Ela puxou Emílio para fora do boxe. — E você... — Ele olhou para mim. — Quer ficar na enfermaria até se acalmar? Depois você volta pra sala. Ou então eu ligo pro seu pai...

— Não, eu vou pra enfermaria. — Era a melhor solução, pelo menos até minha cabeça parar de doer e meus olhos voltarem à coloração normal.

Seguimos os três pelo corredor, Emílio entrou em sua sala e a supervisora me acompanhou até a enfermaria. Lá a enfermeira da escola me deu um comprimido de dipirona, eu me deitei numa maca estreita e fiquei até o final da penúltima aula. Quando voltei para a sala, os olhos de interrogação de Phillipi na minha direção foram ignorados com sucesso, eu peguei meu material e sentei-me na última fila e bem longe dele. Seria assim daquele dia em diante. Eu e Phillipi seríamos apenas colegas de turma, afinal, não seria eu a atrapalhar seus grandes planos de morar no Canadá. A coisa boa disso tudo é que eu tomei uma decisão definitiva: eu contaria ao meu pai sobre a minha sexualidade. Não queria mais viver uma mentira.

Na condução de volta pra casa, fui recebido por um largo e radiante sorriso da Elisabeth, e foi através dela que eu soube de toda discussão entre Phillipi e os pais no dia do incidente, sobre ele ter passado a noite chorando, o castigo, onde eles passaram as férias, e o mais importante, Elisabeth tinha se enturmado finalmente com seus colegas de sala, pois todos, sem exceção, quiseram saber da ferroadada do escorpião em sua perna.

Pelo menos alguém se deu bem nessa história toda!

— Até a Melissa, que não gostava de mim, virou minha amiga.

— Que bom, princesa, fico feliz por você.

E eu estava feliz mesmo, por ela, não por mim.



Assim que cheguei em casa, recebi uma mensagem do meu pai:

Filho, pague nossa conta na lanchonete do clube que eu esqueci e o prazo foi até ontem. Deixei meu cartão em cima da sua escrivaninha. Já falei com a Zezé e ela tá te esperando lá.

Respondi com vários polegares para cima, almocei, tomei um banho e me deitei para descansar um pouco, mas a imagem de Phillipi me dando um fora se misturavam com nossos momentos juntos e felizes que eu resolvi ocupar minha mente com algo menos torturante e fui fazer o que meu pai havia pedido. Levantei-me, vesti uma bermuda, camisa, chinelos e um boné, afinal o sol estava de matar, enfiei o cartão de crédito no bolso, o celular em outro e fui pagar a bendita conta.

Assim que puxei a porta lateral da varanda para o lado, dei de cara com Phillipi com a mão na campainha.

— Já ia tocar. — Ele sorria como se nada tivesse acontecido.

Meu coração disparou no peito, será que ele estava arrependido?

— Oi... — sussurrei.

— Vim buscar minha bicicleta.

Ah, claro! Nada de arrependimentos. *Burro!*

— Tá ali... — Apontei para o fundo da garagem.

Ele me encarou por segundos e eu pude jurar que ele queria me dizer alguma coisa. Seus olhos foram dos meus olhos para minha boca e voltaram para meus olhos. Ele engoliu em seco e deu um passo para frente. Minha respiração ficou curta.

— Eu também quero meu livro de volta, Ju.

— Que livro? — perguntei de forma bruta. Eu não queria tratá-lo mal nem nada, mas porra, eu estava magoado e ele estava ali, na minha casa, parecendo um cão sem dono, olhando pra minha boca, engolindo em seco...caralho! Não sou de ferro!

— Aquele que a Elis deu a você. Dois passos.

— Eu ainda não terminei de ler. — Passei por ele e me dirigi à rampa da garagem. — Aliás, eu nem sei onde está. Vou pedir pra Dona Aurélia procurar pra mim.

— Eu não quero que você leia, Ju. A história é muito pesada e depois de tudo que você contou sobre sua mãe...

Meu coração acelerado disparou no peito e eu quis voar no pescoço do Phillipi. Ele não precisava ser solidário a mim. Ele tinha me dado um fora, então que desse o fora da minha vida de uma vez e parasse de demonstrar qualquer tipo de afeto ou preocupação. Eu não queria sua compaixão, eu queria sua paixão, e isso ele já não tinha para me dar.

— Assim que eu achar, te entrego. Agora eu tenho que ir ao Clube resolver um negócio pro meu pai.

Ele assentiu. Quando me virei de costas ele me chamou de volta, quando olhei para ele, ele deu uns passos para frente.

— Ju, eu sinto muito, de verdade...

— Não, Lipe! — Eu o interrompi. — Por favor. — Meus olhos arderam, mas eu não queria que ele me visse na merda, então saí apressado em direção ao clube e o deixei sozinho na garagem da minha casa

Ele não precisava me consolar pela dor que estava me causando, não mesmo.



O silêncio naquele clube era desconcertante, dava até para ouvir o barulho do vento batendo na minha orelha. A água da piscina brilhava de tão límpida, que dava até para ver o rejunte dos ladrilhos na parte mais funda. O gramado verde parecia um tapete artificial de tão bem cuidado. Os saguis brincavam de pular de uma árvore para outra em busca dos seus frutos. Minha vontade era de mergulhar naquela piscina e ficar submerso até meus pulmões

arderem, mas eu tinha uma missão, e fui cumpri-la.

Ao longe eu pude perceber um avião de macacão, de frente para o bar, mexendo em seu celular e tomando Coca-Cola de canudinho numa garrafa KS. Eu poderia jurar que aquelas costas eram familiares, mas todos aviadores pareciam idênticos de costas, tirando pelo Caio, que eu reconheceria até de olhos fechados, mas aquele não era o Caio.

Apoiei meus braços no balcão e gritei alto.

— Zezé!

— *Não contavam com a minha astúcia!*

Olhei para o lado segurando uma risada de quem tinha mencionado Chaplin Colorado.

— Ruriz?! — De todas as criaturas do universo, contando com os ET's e as criaturas místicas, ele era o único que eu não esperava encontrar.

Não era coincidência, era praga do destino.

— Eu sabia que ia te encontrar aqui. — E seus olhos de citrino pareciam que estavam vendo a personificação de Maverick, de Top Gun, filme adorado pelos aviadores.

— Tá me perseguindo?

Ele abriu a boca para responder, mas Zezé saiu de dentro da lanchonete, mais gorducha do que nunca na vida, sorridente como só ela poderia ser, e eu fiz o que meu pai havia pedido, sem deixar de perceber os olhos de Ruriz em cima de mim a cada movimento. Conferida e paga a conta, eu me despedi de Zezé, que sumiu para dentro da lanchonete novamente, me deixando sozinho com Ruriz naquele lugar esquecido pelos deuses. Tanto cuidado para nenhum uso. Era um desperdício!

— Quer carona de volta pra casa? — Ele perguntou.

Ruriz era lindo, sorriso cativante, uma cor de pele que parecia mel e um

jeito de ser que misturava autoconfiança com fofura. E por Deus, se eu não estivesse tão magoado com Phillipi, jamais teria aceitado aquela carona dos infernos. Mas, em alguns momentos da vida, a gente precisa levar uns tapas na cara para acordar. Foi o que aconteceu comigo naquela tarde.

E se naquele ano, aquela desventura ao Pico do Cabugi mudou a vida de todos naquela vila, a minha mudou definitivamente no momento que entrei no carro do Ruriz.

— Como tá o Caio? — Ruriz perguntou assim que entramos no carro.

— Sei lá! Não falo com ele.

Ruriz me olhou com desconfiança.

— Não fala com ele? Que mentira! — Ele nem ao menos colocou a chave na ignição.

— Não é mentira não! — Deus, às vezes até eu mesmo me surpreendia pela minha forma infantil de agir.

— Depois de toda aquela confusão que o Caio armou por sua causa, é difícil acreditar que vocês não se falem.

Revirei os olhos sem paciência, mas resolvi dar explicações, coisa que ele não merecia. De qualquer maneira, ele tinha sido tão vítima do Caio quanto eu, nossa única diferença é que ele tinha sido o filho da puta da história e eu só o adolescente apaixonado.

— Olha, Ruriz, no dia que o Caio foi embora, ele veio falar comigo, daí eu disse um monte de coisas pra ele, o chamei de pederasta e ele ficou tão puto que me deu um tapa na cara. Depois disso, ele me mandou várias mensagens e eu pedi a ele que parasse de me procurar e foi o que ele fez. — Não contei sobre o dia do meu aniversário e todo show de lágrimas e súplicas que eu dei. Sorte minha o Lipe não ter ouvido nada.

Ruriz deu uma risada autodepreciativa.

— É compreensível que ele tenha descontado em você a própria raiva. No

dia que o Caio foi embora, eu o deixei tão puto, mas tão puto, que juro, Juliano, se ele tivesse uma arma naquele momento, ele teria atirado em mim. Eu o provoquei até o limite da honra sabe? Nunca fui tão baixo. Acho que ele só não me deu uns socos novamente porque senão ele acabaria sendo expulso da Aeronáutica.

— É, eu soube da representação que você entrou contra ele por causa daquela briga.

— Caio errou, mas eu fui muito filho da puta com ele depois daquele dia. Ele não merecia.

Não me interessava o que havia acontecido entre eles. A lembrança da traição do Caio já batia todos os recordes de mágoa possíveis em meu peito. E naquele momento eu estava justamente pegando uma carona com o cara que fez o Caio perder o controle pela primeira vez na vida, tudo para me defender. Me senti culpado.



Depois da minha primeira vez com Caio, tudo mudou na nossa relação. Ele passou a me tratar realmente como seu namorado e não mais como aquele garotinho que vivia implorando para ser beijado ou tocado, e apesar de não nos vermos com tanta frequência, pois ele estava sempre muito ocupado com os estudos, quando estávamos juntos, toda a ausência era compensada com momentos de puro amor e afeto. Caio me tratava de uma forma que fazia eu me sentir um rei. Ele era sempre todo cuidado, atenção e carinho.

Nas minhas férias meu pai insistiu para eu ir para a casa dos meus avós, mas eu bati o pé e disse que não iria, pois eu sabia que o Caio seria transferido no próximo ano e eu queria aproveitar ao máximo cada segundo que tinha para ficar com ele, e no fundo eu sonhava e nutria grandes esperanças de que ele me levaria com ele quando fosse embora, seja lá para onde fosse, quando fosse promovido a primeiro tenente.

Meu pai com certeza não iria se importar, já que ele não poupava

esforços em demonstrar o quanto eu era um fardo para ele. Pelo contrário, meu pai nem lembrava que eu existia e quando lembrava era sempre com rispidez na voz. Ele não me agredia, não fisicamente, mas toda violência que ele praticava contra mim em palavras e gestos, me machucava da mesma forma, por isso passei a ser invisível dentro de casa.

Quase nunca abria a boca, andava quase que na ponta dos pés, meu celular era total no silencioso e eu estava sempre apagando qualquer resquício da minha presença naquela casa; se eu sujasse a louça, eu lavava, secava e guardava; se eu usasse o banheiro, deixava-o seco e arrumado e até evitava banhos quentes para não deixar o vidro do boxe e nem o espelho embaçados. Minha cama, eu mesmo arrumava, impecavelmente, e nunca, em tempo algum, eu reclamava quando a comida acabava. Minha sorte era ter Dona Aurélia algumas vezes por semana, ela sim cuidava de mim e se importava com o meu bem-estar. Quando ela vinha, fazia almoço e janta para dois dias seguidos, quando faltava comida em casa, eu ligava para ela e pedia para passar no mercado antes de vir trabalhar e eu a pagava com minha própria mesada. Nos dias mais difíceis, eu pegava minha bicicleta e ia lanchar com a Zezé no Clube. Sorte minha é que meu pai nunca reclamou da conta.

Minhas notas na escola eram péssimas e eu não tinha um pinga de estímulo para estudar. Passava a tarde dormindo, ia dormir altas horas da madrugada vendo filmes e séries e durante a aula eu não conseguia me concentrar em nada. E se não fosse pelo meu péssimo rendimento escolar, acho que meu pai teria acreditado que eu tinha morrido também, mas as ligações da coordenadora insistindo em se reunir com ele, não o deixava esquecer.

Somente nos fins de semana com o Caio que eu me sentia vivo e feliz, eu me sentia amado, querido e parte de uma família, pois ele se dedicava a mim de uma forma tão cativante que quando ele não podia me ver, eu mergulhava numa tristeza profunda e passava o fim de semana trancado no meu quarto na escuridão total, ou ia para a lagoa, de bicicleta, me deitava na areia branca rodeada de pedras e ficava ali praticamente até o sol se pôr. Alimentava-me praticamente de manga, pitomba, goiaba e caju, proveniente das árvores ao redor.

Caio era meu bálsamo, meu bote salva vidas no meio da tormenta, e eu era tão loucamente apaixonado por ele, que não percebia os sinais de que não vivíamos uma relação monogâmica, e eu era tão burro e inocente que acreditava que o Caio, um cara prestes a completar vinte e dois anos, dono da própria vida, viveria uma relação amorosa e única com um adolescente de dezessete anos. Eu era um iludido, mesmo com todos os sinais à minha frente.

Ruriz era um cara que se fazia presente. Quando eu estava com o Caio, ele sempre ligava e Caio sempre o atendia e o dispensava. Nos eventos do clube, que eu raramente comparecia, pois meu pai sempre estava presente, Caio e Ruriz estavam sempre na mesma mesa, sempre rindo um do outro, sempre trocando olhares e eu sempre acreditava que era apenas amizade, afinal, os dois eram colegas de turma e dividiram o mesmo quarto na AFA, e além disso, Caio sempre demonstrava seu amor incondicional por mim, até mesmo na frente do Ruriz. Não havia intimidade na frente dos outros, não trocávamos beijos ou carícias, mas quando eu estava presente, a atenção do Caio era minha, e eu amava isso. Nunca me senti preterido por ele, nem mesmo no dia que descobri sobre os dois. Mas no dia do acidente com o aspirante Tasso, uma sementinha de dúvida foi plantada na minha cabeça, o problema foi que eu não a adubei, então ela morreu.

Era uma sexta-feira à tarde, o expediente da Base tinha se encerrado ao meio dia para os oficiais e meu pai estava em casa, portanto, eu estava trancado em meu quarto. O telefone fixo tocou, quando abri a porta para atender, meu pai passou por mim e o fez na minha frente. A conversa não demorou nem cinco minutos, mas a expressão do meu pai e os palavrões que ele soltava me deixaram preocupado.

— Puta merda. Quando? Qual esquadrão? Já sabem quem foi? Caralho! Estou indo pra lá.

Meu pai desligou e ficou segundos passando os dedos na têmpora, cabeça baixa e expressão preocupada. Fiquei parado na porta desejando que ele me dissesse qualquer coisa, pois eu seria incapaz de perguntar.

— Um caça A9 caiu bem perto do município de Pureza. O piloto morreu.

Paralisei, pois aquele modelo de avião pertencia ao esquadrão do Caio. Levei a mão à boca e percebi que meus dedos estavam tremendo.

— Quem? — Foi a única palavra que eu consegui emitir.

— Ainda não sabem. Estou indo pra lá.

Não sabia onde “lá” era e não quis perguntar, pois minha preocupação era tão desmedida que a única informação que eu precisava era saber quem tinha morrido.

— Não foi o Caio, foi? — Minha voz embargou e eu não me importei, porque se Caio tivesse morrido, meu pai não me encontraria vivo quando voltasse para casa.

— Ainda não sabemos quem foi.

Meu pai passou por mim em direção ao seu quarto.

— Posso ir com o senhor?

— Não.

Foda-se! Eu não teria condições de ficar em casa à espera de informações. Eu iria sucumbir de ansiedade e medo. Então, vesti uma calça jeans aos pulos para entrar mais rápido, pois se já seria difícil para um adolescente, à paisana, obter informações, sendo um adolescente à paisana e de bermuda seria impossível. Vesti meus tênis sem meia mesmo, uma camisa branca sem estampa alguma e saí de casa antes do meu pai.

Peguei minha bicicleta e pedalei com tanta velocidade que mal me sentava no selim, quando saí da área da vila, vi vários carros de oficiais passando pela estrada do Comando em direção aos hangares e então foi para lá que eu fui. Voei naquela bicicleta, passando pelas ruas daquela vila gigante que mais parecia uma cidade miniatura. Passei pelo hospital, bancos, biblioteca e quando vi uma aglomeração de aviadores, em frente ao hangar dos aviões caça, vestidos de macacão, eu praticamente joguei minha bicicleta de lado e corri em direção a eles. Estavam todos tão aturdidos e o

burburinho do acidente era tanto que ninguém me enxergava e eu estava tão apreensivo e meu coração tão acelerado, que mal ouvia as vozes à minha volta. Passei por aquele labirinto de militares olhando em todos os rostos, desejando ver o Caio em algum deles, já entrando em desespero, quando uma voz me chamou, e no meu mundo só passou a existir o Caio.

— Garoto estrela?

Olhei em direção à voz, meus olhos já nadando em lágrimas, e quando eu o vi, todo ornamentado, de macacão, colete, gorro, eu corri para seus braços. O impacto dos nossos corpos foi tão forte que ele deu um passo para trás. Eu afundei a cabeça em seu pescoço e comecei a chorar, agradecendo aos céus e a todos os santos por ele estar vivo.

— O que você tá fazendo aqui? — Ele alisava meu cabelo sem desfazer do nosso aperto.

Olhei para ele com os olhos encharcados de lágrimas.

— Eu precisava te ver... eu fiquei tão preocupado...

— Hei! — Ele segurou minha nuca e me abraçou. — Eu tô bem, tá tudo bem, não aconteceu nada comigo.

— Eu sei, eu tô vendo agora. — Eu fungava e tentava me acalmar.

— Pare de chorar, tá bem?! — Ele segurou meu rosto, limpou minhas lágrimas e depois beijou minha testa. Fechei os olhos. Seus lábios quentes aqueceram todo meu corpo agitado e acalmaram meu coração aflito.

Eu me recompus e me afastei levemente, pois sabia que Caio estava rompendo várias barreiras naquele momento na tentativa de me acalmar e me ver bem, primeiro por que ninguém sabia que éramos gays e muito menos um casal, e eu não queria prejudicá-lo no seu ambiente de trabalho.

— Eu tive muito medo... — Justifiquei minha atitude impulsiva.

— Eu sei, eu entendo, mas não precisa ter mais medo de nada.

Assenti com a cabeça, envergonhado para olhar em seus olhos azuis e com medo de que meu pai me visse ali ou qualquer oficial e me mandassem ir embora ou me entregassem ao Comandante da Base. Eu sabia que ali não era o meu lugar e que eu estava quebrando vários protocolos por causa do meu medo desmedido de ficar sozinho no mundo.

— Você não pode ficar aqui, Ju.

— Eu sei, me desculpa.

Ainda olhando para o chão, ouvi um suspiro longo do Caio, como se buscasse paciência e serenidade para lidar comigo, e isso fez com que eu me sentisse mal por estar invadindo o seu espaço.

— Tudo bem. Vem comigo. — Ele segurou minha mão e entrelaçou seus dedos nos meus. — Eu vou te levar em casa.

Caio nunca havia demonstrado qualquer tipo de afeto físico na frente de qualquer pessoa, e eu me senti extremamente acolhido apenas com seus dedos entrelaçados nos meus. Ele me guiava naquela área restrita, entre os militares e assim que íamos avançando, Caio sorria consternado para seus colegas de turma e vez por outra recebia ou dava um tapinha nas costas de alguém e todos perceberam seus dedos entrelaçados nos meus, e isso me encheu de orgulho e satisfação, fazendo toda minha autoestima e autoconfiança caminhar nas nuvens de tão altas.

— Espere aqui. — Ele disse ao chegarmos no hangar dos helicópteros.

Fiz como ele pediu e o observei se aproximar de um grupo de Oficiais. Quando eu percebi que se tratava do Comandante da Base, meu coração só faltou voar pela boca. Caio bateu continência, em saudação e pedindo permissão para falar, algo que faz parte do código de conduta dos militares, tanto para demonstrar apreço como respeito aos seus superiores e aos seus pares. Ele sussurrou algo e quando o Comandante olhou para mim, baixei os olhos imediatamente, tanto pelo constrangimento por estar indevidamente num local de acesso restrito aos militares, quanto por medo de que meu pai fosse repreendido pelo comportamento inadequado do seu filho.

Não pude ouvir o que eles conversaram, mas todos olharam para mim penalizados e em seguida o Comandante assentiu para Caio e bateu em seu ombro em sinal de apoio. Caio bateu continência novamente e voltou-se para mim. Obviamente Caio deve ter mencionado que eu era filho do Major D'Alva, e mesmo que ninguém naquele círculo de conversa me conhecesse, todos sabiam da minha história e do que aconteceu com minha mãe e irmã, afinal, D'Alva é um sobrenome incomum e não haveria outro Oficial na mesma Base Aérea que tivesse a filha atropelada por uma condução militar e uma esposa que se matou tacando fogo no próprio corpo.

— Vou te levar em casa, mas não vou poder ficar com você. — Caio disse ao se aproximar novamente, seu sorriso era pesaroso.

— Tudo bem — sussurrei, mas então eu me lembrei que estava de bicicleta. — Não precisa, eu tô de bicicleta.

— Não tem problema, eu te levo assim mesmo. — Ele me abraçou. — Só me prometa que você vai ficar bem em casa.

Era um abraço que silenciava tudo à minha volta e me transportava para um mundo onde eu era único e especial, pois era carregado de proteção e preocupação, era quente e acolhedor, e fazia qualquer outro abraço se tornar frio e sem graça. Era um abraço necessário de quem compreendia meus medos mais perturbadores e tentava sanar toda minha dor com apenas uma pequena dose de amor.

— Eu prometo. — Meu coração mal cabia em meu peito de tanta felicidade, e todo medo que eu senti em perder o Caio se transformou em alívio por tê-lo na minha vida.

— Então vamos. — Caio me soltou do abraço, colocou a mão na minha nuca e me guiou para fora do hangar, sem nunca me soltar da pegada da sua mão.

Passamos novamente pelo burburinho de aspirante a aviadores, agora muito mais calmo e quando deixamos a área dos hangares, eu na frente e Caio atrás, com a mão em meu ombro, uma voz gritou pelo Caio:

— Prates! Onde você vai? — Era uma voz condoída, de quem estava muito abalado emocionalmente.

Viramo-nos ao mesmo tempo, era o Ruriz.

Caio não respondeu, pois não teve tempo, quando Ruriz me enxergou logo atrás do Caio, seus olhos cresceram como quem estava vendo uma aberração, mas logo ele olhou para Caio novamente com olhos enfurecidos e uma visível mágoa querendo transbordar.

— Ah não! Fala sério! — Ruriz tapou a boca com a mão e balançou a cabeça em negação, como se não estivesse acreditando no que estava vendo.

— Droga! — Caio esbravejou. — Fique aqui, Ju. — Ele ordenou e foi até o Ruriz, o segurando pelo braço e o levando para longe de mim, mas ainda ficando no meu campo de visão.

Eu fiquei esperando enquanto eles conversavam de forma acalorada. Ruriz falava e gesticulava enquanto Caio apenas o ouvia, de cabeça baixa e mãos na cintura. Em determinado momento Ruriz começou a chorar e Caio olhou para mim. Ruriz apontou para mim e depois para si mesmo e então Caio passou a mão em sua nuca e o puxou para um abraço. Ruriz o apertou. Era um abraço extremamente afetuoso, aquele abraço que eu conhecia bem e que acreditava que pertencia somente a mim. Uma onda forte de ciúmes quase me derrubou e foi por muito pouco que eu não avancei nos dois e os separei.

Quando Caio o soltou eu sentia meu coração batendo em meus tímpanos e tinha meus olhos nublados de tanta ira em vê-lo nos braços de outro homem. Ele caminhou até mim e foi a vez do Ruriz ficar esperando.

— Ele tá muito abalado, Ju. O Ruriz e o Tasso eram amigos inseparáveis.

Eu não sabia o que dizer, queria gritar de raiva e ciúmes, mas por outro lado eu compreendia bem a dor de perder alguém que se gostava muito, principalmente em circunstâncias tão inesperadas como foi o caso do aspirante Tasso, e então, por pura consideração e empatia, eu engoli o que

estava sentindo e entendi que, naquele momento, o Ruriz precisava mais do Caio que eu. E porra, Caio tinha sido todo amor e cuidado, desde a hora que tinha me visto, devastado e aflito, então como desconfiar que não era apenas consideração e amizade que rolava entre os dois? Não tinha como.

— Eu vou embora de bicicleta mesmo, eu só queria saber se você estava bem.

— Eu passo na sua casa mais tarde. — Caio puxou meu pescoço e me deu um beijo demorado na testa. — Te amo, garoto estrela.

— Eu também. — Eu a abracei apertado e fui embora.

Depois desse dia, passei a ver o Caio com menos frequência ainda, e quanto mais se aproximava do fim do ano, mais as coisas se transformavam na minha volta.



Caio precisava estudar, pois sua classificação final como aspirante a Aviador implicava diretamente na próxima cidade que ele iria morar, e ele me disse que iria tentar ficar o mais próximo de Natal possível, para podermos nos ver com frequência, e essa revelação me fez ter a certeza de que ele não me levaria com ele. Foi um golpe certo no meu coração e eu não consegui conter as lágrimas de decepção.

— Eu não posso te tirar de casa agora, Ju. E seu pai precisa de você... — Caio tentava me consolar, mas era em vão.

— Meu pai me odeia. — Eu soluçava feito um menino.

Outubro estava batendo à porta e meu pai estava mais transtornado que nunca, e se antes ele me repelia, com a iminência do aniversário da morte de mamãe, a necessidade do meu pai em se afastar de mim passou a ser urgente e assustadora.

A saudade que sentia da minha mãe e irmã eram sufocantes e massacrantes, e eu sabia que meu pai estava sentindo as mesmas coisas que

eu, mas nós não conversávamos, em hipótese alguma, e eu tinha medo do que se passava na sua cabeça e temia que ele também surtasse e acabasse com a própria vida, ou mais, acabasse com a minha.

Eu não tinha com quem desabafar, naquela semana Dona Aurélia adoeceu e não estava vindo trabalhar, e Caio andava muito ocupado, principalmente porque é no mês de outubro que se comemora o dia do aviator e ele estava atolado de solenidades para participar. A saudade que eu sentia dele também me consumia dia a dia.

Era uma quarta-feira à noite, eu tinha chegado em casa já era mais de seis horas da tarde e estava muito cansado, pois o treino de vôlei tinha sido intenso e cansativo. Eu tinha passado a semana inteira evitando ao máximo qualquer contato com meu pai, mais do que qualquer outra coisa no mundo que eu pudesse evitar, pois na sexta-feira faria um ano da morte da minha mãe e o clima na minha casa não era apenas tenso, era angustiante. Eu estava me preparando para estudar, uma das raras vezes no ano em que eu me dediquei um pouco aos estudos, pois era a reta final do ano letivo e minhas notas estavam tão baixas que eu corria o sério risco de ser reprovado. Tinha passado a tarde dormindo e por sorte já estava sentado à minha escrivaninha quando meu pai abriu abruptamente a porta do quarto, fazendo meu coração falhar pelo susto.

— Vou deixar o carro fora da garagem amanhã.

— Sim senhor.

Ele fechou a porta e eu tive que respirar fundo algumas vezes antes de conseguir voltar a me concentrar nos estudos. Deixar o carro fora da garagem significava que eu teria que lavá-lo e aspirá-lo, uma tarefa que eu fazia pelo menos uma vez por mês, e sem contestar. Eu odiava lavar o carro e meu pai sabia muito bem disso, mas ele me obrigava e só me restava obedecê-lo.

Na quinta-feira de manhã, enquanto esperava a condução passar em casa, enviei uma mensagem para meu pai lembrando-o de tirar o carro da garagem para que pudesse ser lavado. Quando cheguei em casa, por volta das duas horas da tarde, o carro continuava no alto na garagem. Era

impossível lavá-lo ali, o espaço era confinado e o aspirador de pó não chegava até lá. Meu pai não estava em casa e mais uma vez eu enviei uma mensagem lembrando-o do carro.

Não vi meu pai neste dia e comecei a ficar preocupado, pois além da falta de notícias, eu queria fazer o que ele tinha me pedido, só não sabia como. Cheguei a procurar a chave do carro para pedir para alguém tirar o carro da garagem, o vizinho que fosse, mas não a encontrei em canto algum. Quando fui dormir à noite, ele nem ao menos tinha visualizado minha última mensagem e então a preocupação se transformou em medo, pois temia que meu pai fizesse alguma besteira, assim como minha mãe havia feito.

O desespero foi tanto que eu liguei para o Caio, mesmo sabendo que ele estaria indisponível para mim, mas ele, como sempre, foi todo atenção e pediu para eu me acalmar, disse que ficaria tudo bem e que meu pai deveria estar sofrendo e precisava de um tempo. O problema era que eu também precisava de um tempo, mas ninguém me dava esse tempo. Eu também sofria, porra! E ainda tinha que lavar o maldito carro!

Já passava de uma da madrugada quando finalmente consegui dormir. Acordei algumas horas depois com a luz do meu quarto sendo acesa e meu pai me arrancando da cama, aos gritos, sem se importar se eu estava vestido ou não, por sorte eu estava de cueca.

— Seu imprestável! — Ele segurou meu braço e me puxou para fora do quarto. — Eu pedi pra você lavar o carro, o que custava me fazer esse favor? — Sua pegada era forte e suas unhas estavam cravadas na minha pele. O bafo de álcool era insuportável.

— O senhor não tirou o carro da garagem, como poderia lavá-lo? — Eu estava apavorado de medo do meu pai, pois ele estava bêbado, violento e fora de si, e eu nunca tinha o visto tão alterado.

— Você é um imprestável! — Ele berrou e me empurrou escadinha abaixo fazendo com que eu caísse de quatro no chão. Ele voou em mim e puxou meus cabelos para que eu me levantasse. — Você vai lavar o carro agora.

— Papai... — Comecei a chorar, não somente pela violência que estava sofrendo, mas também pela injustiça que ele estava cometendo comigo. — O carro...

— Cale a boca! — Ele me empurrou para a sala, abriu a porta da varanda. — Você sempre foi um fraco, sempre chorou por tudo... — Ele me puxou pela nuca e me empurrou para fora de casa. — Sua mãe sempre te mimou demais... mas agora você vai aprender a ser homem. — Ele me deu uns tapas nas costas, meu corpo inteiro se contraiu de dor.

Eu não sabia o que fazer, apenas me encolhi e aceitei que ele depositasse em mim sua ira e suas frustrações, tentando controlar o choro para não parecer um fraco diante dele.

— Eu vou lavar o carro agora, me desculpe! — Nunca me senti tão pequeno e sem valor.

— Não faz mais que sua obrigação. — Ele me encarou com repugnância, virou-se e sumiu para dentro de casa, deixando para trás um filho arrasado e de coração destroçado.

Tapei a boca com a mão, me apoiei no carro e deixei as lágrimas lavarem minha alma machucada pelo desprezo e pelo desamor. Meu estômago doía e minha garganta ardia pelo pranto que tentava controlar, pois eu não queria que ele me ouvisse. Quando consegui me acalmar, entrei em casa, vesti um short, peguei um balde na área de serviço, panos de limpeza, sabão e fui lavar o carro, enchendo o balde na mangueira do jardim e levando para a garagem. O dia já estava claro quando eu terminei. Tomei um banho, comi uma sopa de carne que Dona Aurélia tinha deixado na geladeira e fui para a escola decidido a nunca mais voltar para aquela casa.



Antes da aula começar eu me tranquei no banheiro da escola e liguei para o Caio, e sem conseguir controlar as lágrimas de mágoa, contei a ele tudo o que tinha acontecido na madrugada, então pedi a ele para me buscar na escola assim que a minha aula acabasse, mas ele me disse que não

poderia sair do Esquadrão antes das quatro horas da tarde.

— Vá para seu treino que assim que terminar, eu estarei aí pra te buscar. Eu prometo.

— Tá bom — disse conformado. — Eu só não quero voltar pra casa hoje — funguei e sequei minhas lágrimas.

— Você passa o fim de semana comigo, sem problemas. Agora vá pra sua aula, tá bom. Eu te amo.

— Eu também. Tchau.

Encerrei a ligação e segui para a sala de aula de cabeça baixa, sem conseguir olhar para ninguém de frente. Estava um pouco mais calmo, mas a revolta ainda fazendo meu coração bater acelerado.

Na hora do intervalo eu tentei me isolar de todos e fiquei sentado no alto da escada que dava acesso às salas, já que não ficava ninguém ali e não era permitido nós ficarmos na sala de aula, mas minha tentativa de parecer invisível foi fracassada, pois nem cinco minutos depois, Thomas se juntou a mim. Ele trazia um pacote de pipoca na mão, tamanho mega.

— E aí?!

— Oi — respondi, mas sem vontade de sorrir.

Ele subiu os degraus e parou ao meu lado.

— Posso me sentar?

— Claro — sorri forçado e me afastei, mesmo tendo bastante espaço para ele, que se sentou bem ao meu lado.

— Quer pipoca? Comprei pra mim e pra você.

— Thomas... não estou com fome, me desculpa. — Não conseguia disfarçar a tristeza, eu estava realmente arrasado, tanto pela saudade da minha mãe e irmã, quanto pela violência injustificada do meu pai.

Ele ficou um tempo em silêncio, comendo pipoca e aquece cheiro amanteigando exalando no ar e o barulho da sua mastigação começaram a me dar água na boca. Quem resiste a pipoca afinal?

— Tá, eu quero! — Peguei o saco da sua mão, me apropriando do seu lanche e comecei a comer a pipoca.

Ele sorriu de banda, vitorioso por eu ter aceitado sua oferta.

— Quando eu tô na “bad”, eu sempre como pipoca. Me ajuda a refletir.

— Não tô precisando refletir. — Meus olhos marejaram e uma lágrima escorreu pelo rosto, que eu rapidamente enxuguei com a ponta dos dedos. Suspirei longamente.

Ele não disse nada, apenas apertou meu joelho em sinal de força. Tombei a cabeça em seu ombro em sinal de agradecimento. Dividimos o resto da pipoca e ficamos em silêncio até o intervalo acabar. Não tenho palavras para descrever o quanto a companhia do Thomas foi importante para mim naquele momento.

Assim que a aula terminou, almocei na escola mesmo e segui para o ginásio, mas meu espírito esportivo estava uma merda e eu provavelmente não renderia nada no treino. Minha mente ainda ia e vinha para as cenas da madrugada e além do mais, eu estava morrendo de sono, então, liguei para o Jorge e pedi para ele me levar ao apartamento do Caio, que depois eu acertaria com ele o valor da corrida, já que estava sem um tostão na carteira.

Não tive problemas em entrar no edifício do Caio, pois eu sempre estava por ali e o porteiro me conhecia bem. Subi o elevador com a mochila pendurada nas costas, juntamente com um entregador de pizza, que por coincidência, estava indo para o mesmo andar do apartamento do Caio. Enquanto o elevador subia, enviei uma mensagem para o Caio avisando que me ligasse assim que pudesse, não queria deixá-lo preocupado. Quando o elevador parou, desci na frente e o entregador veio atrás de mim. Tentei disfarçar para poder pegar a chave reserva que ficava presa na moldura de um baguá espelhado que Caio pendurava no alto do batente de porta para

espantar energias negativas. Mas para minha surpresa, foi exatamente a campainha de Caio que o entregador apertou.

— Você vai entregar pizza aí? — perguntei apontando para a porta do Caio.

— Sim — respondeu o entregador.

— Coincidência! Eu também vou pra esse apê. — Franzi o cenho tamanha minha preocupação, pois se o Caio não poderia sair da Base para me buscar, então quem estaria no seu apartamento?

A resposta veio como uma bomba, que explodiu bem na minha cara: Ruriz.

Ele abriu a porta e assim que me viu, seus olhos de citrino cresceram na minha direção, mas logo um sorriso sacana abriu em seus lábios.

— Juliano, que surpresa! — Ele vestia um shortinho de corrida que eu soube de cara, pertencia ao Caio. Seu peitoral definido e seus pelos escuros à mostra. Ele era realmente um homem bonito, e vestia a roupa do meu namorado.

— O que você tá fazendo aí? — Eu tentei entrar, mas o entregador de pizza estava de um lado e Ruriz bloqueou minha passagem do outro.

Não quis dar uma de louco e então esperei. Não ouvia barulho do lado de dentro e comecei a pensar que Caio tinha emprestado seu apartamento para o Ruriz, por isso ele se negou a me buscar na escola. Esperei pacientemente Ruriz pagar a pizza e quando o entregador saiu da minha frente, eu pedi para entrar, alegando que ficaria quietinho no quarto de hóspedes e não iria incomodá-lo.

— Imagina, Juju. Entra. — Ele me puxou para a sala de estar e colocou o dedo nos lábios, me pedindo silêncio. Ele tinha um olhar matreiro de quem estava aprontando algo e eu não estava entendendo nada. — Amor! A pizza chegou! — Ele gritou e colocou a pizza em cima da mesa da sala.

— Tô indo! — berrou o Caio.

Meus olhos se arregalaram, meu queixo caiu e eu senti que o sangue tinha deixado meu corpo. Meu coração começou a martelar dentro do peito.

— Desde quando eu te permito me chamar de amor? — Caio apareceu na sala enrolado numa toalha. Ele apertou a bochecha do Ruriz com força, formando um bico em seus lábios. — Heim?! — E mordeu seu lábio inferior, com força, puxando com os dentes a ponto de fazer Ruriz gritar de dor.

— Aaaai... porra Prates! — Ruriz choramingou quando Caio soltou a mordida.

Comecei a ter uma crise asmática tamanha foi minha dificuldade em respirar e acreditar no que tinha acabado de presenciar. Não era apenas por ver Caio com tanta intimidade com outro homem, foi também pela sua atitude, seus gestos e o tom da sua voz, tratando o Ruriz com uma rispidez crua. Aquele não era o MEU Caio.

— Caio? — sussurrei e meu queixo tremeu.

Caio virou-se para mim com uma expressão cética e um olhar perplexo, jamais esperando me ver ali.

— Ju?

— Ele chegou junto com a pizza — justificou Ruriz.

Caio lançou um olhar mortal para o Ruriz e depois voltou-se para mim novamente. Tudo muito rápido, mas naquele momento, eu já tinha perdido a noção de tempo e espaço, eu estava desorientado. Era como se Caio tivesse pisado na última centelha de amor que ainda restava dentro de mim.

— O que você tá fazendo aqui? — Sua voz estava aterrorizada, ele caminhou na minha direção a passos rápidos, mas eu me afastei.

— Não chega perto de mim! — Eu berrei e me dirigi à porta. — Foi por isso que você não pôde me buscar? — Logicamente comecei a chorar. — Por que, Caio? Por quê? Por que você fez isso comigo? — Levei as mãos à

cabeça. — LOGO COMIGO! LOGO HOJE!

Abri a porta do seu apartamento e quando estava saindo ele me segurou pelo braço.

— Ju, não vai embora assim, me deixa explicar! — Ele estava aturdido. Seus olhos nadavam em lágrimas.

— Eu não quero ouvir. — Eu o empurrei, mas ele mal deu um passo para trás. — Nunca mais quero te ver. Você matou tudo de bom que eu tinha em mim... — Corri para a porta corta-fogo que dava acesso às escadas, não teria condições físicas nem mentais para esperar o elevador, eu só queria sumir dali.

— Você vai me pagar por essa, Ruriz. — Caio vociferou e veio atrás de mim, correndo pelas escadas com a toalha enrolada na cintura. Ele era ágil e eu, além de estar com a mochila pendurada nas costas, não conseguia enxergar direito por causa das lágrimas. Logo ele me alcançou. — Por favor, garoto estrela... — Ele me virou de frente para ele e me pressionou contra a parede. — Eu te amo, eu juro. Ruriz não é nada pra mim. Nada.

— Então por que, Caio? — Tapei o rosto com as mãos. Eu não queria que ele me visse chorando.

— Porque... com ele... é diferente. Com ele eu posso tudo, mas é apenas isso, eu te garanto.

Refleti por segundos sobre o que ele falou. Se com o Ruriz ele podia tudo, o que eu era então? Nada?

— Tudo o quê? — Parei de chorar e o encarei.

Caio fechou os olhos e praguejou, hesitando em responder, talvez por saber da minha reação. Ele colocou as mãos na cintura e respirou fundo.

— Tudo o que eu não posso fazer com você. — Seu olhar firme no meu.

E então eu entendi que ele não me via como um homem e como seu namorado, ele ainda me via como um adolescente, como um garoto, seu

garoto estrela. Minha dor e mágoa se transformaram em raiva, e todas as suas juras de amor se tornaram palavras vazias.

— ARGH! — Eu o empurrei para não o esmurrar. — Seu escroto! Todo esse tempo me tratando como seu namorado! Como você conseguiu ser tão falso comigo? — E então eu percebi o quanto estava sendo tolo. — Oh meu Deus! — Meu queixo tremeu mais uma vez e as lágrimas banharam meu rosto imediatamente. — Você sente pena de mim...

— Não! Claro que não! — Ele me segurou meu rosto. — Eu te amo de verdade. Eu juro! Acredita em mim, Ju. O que eu sinto por você transcende todo meu ser, por isso eu te preservo tanto... — Seus olhos estavam vidrados nos meus.

Eu não conseguia encará-lo, imaginar que tudo o que tínhamos vivido foi fruto das minhas súplicas de amor me fazia ficar enjoado e meu estômago se revirar. Então, mais uma vez, eu me liberei de suas mãos e o empurrei.

— Eu não quero ser preservado, porra! Eu não sou a Mata Atlântica, Caio, eu sou só eu, eu... — Bati no peito. — Eu sou só um garoto estúpido que acreditou em você.

Desci correndo mais um lance de escada e mais uma vez ele me alcançou.

— Você não vai embora assim! — Ele me virou e me empurrou contra a parede, por sorte minha mochila estava nas costas, senão, certamente, eu teria batido a cabeça. — Eu não sinto pena de você. Eu te amo, mas eu sou um homem, eu tenho necessidades...

— FODA-SE SUA NECESSIDADE... — berrei tão alto que ele tapou minha boca, fazendo minha coriza escorrer do nariz quando respirei.

— Para de gritar! — Ele sussurrou, limpou meu nariz como de uma criança e limpou os dedos na sua toalha. — Me entenda e me perdoe, por favor. Ruriz é só uma foda pra mim, e ele é muito consciente disso. Você é tudo, sempre foi, e sempre vai ser.

— Eu só quero ir embora...por favor. — E mais uma avalanche de lágrimas verteu dos meus olhos. Eu não tinha mais forças para lutar contra nada.

— Pra onde você vai?

— Pra escola — menti. Eu sabia que ele não me deixaria simplesmente sair.

Ele se afastou, eu desci mais uns degraus.

— Eu te ligo mais tarde...

— Não perca seu tempo. — Desci correndo as escadas com o coração dilacerado dentro do peito.

— Ju! — Ele gritou.

— VAI SE FODER... — gritei mais alto.

Ele ficou berrando da escada pelo meu nome, mas eu não podia mais permanecer diante dele. Eu não podia mais chorar por causa dele. Justamente no dia do aniversário da morte da minha mãe e irmã, meu pai, o homem que deveria me proteger, e meu namorado, o homem que deveria me amar, me empurraram dentro de uma sarjeta suja e lamacenta da forma mais impiedosa possível. As últimas pessoas do mundo que eu ainda podia amar, cravaram estacas em meu peito como se eu fosse um simples nada.

Saí do condomínio do Caio sem olhar para trás. Segui a pé para praia de Ponta Negra, sentei-me ao pé do Morro do Careca, desliguei meu celular e lá fiquei por longas e longas horas. Quando a noite caiu, um grupo de quatro rapazes e três moças chegaram e começaram a tirar fotos e selfies. Eu os observei sentindo os mais contraditórios sentimentos invadindo meu peito. Eles riam e se divertiam com tão pouco, que eu fiquei imaginando se um dia eu conseguiria ser leve como eles e sorrir com tanta facilidade. Eu os invejava por serem livres. Eu só queria me sentir feliz e importante para alguém. Por alguma razão senti vontade de voltar para casa. Liguei meu celular, liguei para Jorge e desliguei em seguida.

Aquelas horas sozinho foram meus momentos de reflexão e meditação. Naquele pequeno pedaço de mundo eu comecei a ter um vislumbre do que eu queria para mim, para minha vida e pro meu futuro. E o que eu precisava de verdade era encontrar um pouco de equilíbrio na minha vida conturbada, e não seria dinheiro e nem uma carreira promissora que me traria isso.

Jorge me deixou no portão secundário da Base e eu fui andando para casa. Não tinha uma alma viva sequer nas ruas daquela vila, mas eu não me importei, não tive medo, e nem me dei ao trabalho de ligar para o meu pai ir me buscar. Não queria vê-lo e esperava que ele não me visse quando eu chegasse em casa. Mas assim que eu virei a esquina do bloco, avistei o carro do Caio parado em frente à minha casa. Quando eu entrei, pela porta de correr na lateral da varanda/garagem, meu pai e Caio, que estavam sentados no sofá da sala, meu pai com o celular na mão e os olhos vermelhos de quem havia chorado, levantaram-se de imediato. Eu parei, esperando deles a mais distintas reações, mas o que eu vi em meu pai foi um outro homem, não aquele que havia me arrancado da cama aos berros, me chamando de imprestável, nem o homem amargurado no qual eu convivera e evitara durante um ano inteiro. Aquele homem em pé, diante de mim, ao lado do homem que tinha despedaçado meu coração, se parecia muito com o meu pai. O pai que, apesar de toda a dureza na educação, sempre me tratara como filho.

— Você tá bem? — Ele perguntou.

Meus olhos foram dele para Caio e voltaram para ele. Caio estava inerte, sua cara de arrependimento não me comoveu e eu o ignorei completamente. Ele não seria estúpido de tentar qualquer coisa na frente do meu pai.

— Hmrrum... — respondi simplesmente e segui para o banheiro. Meu pai poderia até ter caído em si, mas minha mágoa continuava viva dentro de mim.

Já Caio...não soube o que pensar dele durante muito tempo.

Tomei um banho e quando me preparava para dormir, meu pai entrou em meu quarto sem bater na porta. Minha reação de medo foi imediata, meu coração acelerou e eu rapidamente abracei meu corpo.

— Você jantou? — Ele perguntou e eu apenas neguei com a cabeça. — Tem pizza no forno e refrigerante na geladeira.

— Ok. — Minha voz era quase inaudível.

— Caio já foi, ele também estava preocupado com você.

Também? Quem mais se preocupou então? Você?

Meu pai me encarou por segundos, engoliu em seco, me desejou boa noite e foi dormir. Fechei os olhos de alívio quando ele fechou a porta do quarto. Teria ido dormir naquele momento, mas a fome apertou e eu acabei devorando todo o restante de pizza. Não liguei meu celular naquele fim de semana, Caio não apareceu, meu pai não saiu de casa. Algumas coisas estavam mudando, e eu também.



Na segunda feira, quando finalmente liguei meu celular, uma enxurrada de mensagens do Caio quase travou a porra do celular. Não tive coragem de deletá-las e nem de bloqueá-lo, então eu apenas as ignorei. A semana inteira foi assim, recebendo ligações e mensagens do Caio e eu as ignorando com sucesso. Eu sabia que ele estava atolado de compromissos no trabalho e não poderia vir me ver, mas além disso, eu acreditava que ele estivesse com medo de que eu fizesse um escândalo e todo mundo descobrisse o que rolava entre nós, inclusive meu pai. Foi então que eu passei a desconfiar seriamente de que Caio jamais me assumiria, pois ele preservava sua imagem e sua carreira acima de qualquer coisa, inclusive acima do amor que ele tanto jurava sentir por mim.

Papai estava diferente, e no sábado à noite ele me chamou para ir a um encontro de oficiais que aconteceria no clube em comemoração ao dia do avião, que iria cair no início da semana. Seria um evento com partidas de futebol entre times formado pelos próprios oficiais, churrasco à vontade, karaokê e muita cerveja. Os oficiais todos eram “convidados” do Comandante da Base a participarem, e este convite significava comparecer de qualquer forma. Não quis negar um convite feito pelo meu pai, que tinha

se mostrado mais acessível durante toda semana, mesmo que relapso ainda, mas eu tinha certeza de que o Caio estaria lá e eu não queria encontrar com ele em hipótese alguma, então apenas aleguei que iria estudar um pouco e que iria depois, e esse depois significava perto do fim da festa.

Era perto das sete da noite quando meu estômago começou a implorar por comida e então eu montei na minha bicicleta e segui para o clube. No caminho o vento trouxe a fumaça do churrasco para meu nariz e eu acelerei as pedaladas. O som alto do karaokê e vozes de homens preenchiavam o ambiente. Estacionei minha bicicleta no bicicletário e entrei no clube vasculhando o ambiente à procura do meu pai. Assim que o vi, sentei-me de imediato ao seu lado.

— Achei que tinha desistido de vir. — Ele falou assim que me sentei e eu sorri de leve, sem olhar em volta para não cruzar os olhos com o Caio.

Meu pai estava sentado com mais três oficiais e jogando truco, um jogo que eu odiava, pois aquilo mais parecia uma guerra de testosterona que um jogo de cartas. Um oficial novinho cantava no karaokê, não sei se era aspirante ou não. Meu pai ria e se divertia e fazia um tempo que eu não o via tão descontraído. Olhei suas cartas e a do cara ao seu lado e mesmo sem gostar do jogo, eu sabia que meu pai estava com todas as vantagens na mão. Ele olhou para mim e eu sorri com os lábios cerrados.

Ele sorriu de banda e ergueu de leve a carta que ele pretendia lançar. Olhei rapidamente em volta e depois olhei para meu pai e neguei com a cabeça. Ele mordeu o canto da boca contendo um sorriso e depois ergueu outra carta e eu assenti.

— Porra D’Alva! — falou seu adversário. — Tá pegando dica com o garoto?

Meu pai não conteve a risada.

— Não tô, eu juro! — Claro que ele mentiu, afinal aquele era um jogo de blefe.

— Fala a verdade, garoto... — O adversário olhou para mim.

— Eu não sei jogar isso não. — Ri sem graça e cocei a nuca. Claro que eu não entregaria meu pai.

Obviamente os adversários perderam, e além de perder a partida, tiveram que passar por debaixo da mesa. Depois de tudo, meu pai me abraçou e eu congelei, pois não esperava seu reconhecimento.

O cheiro de carne ficou mais forte e minha fome aumentou, e como o clima era de comemoração, eu aproveitei.

— Pai... — sussurrei, pois apesar do que tinha acabado de acontecer, eu ainda tinha receito de falar com ele. — Posso pegar umas carnes?

— Claro! Fala com o Matias. MATIAS! — Ele berrou apontando para a churrasqueira que ficava fora da área coberta. Quando Matias olhou para ele, ele apontou para mim, e Matias assentiu. — Vai lá... — Ele apertou minha nuca em sinal de incentivo.

Segui de cabeça baixa, pequei um prato descartável com carne, farofa e vinagrete, um copo de refrigerante e assim que me sentei novamente com meu pai, Caio apareceu, lindo como sempre, de camiseta regata preta e bermuda jeans, seus bíceps à mostra e seus olhos azuis que um dia me fizeram flutuar me encarando firmemente, e que agora me faziam sentir uma dor tremenda no peito.

Cara, você estragou tudo! Pensei.

— Major! — Ele cumprimentou meu pai, que o recebeu animadamente. Ele falou com os outros que estavam à mesa e só depois falou comigo. — Ju... tudo bem?

Apenas balancei a cabeça em afirmação.

— Quer ir pra minha mesa? É mais jovem que essa aqui... — Ele riu de banda, e porra, por que ele tinha que ser tão lindo?

Era incrível como ele agia como se nada tivesse acontecido.

— Ei! — disse um dos amigos de papai. — Ainda somos jovens, rapaz!

— Vai com ele... — disse meu pai.

— Depois, tô comendo agora — respondi para meu pai, não para o Caio. Eu não iria para a mesa do Caio nem que me pagassem, mas se eu falasse isso, teria que dar explicações.

— Te espero lá, então. — Caio bagunçou meu cabelo, eu paralisei com seu toque em mim, quis avançar em seu pescoço, controlei minha fúria e continuei a comer de olho aonde ele iria se sentar. Ruriz não estava no grupo.

Depois de devorar meu jantar, eu resolvi ir embora, pois vez ou outra eu me pegava olhando na direção do Caio e o flagrava olhando para mim. E por Deus, como era difícil sentir raiva dele e daquele olhar de cachorro abandonado na mudança. Mas toda vez que olhava para ele, eu lembrava da sua traição. Como eu era estúpido de um dia acreditar que ele poderia ser meu! Despedi-me do meu pai, dos seus amigos, peguei minha bicicleta e fui embora a empurrando.

— Problemas no paraíso? — Ruriz perguntou quando passei por umas árvores que ficava perto do primeiro campo de futebol. Ele tinha um cigarro na mão. Demorei segundos para identificá-lo.

— Não é da sua cont. — respondi, mesmo sem entender sua pergunta.

— Quer dar um tapa comigo?

— Hã? — Deus, como eu era inocente! Dar um tapa em quem? No Caio ou na sua cara?

Ruriz sorriu com sarcasmo.

— Tá com medo de mim? — Suas perguntas não faziam nenhum sentido para mim.

— Não.

— Então larga essa magrela aí e vem aqui comigo.

Olhei para os dois lados, vozes altas ainda preenchiam tudo à minha volta, mas ainda assim, não havia ninguém na parte externa do clube. Larguei minha bicicleta, imaginando que ela fosse a magrela — fazia todo sentido — e fui ter com o Ruriz, debaixo de uma árvore, onde o vento era forte e o cheiro de carne assada era constante.

— O que você quer? — perguntei de forma dura, como se isso fosse intimidá-lo.

— Prova, vai te fazer esquecer. — Ele me ofereceu um cigarro, diferente de todos que eu já tinha visto, parecia artesanal, além do cheiro forte.

— Eu não fumo.

— Eu também não, mas essa é das boas.

— Por que você não tá lá dentro? — Queria mesmo saber por que ele não estava com o Caio.

— Porque lá não dá pra fumar. Agora prova. Só uma pitada. — Ele deu um trago e levantou a cabeça, como se estivesse em êxtase.

Pensei em Caio e no meu pai, se ambos me vissem fumando eu estaria em maus lençóis. Foda-se! De repente senti vontade de fazer algo fora da curva, algo que não estava nos padrões de comportamento esperado por ninguém. Olhei para o cigarro.

— Eu nunca fumei. — Peguei o cigarro da sua mão.

— Chupa com força, mas não engole, depois sopra pelo nariz.

O cigarro tinha um cheiro até agradável, e não era tão grande.

— Ok. — Fiz como ele mandou, mas minha garganta travou e secou de tal forma que eu comecei a tossir desesperadamente a ponto dos meus olhos lacrimejarem.

— Tu fizeste errado, moleque. — Ruriz se divertia da minha falta de experiência, mas ao mesmo tempo alisou minhas costas para me acalmar.

— O que é isso? — perguntei quase sem voz. — Parece veneno.

— Cannabis. Abre a boca. — Ele mandou e tragou novamente. — Hm..
— Ele me segurou pela nuca, me pressionou contra a árvore e quando eu abri a boca, ele soprou dentro dela, quase colando seus lábios nos meus. Fiquei meio em transe com aquela beleza toda tão próximo a mim. Quando a fumaça acabou, ele beijou meus lábios, tão rápido que mal deu tempo de sentir seu sabor.

— O QUE VOCÊ TÁ FAZENDO? — A voz do Caio surgiu do nada e logo ele estava puxando Ruriz pela camisa e o jogando no chão. — Ele só tem dezessete anos.

— E desde quando você se importa? — Ruriz perguntou com ódio, tanto na voz quanto no olhar.

Caio me encarou como se eu estivesse cometendo um crime.

— É sério mesmo que você tá fumando maconha? — Ele gritava.

Olhei perplexo do Caio para o Ruriz e voltei a olhar para o Caio, como se eu lhe devesse explicações.

— Não sabia que era maconha! — Me encolhi de vergonha.

— Vai pra casa, Juliano! — Caio vociferou na minha direção.

Meu sangue ferveu, além dele não mandar em mim, ele não tinha o direito de falar comigo daquela forma.

— Ele só vai se ele quiser — disse Ruriz se levantando.

— Eu não quero — falei de forma birrenta.

— Tá vendo. — Ruriz disse de forma debochada para Caio. — Agora dá licença que você tá nos atrapalhando. — Ruriz se aproximou de mim, passou a mão na minha nuca novamente e me puxou para um beijo, que eu não teria retribuído, mas eu não esperava que ele fizesse aquilo na frente do Caio. Fiquei meio sem reação.

Mas mais uma vez, tudo não passou de uma tentativa, pois Caio puxou Ruriz e ao invés dele jogá-lo no chão, ele acertou um soco na sua cara. Ruriz não deixou por menos e quando tentou revidar, Caio lhe deu um golpe de Judô, lhe jogou no chão e partiu para cima do Ruriz, acertando socos em sua cara. Eu jamais esperava ver aquela cena. Caio não era de briga, principalmente porque ele sabia que seus golpes poderiam ser mortais. Eu fiquei tão atônito com sua atitude que quase coleí no tronco daquela árvore.

Caio não parou porque quis, ele foi arrancado por seus colegas de cima do Ruriz, que se encontrava ensanguentado no chão. Todos estavam embasbacados pela atitude do Caio, pois ele tinha perdido completamente a sanidade. Uns o seguravam, outros socorriam o Ruriz.

— Me larga! — Ele se livrou das mãos possessivas dos seus amigos e caminhou a passos largos e pesados na minha direção. Tentei dar mais um passo para trás, mas eu não tinha mais para onde ir.

— Caio... — falei com receio de que fosse apanhar também.

— Vá pra casa! Agora! — Ele berrou na minha cara fazendo sua saliva espirrar em mim.

Não disse mais nada, peguei minha bicicleta e voei para casa com um coração partido dentro do peito e os olhos nadando em lágrimas. Além de tudo, ele me tratou como criança, algo que nunca tinha feito. A decepção foi monstruosa.

Não sei ao certo o que aconteceu naquela noite depois que eu fui embora, mas no dia seguinte meu pai me perguntou o que havia acontecido, por que o Caio tinha brigado com um colega de turma e o que eu tinha a ver com toda a história.

— Nada — respondi morrendo de medo de que meu pai me colocasse contra a parede.

— O aspirante Ruriz entrou com uma representação contra o aspirante Prates. Se eu autorizar, eles querem que você testemunhe sobre tudo o que aconteceu. Mas eu só vou fazer isso se você quiser.

— *Eu não quero.*

— *Ok. — Meu pai não insistiu.*

Depois desse dia, só vi o Caio novamente no dia que ele foi embora.

— Eu sei que ele foi servir em Porto Velho por causa da representação que entrei contra ele. Mas eu não me arrependo de nada, sabe. — disse Ruriz de cabeça baixa. Ainda estávamos dentro do carro. — Prates mereceu, mesmo que eu soubesse exatamente quem ele era, ele não poderia ter me agredido daquela forma na frente de todo mundo, eu não merecia. Ele foi um desalmado, foi isso que ele foi. — Ruriz me encarou e eu não soube o que dizer, pois no fundo eu achei mesmo bem feito.

— Meu pai ainda perguntou se eu queria depor na audiência de vocês, mas eu não quis me envolver. Caio me magoou muito e eu só queria que ele fosse pro quinto dos infernos.

Ruriz revirou os olhos, negando com a cabeça, e eu não entendia se ele aprovava ou não o que eu tinha acabado de dizer.

— Fez bem. — Ele disse por fim.

Ficamos em silêncio por alguns segundos e eu já estava impaciente de estar naquele carro, parado, conversando sobre o Caio justamente com o cara que ferrou com tudo entre nós dois.

— Bom...acho que vou andando... — Levei a mão à maçaneta da porta.

— A gente podia se divertir, o que você acha?

— Se divertir como? — Uma ruga se formou na minha testa.

— Sei lá... — Ruriz deu de ombros. — Já jogou Super Trunfo?

— Nunca ouvi falar.

— É tipo Carta Pokémon, só que mais antigo. E as regras são diferentes.

— Nunca joguei também.

— Vamos jogar? Eu tenho um baralho no meu quarto. Era do meu pai, mas ainda *tá* novinho. É bem legal, e a gente pode criar umas regras novas.

Eu não tinha nada para fazer, as aulas tinham acabado de começar, não tinha tarefa, nem assunto novo para estudar, não tinha ninguém em casa e eu estava muito magoado com o Phillipi, então, sem pensar muito aceitei seu convite.

— Eu topo. Você vai buscar?

— Não... — Ruriz enfiou a chave na ignição e ligou o carro. — A gente joga no meu quarto mesmo. Tenho umas batatas Pringles e refrigerante, lá. — Ele deu ré e eu comecei a me arrepender de ter aceitado. — Além do mais, no meu quarto tem ar condicionado e *tá* muito quente aqui fora.

Isso era verdade, o sol estava massacrando naquela tarde. E eu não tive receio de entrar no quarto com Ruriz, que ficava no Hotel de Trânsito, no Cassino dos Oficiais, a menos de cinquenta metros do clube. Poderíamos até ter ido andando, mas fomos de carro. Meu receio era que meu pai não me permitia transitar pelo Cassino, pois ele dizia que ali não era lugar de adolescentes e crianças, era um local destinado apenas aos militares em trânsito, almoços, salas de descanso e eventos. Mas eu fui mesmo assim.

O Cassino dos Oficiais tem uma arquitetura interessante, pois foi projetado na época da segunda guerra, pelos americanos, e ainda mantêm sua estrutura até hoje, é bonito, simples e acolhedor, com tijolos aparentes e telas nas janelas para evitar a entrada de bichos e pernilongos. A frente do Cassino dá para a lagoa e os fundos para o clube. Nas laterais ficam os quartos. Não entramos nem pela frente e nem pelos fundos. Entramos pela lateral, por uma porta que dava diretamente no corredor dos quartos e fomos rapidamente para o quarto do Ruriz, pois ele também conhecia bem as regras e sabia que eu não poderia estar ali.

Assim que entramos ele foi logo tratando de ligar o condicionador de ar e

tirar a camisa. Era um quarto simples, quadrado, com uma cama de solteiro no meio, um armário, televisão, frigobar, banheiro pequeno e uma decoração azul e branca.

— Fica à vontade aí... — Ele disse quando me viu encolhido ao lado da porta.

— Eu tô... — Era mentira, pois eu ainda estava na dúvida se jogava sei lá o que com ele, ou se saía correndo. Mas meus pensamentos iam e vinham da minha conversa com Phillipi no corredor da escola, e o Ruriz era uma porra de uma maldição de tão lindo, ainda mais sem camisa. Eu decidi ficar.

— O jogo é simples, mas a gente vai criar uma regra pra quem perder. — Ele se sentou na cama. — Vem, senta-se aqui...ah! Esqueci... — Ele se levantou, abriu o armário tirou de lá dois tubos de batata Pringles vermelho e pegou duas latas de Pepsi no frigobar. — *Tá* trincando de gelada! — Ele puxou o criado mudo para o meio da cama, colocou tudo em cima e se sentou novamente. Quando ele puxou o anel da latinha e aquele barulho de gás escapando preencheu o ambiente, minha boca encharcou de água.

— Primeiro você me ensina como se joga, antes de criar a regra nova. — Sentei-me na cama também e abri a outra lata. Dei um gole, soltei um *aahh!* de satisfação e abri a batata.

— É super fácil... — Ele embaralhou as cartas, me ensinou as regras, era realmente fácil e parecia divertido, depois ele distribuiu nossas cartas. — A regra nova é o seguinte, quem perder, dá um tapa no outro, o que acha?

Logicamente não gostei da regra nova. Mas eu não queria parecer um bebezinho que tem medo de uns tapas e ele não era tão maior que eu assim. Suspirei antes de responder.

— Se não for na cara ou no saco, tudo bem!

— Na bunda — sorriu com malícia.

— Ah, fala sério! — Eu sorri descrente.

— Tô falando... — Seu sorriso aberto era hipnotizante.

— Ah, tá bom vai, mas não tão forte! — Apontei o dedo para ele, que comemorou segurando-o e beijando a ponta.

Começamos a jogar. Resolvemos fazer melhor de três, já que a cada carta apresentada, um vencia. Ele venceu a primeira rodada. Meu sangue desapareceu.

— Vai, deita! — Ele ficou em pé. Seu olhar era de expectativa, como se ele desejasse me dar uns tapas na bunda há muito tempo.

— Você prometeu que não ia ser tão forte! — Engoli em seco.

— Não chora, Ju. Deita! — Ele mordia os lábios.

Respirei fundo, soltei o ar pela boca, me deitei de bruços em sua cama e ele montou em minhas coxas.

— Devagar, por favor. — Eu estava quase choramingando, minhas mãos suavam.

Ele então segurou o cóis da minha bermuda e quando ia puxar para baixo, eu comecei a espednear e a gritar.

— Não, Ruriz, na pele não. — Eu segurava a bermuda com força. — Sem tirar a roupa.

— Assim não tem graça.

— Não tem graça de nenhuma forma. Se quiser, é por cima da bermuda.

— Tá bom...chorão! — E ele desceu o braço, me fazendo gritar de dor e contrair a bunda. Sentia minha pele ardendo. Meus olhos até marejaram.

— Agora sai de cima — falei puto da vida. Queria acertar um soco nele, mas eu tinha aceitado a brincadeira e não ia dar uma de garoto de mimado que não sabe perder.

Ele apoiou as duas mãos na minha bunda e se impulsionou para sair de cima de mim. Sentei-me com o peito subindo e descendo de raiva e tomei um gole do meu refrigerante para me acalmar.

Começamos outra rodada. Ele ganhou.

— Ah não! — Lamentei, e tive vontade de jogar as cartas na cara dele para tirar daqueles lábios perfeitos aquele sorriso perverso.

— Deita! — Ele ordenou.

Eu bufava, inconformado, poderia até dizer que ele estava roubando, mas era impossível, já que era um jogo de apostas. Minha desvantagem era que ele conhecia as cartas do jogo e eu não.

Mais uma vez eu me deitei, ele montou nas minhas coxas, eu implorei para ele pegar leve, não adiantou de nada e quando ele desceu a mão mais uma vez, no mesmo lado, eu urrei de dor. Ele saiu de cima de mim logo em seguida. Meu queixo tremeu e minha vista ficou nublada.

— Porra, Ruiz. — Choraminguei dessa vez. — No mesmo lado? — disse assim que ele se sentou na minha frente.

— Você *tá* chorando? — Ele gargalhou.

— Doeu pra caralho! — Limpei os olhos com a barra da camisa.

— Então vamos fazer diferente, quem perder tira uma peça de roupa, quem ganhar escolhe qual peça.

Ficar sem roupa era cem vezes melhor que apanhar. Aceitei na hora. O problema era que eu não estava avaliando as consequências das minhas decisões. Para início de conversa, nem era para eu estar naquele quarto. Mas a sede de vingança e o espírito de competidor falaram mais alto e me deixei levar pelo meu orgulho besta.

Começamos a jogar novamente e eu ganhei as duas seguintes rodadas. Meu ego se inflou. Como Ruiz já estava sem camisa, restou a ele tirar a bermuda e a cueca, resultado: ele ficou completamente nu. Foi difícil eu me

concentrar nas rodadas seguintes, principalmente porque ele estava totalmente à vontade, sentado de frente para mim, uma perna dobrada à sua frente e outra para fora da cama, abdômen perfeito, peito coberto por uma discreta pelugem preta e encaracolada, que descia pelo umbigo e se encontrava com seus pelos pubianos. Caminho da felicidade? Definitivamente sim! E o pior de tudo, vez por outra ele coçava a virilha despida, que tinha a marca do elástico da cueca, que não era boxer. Meus olhos não saíam de cima do seu pau murcho e saco pesado. Meu pau começou a ficar alegrinho com aquela visão dos deuses.

Como estava difícil me concentrar nas rodadas seguintes, ele ganhou todas, sem exceção, resultado: foi minha vez de ficar completamente nu. Antes da última rodada, eu coloquei o tubo da batata na minha frente para que ele não visse o volume avantajado entre minhas pernas e comecei a comer nervosamente. Na última rodada, eu demorei mais que o normal para jogar, pois só restava a mim tirar a última peça, se eu ganhasse, era fim de jogo, pois ele já estava nu, se ele ganhasse, seria empate, eu ficaria nu e teríamos que jogar mais uma. Ficar nu num quarto com o Ruriz seria uma barra difícil de aguentar. Mas tive que ser forte. Quando tirei minha cueca, ele me olhou de cima a baixo.

— Sem batatas agora! Também tenho o direito de te ver...

Engoli em seco.

— Ok. — Sentei-me de frente para ele e começamos a jogar a última e definitiva rodada. Minha respiração estava acelerava, meu rosto queimava, meu coração pulsava, meu pau só aumentava.

Eu teria aguentado firme se o pau dele também não tivesse duro feito uma barra de aço. No meio da rodada, ele começou a se tocar, levemente. Eu fiquei mudo. Minha boca secou e meu pau começou a chorar. E mesmo que eu tentasse disfarçar toda minha excitação, era impossível, pois meu corpo denunciava toda a minha vontade. Meus olhos se prenderam aos seus, que ele desceu pelo meu corpo e quando se concentrou na minha excitação, meu pau deu um pinote. Seus olhos voltaram aos meus.

— Quer parar de jogar? — Seus olhos de citrino estavam pretos por causa

da pupila dilatada.

— Hmrrum... — sussurrei num gemido sôfrego.

— Quer se divertir comigo? — Ele engoliu em seco.

Apenas afirmei. Minha cabeça de baixo já comandando toda as minhas ações. Ele então juntou as cartas, colocou em cima do criado mudo, segurou minha nuca e me beijou nos lábios, de leve, apenas para eu sentir o sabor da sua saliva.

— Tudo bem? — Ele perguntou antes de seguir adiante.

Deus pai, como é difícil pensar quando seu pau está duro feito uma rocha e seu corpo inteiro clamando por uma gozada gostosa. Afirmar novamente.

Então ele me beijou mais uma vez. Eu retribuí, ele me encarou, depois fechou os olhos e me deu mais uns beijos leves até abrir espaço com a língua e me beijar com intensidade. Eu me entreguei. Seus lábios eram macios e gostosos e seus carinhos me faziam viajar. Beije e gemi com seus lábios me devorando, e o beijo que começou leve e cheio de delicadeza, começou a ficar bruto, violento, assim como todo o resto. Sua pegada era forte e pesada, nada comparado à forma carinhosa e delicada que Caio me tratava. Ruriz me dominava, mas de uma forma selvagem, ele me mordida e me arranhava e eu comecei a ficar incomodado com aquelas carícias dolorosas.

— Ruriz... — Tentei afastá-lo de mim, queria dizer para ele ir com mais calma.

— Shii! — Ele me virou na cama, de bruços, prendeu minhas pernas entre suas coxas, segurou meus braços atrás das costas com uma mão e com a outra separou minha bunda, cuspiu na minha entrada e começou a me lacear com seus dedos. Eu não conseguia sentir prazer com aquilo, meu pau murchou na mesma hora.

— Devagar...

— Ainda tem a marca da minha mão... — Ele me deu outro tapa.

— Aaahh! — Me remexi, tentando me soltar, pois o tapa doeu mais que os outros dois. — Assim não... — Minha voz saiu embargada.

— Eu gosto assim, dominado... — Ele encostou a cabeça do seu pau no meu ânus.

— Ruriz, a camisinha, por favor... — Tentei me livrar dele, mas foi em vão, ele parecia fora de si e meteu com tudo, quando sua glândula me rasgou eu gritei e comecei a chorar, pedindo para ele parar.

— O que houve, porra? — Ele me soltou e saiu de dentro de mim.

Imediatamente me sentei e me encolhi no canto da cama, chorando e abraçado as minhas pernas. Sentia meu ânus pegando fogo... não sabia o que dizer, estava acuado e com medo de que ele fizesse o pior, que me pegasse à força e fosse até o fim.

— Vai me dizer que não está acostumado com sexo forte? E porra, garoto, Prates era bem maior que isso aqui! — Ele apontou para o próprio pau, que eu olhei e quase desmaiei quando vi que sua glândula estava melada de sangue.

— Você me feriu? — Meus olhos cresceram na sua direção. — Ah meu Deus, você me feriu... — Enfiei minha mão entre as pernas e passei o dedo no meu ânus e constatei o óbvio, eu estava sangrando. — Ah não! — Levantei-me rapidamente e corri para o banheiro, trancando a porta para que ele não viesse atrás de mim.

Me meti debaixo do chuveiro e ele ficou batendo na porta do lado de fora. Estava aos prantos, arrependido de ter aceitado seu convite.

— Por favor, Juliano. Sai desse banheiro e vamos conversar. Me desculpa, não foi minha intenção te machucar...

Ele insistiu tanto que eu resolvi acreditar em suas palavras. Lavei o rosto e a bunda e quando terminei, um pouco mais calmo, me sequei com uma única toalha de rosto que tinha ali. Quando saí do banheiro ele estava de bermuda para meu alívio, com o celular na mão, cabeça entre as mãos e

cotovelos apoiados nos joelhos. Tapei meu pau com a mão, pois me senti constrangido e não queria que ele me visse nu.

— Me perdoa, por favor. Eu não queria te machucar, eu juro!

— Eu quero ir embora. — Minha voz saiu fraca.

— Claro! Vista-se, eu te levo em casa. Não precisa ter medo de mim...

Apenas assenti, peguei minhas roupas no chão e me vesti de costas para ele.

— Prates era bem mais violento que eu, achei que você gostasse.

Ou eu era muito inocente ou ele estava realmente arrependido de ter me pegado de maneira tão tosca.

— Caio nunca foi violento comigo, pelo contrário — falei ainda meio choroso e virei-me para ele quando terminei de me vestir, ele me olhava como se eu tivesse dito a coisa mais absurda do mundo.

— Não?

— Não, Ruriz. Caio sempre foi muito amoroso. — Tapei o rosto com as mãos e respirei fundo, buscando do fundo da minha alma não exceder minha própria razão, já que minha vontade era sair correndo dali. — Todas as vezes que transamos, que não foram muitas, ele me tratava com muito carinho. Até na minha primeira vez ele se preocupou com cada detalhe pra que eu pudesse aproveitar ao máximo sem sentir muita dor.

— Não é possível... — Ruriz esbravejou e se levantou, e eu dei um passo para trás, com medo — Calma...não precisa ter medo de mim, eu não vou mais tocar em você.

— Posso ir embora agora? — Dei um passo em direção à porta.

— Eu já te disse, eu vou te levar em casa. — Ele pegou sua camisa e se vestiu. Pegou a chave do carro e nós saímos do seu quarto.

Foi libertador sair daquele cubículo. Senti-me ganhando o mundo. Ele não era louco de tentar mais nada contra mim, pois gritar seria fácil e depois de toda a confusão comigo e com o Caio, arrumar mais uma comigo envolvido, poderia foder com a carreira do Ruriz.

Entramos em seu carro e seguimos calados até a frente da minha casa. Ele desligou o carro e mais uma vez me pediu desculpas.

— Tudo bem. — Levei a mão à maçaneta. — Valeu pela batatinha e pela carona.

Ruriz tinha o olhar perdido à frente do carro. Ele ficou segundos em silêncio, suspirou e desandou a falar.

— Eu me apaixonei pelo Caio desde o primeiro momento, desde a primeira vez que eu o vi e seus olhos intensos e azuis se prenderam nos meus. Como ele era lindo! Meu coração disparou na hora... — Ele sorriu com a lembrança. — E quando eu soube que nós íamos dividir o mesmo quarto, eu surtei sabe? Eu achava até que não iria conseguir lidar com aquele sentimento que transbordava de mim, que fazia minhas mãos suarem e minhas pernas ficarem bambas. Claro que ele percebeu o quanto eu fiquei eufórico e nervoso quando entramos no quarto juntos, ele viu que eu era uma presa fácil. Era só ele estalar os dedos e eu estaria lá, de quatro, feito um cachorrinho. E foi assim que aconteceu, ele quis e eu dei. Eu sabia que ele não me amava, mas eu o amava tanto, mais tanto, que quando estávamos juntos meu corpo inteiro vibrava só pela sua presença, e quando não estávamos, meu peito parecia que ia rasgar de tanta saudade. E ele me torturava com esperanças o tempo inteiro, com seus joguinhos de sedução, até que dois anos depois ele finalmente me notou da forma que eu queria e precisava, e porra, como eu precisava. Eu queria tudo dele, mas aceitaria qualquer migalha, e pelo que eu tô vendo... — Ele olhou para mim com olhos cheios de desesperança. — Eu só tive isso mesmo, migalhas.

Porra, por que eu me senti na obrigação de consolá-lo? Não sei. Só sei que ele estava mal e eu fiquei com pena dele. Tolice minha? Talvez.

— Não foi bem assim... — Eu disse.

— Foi exatamente assim... — Ele continuou a falar. E se ele queria falar, eu queria ouvir. Eu queria entender de que Caio ele estava falando, pois não parecia ser o mesmo Caio que eu conhecia. — Tudo começou no fim do nosso segundo ano da AFA. Já éramos maiores de idade, Caio e outros caras foram passar um fim de semana em São Paulo, e eu não pude ir, porque o Tasso tinha me convidado pra passar o fim de semana com ele na casa da sua família, já que a minha mora no Centro Oeste, e eu já tinha confirmado. Quando eles voltaram, o assunto da roda era sobre um clube sado que eles foram como expectadores.

— Clube o quê?

Ruriz me encarou como se eu devesse saber o que era, mas eu não sabia.

— Um clube com práticas sadomasoquistas...

Meu queixo caiu e meus olhos se arregalaram e deve ter sido engraçado, pois Ruriz riu muito alto.

— Pois é, parece que *seu* Caio é bem diferente do *meu*. — Ele me encarou, mas eu já estava mudo naquele momento, então ele continuou: — Eles só falavam sobre o que tinham visto. Menos o Caio. Ele não falava, nem ria dos comentários dos caras. Aliás, Caio era todo misterioso. Ele tinha umas coisas ocultas que eu não conseguia entender, como se ele guardasse um segredo inviolável que tentasse proteger de todas as formas, e o pior, ele sofria por isso...

— Que segredos? — Meu coração já batia na garganta.

— Não sei... — Ruriz estreitou o cenho, como se tentasse desvendar o Caio naquele momento. — Ele tinha uma fixação por Vênus...

— Quem é Vilnus? — Comecei ofegar. Tinha outro cara na jogada?

— Vilnus não, garoto. VÊNUS. Planeta Vênus. Ele tinha até um poster enorme desse planeta colado na cabeceira da sua cama.

Foi então que eu quis morrer. *Planeta Vênus = Estrela Dalva*. Coloquei a

mão no peito, pois a emoção foi forte. Não entendi a relação da ida do Caio ao tal clube com sua fixação por Vênus. Eu precisava ouvir mais. Precisava entender tudo que rolou entre eles de uma vez por todas.

— Sim, e aí? — disse afobado.

— E aí que em todas suas provas ele desenhava uma estrela no canto da folha, dizia que era pra dar sorte. Quando ele estava muito feliz, ele beijava o pôster, e por várias vezes eu o ouvia chorando de madrugada, mas não um choro comum, era mais um lamento de saudade. Ele inclusive se sentava na cama, abraçava as pernas e encostava a cabeça no poster. Certa vez eu o vi com a mão espalmada no pôster e ele sussurrou: “Sinto tanto sua falta”. Eu juro a você, Julian, que já sonhei que Caio era um extraterrestre e tinha vindo de Vênus para dominar o planeta Terra, que ele era um militar infiltrado na Aeronáutica pra conhecer o espaço aéreo brasileiro e passar as informações aos seus superiores em Vênus, e que o poster era um portal de comunicação.

Engoli em seco. Eu deveria ter rido do seu sonho maluco, mas a verdade é que eu estava aturdido com todas aquelas informações sobre o Caio. Como um dia eu pude duvidar do seu amor por mim? Ele não só me amava, ele me venerava.

— E o que isso tem a ver com a ida ao tal clube? — perguntei com a voz fraca.

— Ah, nada. — Ruriz deu de ombros. — Era só pra você entender por que eu o achava tão misterioso.

— Ruriz, você tá me enlouquecendo. — Apertei os cabelos. — Me diz uma coisa... — Eu o encarei. — Ele falava sobre mim?

— Bom... eu sabia que ele tinha um melhor amigo e falava sempre com ele pelo celular, mensagens e vídeo chamada. Quando eu te conheci de verdade, aqui em Natal, eu nem acreditei que o melhor amigo do Caio fosse um garoto de dezesseis anos.

— A gente se conhece há muito tempo... — Me encolhi ao dizer. Me

enchia de orgulho saber que Caio me considerava seu melhor amigo quando estávamos longe um do outro.

— Eu sei, ele me disse.

— Mas eu ainda não entendo por que ele era violento, o que tem isso a ver com o planeta Vênus... — *Ou melhor, comigo!* Pensei.

— Eu achava que não tinha relação nenhuma. Caio era diferente de todos os outros, eu acreditava nisso e acreditava também que ele gostou do que viu no clube, porque de todos os caras, ele foi o único que voltou lá. Mas eu era apaixonado demais por ele e aceitei aquela condição que ele me impôs. Eu era um cachorrinho como eu te disse. Se ele levantasse a voz, eu encolhia o rabo e as orelhas. Se ele me fizesse um agrado, eu me abria totalmente. Eu sabia que ele não me amava, mas nutria esperanças porque quando ele queria sexo sujo, era comigo que ele tinha. Mas depois viramos aspirantes, veio você, ele não me queria mais e eu o pressionei. Eu estava disposto a qualquer coisa por ele, eu o ameaçava e fazia chantagens, que eu sabia, e ele também, que nunca iam dar em nada, mas como ele cedia, na minha cabeça, era porque ele gostava de mim e me queria. Mas ele só me queria pra ter esse sexo torpe e pervertido que eu dava a ele. Eu jogava baixo, garoto. Quando vocês estavam juntos, eu ligava pra ele e me humilhava e quando ele vinha, era com tanta raiva por ter cedido, que ele me batia, na bunda, na cara, ele me xingava e me pegava com força que muitas vezes me machucava, e eu aceitava porque acreditava que esse era o Caio e o amor dele era assim, dolorido e sofrido. Mas toda a verdade veio à tona como um rolo compressor que me esmagou contra o chão duro e frio da verdade, me deixando sem nada. Vazio. Zero. Sabe quando?

— Não — sussurrei.

Ele me olhou firme nos olhos e ali eu vi algo que não era bom. Ruriz me mataria se pudesse!

— Quando eu descobri que seu sobrenome é D’Alva. Então eu soube que Caio nunca me amaria, que aquilo que ele me dava e eu gostava, não era amor, porque o amor dele é puro e delicado, porque amor mesmo, ele só deu a você... — Sua voz falhou, seu queixo tremeu e uma lágrima escorreu pelo

seu rosto.

Porra, foda! Foi demais para mim. Não sei nem explicar como me senti ouvindo aquilo.

— De qualquer forma ele me traiu. — Eu ainda tentava me convencer que Caio era um filho da puta.

— Não, Julianos. Ele traiu a si mesmo. E pagou o preço por isso, porque hoje ele não tem você, que era a coisa que ele mais prezava na vida.

— Oh Deus! — Tapei a boca pois não queria que ele visse meus lábios tremendo, mas as lágrimas foram impossíveis de esconder. — Desculpa Ruriz, mas eu preciso entrar. — Não conseguia mais ficar naquele carro, não conseguia respirar, não conseguia nem pensar.

— Vai lá... — Ele engoliu o próprio choro.

Eu desci do carro sem olhar para trás. Quando entrei em casa e bati a porta de vidro atrás de mim, senti toda aquela desopressão de sentimentos reprimidos sendo expurgado do meu peito e desabei num choro incontrolável de alívio e dor.

— CAIOOOOOOOO... — gritei para quem quisesse ouvir. Eu precisava daquele desabafo final.

Estava escuro fora e dentro de casa. Meus olhos ardiam, meus lábios estavam dormente e minha cabeça parecia que ia explodir. Deitado no tapete da sala, eu olhava fixo o teto já fazia algum tempo, e por mais que eu tentasse pensar, minha mente vagava para aonde ela queria ir. Era uma espécie de transe, pois meu corpo estava mole e eu exausto de tanto chorar. Mas de alguma forma inexplicável, eu me sentia leve como uma flor de dente de leão que vai sendo levada em todas as direções pelo vento.

Despertei quando meu celular começou a tocar e vibrar dentro do bolso da minha bermuda. Sem desgrudar os olhos do teto, eu enfiei a mão no bolso e apenas me mexi quando vi o nome Val na tela do celular. Respirei fundo e atendi.

— Oi Val. — Sentei-me e me recostei no sofá. Minha voz saiu rouca.

— Oi meu amigo. — Sua voz era de pesar. — Fiquei arrasada quando Emílio me contou sobre você e o Lipe.

Eu e o Lipe? Ah sim, ele me deu um fora.

— Pois é, ele me deu um pé na bunda no corredor da escola.

— Não fica assim não. Ele deve tá sofrendo pressão em casa. Depois que o susto passar, ele vai cair em si e vocês vão voltar, pode acreditar.

Voltar com o Lipe? Não.

— Não sei Val, já estamos quase no fim do ano, ele vai embora pro Canadá e eu não quero mais isso pra mim. Eu preciso me proteger um pouco, sabe? Tenho estado muito vulnerável ultimamente e aceitado qualquer naco

de amor. Só que eu mereço mais. E esse mais o Lipe não vai me dar porque ele não vai se assumir, e eu não quero um relacionamento baseado em segredos e mentiras. Chega pra mim. Cansei.

— Nossa, Ju. Falando assim até parece que você e o Lipe iam se casar e ele desistiu.

Sorri com sarcasmo, porque eu sabia que não era só do Lipe que estava falando. Mas ela era minha amiga para a vida e, portanto, alguém que eu poderia desabafar sobre como eu me sentia em relação a ele.

— Não é isso, Val. Mas foi ele que começou essa merda toda, foi ele que veio pra cima e quando eu falei que ainda estava machucado do meu relacionamento anterior, ele me disse que seria paciente. Quando ficamos juntos ele fazia questão de falar pra todo mundo sobre nós e até afastou o Thomas por causa de ciúmes. Foi ele que prometeu que transaríamos no meu aniversário, foi ele que marcou presença, foi ele que se mostrou aberto enquanto eu ainda estava fechado, e quando eu comecei a baixar a guarda, a me entregar e a gostar dele, ele some por uma semana e depois me dá um fora. Eu tô com raiva do Lipe, eu tô magoado e não consigo enxergar uma volta. Não por enquanto. — E não enquanto eu não tivesse todas aquelas *pendências emocionais* com o Caio, porque tudo sobre ele ainda me afetava, e muito.

— Poxa, que pena. Amava vocês juntos.

— Eu também Val... — Minha voz embargou. — Mas eu não vou viver esse luto, eu me recuso... — Perdi a voz. Respirei fundo.

— Você vai ficar bem?

— Claro que vou. Eu sempre fico bem. — Mesmo que fosse apenas aparentemente, pois por dentro, eu era apenas pedaços de mim mesmo.

E naquele momento, Phillipi era responsável por apenas uma pequena parcela de toda a confusão que eu me encontrava. Caio e Ruriz ganhavam disparados em números e proporções.

— Você é um fofo! — Ela disse.

— Você que é. Aliás, me diz como você tá? — Levantei-me e acendi as luzes da sala.

— Eu tô bem. Fui a uma obstetra amiga de mamãe, ela me passou um monte de exames e uma ultrassonografia. Vou fazer tudo esta semana, antes de voltar. Perca de tempo, eu acho, já que não vou fazer o pré-natal aqui, mas mamãe faz questão.

— Bom, são só exames, não é? Não custa fazer o que ela quer.

— É verdade. E por falar na bruxa, ela tá me chamando. Vou desligar. Depois a gente se fala. Beijo e tchau.

— Tchau amiga. — Encerrei a ligação, segui para a cozinha, mas ao abrir a geladeira, percebi que não estava com fome. Estava enjoado na verdade.

Segui para meu quarto, peguei o carregador do celular e conectei à tomada. Antes de conectar meu celular, dei uma vasculhada nas minhas mensagens e meu coração errou uma batida quando vi que Caio havia me enviado duas mensagens e ainda estava digitando outra, e outra e outra, e ele não parava. Levantei a cabeça e busquei ar antes de ler.

Pelo amor de Deus, me diz que isso é mentira.

A próxima mensagem era uma foto.

— Merda! — Meus olhos marejaram antes mesmo de clicar na foto, que demorou segundos para abrir. Era eu de costas, nu, no quarto do Ruriz e a marca mais que evidente da sua mão na minha bunda. — Não! — Tapei a boca com a mão. Uma lágrima pingou na tela do meu celular.

Me diz q não é vc nesta foto

Porque sinceramente eu não sei o q pensar

Só de imaginar vcs 2 juntos tenho vontade de vomitar

Golpe baixo do caralho

As merdas que vem do Rrz não me surpreendem mais

Mas de vc eu não esperava isso

Não mesmo

Espero que vc tenha gostado

E aproveitado cada momento

Porque o que vc teve com ele

Vc nunca vai ter comigo

NUNCA!

Só decepção garoto estrela

Só decepção.

— AAAARGH! — berrei, e como se Caio pudesse me ouvir, comecei a gritar com o celular. — Quem é você pra falar de decepção? Você foi minha maior decepção, Caio. Seu hipócrita filho da puta. FILHO DA PUTA! EU TE ODEIO CAIO PRATES. EU TE ODEIO!

Desliguei meu celular, conectei no carregador, deitei-me na minha cama e chorei mais um tanto até pegar no sono, me sentindo um idiota por ter caído na lábia do Ruriz, culpado por ter decepcionado o Caio e sozinho por não poder abraçar o Lipe.

Acordei com a luz do sol iluminando o quarto, uma cratera no meu estômago e meus olhos pinicando a cada piscada. Tomei um comprimido para dor de cabeça, comi uma maçã refletindo sobre minhas últimas ações, fiz meu asseio matinal e fui para o ponto de ônibus esperar a condução. Deixei meu celular em casa.

Antes de chegar lá, já pude ver ao longe Emílio e Phillipi conversando.

Respirei fundo, enchendo o peito de coragem e fui cumprimentá-los.

— Bom dia. — Mal olhei para Phillipi. Era difícil respirar o mesmo ar que ele.

— Que cara! — comentou Emílio.

Minha cara estava realmente horrível. Olhos vermelhos e inchados e um abatimento fora do comum.

— Quero falar contigo — disse para Emílio.

Ele não disse nada, apenas assentiu. Olhei de relance para Phillipi, que não parava de me olhar com aqueles olhos azuis e cheios de arrependimento. Minha raiva aumentou. Se não queria desistir de mim, então por que o fez? Porra!

Então eu o culpei por tudo o que tinha acontecido no dia anterior, porque se eu não estivesse quebrado por dentro, jamais teria aceitado a maldita carona do Ruriz.

Claro, é sempre mais fácil culpar alguém pelos seus erros.

E não saber a verdade sobre Caio estaria doendo menos do que saber.

Então a culpa era do Phillipi.



— Ele te estuprou.

— O quê? Não!

Emílio e eu estávamos no fundo da condução e eu estava narrando a ele cada detalhe do que tinha acontecido entre mim e o Ruriz, mas não era sobre ele que eu queria falar, era sobre Caio.

— Ele te estuprou sim, Juliano. — Os olhos de Emílio eram de

indignação e ódio.

— Claro que não. — Eu queria continuar o resto da história, mas Emílio tinha empacado naquele argumento de estupro que para mim, não fazia sentido algum.

— Ju acorda!

— Emílio, para com isso, eu não sou tão burro assim. Eu teria dado pra ele se ele tivesse pegado mais leve. Eu teria ido até o fim, entende? Eu queria, porra. Eu queria muito, mas não foi nada do que eu esperava... eu fiquei com medo sim, mas quando eu pedi pra ele parar, ele parou. Só depois eu fui entender o que ele queria.

— Ele queria te estuprar.

— Deus! — Revirei os olhos, sem paciência. — Não Emílio, ele queria de mim o mesmo que ele tinha com o Caio, sexo sujo e bruto, e é sobre isso que eu quero conversar contigo. Sobre as coisas que ele me contou e que me deixaram muito confuso. Porque eu não consigo esquecer o Caio e parece que quanto mais eu tento, mais ele se instala dentro de mim. E terminar com o Lipe tá piorando tudo.

— Você precisa de um profissional, cara.

Bufei, tombei a cabeça no banco e fechei os olhos.

— Não dá pra conversar contigo.

— Juliano, me escuta... — Emílio pôs sua mão sobre meu braço. — Você e o Lipe terminaram ontem. Ontem, entendeu? Não é isso que tá te fazendo pensar nesse Caio. O problema é que você nunca o esqueceu, e o Lipe *tava* sendo apenas uma distração pra você. Se você quer um conselho de amigo, de amigo de verdade, você precisa resolver essas questões com o Caio antes de se envolver com mais alguém.

— Eu não vou negar que ainda penso no Caio, mas eu realmente gosto do Lipe. Ele não era só uma distração, você *tá* enganado — disse com raiva por

Emílio estar subestimando meus sentimentos pelo Phillipi.

— Tá, tudo bem. Mas se eu fosse você, ligaria pra esse Caio e dava um ultimato pra ele. Ou ele te assume de uma vez, ou cai fora, assim você pode seguir com sua vida sem ficar amarrado em um cara que uma hora tá aqui e outra não tá.

— Não sei como fazer isso. — Olhei para ele, suplicando por uma ajuda. — E o Ruriz falou pra ele o que aconteceu ontem e ele tá com muita raiva de mim.

— Foda-se! Você é livre pra dar pra quem quiser. Ele não te controla, Juliano. — Emílio me encarou com firmeza. — Ele não te controla. — Ele repetiu pausadamente.

Emílio estava coberto de razão, o problema era que eu não tinha controle sobre o meu coração. Ele era anarquista demais para seguir minhas regras, e amar o Caio era algo que ele fazia sem o meu consentimento. Coração rebelde, mente indisciplinada e um Juliano à beira do precipício! Eu era o verdadeiro caos.

— Eu sei disso — falei com tristeza. Não uma tristeza passageira. Era uma tristeza instalada.



Na hora do intervalo, mais uma vez, Thomas colou em mim. Ele sempre se fazia presente nas horas mais delicadas e sempre de uma forma sutil, sem forçar a barra. Ele simplesmente estava lá. Todos foram para a quadra e nós dois ficamos embaixo de uma árvore conversando trivialidades. Ele me perguntou sobre o Lipe, eu disse que tínhamos terminado, ele perguntou se era por isso que eu estava chorando, eu disse que sim, ele me disse que podia contar com ele caso precisasse conversar e eu disse que já estava contando. Ele sorriu feliz e eu sorri satisfeito.

Na última aula, o professor de Matemática I entregou as notas. Eu tirei dez. Phillipi me mostrou a nota dele, foi nove e meio, ou seja, ele estava me devendo um boquete, mas eu jamais iria cobrar. Ele queria quebrar o gelo, se

aproximar, puxar conversa, mas eu não estava pronto ainda para manter com ele uma relação de amigos. Quando olhava para ele e para seus lábios carnudos, eu tinha vontade de beijá-lo. E tinha vontade de enfiar meus dedos em seus cabelos castanhos claros e bagunçados, tinha vontade de sentir o calor do seu corpo firme e musculoso escondido dentro daquelas roupas largas, tinha vontade de fazer aquelas safadezas que fazíamos no tapete da minha sala... e ele queria ser meu amigo.

Vinte e quatro horas depois de levar um fora não dava para ser amigos. Me dá um tempo Lipe!

— Você achou meu livro? — Ele perguntou quando a aula acabou. Estávamos descendo as escadas.

— Pedi pra Dona Aurélia procurar — respondi sem olhá-lo nos olhos.

Eu quase transei com um louco ontem e a culpa é sua. Por Deus, não fale comigo agora, nem hoje, nem amanhã e nem semana que vem. Me deixa te esquecer em paz.

— Ju! — Ele segurou meu braço e quando paramos no meio da escada, atrapalhando os outros alunos, ele olhou firme em meus olhos. — Por favor, não leia.

Olhei para sua boca, ele lambeu os lábios e minha garganta travou.

— Não vou — sussurrei. Era mentira, eu iria ler agora de qualquer forma. — Te entrego amanhã, na condução.

— Ok. — Ele olhou para minha boca, engoliu em seco e desceu as escadas na minha frente, apressadamente, ignorando minha vontade de beijá-lo.

Quando me virei para descer, Thomas nos observava alguns degraus abaixo. Phillipi passou por ele, ele olhou para mim e eu neguei de leve com a cabeça.

— Tudo bem? — Thomas perguntou quando cheguei perto.

— Sim, tudo certo.

Não dissemos mais nada. Descemos juntos e cada um seguiu seu destino.



Cheguei em casa e a primeira coisa que fiz foi falar com Dona Aurélia na cozinha.

— Achou o livro, Dona Aurélia?

— Sim, meu filho. *Tá* na sua escrivaninha. Agora vá lavar as mãos e venha almoçar.

— Vou tomar banho.

Subi as escadinhas, larguei minha mochila na cama, peguei o livro em cima da escrivaninha, procurei a página que tinha parado, dobrei a orelha para marcar e fui tomar meu banho decidido a devorar aquele livro antes do sol se pôr.

Fiz errado. Nunca deveria ter lido aquela história, pois os gatilhos emocionais que foram acionados em mim me derrubaram no chão, literalmente.



A história era muito fofa, muito envolvente, muito carregada de sentimentos e me fez suspirar, sorrir e chorar em vários momentos. Nem percebi quando Dona Aurélia foi embora e só dei uma pausa na leitura quando meu pai me chamou para jantarmos juntos. Depois ele foi para a faculdade e eu voltei para o meu quarto e para a leitura.

Eu estava apaixonado pelos personagens: Peu, o garoto rico que ficou pobre e depois ficou rico novamente, era o meu preferido, mas o Mau-Mau, o garoto rico que nunca tinha deixado a escola, me cativou por ser pirado, mas doce feito um pote de mel. O grande lance da história era que Peu, apesar de

ter perdido tudo, ter morado na favela e convivido com vários garotos barra pesada, envolvidos com drogas, nunca se desvirtuou. Peu era cabeça-feita, sua família era unida e seus pais eram presentes, enquanto Mau-Mau era um perdido, seus pais não paravam em casa, ele começou a se envolver com drogas e se apaixonou por Peu. Peu se apaixonou por Mau-Mau. Mau-Mau era depressivo e o amor de Peu não foi o suficiente para salvá-lo. Mau-Mau se jogou da cobertura do prédio de luxo que ele morava e Peu esteve a dois passos de impedi-lo...

— Ah não... — sussurrei com lágrimas nos olhos. Reli o trecho que Mau-Mau cometeu suicídio, só para ter certeza de que não li errado, mas não. — Não, não, não... — Li o trecho seguinte e Peu estava chorando sozinho no alto do prédio... — NÃO! — Pulei algumas páginas à frente e Peu estava no enterro de Mau-Mau. — AAAAARGH! — Joguei o livro na parede. — POR QUÊEE? — A dor da perda invadiu meu peito e meu corpo começou a ficar todo dormente. — Você não fez isso... você não fez isso... — Os soluços e as lágrimas vieram de forma aterradora.

Meu estômago começou a doer porque eu queria berrar para expurgar a dor, mas não conseguia. Eu estava sofrendo porque Peu estava sofrendo. Eu estava sofrendo porque Mau-Mau tinha se matado.

— Ele não é real... — Levantei-me e caminhei cambaleando até o corredor. — Ele não é real... — Levei as duas mãos à cabeça. Eu estava devastado. Eu tinha me apegado aos personagens, eles deveriam ter o seu *felizes para sempre*, por que livros são para isso certo? Para nos fazer sonhar... mas e se o *felizes para sempre* não existir? Estaria eu fadado ao sofrimento para o resto da vida?

— AAAARRRGH... — Caí de joelhos no chão e abracei minha barriga. As lágrimas pingavam no chão, a solidão me consumia e a dor estava se tornando insuportável. Olhei para a porta da cozinha, levantei-me decidido a pegar uma faca.

— Não! Eu não sou o Mau-Mau! — Me impedi no meio da escada. Minha cabeça girava.

Corri no meu quarto, peguei meu celular e o liguei a primeira vez no dia.

Vasculhei meus contatos e liguei para Emílio. Eu precisava de um amigo, senão eu não saberia o que seria de mim naquela noite, eu teria me entregado ao desespero, certamente e cometido uma loucura irremediável. Mas a ligação caiu na caixa postal.

— Ah não! — Eu não conseguia parar de chorar e naquele momento eu já nem sabia os motivos das minhas lágrimas. A única certeza que eu tinha era que não queria morrer.

Liguei para meu pai, mas a ligação chamou até cair e ele não atendeu. Olhei novamente para a porta da cozinha.

— Por favor, por favor... — Caminhei até o corredor e mandei uma mensagem para meu pai, aos prantos. — Papai... por favor... vem pra casa...

Não sabia mais a quem recorrer, até que, pela segunda vez em quase dois anos morando naquela casa, eu enxerguei aquela porta, que ficava ao lado da porta do meu quarto. Aquela porta que nunca era aberta. E eu precisava entrar ali, precisava de algum conforto para minha alma machucada, eu precisava ao menos do seu cheiro e eu sabia que ali eu encontraria.

Tentei abrir a porta, mas ela estava trancada.

— NÃO! — gritei e bati com o punho na porta. — MAMÃE! — Bati outras vezes. — MAMÃE! — Eu berrava, esperando que ela me ouvisse e viesse até mim. — Mãe... Duda... — Encostei minha testa naquela porta. — Por favor mamãe, me deixa entrar.

Sentia que minhas forças estavam se esvaindo. A vontade de ir até a cozinha crescia dentro de mim como um monstro que se alimentava da minha dor. E eu precisava parar de sentir aquela maldita dor.

— Mamãe, me ajuda!

Meu celular tocou. Era o Caio.

— Caio? — Atendi a ligação chorando e sem saber o que esperar. Tive medo do que iria ouvir, pois eu sabia que, se ele viesse com mais acusações,

seria o meu fim, mas ele era minha última esperança. — Caio, me ajuda, por favor...

— Ju? Você *tá* chorando?

— Eu não quero morrer... — Eu soluçava e não tinha forças para me mover, tinha medo de me virar e olhar na direção da cozinha, sentia que a escuridão dali iria me engolir.

— Onde você *tá*, Ju? O que *tá* acontecendo? — A voz do Caio tremia de desespero, eu podia sentir suas oscilações.

— Eu não quero morrer! — Caí de joelhos, aos prantos. — AAAAHH... MÃE! — Bati novamente na porta. Não entendia por que ela não me deixava entrar. Não entendia por que ela tinha me abandonado. Eu ainda estava vivo, ela desistiu de mim e agora eu queria estar com ela mais que qualquer outra coisa na vida. Eu queria minha mãe.

— Ju, por favor, onde você *tá*? — Caio começou a chorar.

— Por que todo mundo tem que morrer, Caio? Por que todo mundo vai embora? Eu não quero morrer, mas *tá* tudo tão escuro...

Eu não conseguia ordenar meus pensamentos e apesar de ouvi-lo, eu não conseguia pensar numa resposta, eu apenas queria ser salvo, eu não queria morrer.

— Você não vai morrer, meu amor? Por favor, fala comigo?

— Eu *tô* cansado, Caio. — Recostei-me na porta e me entreguei àquele pranto de dor que parecia lavar minha alma.

Não era cansaço físico, era uma fadiga emocional tão grande que os sintomas começaram a ser patológicos, dor muscular, falta de ar e uma vontade esmagadora de não existir. Era uma doença, como uma ferida que só crescia e todos os remédios eram apenas paliativos. Cura mesmo, eu só encontrei mais tarde, depois de uma terapia ferrada e antidepressivos.

— Não chora Ju... — Apesar da seriedade na sua voz, Caio também

estava quebrado. Eu o conhecia, e sabia que ele estava sofrendo por mim. — Fala comigo, por favor!

— Por que Caio? Por que eu tenho que falar com você? Você *tá* bravo comigo...

— Eu não *tô*! — Ele me interrompeu. — Eu te liguei por isso, pra te pedir desculpas. Eu não *tô* bravo com você, eu juro. Me perdoa, está bem? Eu nunca deveria ter mandado aquelas mensagens. Eu amo você.

Eu fungava e soluçava. Não sei dizer se ele enxergou no meu desabafo uma oportunidade para se fazer ouvir e desviar minha atenção da minha dor para suas palavras, ou ele estava realmente arrependido do que tinha feito. Mas ouvir Caio me pedir desculpas pelas mensagens desaforadas com toda aquela angústia na sua voz, começou a funcionar para mim e a escuridão começou a se dissipar.

— Eu não transei com o Ruriz. Ele tentou forçar a barra, mas não fomos até o fim.

— Isso não importa agora.

— Eu queria que você soubesse...

— Esquece o Ruriz, Ju. Cadê seu pai?

— Ele não *tá*... ele nunca *tá*... eu *tô* sozinho... eu *tô* sempre sozinho... — Comecei a chorar novamente.

— Você *tá* em casa?

— Sim — funguei.

— No seu quarto?

— Não.

— Então vá pra lá, por favor e feche a porta assim que entrar.

— Ok. — E sem conseguir raciocinar muito bem, eu me levantei, entrei em meu quarto e fechei a porta. Minha cabeça latejava e meus olhos estavam pesados. Sentei-me na minha cama.

— Ju?

— Hm.

— Tá no seu quarto?

— Sim...

— Que bom. Por que você não se deita um pouco heim?

— *Tá...* tchau...

— NÃO, JU... — Ele berrou. — Não desliga. Por favor, não desliga. Apenas se deite, coloque a cabeça no seu travesseiro e feche os olhos, mas continue falando comigo, *tá bom?*

— Hmrrum... — Fiz tudo o que ele pediu. Deitei-me de lado e deixei o celular em cima da orelha. Fechei os olhos. — Pronto — sussurrei.

— Você *tá* melhor agora?

Eu ouvi sua pergunta, mas já estava tão esgotado de tudo que não respondi, apenas assenti.

— Ju?

— Hm.

— Você *tá* melhor agora? — Sua voz vacilou.

— Sim...

— Você não vai morrer, ok? Você *tá* na sua cama, seguro, e ninguém nem nada vai poder te fazer mal. E eu vou ficar com você até você dormir.

— Eu queria agora estar na nossa árvore... — Minha voz embargou e mesmo com os olhos fechados, meus olhos marejaram. — Eu queria ter oito anos novamente.

— Então imagina que estamos lá, meu amor. Nós dois. Estamos sentados no nosso galho, eu recostado no tronco e você no meu peito. Nossas pernas estão balançando juntas para frente e para trás, o vento está forte e então nós fechamos os olhos e deixamos o vento acariciar os nossos rostos. — Ele soluçou e ficou um tempo em silêncio. — Deus, como eu sinto falta desses momentos.

— Eu também.

— Ju... eu... — Ele não concluiu e começou a chorar.

Não me importei com seu pranto. Estava quase pegando no sono.

— Caio, canta pra mim aquela música do vampiro.

— Claro... claro que eu canto. — Então ele respirou fundo e começou a cantar a música que me assustou um dia, mas que naquele momento, tudo o que eu queria, era que Caio fosse um vampiro e sugasse o calor de dentro do meu sangue vermelho.



— Hei! — Senti uma mão afagando meus cabelos.

— Caio? — sussurrei ainda trôpego de sono.

— Não, filho, é papai.

— Pai? — Minha voz estava rouca, minha garganta dolorida e apesar de estar acordado, meus olhos estavam selados pelas pálpebras inchadas e pesadas.

— Acorda filho...

Remexi-me na cama e quando finalmente consegui abrir os olhos, vi meu pai sentado na beirada vestido todo de azul.

— Pai? — Sentei-me abruptamente. — O senhor já tá fardado? Que horas são? Eu tô muito atrasado! — Tentei sair da cama, mas meu pai me segurou pelos ombros.

— Você faltou à aula hoje, filho. Já é hora do almoço. — Sua calma não combinava com o meu desespero.

— O quê? — Olhei na direção da escrivaninha para ver se meu celular estava lá, pois não havia despertado, foi então que tudo veio à tona. Todas as lembranças da noite anterior, do livro, da mensagem ao meu pai, do meu medo incontrolável de morrer e da ligação do Caio. Olhei em volta e vi que o quarto estava ligeiramente escuro, olhei para meu pai, com os olhos inchados e arregalados, me perguntando se ele tinha ouvido minha mensagem. — Acho que meu celular descarregou. Não ouvi o despertador — falei timidamente.

O peito do meu pai subiu e desceu.

— Não filho. Eu desliguei seu celular quando cheguei em casa ontem. Fechei as cortinas do seu quarto, liguei o ventilador, te cobri com o lençol e hoje de manhã pedi pra Dona Aurélia deixar você dormir à vontade.

Engoli em seco. Meus olhos se prenderam aos dos meu pai, tão castanhos quanto os meus. Eu não sabia o que dizer, estava envergonhado.

— Ontem eu tive uma dinâmica em grupo e deixei meu celular no silencioso, em cima da cadeira, por isso não ouvi quando você ligou. E sua mensagem eu só vi quando já estava em casa.

Baixei os olhos.

— Me desculpa. — Sei que não deveria me sentir mal por clamar pela sua presença, mas minha atitude me pareceu infantil na manhã seguinte.

— Eu não quero suas desculpas, filho. Eu quero que você me fale o que

aconteceu. Por que você estava chorando daquele jeito? — Sua benevolência me fez marejar os olhos novamente.

Balancei a cabeça em negação. Não poderia falar com a garganta travada e não queria chorar na frente do meu pai, principalmente porque seria patético eu explicar que estava chorando porque Mau-Mau tinha se matado.

Ele não insistiu, apenas passou a mão pela minha nuca e me puxou para um abraço, o melhor abraço que eu poderia ter recebido naquele dia, naquela semana, naquele mês.

Posso garantir que não foi a ligação do Caio que salvou minha vida, nem nossas conversas posteriores, nem a reconciliação amigável que tive com Phillipi e nem o sonho da Elisabeth. O que salvou a minha vida foi aquele abraço do meu pai, porque ali eu soube que eu não estava sozinho.

— Me desculpa não estar aqui quando você precisou. — Sua voz travou.

— Hmrrum... — Consegui segurar a avalanche de emoções que me invadiu e controlei o choro.

Meu pai segurou firme o meu rosto e eu o encarei com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu te amo, moleque! — Seus olhos brilharam. — A gente *tá* nesse barco juntos, entendeu? Juntos!

Assenti e sem conseguir controlar desta vez, eu chorei de emoção. Nos abraçamos novamente e sem precisar dizer mais nada, apenas calor humano. Eu estaria ali para ele e ele para mim, era o que importava, porque éramos uma família. Meu pai me encarou, sorriu com os lábios cerrados e depois deu um tapinha na minha bochecha.

— Vem almoçar. — Ele se levantou.

— Já vou — respondi com a voz mais rouca que o normal.

Quando meu pai saiu do quarto eu respirei fundo.

Eu estava emergindo.

Levantei-me, fiz meu asseio e almocei na companhia do meu pai.

Ele voltou para o trabalho e eu voltei para o meu quarto. A porta ao lado tinha voltado a ser invisível.



Assim que liguei meu celular, um bombardeio de mensagens atingiu meu WhatsApp. Era o Emílio, o Thomas, o Phillipi e alguns outros amigos perguntando por que eu tinha faltado à aula naquele dia. Sorri pela demonstração de afeto. No grupo do “Terceiro Ano C” o assunto da manhã foi: “Por que o D’Alva faltou?”. Quase me espoquei de tanto rir com os comentários e com a lista de apostas que fizeram sobre os motivos da minha falta, que iam de “O despertador não tocou” a “Morreu dormindo”. Por fim mandei uma mensagem: “Perdi a hora, seu bando de loucos”. Não li os comentários seguintes.

Mas não era só dos amigos da escola que tinha mensagem, tinha do Caio também. Apenas duas.

A primeira era o link de uma música no YouTube, cliquei para ouvir. O vídeo era apenas da música com a tradução: The Rason, do Hoobastank; Tradução – A Razão. Enquanto a música tocava eu ia acompanhando a tradução. Eu já tinha ouvido antes, mas nunca tinha me ligado na letra, que me desmoronou por inteiro:

***Eu não sou uma pessoa perfeita
Há muitas coisas que eu gostaria de não ter feito
Mas eu continuo aprendendo
Eu nunca quis fazer aquelas coisas com você
E então eu tenho que dizer antes de ir
Que eu apenas quero que você saiba***

***Eu encontrei uma razão para mim
Para mudar quem eu costumava ser
Uma razão para começar de novo***

E a razão é você

*Eu sinto muito ter te magoado
É algo com que devo conviver todos os dias
E toda a dor que eu te fiz passar
Eu gostaria de poder retirá-la completamente
E ser aquele que apanha todas as suas lágrimas
É por isso que eu preciso que você escute*

*Eu encontrei uma razão para mim
Para mudar quem eu costumava ser
Uma razão para começar de novo
E a razão é você
E a razão é você
E a razão é você
E a razão é você*

*Eu não sou uma pessoa perfeita
Eu nunca quis fazer aquelas coisas com você
E então eu tenho que dizer antes de ir
Que eu apenas quero que você saiba*

*Eu encontrei uma razão para mim
Para mudar quem eu costumava ser
Uma razão para começar de novo
E a razão é você*

*Eu encontrei uma razão para mostrar
Um lado meu que você não conhecia
Uma razão para tudo que faço
E a razão é você*

Não sei exatamente quantas vezes ouvi a música enquanto lia a tradução. Eu podia entender cada palavra ali, uma avalanche de emoções avançou com força total, roubando minhas forças, me deixando ainda mais confuso. Deitei-me de bruços, abraçado ao travesseiro e chorando li a segunda mensagem:

Ligue para mim assim que puder.

Então eu fiz uma chamada de vídeo para o Caio, sem me importar com as lágrimas. Ele precisava entender que o seu amor intermitente estava me matando aos poucos.

— Oi... — Ele sussurrou quando me viu pela tela do celular. Seus olhos azuis estavam avermelhados.

Eu não soube o que dizer. Caio era Caio, com toda sua beleza e perfeição estampados na tela do meu celular, mas eu estava triste, com o coração partido e muito magoado. Sua beleza e perfeição, naquele momento, não seriam suficiente para me ajudar a me livrar da tristeza alojada em meu peito.

— Eu estava preocupado. — Ele sussurrou.

— Ouvi a música...

— E?

— E não quero que você mude, Caio. Eu só quero te entender... — Eu não me importava mais em chorar, eu queria que ele me visse chorando.

— Por favor, não chora. — Ele engoliu.

— Eu tô sofrendo, Caio. Porque eu queria te odiar e não consigo. Porque eu quero te esquecer e você não deixa. Porque eu queria te abraçar agora, mas você não *tá* aqui.

— Não faz isso... — Sua voz engasgou. Ele tapou a boca com a mão e seus olhos brilharam. — Eu vou aí este fim de semana. Já consegui um voo fretado que sai de Porto Velho. Não vou ficar muito tempo, mas a gente vai poder conversar.

— A gente precisa. — Peguei o lençol da cama e limpei o rosto e o nariz. — Mas você *tá* decepcionado comigo, lembra? — Suas mensagens malcriadas ainda martelando na minha cabeça, afinal, elas também foram gatilhos para o meu descontrole na noite anterior.

— Não Ju. Eu agi por impulso novamente. Quando Ruriz me enviou aquela foto eu fiquei cego de ciúmes e mais uma vez acabei descontando em

você a minha raiva e a minha frustração. Você não tem ideia de quem é o Ruriz.

— Ele te afeta tanto assim?

— Não. O que me afeta são as coisas que ele fala e faz.

— Ele me disse umas coisas sobre você.

Caio apertou os olhos com as pontas dos dedos e suspirou.

— Ele me disse umas coisas sobre você também Ju, mas de tudo o que sai da boca do Ruriz, noventa por cento é mentira.

— Ele me disse que você gosta de sexo sadomasoquista.

— Meu Deus do céu! — Caio apoiou a cabeça com as duas mãos. Seus cabelos claros ficaram em evidência na tela do meu celular. Fiquei me perguntando se ainda tinham o mesmo cheiro do xampu que ele usava quando morava em Natal.

— Ele me disse que você é violento na cama. Foi por isso que você me traiu? Por que não queria bater em mim como você batia nele?

— Não é como você tá pensando, Ju. — Ele levantou a cabeça. — Caramba! — Caio parecia aturdido. — Sim, eu gosto de sexo *hard*, mas isso não se caracteriza como violência, nem como sadomasoquismo. Isso é coisa do Ruriz...

— Foi por isso que você me traiu? — insisti na pergunta.

— Eu traí o Ruriz, Ju, pra ficar com você. Porque eu te amo e sempre te amei. Porque pra mim só existe você. E o Ruriz nunca conseguiu aceitar isso. Ele não soube lidar com o término e nunca aceitou que eu não o amasse. Quando ele descobriu que era você o grande amor da minha vida, um garoto de apenas dezesseis anos, virgem ainda por cima, ele simplesmente pirou, e se aproveitou da situação porque ele sabia que eu gostava de sexo pesado e isso você não poderia me dar. Eu fui um escroto, um filho da puta, porque ele me oferecia sexo sujo e eu aceitava.

— Então a culpa de você ter mentido é minha? Por eu ser novo pra você e virgem?

— O que você queria que eu fizesse, Ju? Que dissesse a você que gostava de sexo *hard*? Que te levasse pra cama e metesse com força? Que desse uns tapas na sua bunda e dissesse que era amor? Eu nunca faria isso Ju. Não com você.

— Por que esse tipo de sexo você nunca terá comigo, certo? — Mais uma vez suas mensagens me incomodando.

— Não! — Ele sussurrou e respirou impaciente. — Porque esse tipo de sexo eu não tenho vontade de fazer com você. Porque quando a gente transava não era só sexo. E quando eu penso em você, não é apenas pra te levar pra cama e te foder.

— E o que você pensa?

— Por Deus, Ju! O que você acha? — Ele me encarou pela tela. Eu não respondi. Ele lambeu os lábios. — Eu te amo, garoto estrela. — Uma lágrima escorreu pela sua bochecha e ele baixou a cabeça. — Eu te amo de verdade. — Ele disse mais para si mesmo que para mim.

— Você me ama, mas não confia em mim.

— Eu confio!

— Não confia, Caio. — Meu queixo tremeu e meus olhos marejaram. — Se você confiasse teria me dito toda a verdade sobre você e sobre o Ruriz, e então eu poderia ter decidido se eu me entregaria a você ou não. Você não me deu o direito de escolha porque não sabia o que esperar de mim. Você me quer nos seus termos e condições, porque você ainda me vê como aquele garotinho no topo de uma árvore que não sabia dizer não e sempre aceitava tudo que vinha de você.

— Não, Ju.

— Sim Caio. Você pode me amar do jeito que for, até me ver como seu

amigo, mas você nunca vai me ver como seu homem.

— Não é isso, Ju. Por favor, acredita em mim. Eu... eu... — Ele começou a chorar. — Eu errei sim, e me arrependo de tudo o que eu fiz. Mas muitas coisas aconteceram nas nossas vidas desde que eu saí de Santa Maria, principalmente na sua vida. Eu quis te proteger da dor e te causei mais dor. Eu queria que você vivesse sua vida e acabei te prendendo à minha. Eu queria acertar e não percebi o quanto estava errando... foda! — Ele respirou fundo e limpou o rosto com a própria camisa, depois de uns segundos em silêncio, continuou cheio de coragem. — Eu me culpei por muitos anos por ter te tocado naquela árvore, Ju. Eu te queria tanto que acreditava que o amor que sentia por você era possessivo e doentio, e exatamente por te amar demais, eu não te queria pra mim, entende? Eu me sentia mal por você ser tão novo e ainda assim não consegui tirar você da minha cabeça. Até que eu desabafei com meus pais sobre tudo o que tinha acontecido e tudo o que eu estava sentindo.

— Meu Deus, Caio! Seus pais sabem da gente? — Meu coração disparou no peito.

— Sim, eles sabem, e me aconselharam a procurar um psicólogo. Foi então que eu comecei a entender meus sentimentos por você e a parar de me culpar.

— E o que você descobriu? — Engoli em seco, pois minha garganta travou.

— Que esse amor que eu sinto por você é genuíno, Ju. Não existe nada de sujo ou errado. É ágape, sabe? É amor de verdade. Então eu conversei com meus pais mais uma vez, eu disse a eles que te amava e eles me fizeram prometer que eu iria ao menos esperar você crescer. Você sabe como são essas coisas de militar, Ju. Cheios de ética, e nossos pais são amigos ainda por cima. Foi aí que eu me permiti ter outros relacionamentos, e foi aí que veio o Ruriz. Mas você foi morar em Natal na mesma época que eu terminei a AFA e eu não consegui cumprir com minha promessa, porque estar perto de você era tentador demais...

— Por que você nunca conversou comigo sobre isso? Teria sido tão mais

fácil pra mim.

— Porque você estava passando por uma barra por causa da morte da sua mãe, eu não queria te fazer sofrer ou confundir sua cabecinha já tão cheia de problemas, eu só queria te dar amor e carinho.

— Você me deu isso tudo Caio, mas ao mesmo tempo você me infligiu mais dor e sofrimento, você me fez acreditar que eu era único e especial...

— Mas você é...

— Mas eu não era o único como eu acreditava. Você me fez pensar que estava comigo por pena e não por amor. Você fez com que eu me sentisse péssimo e que odiasse te amar dessa forma tão incontrollável. Você conseguiu compreender seus sentimentos por mim e depois me deixou perdido num caos de sentimentos. Você me ama, mas seu amor é egoísta.

— Se eu fosse egoísta não tinha te deixado livre. Eu não tinha te dado o espaço que você precisava, te incentivado a fazer amigos e até a namorar...

— Você foi egoísta sim Caio, porque você não dividiu seu amor comigo. Não da forma que deveria ser... você encontrou sua luz e me deixou sozinho na escuridão.

— Deus... — Ele baixou os olhos e pela primeira vez na vida eu tinha deixado Caio sem argumentos. Meu coração estava disparado no peito e apesar de temer de uma forma irracional que aquela conversa fosse nosso adeus definitivo, eu precisava falar.

Quando seus olhos azuis apareceram na tela novamente e me olharam com aquela determinação que eu conhecia bem, minhas mãos tremeram. Era o fim.

— Me perdoa! — Ele sussurrou entre lágrimas.

Neguei com a cabeça. Minha vista ficou nublada.

— Eu ainda não estou pronto pra te perdoar. Mas talvez eu esteja no fim de semana. Tchau Caio. — Encerrei a ligação.

Virei-me na cama e encarei o teto. Algumas coisas começaram a fazer sentido.

— Ju... — Dona Aurélia bateu na porta. — Você tem visita.

Sentei-me na cama.

— Entra... — Eu disse.

— Oi... — Aquele sorriso lindo aqueceu meu coração.

— Elis!

Fui abraçado com tamanha força e intensidade que senti meus pelos se arrepiando, como se, do seu corpinho rechonchudo de menina, emanasse todas as energias positivas do mundo que eu estava precisando para simplesmente seguir adiante. Fechei os olhos, suspirei longamente, meu corpo relaxou e minha mente vagou. Foi estranho, mas foi acolhedor, como se ela fosse a adulta ali e eu apenas um garotinho. Depois ela segurou meu rosto entre as mãos e sorriu.

— Você não foi pra aula hoje, fiquei preocupada. — Ela sentou-se ao meu lado.

— Perdi a hora.

— Mentira. — Ela disse.

Meu coração errou uma batida.

— Não é mentira... — sussurrei.

— Eu sonhei com você essa noite. Acordei chorando. — Ela me olhou fundo nos olhos, e por Deus, que poder teve aquele olhar.

Engoli em seco.

— Eu tô bem... — Abri os braços. — Olha... tô inteiro! Dormi tarde e quando acordei já era hora do almoço.

Ela sorriu com os lábios cerrados, depois seus olhinhos azuis como os do Phillipi vasculharam meu quarto. E surpreendentemente, Elisabeth ficou muda, e o silêncio que perdurou no meu quarto por um ou dois minutos

foi...desagradável.

— O que você sonhou? — perguntei para puxar conversa.

— Sonhei que você *tava* caindo sem parar... acordei antes de você atingir o chão.

Fechei os olhos, meu estômago doeu como se eu tivesse levado um soco. Perdi o ar.

— Mas eu não caí...

— Eu sei. — Ela disse tristemente. — Mas foi tão real e eu não queria que você morresse. — Seus olhos marejaram.

— Elis... — Passei a mão em suas costas cobertas pelos seus cabelos longos e amarelos. — Eu não vou morrer ok? — Minha voz falhou.

Ela suspirou longamente.

— Eu sei também, minha amiga me disse. — Ela deu um salto da minha cama e foi até minha escrivaninha. — Esse é o livro do Lipe? — Ela catou o livro no chão.

— Sim. Deve ter caído no chão e eu nem percebi. — Levantei-me e peguei o livro de sua mão, verificando se ainda estava inteiro. — Sua mãe sabe que você *tá* aqui?

— Sim. Eu pedi pra ela me deixar vir, e ela deixou.

— Ah, que bom. — Pelo menos *eles* não impediram a filha de ser minha amiga, já que Phillipi nem mais na minha casa ele poderia vir. *Eu acho*.

— Eu tinha que te dar o abraço que ela mandou.

— Ela quem? — Coloquei o livro na escrivaninha e sentei-me na minha cama novamente.

— A minha amiga dos sonhos. — Elis se sentou ao meu lado e colocou as

mãozinhas embaixo das coxas.

— Sei... — Uma amiga imaginária! Típico da Elisabeth.

— Ela também me pediu pra te dar um recado.

— Que recado? — Queria conter o sorriso, mas estava impossível. Elisabeth era mesmo surpreendente!

— Que você não vai morrer, que ela vai sempre estar ao seu lado e quando você estiver caindo novamente, ela vai te salvar como ela te salvou na noite passada.

— Ahh... então foi sua amiga que me salvou?

— Sim. Ela montou na Rainbow Dash dela e te pegou no ar. Ela me disse.

— O quê? — sufoquei.

— Ela te pegou no ar...

— Essa parte eu ouvi... — Virei-me para ela, comecei a hiperventilar. — O que você disse antes, sobre a Raibow Dash? — Minhas mãos gelaram.

— Você sabe quem é a Raibow Dash? — Ela cerrou o cenho.

— SIM ELIS, EU SEI... — Meu queixo tremeu, um frio fora do comum tomando conta do meu corpo. — Me fale sobre sua amiga, por favor... — Segurei suas mãozinhas e as apertei. Estava transtornado de emoção.

— Minha amiga me visita nos sonhos, ela sempre vem montada na Raibow Dash. Às vezes eu queria que ela fosse real, porque ela gosta de mim.

— Des.. desde quando vocês são amigas? Desde quando você sonha com ela?

— Hmm... — Ela colocou o dedo no queixo. — Desde que eu vim morar aqui?

— E o que mais ela falou sobre mim? — Não seria possível! Eu não aguentaria mais essa porrada.

— Que ela é sua amiga também e que ela sempre vem te visitar quando você tá dormindo, e às vezes ela traz a mãe dela pra te ver. Mas ela nunca trouxe a mãe dela pra eu conhecer. Eu queria conhecer a mãe dela...

— Deus! — Tapei a boca com as duas mãos e enquanto a Elis falava, as lágrimas escorriam dos meus olhos.

— ... E ontem ela me disse que ela sempre ia te salvar e pediu pra eu te dar um abraço, dizer que você nunca vai estar sozinho e que ela e a mamãe dela vão sempre estar com você, mas que seu papai precisa que você fique...

De repente fui tomado por uma sensação arrebatadora de conforto e alívio, mas ao mesmo tempo de uma saudade descomunal que me fez chorar feito um menininho que se perdeu numa floresta densa, fria e escura, que já não tinha mais esperanças no coração e depois de dias encontrou sua família novamente.

— Oh Deus! — Peguei meu travesseiro, apoiei nos joelhos e afundei o rosto, chorando copiosamente. A amiga da Elis era a Duda? Sim, tudo levava a crer, mesmo que eu não acreditasse naquele tipo de coisa.

— Não chora Ju. — Elis alisou minhas costas.

Senti-me tão confuso, porque eu nem sabia que precisava daquele consolo, mas saber que minha mãe e irmã velavam por mim e pelo meu pai, que elas estavam juntas assim como eu e meu pai e que elas ainda me amavam, foi um alento para mim. Foi a sensação de amparo mais necessária que eu poderia ter. Foi tão forte e profundo como o abraço do meu pai.

— Eu também queria sonhar com elas... — disse aos soluços feito um garotinho.

— Acho que você sonha, só não lembra.

— Será? — Olhei para Elis. Ela deu de ombro.

Meu coração explodiu de amor por aquela menininha. Comecei então a entender todo carinho que eu cultivava por ela. E não era por causa da Duda, era porque Elisabeth era realmente uma criança especial. Ela cativava, sem esforço algum.

— Obrigado Elis! — Eu a abracei, tão apertado e intenso como ela havia me abraçado antes. — Um dia você vai entender o quão bem você fez a mim.

— Ah, você nem sabe! — Ela deu um salto e seus olhos se arregalaram. — Eu ganhei um concurso de redação que foi feito na pracinha quando estava de férias. Adivinha sobre o que eu falei?

— Não sei. O quê? — Sorri feliz. Elisabeth tinha esse poder de mudar de assunto do nada.

— Sobre nossa aventura no Pico do Cabugi. O prêmio é uma coleção de fábulas de Esopo. Minha avó vai mandar para mim pelos Correios.

— Uau! Parabéns. — Limpei as lágrimas remanescente, teria pedido a ela que relatasse o sonho novamente, mas o assunto já tinha ficado para trás.

— Você sabia que Esopo era um escravo e contador de histórias?

Jesus, o que essa menina não sabe?

— Não, não sabia nem que ele era africano.

Elisabeth gargalhou alto e perdeu as forças de tanto rir que caiu deitada na minha cama.

— Do que você *tá* rindo? — perguntei irritado, porque obviamente ela estava rindo de mim.

— Ele não era africano, era grego. — Ela enxugou as lágrimas de riso e fungou. — Você e meu irmão são tão burros.

Meu queixo caiu. Quis argumentar, mas sem palavras, fechei a boca. Eu não era burro, só não era tão interessado quanto ela.

— Eu não sou burro! — resmunguei.

— Eu tenho que ir. O Lipe *tá* me esperando e ele pediu pra não demorar.

— Lipe *tá* aqui? — Levantei-me rapidamente.

— Sim. Lá na varanda, me esperando.

— Poxa vida! — Peguei o livro em cima da escrivaninha e saí do quarto apressado. Elis veio atrás de mim.

Quando cheguei à varanda, ele estava lá, sentado numa cadeira e segurando o Toby pela coleira. Ele deu um salto assim que me viu.

— Lipe? Por que você não entrou?

— Achei que você não queria me ver. — Ele se encolheu. — Além do mais, ela queria muito falar com você, não quis atrapalhar.

Seu cheiro, suas roupas largas, seu olhar intenso, tudo era atrativo demais. Eu sabia que iria demorar um tempo para deixar de gostar dele da maneira que eu gostava, mas nós dois precisávamos seguir em frente, ele tinha seus problemas, eu tinha os meus e nem um nem outro estava disposto a enfrentar seus demônios para assumir um namoro. Emílio estava certo, eu precisava resolver minhas pendências com o Caio. Phillipi precisava resolver suas questões com seus pais. Então, a mim e ao Lipe restava apenas sermos amigos.

— Você não atrapalha — suspirei resignado. — Seu livro. — Estiquei a mão.

Ele pegou.

— Você leu?

Afirmei com a cabeça.

— Ju... — Ele relaxou os ombros e me olhou com pesar. — Foi por isso que você faltou à aula hoje?

Afirmar novamente.

— Eu pedi pra você não ler.

Dei um passo à frente.

— Parece até que você não me conhece — sorri de banda. — Eu sou teimoso.

Meus olhos ligados aos seus. Ele sorriu com os lábios cerrados.

— É, eu sei.

Então eu o abracei, com força, apertado. Ele retribuiu e eu não esperava menos dele. Eu o apertei mais, ele não hesitou.

— Valeu cada segundo — sussurrei. Engoli em seco.

— Sim. Valeu. — Sua voz falhou.

Nos encaramos novamente. Sorrimos um para o outro. Nos soltamos do abraço.

— Vamos, Elis. — Ele segurou a mão da irmã.

— Vamos. Tchau, Ju.

— Tchau princesa. — E eles foram embora. Antes de virarem a esquina eu gritei alto. — ELIS!

Os dois se viraram ao mesmo tempo.

—

PNEUMOULTRAMICROSCOPICOSSILICOVULCANOCONIÓTICO!

Ela gritou feliz, Phillipi revirou os olhos. Entrei em casa sorrindo, liguei para meu pai e contei para ele sobre Elis e seu sonho. Choramos juntos pelo celular.



Último dia de aula da primeira semana depois das férias. Valquíria chegaria no domingo e Emílio não falava de outra coisa senão matar a saudade da sua deidade. Ela me disse que seu hemograma estava perfeito e que à tarde ela faria uma ultrassonografia morfológica, e do que se tratava eu não sabia, mas ela estava empolgada e eu estava feliz por ela, que apesar de ser mãe prematuramente, parecia estar realizada.

Quanto a Phillipi, começamos a desenvolver uma relação de amizade um tanto quanto melindrada, afinal, estar perto dele ainda me despertava certas vontades que não poderiam ser saciadas, principalmente quando eu sentia seu cheiro, ou quando seu braço roçava no meu ou quando ele lambia os lábios enquanto falava, e em todas as ocasiões eu simplesmente me afastava, mudava de assunto, de foco e pensava em coisas banais como arrumar meu quarto quando chegasse em casa. Seguíamos bem assim, sem esperar demais um do outro.

Thomas, por outro lado, estava mais próximo que nunca. Passávamos os intervalos colados, trocávamos mensagens com frequência e até os trabalhos de sala de aula passamos a fazer juntos. Era uma amizade saudável para mim, pois eu não tinha segundas intenções com ele, mesmo percebendo que em alguns momentos, se eu quisesse, ele cederia facilmente. Mas ele afirmava ser hétero e eu não queria mais um *gay* enrustido na minha vida. Além do mais, eu tinha as tais pendências e Caio estaria chegando no sábado para conversarmos, e isso, definitivamente, estava tirando meu sono e minha ansiedade andava no nível máximo.

Era aula de Biologia e o professor explicava sobre Genética e Aberrações cromossômicas, um assunto que estava me dando uma gastura inexplicável e eu estava quase pedindo licença para ir ao banheiro quando ouvimos gritos vindos do corredor. Uma criança chorando alto e de repente a porta da sala se abre e Elisabeth entra seguida de uma professora, aos prantos, toda descabelada, varrendo a sala com o olhar, ao mesmo tempo que Phillipi e eu ficamos em pé.

— Elis?! — falou Phillipi.

Mas foi para meus braços que ela correu e me abraçou com força.

— Oh! — Eu abracei de volta, surpreso pela sua preferência.

Ela estava agarrada a um tufo de cabelo e afundou a cabeça na minha barriga, chorando descontroladamente. Eu a carreguei no colo, ela afundou a cara no meu pescoço e enlaçou minha cintura com suas perninhas gordinhas. Phillipi deu um passo à frente e eu estiquei o braço para ele.

— Não! — Se foi a mim que ela recorreu, seria a mim que ela teria.

Phillipi ficou um pouco desnortado, mas aceitou a predileção de Elis e sentou-se novamente, bufando de raiva. Saí de sala com ela no colo. A professora veio atrás.

— Foi um acidente! — dizia a professora. — Melissa nunca faria isso de propósito.

Quando a professora mencionou o nome da arquirrival-inimiga da Elisabeth, meu sangue ferveu.

— O que ela fez? — perguntei de forma bruta.

— Foi um acidente...

— O que ela fez a Elis? — Alterei o tom da voz. Pelos tremores e o choro incontido da Elisabeth, magoado e cheio de dor, claramente a menina tinha feito algo de muito grave.

— Elas estavam fazendo uma tarefinha de cortar papel e sem querer, Melissa cortou um pedaço do cabelo da Elis. Foi sem querer...

Meu queixo caiu.

— Ela cortou seu cabelo? — perguntei inconformado a Elis. Abaixei-me no chão com Elis ainda em meu colo. Segurei seu rosto e a fiz olhar para mim. — Como foi isso?

Elisabeth não tinha a menor condição de se expressar. O pranto e os

soluços a impediam de formular uma frase coerente, mas ela me mostrou sua mãozinha, e lá estava um tufo enorme de cabelo amarelo. Minha garganta travou, minha respiração acelerou e eu tive vontade de socar a parede para extravasar minha revolta. Passei a mão no cabelo de Elisabeth e constatei o óbvio, faltava um enorme pedaço do lado direito, partido irregularmente na altura do seu ombro. Peguei o tufo de cabelo da mão da Elis e aponte para a professora.

— Você acredita mesmo que foi um acidente? — berrei. Eu fuzilava a professora com o olhar. Não seria possível que ela fosse defender a Melissa.

A professora baixou os olhos. Eu queria matá-la por querer acobertar um crime tão evidente contra Elisabeth, que jamais faria mal a alguém. Elisabeth era um anjinho que Deus tinha colocado na Terra. Um serzinho evoluído e mal compreendido por uma humanidade arruinada pelo egoísmo, inveja e intolerância.

— Elis... — Eu a abracei e quase chorei junto com ela, devastado pelo seu sofrimento. — Não chora, *tá* bom?! Seu cabelo vai crescer de novo. — Segurei seu rostinho e limpei as lágrimas. Ela ainda chorava e soluçava. — Você é linda de todo jeito e a Melissa tem inveja de você, porque ela jamais vai ser linda, inteligente e amorosa como você. Ela tem uma pedra no lugar do coração. Ela não sabe o que é o amor. E você sabe. Você é a menininha mais linda e bondosa que eu conheci depois da minha irmãzinha, que morreu. — Minha voz embargou, mas como ela começou a se acalmar quando eu fiz referência à Duda, eu continuei a falar da minha irmã, mesmo que aquilo me matasse por dentro. — Quando você me falou do seu sonho, naquele dia, eu tive certeza de que sua amiguinha dos sonhos era a minha irmãzinha e se ela estivesse viva, vocês seriam as melhores amigas para a vida toda, porque vocês eram iguais e eu te amo tanto quanto eu a amava.

— Como você sabe que era ela? — Ela ainda soluçava, mas tinha parado de chorar.

— Porque ela amava a Raibow Dash. E porque ela pediu pra você me abraçar forte, lembra, porque eu estava triste.

— Eu não gosto quando você fica triste.

Minha garganta travou e eu tive que engolir em seco. Elis estava arrasada pelo seu cabelo, mas ainda assim, estava preocupada comigo.

— Então não chora, porque te ver triste me deixa triste também.

— Você jura que meu cabelo vai crescer novamente?

— Eu juro. De dedinho! — Levantei meu dedo mindinho e um sorriso tímido de cortar o coração apareceu em seus lábios. Ela levantou seu dedinho e então nós os cruzamos. Beijeí sua mãozinha e nosso elo de promessa e amizade. — Vamos voltar para sala agora.

— Tá! — Ela fungou.

Levantei-me, coloquei-a no chão, limpei seu rosto com minha camisa e juntos jogamos fora seus cabelos cortados na lata do lixo.

— Não quero voltar para a sala assim. — Ela olhou para cima com os olhos ainda vermelhos.

Olhei para a professora e a obriguei a soltar seus cabelos e a prender o cabelo da Elis num rabo de cavalo. Ela aceitou, porque não lhe restava mais nada a fazer, ou ela soltava sua juba esvoaçante ou quem faria um escândalo seria eu. Sei que a professora não era culpada, mas eu estava com raiva por ela dizer que a atitude da *menina-sandália-de-plástico* foi sem querer.

Descemos as escadas de mãos dadas, seguimos pelo pátio em direção ao setor de Ensino Fundamental e assim que entramos na sala da Elisabeth e eu me deparei com um sorriso malicioso nos lábios de uma menininha, perdi a capacidade de raciocinar.

— Aquela é a Melissa? — perguntei em voz alta, apontando para a menina, que logo esboçou uma expressão de pavor.

— Sim. — Elisabeth balbuciou.

Larguei a mão da Elis e em passos largos parei ao lado da Melissa, peguei seu caderno aberto em cima da carteira e com uma fúria incalculável, rasguei o caderno ao meio, urrando de raiva feito um animal endiabrado.

— ARRRRG! — Larguei as metades no chão e apontei o dedo na cara da Melissa. — VOCÊ É FEIA, MUITO FEIA! POR DENTRO E POR FORA! ELISABETH É LINDA. VOCÊ É UM MONSTRO PERTO DELA. UM MONSTRO! — Varri minha mão em cima da mesa e joguei todo seu material no chão.

Ela instantaneamente abriu o berreiro. Cabeça pendida para trás e um bocão aberto chorando feito uma gralha. Não me arrependi do que fiz, mas da sala da Elis fui direto para a coordenação. Antes de sair, abracei a Elis, que me olhava assustada, mas ao mesmo tempo surpresa e feliz.

— Se mais alguém mexer com você, me avisa — falei em alto e bom tom para que toda sua turma pudesse ouvir e saí escoltado pelo segurança.



— Por favor! — Era minha vez de chorar e implorar. — Não precisa ligar pra ele, eu mesmo conto a verdade quando chegar em casa, eu prometo.

— Não tem jeito, Juliano. Eu vou ter que ligar para o seu pai, você só sai dessa escola hoje na presença dele.

Meu problema não era ficar suspenso das aulas por quinze dias, era a tal da ligação para o meu pai, justamente num momento em que nós dois estávamos nos acertando, que ele tinha dito que me amava e que tínhamos voltado a ser finalmente uma família. Ele provavelmente iria tirar o meu couro e nós dois voltaríamos à estaca zero e eu precisava de um pai, eu sabia que não estava cem por cento e ele estava sendo meu esteio e porto mais que seguro.

— Ele vai me matar, por favor, não liga pra ele! — Eu implorava, mas ela foi irredutível e mandou-me esperar em sala de aula, que assim que ele chegasse e conversasse com ele, ela mandaria me chamar.

O intervalo já tinha terminado quando voltei para a sala cabisbaixo, desejando fugir da escola para nunca mais voltar. Quando entrei na sala, fui ovacionado, pois provavelmente todos ali já sabiam do grande defensor das

meninhas oprimidas de cabelos covardemente cortados em sala de aula pela garota feia feito um monstro. Não me senti motivado com as palmas, nem com o agradecimento do Phillipi. Sentei-me esperando o desfecho da história, que a meu ver, estava longe de terminar.

Final da penúltima aula, mais uma vez, os gritos do lado de fora da sala ecoaram pelo corredor, mas dessa vez não era de uma menininha chorando. Era de um homem adulto. Era meu pai. Eu gelei. A porta da sala foi aberta abruptamente.

— Onde ele tá? — Meu pai olhou em todas as direções.

Meu coração quase voou pela boca.

— Pai... — sussurrei, e quando ele me viu, praticamente implorei com o olhar para ele não fazer um escândalo.

— Venha, meu filho... — Ele caminhou até mim e já foi recolhendo meu material. — Você não precisa dessa escola.

Não soube o que pensar, ele não estava bravo, não comigo.

Levantei-me e o segui, agarrado aos meus livros.

— Senhor... — A coordenadora tentou argumentar, mas meu pai a calou no mesmo instante.

— Não fale comigo! — Meu pai passou por ela, mas desistiu e voltou. — Vocês estão suspendendo a pessoa errada.

Sáímos da escola em silêncio e apesar da sua atitude, eu ainda estava com medo, pois não sabia até que ponto meu pai estava a meu favor, não até chegarmos naquele prédio em ruínas. Ali eu vi meu futuro.

Quando saímos da escola e entramos no carro, eu pude perceber o quanto meu pai estava aborrecido, principalmente por causa da sua respiração acelerada e seu rosto vermelho. Seguimos mudos por um longo tempo e quando ele subiu o viaduto de Ponta Negra e pegou a Avenida Engenheiro Roberto Freire, saindo da rota da Base Aérea, comecei a ficar preocupado, então resolvi quebrar aquele silêncio mortal.

— Pai? — falei tão baixo que tinha dúvidas se ele tinha ouvido.

— Hm. — Ele respondeu secamente.

— Não quero sair da escola. — Esse era meu maior receio, que ele estivesse tão puto da vida a ponto de me tirar da escola

— Você está suspenso, Juliano. Não expulso. — E nada de me chamar de filho.

— O senhor está bravo comigo — constatei e baixei a cabeça.

— Eu *tô* bravo sim. Eu *tô* muito puto da vida, mas não é com você. — Sua voz era cortante.

— Aonde estamos indo? — Achei melhor mudar de assunto.

— Você vai ver.

Respirei fundo sem querer e resolvi me manter calado, seja aonde quer que fôssemos, só o fato de saber que ele não estava bravo comigo já era um alento.

Ponta Negra é um dos bairros nobres da zona sul de Natal, por concentrar a maior parte dos hotéis e pousadas da cidade, pela praia de quatro quilômetros de extensão e por causa do Morro do Careca. Da avenida dá para ver toda a extensão da praia, inclusive o morro, tanto por causa da disposição geográfica do bairro, por ser um declive da avenida até a orla, quanto pela proibição de construir prédios com mais de quatro andares de altura naquela área. Enfim, passear por ali era gostoso, mesmo com o clima tenso dentro do carro e quente fora dele.

Quinze minutos depois da nossa pequena conversa, já no fim da avenida, meu pai entrou à direita, na Rota do Sol Sul que dava acesso às praias, dirigiu por uns quinhentos metros, fez o retorno e voltou pela mesma avenida, pegando a via lateral. Mais quinhentos metros depois, antes de pegarmos a última saída que nos levaria novamente para a Avenida Engenheiro Roberto Freire, meu pai estacionou o carro sob a sombra de uma enorme castanhola. Já estava ficando tonto com tantas voltas.

Ele desligou o motor do carro, abriu os vidros e ficou em silêncio. A brisa fresca do mar invadiu nosso pequeno espaço juntamente com o barulho dos carros. Seu olhar fixo para frente. Acompanhei seu olhar e então pude perceber que do ponto onde estávamos, dava para ver uma linha azul do mar, mesmo estando longe da praia.

— Dá pra ver o mar daqui. — Ele disse.

— Percebi. — Olhei em volta. Estávamos parados em frente a um prédio de quatro andares em ruínas.

— Desde aquela nossa conversa na varanda eu venho aqui aos sábados pela manhã.

— Que conversa, pai? — *É pra cá que ele vem aos sábados? Fazer o quê, pelo amor de Deus?*

— Sobre o que você quer para a sua vida. Sobre levar uma vida simples. Sobre viver em paz consigo mesmo e comigo. — Ele olhou para mim. — Não foi sobre isso que conversamos?

Engoli em seco, com medo de onde aquela conversa iria dar e então afirmei com a cabeça, pois verbalizar um sim me pareceu meio estúpido naquele momento.

Ele respirou longamente.

— Antes da sua irmã e mãe morrerem...

Quis morrer com o rumo daquela conversa, pois NUNCA havíamos conversado NADA sobre as trágicas mortes que aconteceram em nossa família. Imediatamente um caroço se formou na minha garganta.

— ... eu e sua mãe sonhávamos em comprar uma casa bem grande, com um belo quintal pra você e sua irmã poderem brincar, com piscina, uma churrasqueira, a gente pensava em ter um cachorro... — Ele riu com a lembrança e suspirou profundamente. — Eu queria um pastor alemão e ela queria um buldogue francês... então decidimos que teríamos um de cada raça e que iríamos colocar num potinho as sugestões dos nomes que vocês iriam dar e sortear...

— Eu lembro dessas conversas... — Coração já a mil por hora.

— Eu sinto tanto a falta delas... — E ele desabou num choro, tapando o rosto com as mãos.

— Pai... — Foi impossível não chorar também. Levei a costa da mão à boca e deixei as lágrimas lavarem meu rosto e minha alma.

Ele me abraçou em seguida e pela primeira vez pudemos compartilhar a dor de termos perdido as mulheres mais importantes de nossas vidas. Compartilhamos lágrimas de saudade, de um amor incondicional e incalculável que nunca iria morrer dentro de nós, do luto nunca vivido, nunca dividido, nunca curado.

— Como é difícil conviver com essa dor... — Ele me soltou do abraço. — Com essa culpa... oh Deus!

Meu pai chorava como se as comportas de uma represa tivessem sido

abertas e toda a dor reprimida estivesse sendo liberada. As lágrimas saltavam dos seus olhos e os urros eclodiam da sua garganta. Nunca senti tanta empatia por alguém como naquele momento. Eu podia compreender suas lágrimas, pois compartilhávamos da mesma saudade.

— O senhor não teve culpa... — Eu queria fazê-lo parar, eu o amava tanto que não queria vê-lo sofrendo, pois eu compreendia o peso daquela dor.

— Filho... — Ele me encarou com seus olhos castanhos encharcados de lágrimas, tão amáveis e cheios de compaixão. — Você é a pessoa mais resiliente que eu conheço. Como eu te admiro.

Foi demais para mim e a avalanche de sentimento me soterrou. Não era só pelo fato dele me admirar, mas por ele reconhecer que eu suportei a carga, que eu aguentei as lapadas da vida, da morte, da ausência, da negligência, do abandono e ainda assim, permaneci ali, ao lado dele. Eu não o abandonei. E eu não desisti.

Eu chorei, pois era o desabafo que eu precisava, o choro do garotinho que foi abandonado e finalmente resgatado. Tomei a cabeça em seu peito e ele me abraçou.

— Me perdoa, filho. — Ele me segurou pelos ombros. — Eu te abandonei quando você mais precisou. Eu me culpava por tudo o que você tinha visto, queria ter sido forte como você, mas não consegui, e naquele dia... por Deus, filho, no aniversário da morte da sua mãe, eu tive tanto medo de te perder também. Me perdoa por não ter sido o pai que você merecia.

— Pai, por favor... — Eu estava destroçado, pois na minha cabeça de filho, eu não tinha que perdoá-lo, apenas compreendê-lo, e era o que eu tinha feito desde que nos mudamos para aquela maldita casa em Manaus.

— Eu te abandonei, filho. Abandonei sua mãe, e depois não suportei a culpa. Não era nunca pra você ter visto o que viu e eu me culpei por isso também. Conviver com você era a prova concreta do quanto eu errei e do quanto eu fui fraco.

— Você não é fraco pai.

— Sim, eu fui. — Ele se acalmou e limpou as lágrimas. — Eu queria culpar alguém, eu queria inferir dor a alguém, porque a minha já estava insuportável. Foi então que eu pedi socorro à psicóloga da Base no dia seguinte que eu te acordei de madrugada para lavar o carro.

Olhei para o outro lado. Limpei as lágrimas. De tudo o que meu pai tinha feito, aquele dia definitivamente era o que tinha me deixado as cicatrizes mais profundas.

— Aquele dia foi foda — disse com sinceridade, porque não era apenas sobre ele, era sobre o Caio também.

— Se não tivesse sido o Caio eu teria ido à polícia.

Olhei imediatamente para o meu pai.

— Por quê? O que ele fez?

— Ele abriu meus olhos do quanto eu estava agindo errado. Ele me disse que eu estava desperdiçando a chance que a vida tinha me dado de ter um filho tão incrível. Ele me disse que você procurou a chave do carro no dia anterior, sobre as mensagens que você tinha mandado pra mim e sobre a sua ligação para ele na manhã seguinte, magoado, chorando... só então percebi o tamanho da crueldade e injustiça que eu tinha cometido. Mas ele me garantiu que você voltaria pra casa e então eu confiei nele, e você realmente voltou. Ele sugeriu que eu procurasse ajuda profissional e foi o que eu fiz. Ele me ameaçou, disse que ia me denunciar para o Conselho Tutelar se eu continuasse a agir como um filho da puta com você.

Meu queixo caiu. Meu pai riu.

— Foi exatamente isso que ele disse. E ele estava certo. Eu não estava sendo um bom pai. Mas acho que ainda dá tempo de reparar meu erro, não dá?

— Sim — sussurrei, pois a carga de emoção estava sendo demais e eu não queria mais chorar. — *Tamo junto* no mesmo barco, certo?

— Certo. — Ele bateu com força na minha coxa.

— Caio... — disse sem querer, balançando a cabeça em negação, tentando disfarçar o sorriso que quis abrir em meus lábios. — Sempre tentado me proteger... — Só não conseguiu me proteger de si mesmo.

— Ele é um bom amigo pra você.

Sim pai! Mas ele não era só meu amigo.

Olhamos juntos para frente. Ficamos em silêncio um tempo, colocando os pensamentos em ordem, afinal, tinha sido muitas lágrimas derramadas, muitas emoções e sentimentos colocados para fora e tanto eu quanto meu pai sabíamos que aquela pequena calma era necessária para recuperarmos nossa dignidade e seguirmos em frente.

— Você é um garoto incrível, filho. — Ele disse por fim. — Eu nunca te disse isso, mas é a mais pura verdade. Mesmo sem ninguém te amparando, você conseguiu seguir com sua vida. Isso é louvável.

Olhei para o meu pai, olhei para frente e depois olhei para meus dedos em cima das minhas coxas. Era chegado o momento de colocar as cartas na mesa, ele tinha me mostrado as suas e era o momento de mostrar as minhas.

— Eu não estive totalmente sozinho, pai. Eu tinha o Caio, e quando ele foi embora, eu tive o Phillipi. — Pronto, tinha feito a jogada, eu usei minha manilha. Se ele fosse um bom jogador, saberia que não estava blefando.

Ele ficou me observando por segundos. Sua expressão séria e olhos arregalados me diziam que ele estava processando a informação, analisando suas possibilidades, afinal, era sua vez de jogar

— WOW! — Ele gritou como se despertasse do transe. — O CAIO? — Ele segurou o rosto, perplexo.

— Sim...

— O menino do Vilaça tudo bem, mas o Caio? — Meu pai estava exasperado.

— O quê? — Não compreendi sua pergunta.

— Meu Deus, Juliano. Quantos anos o Caio é mais velho que você? Quatro, cinco?

— Cinco... pai, do que o senhor está falando?

— Quando isso aconteceu? Desde quando? Por Deus, eu preciso de ar...
— E meu pai saiu do carro, me deixando completamente no vácuo.

Não seria possível que ele estava pensando exatamente o que eu estava pensando. Não seria possível que ele soubesse que eu era *gay*, que ele sabia sobre mim e o Phillipi e toda sua perplexidade fosse apenas pelo Caio. Não! Eu precisava saber o que ele estava pensando, então fui atrás dele.

— Pai...

— Quando você dormia na casa dele, ano passado, vocês ficavam...juntos? — Ele uniu as sobrancelhas, intrigado.

— Juntos como, pai? Seja direto, por favor. — Não daria para conversar sobre entrelinhas sobre um assunto tão delicado e tão importante para mim. Era o momento da verdade e precisava ser levado à sério.

— Mais direto do que eu estou sendo? — Sua voz era alterada.

— Então o senhor sabia o tempo todo? — Abracei meu corpo ficando na defensiva, ou morto de vergonha, não sei bem explicar os sentimentos que me dominavam naquele momento.

— Que você é *gay*? Claro! — Ele levou suas mãos ao ar e as soltou ao lado do corpo. — Só não imaginava que você e o Caio... namoravam. Deus, eu me sinto...traído. Porra. Eu praticamente mandei um cordeiro pro covil do lobo.

— Que é isso, pai? — Queria me enterrar de tanta vergonha. E de certa forma ele tinha razão.

— Vocês ao menos usavam camisinha?

OI?

Definitivamente aquela não era o tipo de conversa que eu pretendia ter com meu pai. Senti meu rosto queimando.

— Sim. — Baixei os olhos.

— Ah! Pelo menos isso. — E toda a conversa chorosa e cheia de sentimentos se transformou na preocupação do meu pai com meu cu. Aonde nós havíamos chegado? Mas então eu percebi que não tinha falado nada para ele sobre ser *gay*, mas ele sabia o tempo inteiro.

— Espera aí, pai. Se o senhor sabia o tempo inteiro que eu sou *gay*, por que nunca conversou comigo sobre o assunto?

— Por que eu esperei você me contar, ué? Não queria parecer invasivo. Era um assunto seu, ou não?

— NÃO!

— Não?

— Pai... se o senhor tivesse conversado comigo abertamente, teria me poupado de tanta angústia, medo de ser rejeitado, ou de ser expulso de casa, ou de perder seu amor quando voltamos a ser uma família novamente... — Estava realmente irritado.

— Hei! — Ele disse de forma dura e avançou em mim, segurando meu rosto entre as mãos. — Nós nunca deixamos de ser uma família ok? Tive minhas falhas, mas você sempre foi meu filho, sangue do meu sangue e, portanto, minha família.

— Ok — sussurrei emocionado.

— Ótimo. — Ele me largou e virou-se para o mar. Se meu pai fosse um fumante poderia garantir que ele estaria acendendo um cigarro naquele momento.

— O senhor não se importa?

— Que você seja *gay*? — Ele virou-se para mim, meio desnortado, balancei a cabeça em afirmação. — Não filho, claro que eu não me importo. — Ele voltou-se para o mar novamente. — Nunca me importei. Esse era um assunto recorrente entre mim e sua mãe e ela me fez prometer que isso não seria um problema entre nós dois.

— Como assim? Você e a mamãe conversavam sobre isso? — Dei uns passos e parei em sua frente. — Desde quando o senhor sabe que sou *gay*? — Minha respiração ficou curta. Um assunto tão importante para mim e meu pai o tratando como se fosse uma coisa corriqueira.

— Filho... os pais não enxergam a verdade sobre seus filhos porque não querem. E não é só sobre ser *gay*, é sobre tudo.

— Então por que vocês esperam de nós uma atitude? Sendo que seria tão mais fácil se vocês mesmo nos procurassem pra conversar.

— Por causa da tal privacidade, filho, que vocês tanto defendem.

— Nem sempre precisamos de privacidade, pai. Às vezes a gente só quer ser enxergado, e ter a certeza de que, independentemente de qualquer coisa, vocês vão continuar nos amando.

Meu pai ficou mudo, me encarando, talvez refletindo sobre o alerta que eu tinha lhe dado.

— Às vezes a gente só precisa de um colo. — Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. — Vocês são os heróis da história porra! Nós só somos os adolescentes.

Ele engoliu em seco, segurou minha camisa e me puxou para um abraço.

— Me desculpa. Você tem razão... — Ele me segurou pelos ombros. — Se nós que somos adultos temos dificuldade em administrar nossos conflitos, imagino vocês que estão apenas começando.

— Pois é...

— Parece que hoje é o dia de colocarmos os pingos nos “is”... — Ele sorriu.

— Parece que sim — sorri também. Nos abraçamos mais uma vez, cheio de tapas nas costas, um abraço de amigos.

— Então a confusão com o aspirante Ruriz não foi nada do que foi dito nas audiências? — Ele trouxe à tona o assunto do Caio.

— Ih, pai! Esse assunto é longo, heim?!

— Quero saber tudo. Mas agora... — Ele colocou o braço no meu ombro e me guiou para frente do prédio em ruínas. — Eu queria que você visse isso. Foi por isso que eu te trouxe aqui.

— Tô vendo. Um prédio abandonado. Muito bonito — disse com sarcasmo.

— Sei, espertinho. Isso aqui... — Ele deu uns passos à frente, virou-se para mim e abriu os braços. — Pode ser o seu futuro, se você quiser, é claro.

Olhei o prédio novamente, agora com mais atenção, do chão ao topo.

— Não entendi.

— Se daqui da rua dá pra ver o mar, imagina do primeiro, segundo e terceiro andar? Imagina da cobertura? Imagina também que nada vai atrapalhar essa visão, já que nada vai poder ser construído nessa direção. — Ele apontou para o mar.

— Consigo imaginar tudo isso. Só não consigo imaginar como esse prédio em ruínas pode representar meu futuro.

— Meu filho... — Meu pai colocou a mão em meu ombro e me guiou para o carro. — Você precisa ter visão, sabe? Enxergar além! Entra no carro que no caminho pra casa eu vou te explicando.

— Ok! — Entrei antes dele, coloquei o cinto e assim que ele entrou, eu

dei mais uma olhadinha no tal prédio. *O que será que meu pai está aprontando?*

No caminho de casa meu pai me contou que mamãe tinha herdado uma pequena fortuna quando seus pais morreram e que eles sempre guardaram esse dinheiro pensando na tal casa dos sonhos, mas que desde que Duda e mamãe tinham morrido, esta tal casa não teria sentido sem elas, principalmente porque ele não seria feliz morando numa enorme casa sem ter mamãe ao seu lado.

A proposta era comprar aquele pequeno prédio abandonado e transformá-lo numa grande tendência do mercado: um condomínio compartilhado. Seriam flats para solteiros ou casais morarem, ou alugar para temporada, ou fins de semana, mas que teriam espaços compartilhados, como academia, lavanderia, espaço *coworking*, salão de jogos e festas e restaurante. Eu seria o gerente e moraria na cobertura, num apartamento maior, com espaço para receber visitas e com uma vista privilegiada. Não seriam muitos apartamentos, mas o suficiente para gerir o negócio e ter uma graninha no fim do mês. Eu não seria rico, não de fortuna e sim de paz de espírito. Era o mundo perfeito que eu tanto sonhava.

— Enquanto o prédio estiver em construção, você faz uma faculdade de administração, ou de hotelaria e quando o condomínio ficar pronto você já vai ter um pouco de *know how*.

— E o senhor? — Não queria ficar longe do meu pai. Poderia parecer imaturo, mas ele era minha única família praticamente, já que eu mal mantinha contato com meus avós, tios e primos.

— Vou continuar na Aeronáutica. Quando eu me aposentar, posso morar no condomínio com você ou comprar uma casinha ali por perto. Vou te ajudar nos fins de semana, nas férias... o importante é ficarmos juntos, certo?

— Certo! — Meu sorriso não cabia em meu rosto. Eu estava radiante. Só mesmo um pai como o meu, que ao saber que seu filho foi suspenso por quinze dias na escola, o leva para um passeio que mudaria para sempre a sua vida. — Eu quero isso tudo, pai.

— Ótimo. Amanhã mesmo vou confirmar com a corretora. Depois vou mandar um engenheiro fazer uma vistoria no prédio e incluir tudo no meu plano de negócio.

— Que plano de negócio é esse?

— Meu trabalho de conclusão da pós-graduação. Desde que conversamos na varanda eu tenho pesquisado imóveis, terrenos e já falei com a minha orientadora sobre o apart-hotel. Ela achou a ideia genial. Agora é dar andamento e assim que tiver pronto, colocar em prática.

Sorri emocionado, me senti valorizado e isso me fez feliz.

— Obrigado, pai.

— Você merece, meu filho. — Ele bagunçou meu cabelo e voltou a dirigir sorrindo.

Quando chegamos em casa, Phillipi, Elisabeth e a mãe, nos esperavam na varanda.

— Para o carro, pai! — Pedi ainda na rampa da garagem. Meu pai freou o carro e eu desci. — Elis... como você tá? — Fui em sua direção e ajoelhei-me em sua frente.

— Olha! — Ela balançou a cabeça de um lado para o outro. Seus cabelos estavam cortados na altura dos ombros. — Ficou bom?

— Ela fez questão de vir aqui te mostrar — disse tia Iara. Olhei para ela e voltei os olhos para Elisabeth.

— Ficou lindo! — Alisei seus cabelos. — Ficou ainda mais linda, de verdade. — Eu a abracei.

— Como vai Iara? — Meu pai a cumprimentou assim que se juntou a nós. — Phillipi.

— Arrasada. — Ela disse.

— Oi tio — disse Phillipi e meu rosto esquentou lembrando que meu pai sabia sobre nós.

Fiquei de pé e olhei para o meu ex. Seus olhos eram de quem queria matar alguém, e esse alguém provavelmente se chamava Melissa.

— Vai passar — disse meu pai para tia Iara. — Ela tá bem, é o que importa.

— Já pedia a transferência da escola. Ano que vem ela não estuda lá. — A voz da tia Iara vacilava.

— Fez bem. — Papai limitou-se a dizer, e acredito que se não fosse meu último ano, ele teria feito o mesmo. — Tem uma escola em Parnamirim que o ensino é mais humanizado, inclusive a diretora é esposa de um oficial da reserva. Eles são muito éticos. Posso te indicar, se você quiser.

— Eu quero sim. Obrigada.

— E essa mocinha? — Papai se ajoelhou em frente a Elisabeth e meu coração disparou no peito. — Você é muito linda, sabia?

Meu pai a abraçou com força, um abraço que significava muito mais para ele e para mim do que qualquer outra pessoa. Era um abraço que ele provavelmente teria dado em Duda naquela manhã de outubro em que tudo aconteceu, caso ele soubesse que o destino seria tão cruel conosco.

— Obrigada! — Ela retribuiu o abraço assim como havia me abraçado no dia anterior.

Um abraço acolhedor de quem intuitivamente percebia a necessidade do outro. No fundo éramos os machucados da história e Elisabeth o conforto que precisávamos.

— Eu quero te dar um presente... — Ele se levantou e seus olhos estavam úmidos. — Pode esperar um segundo? — Papai perguntou a tia Iara.

— Claro!

Papai seguiu para dentro de casa.

— Quantos dias você vai ficar suspenso? — Phillipi perguntou.

— Quinze dias.

— Que merda! — Ele esbravejou.

— Lipe! — Tia Iara o recriminou.

— Muita sacanagem o que fizeram hoje. — Ele ignorou a mãe. — *Tô* muito puto com aquela escola.

— Phillipi! — Mais uma vez tia Iara.

— É verdade, mãe! — Ele olhou para a mãe. — A gente *tá* no último ano, poxa.

— Deixa quieto, Lipe. Eu estudo em casa, não vai me atrapalhar...

— Aqui! — Meu pai apareceu na varanda novamente.

Perdi o ar quando vi a Raibow Dash de Duda em suas mãos. Quis arrancar aquela pelúcia das mãos do meu pai e abraçá-la e cheirá-la e correr com ela para dentro de casa.

— Que linda! — Os olhos de Elisabeth brilharam.

— Era da minha filha, mas eu quero que você fique com ela. Promete cuidar dela? — Papai entregou a Raibow Dash à Elisabeth, que a agarrou com força e inalou profundamente com os olhinhos fechados.

— Sim, eu prometo!

Então eu me dei conta de que papai tinha aberto a porta invisível daquele corredor.

— Oh não... — sussurrei.

Seus olhos encontram os meus. Não suportaria esperar para ver. Corri para dentro de casa ignorando nossa visita.

— Ju! — Ainda ouvi meu pai me chamando, mas eu precisava ver com meus próprios olhos, eu precisava entrar naquele quarto.

Subi a escadinha numa passada só e assim que virei a maçaneta, a porta se abriu. Perdi minhas forças quando um cheiro familiar invadiu minhas narinas. Não era um cheiro de caixa e coisa guardada, era o cheiro delas, aquele cheiro de quando mamãe tomava banho, ou quando Duda entrava no meu quarto sem bater na porta. Fechei os olhos e me senti em casa. Senti elas, ali, comigo, sanando toda a saudade que tanto me machucava.

— Mamãe.... — sussurrei.

Andei pelas caixas e com os olhos nadando em lágrimas, abri a primeira que tinha a letra R- de Renata, e o vestido rosa que ela usava depois do banho estava lá. Um vestido simples, cumprido, sem nenhuma estampa e que eu adorava vê-la com ele. Peguei aquele pedaço de pano com delicadeza e afundei meu rosto ali, inalando profundamente, e mesmo com os olhos fechados, as lágrimas escorreram pelo meu rosto. O cheiro dela ainda estava presente.

Olhei para a caixa novamente, enfiei as mãos e peguei todas as roupas que couberam em meus braços, as abracei e desabei de joelhos no chão.

— Mãe... me perdoa por ter gritado com você, por não ter compreendido sua dor, por não estar em casa quando você precisou e por não ter te impedido de partir...

— Ju, meu filho... — Só vi os sapatos do meu pai bem na minha frente. Ergui a cabeça e olhei em seus olhos.

— Elas estão juntas, não estão? Fala pra mim que a Elis está certa, pai. — Não consegui controlar as lágrimas. Além da emoção de sentir o cheiro da minha mãe mais uma vez, nem que tivesse sido a última vez, eu precisava me agarrar à certeza de que ambas não estavam sozinhas, assim como meu pai e eu.

— Elis está certa sim, filho. Mamãe e Duda estão juntas. Uma cuidando da outra, assim como nós dois. — Meu pai não chorou dessa vez. Acho que seu desabafo no carro tinha sido o bastante.

— Eu queria que elas estivessem aqui... — Abracei as roupas de mamãe novamente. — Eu queria abraçá-las uma última vez.

— Eu também... — Ele me segurou pelos ombros. — Mas a vida nem sempre segue o caminho que queremos. — Ele lentamente retirou as roupas dos meus braços e colocou na caixa novamente. — E só resta a nós pedir entendimento. Venha... — Ele me ajudou a levantar e me guiou para fora do quarto, mas antes de sair, eu olhei novamente para dentro.

— Será que um dia vai parar de doer? — Meu queixo tremeu e eu engoli em seco.

— Acho que não, filho. Mas nós temos que aprender a conviver com essa dor.

— É que às vezes é tão difícil.

— Eu sei...

— Não tranca... — pedi.

— Ju... — Ele hesitou.

— Eu não vou entrar, prometo.

— Então por quê?

— Porque assim eu vou me sentir menos distante delas, pai. Por favor.

Meu pai respirou fundo e alisou a têmpora.

— Tudo bem. Vou confiar em você.

— Obrigado. — Eu o abracei. — Phillipi já foi?

— Sim. Expliquei a eles onde você estaria. Eles entenderam seu sumiço repentino.

Sorri, mesmo que estivesse triste.

— Vamos almoçar agora, já passa das duas da tarde! — Ele seguiu para a cozinha.

Não estava com fome, mas era prudente me alimentar.

— Pai... — O chamei de volta antes dele descer as escadas, mas não soube como me expressar e resolvi deixar para lá — Não...nada... — A verdade é que eu também precisava conversar com alguém que pudesse me

dar o entendimento para tudo o que tinha acontecido e tudo o que eu vinha sentindo. Era um sentimento muito devastador.

Meu pai deu um passo na minha direção e me segurou pelos ombros.

— Juliano, você não teve culpa de nada. De nada mesmo.

— Eu sei disso — disse cabisbaixo, mascarando meu sofrimento. Passei por ele e fui para a cozinha sem dizer mais nada, eu estava cansado e falar sobre o passado estava acabando comigo.

Almoçamos e não tocamos mais no assunto.

O resto do dia foi sacrificante, principalmente porque eu não consegui parar de pensar no Caio e em tudo que iríamos conversar no dia seguinte e as consequências dessa conversa. Sorte minha que meu pai faltou à aula para ficar comigo e tê-lo ao meu lado foi reconfortante de certa forma.



Na manhã seguinte, eu já estava roendo as unhas de tão ansioso, me sentindo como aquele garotinho de oito anos na primeira vez que Caio foi à minha casa em Santa Maria. Tinha acordado mais cedo que o habitual, arrumado meu quarto, tomado banho, café da manhã, escovado os dentes, colocado uma bermuda apenas e a todo instante olhava o celular esperando quaisquer notícias sua.

Papai tinha saído cedo para fazer compras e eu estava na sala de estar andando de um lado para o outro, coração a mil por hora e um frio desmedido na barriga a cada vez que imaginava Caio entrando pela porta.

Quando uma moto parou em frente à minha casa, meu peito disparou no peito. Caio desceu e largou dois capacetes na grama, ele estava ainda mais lindo do que eu poderia imaginar. Calça jeans, camisa branca, tênis e eu queria me atirar em seus braços. Do vidro da sala podíamos nos ver, e o seu sorriso, quando seus olhos azuis alcançaram os meus castanhos, me fez perder o ar. Eu inflei o peito e abri a porta.

— Garoto estrela! — Ele disse subindo a rampa.

— Caio. — Saí pela porta, desci uns passos e o abracei com força, apertado, necessitado, cheio de saudade. Caio podia ter pisado feio na bola comigo, mas era inegável que sua presença me fazia bem.

— Meu menino... — Ele me abraçou de volta e foi me conduzindo para dentro de casa, abraçado a mim. — Que saudade louca! — Ele tinha o rosto fundo na curva do meu pescoço.

Sorri ao ouvi-lo que sentia saudades minhas. Nos soltamos assim que entramos em casa. Ele beijou minha bochecha.

— Seu pai? — Ele perguntou.

— Ele saiu. — Fiz uma careta e cocei a nuca.

— O quê?

— Nada. — Dei de ombros. — É só que...éhh...eu contei pra ele, sobre nós.

— VOCÊ O QUÊ? — Seus olhos azuis cresceram demasiadamente.

— Foi uma conversa importante, Caio. Desabafamos, choramos e eu acabei contando.

— Puta que pariu! — Ele levou as duas mãos à cabeça.

— Ah, nem acredito! — Dona Aurélia apareceu na sala. — Caio!

— Dona Aurélia... — Caio sorriu forçado e foi até ela. — Que saudade! — Ela a abraçou.

— Que bom te ver de novo. Como você tá? — Eles se soltaram do abraço e Dona Aurélia alisou sua face. — Sempre bonito.

— Eu tô bem. Com saudades de todos.

Eu os observava. Caio era sempre gentil com todo mundo. Lindo, inteligente, jovem e sempre muito educado. Eu o admirava, e talvez por esta razão, eu ainda o amava.

Depois dos cumprimentos, Dona Aurélia voltou para a cozinha e Caio virou-se para mim. Sentia que o clima entre nós dois era mais ameno, como se saber que ele estava ali para me esclarecer todas as dúvidas sobre ele e sobre nós tornasse a coisa toda mais fácil de lidar. Era o poder da verdade.

— Quero te levar num lugar, se arrume rápido antes que seu pai chegue em casa, não sei como vou encará-lo depois dessa.

— Achei que a gente ia conversar. — Não disfarcei o desapontamento.

— Nós vamos. — Ele veio na minha direção. — Lá. — Ele segurou minha nuca e beijou minha testa. — Agora vá se arrumar, vai. — Ele me empurrou para o quarto e deu um tapa na minha bunda.

— Tá bom. Vou vestir uma blusa.

— Coloque um tênis, já que vamos de moto.

— É sua? — perguntei alto achando que ele me esperaria na sala, mas ele veio atrás de mim.

— Emprestada.

Assim que entramos em meu quarto, vasculhei os quatro cantos com o olhar, verificando se tinha alguma coisa fora do lugar.

Peguei o tênis e calcei, vesti uma camisa de algodão, passei perfume, e a todo instante ele me observava. Eu estava eufórico, mas também estava com medo da nossa conversa, principalmente porque ele preferiu conversar num campo neutro e não na minha casa.

Assim que descemos as escadinhas, papai chegou com o carro.

— Merda! — Caio sussurrou e se escondeu atrás da parede que fazia divisa da sala com a cozinha.

Papai entrou em casa. Eu estava ao lado do Caio e podia ver tanto meu pai como o Caio, mas ambos não conseguiam se ver.

— De quem é aquela moto? — Papai perguntou ao colocar seu celular, chave do carro e carteira em cima do aparador. — Vem me ajudar com as compras.

Fiquei parado e mudo. Rosto queimando de vergonha e Caio com a cabeça tombada para trás e olhos apertados de como quem pede coragem aos céus.

— O que você *tá* esperando? Vem logo! — disse papai já na porta.

— Pai, Caio *tá* aqui.

— Não! — Caio sussurrou. — Merda! — Ele praguejou e saiu de trás da parede. — Oi tio... quer dizer... Major. — Ele bateu continência. — Como vai? — Ele esticou a mão para meu pai.

Tapei a boca para disfarçar o sorriso aberto no meu rosto.

— O que você *tá* fazendo aqui? — Papai perguntou de forma dura, ignorando a mão de Caio.

— Pai. — Olhei do meu pai para mão de Caio.

Meu pai olhou para mão estendida de Caio e ainda demorou segundos para apertá-la.

— Eu vou levar o Ju pra dar uma volta. Tudo bem para o senhor? Prometo não demorar.

— Aonde vocês vão? — Papai nem sorria, e apesar de gostar da sua preocupação comigo, eu estava morrendo de vergonha.

— No Cajueiro, senhor.

Opa! Gostei.

Caio respondia como se estivesse no quartel falando com seu superior. Era engraçado.

— No Cajueiro de Pirangi? — A voz do meu pai se alterou. — Naquela máquina mortífera lá fora? — Ele apontou para a moto. — Nem pensar.

Caio abriu e fechou a boca, sem argumentos.

— Pai! — sussurrei decepcionado.

— Me ajudem a tirar as compras do carro. — Papai foi até o aparador e pegou a chave do carro. — Vão no meu carro. — Ele entregou a chave do carro a Caio.

— Obrigado, senhor.

— Tô de olho em você, moleque! — Papai deu uns passos de costas, encarando Caio e depois seguiu para a garagem.

Tiramos as compras do carro, levamos para a cozinha e entramos no carro com papai no nosso encalço, nos observando da varanda. Quando Caio deu ré, papai apontou para os dois olhos com os dedos e depois apontou para Caio.

— Meu Deus! — Revirei os olhos, inconformado com a atitude superprotetora de papai.

— Que vergonha! — Caio tinha todos os músculos dos braços retesados de tanta tensão.

No caminho expliquei a Caio os motivos de ter contado ao meu pai sobre nós dois. Ele achou engraçada minha reação despirocada de chamar a garotinha de feia e monstro, mas não me recriminou, pelo contrário, ele me apoiou e achou que a conversa com papai foi deveras importante, tanto para mim quanto para ele. Caio ficou feliz que papai tenha finalmente derrubado a muralha que o cercava e permitido que eu voltasse a fazer parte da sua vida.

— Que bom, Ju. Já era hora dessa conversa entre vocês. Fico feliz por vocês dois. — Ele disse enquanto procurava um lugar para pararmos.

Eu nunca tinha visitado o Cajueiro de Pirangi, considerado o maior cajueiro do mundo. Um lugar que você só acredita que existe de verdade quando vê com os próprios olhos. Distraí-me da nossa conversa observando os galhos e folhas do cajueiro pela grade que o impedia de avançar na rua que passávamos.

— Essas árvores já são o cajueiro? — perguntei.

— *Essa árvore.*

— Uma árvore só? — Duvidei que aquele mundo verde fosse somente de uma única árvore.

— Impressionante, não é?

— Uau! — Sim, era realmente impressionante.

— Essas grades de contenção são pra impedir que o cajueiro avance na Rota Sul. Do outro lado você vai ver que tem um caramanchão para que os galhos fiquem suspensos na avenida.

— Você já veio aqui?

— Sim, com o pessoal da minha turma, no ano passado, assim que chegamos na Base. Você ainda estava na casa dos seus avós.

— Hm. — Me limitei a dizer, mas no fundo queria perguntar se Ruriz estava com ele.

Caio estacionou o carro, descemos, ele comprou nossas entradas e entramos no Cajueiro por uma feirinha de artesanato. Primeiramente subimos um mirante logo na entrada, que dava para ver todo a extensão daquela árvore grandiosa.

— É frutífera? — perguntei. Estávamos no alto do mirante, mãos apoiadas no cercado e observando a imensidão verde aos nossos pés.

— Sim. Dá mais de duas toneladas de fruta por safra.

Virei-me para Caio.

— Você conhece bem isso tudo. — Não pretendia, mas acabei sendo irônico.

Ele riu.

— *Google* que sabe, eu só me informei um pouquinho. Queria te impressionar. — Ele segurou minha mão. — Vem, vamos ver por dentro.

Na escada ele desceu na minha frente e me pediu para segurar no corrimão para não cair.

— A primeira vez que eu vim aqui, me lembrei tanto de você. — Andávamos pelo labirinto de passarelas que cortavam o interior do cajueiro. Caio tinha as mãos no bolso.

— Lembrou de mim? — Eu olhava para todas as direções e só via árvore. Os galhos entravam e saíam do solo e esse era o grande mistério do Cajueiro, que ao invés de crescer para cima, cresceu para os lados, e com o peso, os galhos atingiam o solo novamente, criando raízes e se reproduzindo, como se fossem novas árvores, porém com o mesmo DNA. Uma obra prima da natureza.

— Olha em volta, Ju. — Caio abriu os braços e deu uma volta em torno de si mesmo. — Estamos dentro de uma árvore.

Foi então que meu coração acelerou. Realmente estávamos dentro de uma árvore, com todos os galhos e folhas nos cercando. Aquilo me remeteu diretamente para nossa árvore, nossa infância, nossos momentos juntos e toda a inocência e felicidade que nos cercava. Engoli em seco. Teria sorrido, mas não consegui, pois meu coração ficou apertado dentro do peito.

— O que foi, garoto estrela? — Caio percebeu que não tinha me alegrado. — Você não gostou?

— Eu amei, mas você me trouxe aqui pra conversar e eu acho que essa conversa não vai ser boa. — Eu pressentia.

— Por que não seria? — Ele deu um passo na minha direção e segurou meu rosto entre as mãos.

Dei de ombros. Minha respiração ficou pesada. Não sabia o que dizer. Sentia que, assim como a conversa com meu pai tinha sido libertadora, com Caio também seria. O problema é que, sobre ele, eu ainda não estava pronto para me libertar.

— Vem aqui... — Ele segurou minha mão e me levou para nos sentarmos num banco de madeira no canto de umas das passarelas. Apesar de ser sábado e o movimento no Cajueiro ser intenso, o local era ligeiramente isolado. — Você se lembra do que conversamos no dia do seu aniversário? — Ele me perguntou assim que nos sentamos, um de frente para o outro.

— Sim. — Como esquecer aquele dia? Eu lembrava de cada palavra, da sua promessa principalmente.

— Nada mudou. — Seus olhos azuis ligados aos meus.

— Você disse que ia me esperar...

— Sim...

— Jesus Cristo! — Apoiei o cotovelo no joelho e a cabeça na mão. — Eu tenho dezoito anos, Caio. Não oito. — Olhei novamente para ele.

— Eu sei. Eu tenho vinte e três. O que é o tempo para o amor? — Seus olhos brilharam.

— Responda-me! — gritei, já estava de saco cheio daquela conversa de idade e tudo mais. — Eu te amo hoje, Caio. Não sei se vou continuar te amando amanhã, e você simplesmente se nega a retribuir a este amor, mesmo querendo. — Minha voz embargou eu estava mais fragilizado do que poderia imaginar.

— Hei... você *tá* entendendo tudo errado! — Ele segurou minha mão. — Eu não vim aqui pra te repelir, Ju. Eu vim aqui pra gente conversar. Se acalme, sim. — Ele passou os nós dos dedos na minha bochecha.

Respirei fundo e me acalmei.

— Desculpa. Não sei o que deu em mim. — Não conseguia mais olhar em seus olhos.

— Me fale o que aconteceu entre você e o Ruriz. Como ele conseguiu aquela foto?

— Ele inventou um jogo de cartas... — Contei tudo para o Caio, do começo ao fim. Desde a hora que eu encontrei o Ruriz na lanchonete do clube até o momento que entrei no seu banheiro com o ânus ardendo e sangrando.

Ele ouviu com atenção e quando eu terminei, seus olhos estavam vidrados em mim, seu rosto vermelho e os lábios contraídos. Seu peito subia e descia. Caio então passou a mão na boca limpando o suor dali e se levantou, ficado de costas para mim.

— O Ruriz... — Ele limpou a garganta e virou-se para mim. — Merda! — Ele se sentou novamente, apoiou os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos. Estava tremendo.

— Caio?

— Eu vou matá-lo. — Ele rangia os dentes. — Eu vou matar o Ruriz! — Caio virou-se para mim e seus olhos estavam úmidos. Em seguida ele me abraçou apertado.

— Eu tô bem, Caio. — Eu o empurrei para olhar em seus olhos. — Eu sei o que você *tá* pensando, mas eu não me sinto violado. Me desculpa ser sincero, mas eu queria, pelos motivos errados, mas eu queria. E teria ido até o fim...

— Que motivos eram esses, Ju? — Seu olhar era de mágoa. — Me atingir? Me machucar? Ele realmente conseguiu o que queria, de todas as formas.

— Na verdade não foi por sua causa.

— Então por quê?

— Porque Phillipi tinha terminado o namoro comigo naquele dia, foi por raiva dele, e não sua. Sua também, mas mais do Lipe.

— Ouw! — Caio recuou para trás, se afastando de mim. — Que ótimo saber disso. Obrigado por ser sincero. — Voz dura.

— Você queria que eu mentisse?

— Não. Foda! — Ele respirou. — Mas independente das razões, o Ruriz não podia ter feito o que fez, e você foi muito errado em tê-lo acobertado. Maldito, filho da puta!

Soltei o ar com força pela boca, impaciente por perceber que a conversa estava seguindo um rumo que eu não tinha planejado.

— Caio... — Cocei a nuca molhada de suor. — Esquece a porra do Ruriz, vamos falar de nós dois, ok?! Ele me disse umas coisas sobre você. Que você tinha um poster do planeta Vênus na cabeceira da sua cama, que em todas as suas provas você desenhava uma estrela no canto da folha, e até que você ficava chorando e conversando com o tal poster em plena madrugada...

Caio se acabava de rir a cada frase que eu pontuava.

— Você *tá* achando engraçado, mas foi muito bizarro saber isso tudo... — Estava irritado com suas risadas.

— É mentira, Ju! Pelo amor de Deus. — Ele parou de rir e segurou minhas mãos entre as suas. — Olha, o Ruriz é o cara mais inteligente que eu conheci na vida. Ele foi o número um da turma pra você ter uma ideia, mas em contrapartida, ele imagina coisas e defende como se fosse uma verdade absoluta. Ruriz precisa de tratamento. Não caia na dele, por favor.

— Então é tudo mentira? — Apesar de bizarro, no fundo, que queria que fosse verdade.

— Nem tudo é mentira. Eu realmente tinha um poster do planeta Vênus na cabeceira da minha cama, que comprei numa feira de usados por apenas um real. Qual o problema disso? Me fazia lembrar você, e daí? Quanto às

provas, sim, eu desenhava uma estrela no canto da folha, mas não é como parece. Ju... — Ele me olhou firme nos olhos, sua expressão era tão suave que parecia que falar sobre aquilo lhe trazia paz. — Quando eu disse que te amava, lá no alto da nossa árvore, eu não estava mentindo. Eu sentia sua falta sim e acreditava que você me daria sorte nas provas. E quando eu tirava uma nota alta, eu até beijava o poster... — Ele riu com a lembrança.

— Ele disse isso também...

— Mas não da forma doentia como ele quis insinuar. E sim, teve uma vez que eu acordei de madrugada e chorei sim, porque sua mãe tinha morrido e eu queria estar com você e não podia, porque você estava na casa dos seus avós, era mês de outubro, semana do avião e semana de provas. As coisas são como elas são e não como parecem ser.

— Ele me disse que você frequentava um clube sadomasoquista em São Paulo.

— Eu fui nesse clube uma vez apenas.

— Ele disse que você ia lá com frequência.

— Santo Cristo! — Caio respirou fundo. — Eu ia a São Paulo com frequência pra me consultar com uma psicóloga, porque eu não queria que na AFA soubessem que eu estava fazendo terapia.

— Por que não?

— Não era prudente.

— Porque você não queria que ninguém do meio militar soubesse sobre você e sobre nós. — Afirmei, sentindo meu coração acelerar, pois eu já sabia a resposta.

— Sim.

Meus olhos nadaram em lágrimas. Eu tinha constatado o óbvio.

— Sabe qual é o nosso grande problema, Caio? — Minha voz travou.

— Hm... — Ele olhou para mim.

— Seu sangue é azul.

— Como? — Ele franziu a testa.

— Seu sonho sempre foi ser piloto da Aeronáutica, desde garoto. Só que você se apaixonou por mim. Você diz que quer esperar eu crescer, virar homem, mas a verdade é que você não tem coragem de me deixar.

— Nada a ver, garoto estrela. — Ele desconversou, mas eu estava certo nos meus argumentos, então continuei.

— Você me ama de verdade e eu acredito nisso, mas você também ama ser piloto. E quando você diz que vai me esperar, na verdade você espera mesmo que eu me apaixone por alguém, que te esqueça e então você não vai precisar abrir mão do seu outro sonho, que sou eu, porque a escolha vai ter sido minha e não sua.

— Não... — Ele sussurrou entre dentes.

E eu acreditei ter enfiado o dedo na sua ferida mais profunda.

— Alguns sonhos são incompatíveis com outros e muitas vezes você precisa escolher entre um e outro e ser feliz com sua escolha. Você fez a sua escolha, Caio.

— Isso não é verdade, Ju. — Ele me segurou pelos braços. — O tempo foi nosso principal inimigo. Não meus sonhos. Meu tempo de entrar na AFA tinha chegado e você só tinha doze anos. Não foi uma escolha.

Livre-me dos seus braços e me levantei, porque estar muito próximo a ele, naquela situação de confronto, poderia me enfraquecer e então eu não iria conseguir falar tudo o que precisava.

— Foi uma escolha sim, porque você sempre soube que ser militar e viver comigo seriam duas coisas incompatíveis.

— Eu só tinha dezessete anos, Ju. Não me culpe por tomar decisões

quando eu era apenas um garoto totalmente influenciado pelos pais e pelo meio que vivíamos.

— Não estou te culpando. Nem te cobrando. Mas é tão claro pra mim a nossa situação quanto o azul dos seus olhos. Nós nos amamos, mas você também ama ser piloto e eu nunca vou te impedir de viver isso. É a sua vida.

— Por favor, Ju. Não faz isso. — Ele passou as mãos no cabelo. Seus olhos suplicavam para que eu não fosse adiante com aquela conversa tão necessária e definitiva.

— Me responde uma coisa... — Ele se levantou e ficamos frente a frente. — Se eu te chamasse hoje, pra morar comigo, você iria?

Olhei para o lado, por cima do ombro, suor escorrendo pela testa, ponderando sua pergunta, imaginando se eu teria coragem de abandonar meu pai e todo o nosso projeto de futuro.

— Não — respondi secamente.

— E por que não?

— Porque nosso momento ainda não chegou.

— Por que nosso momento ainda não chegou? — Ele perguntou, duvidando da minha resposta. — Você ouviu o que acabou de dizer?

— Claro que eu ouvi, Caio! — Não seria possível que ele estivesse falando sério e que sua proposta fosse real. — O que você esperava? Que eu largasse tudo e fosse morar com você depois de tudo o que aconteceu? Depois de você me trair com o Ruriz, me dar um tapa na cara e ainda me pedir para te esperar? — E a descarga emocional me atingiu em cheio. — Eu não tenho sangue de barata, porra! — Comecei a chorar. — Você nem ao menos sente tesão por mim! — Limpei o rosto na camisa e controlei o choro. — Saco!

— Quem disse que eu não sinto tesão por você? — Ele perguntou aos sussurros depois de dar um passo à frente. — Eu sinto um tesão da porra por

ti. Só de imaginar ter você eu já fico doido. E sobre o Ruriz, caralho, eu achei que a gente já tinha conversado sobre isso.

— Não conversamos, Caio. Você me disse que o deixou pra ficar comigo, mas ele te ameaçava e você cedia porque gosta de sexo *hard*, que nunca vai fazer comigo e sim com ele...

— Você enlouqueceu, não é nada disso... — Ele me interrompeu.

— É exatamente isso... — Já estava berrando. — Você me ama, mas na hora do vamos ver, é ele que você quer!

O queixo do Caio caiu e ele ficou me encarando como se eu tivesse perdido a cabeça e enlouquecido de vez. Fiquei tão sem palavras com seu olhar preso ao meu que me virei de costas, pois não suportei sua reprovação silenciosa.

— Merda — resmunguei.

— Ju... — Ele se aproximou e me segurou pelos braços. Fiquei imóvel enquanto ele falava agora num tom baixo e manso. — Eu nunca trocaria você por ninguém, principalmente pelo Ruriz. Eu não nego que errei, que fui fraco, que me deixei levar pelo sexo fácil e sujo que ele me dava. — Caio me virou para olhar em meus olhos. — Sobre isso, eu já te pedi perdão e te peço novamente e quantas vezes você precisar. Mas quanto a não querer ter sexo *hard* com você, eu acho que me expressei mal. — Ele falava com cautela, medindo as palavras. — Não é que eu não sinta vontade com você, mas você era virgem, Juliano e eu não sou um brutamontes. Eu queria te dar prazer, queria que seus momentos comigo fossem...sublimes. Eu não amo e nunca ameí o Ruriz. Esse sentimento que eu carrego no meu peito desde os treze anos de idade só pertence a você, eu só não queria te machucar. Eu pedi sim para você me esperar e isso não tem nada a ver com o Ruriz ou com qualquer outro. Eu só queria que você crescesse mais. E quando eu te vi com aquele garoto, no dia do seu aniversário, eu entendi que você tinha o direito de viver aquilo, já que sua adolescência foi marcada por tanto sofrimento.

— Não... — As lágrimas vieram em cascata. Tentei me livrar de suas mãos.

— Sim. — Ele insistiu em segurar meu rosto e manter nossos olhos conectados. — Eu te amo tanto que sou capaz de renunciar a você se isso for preciso pra você ser feliz. Ruriz foi um deslize na minha vida e ele não significa nada pra mim. Absolutamente nada. Você é tudo. Só que eu jamais poderia te tirar de casa naquela situação.

— Que situação? — Já não me importava em chorar.

— A situação com seu pai, garoto estrela. — Ele me abraçou. — Vocês precisavam ficar de boa. Você viu como ele reagiu comigo só de saber que ficamos juntos, imagina antes, quando ele estava fora de si e te tratando daquela forma.

Ter os braços de Caio em volta do meu corpo era acolhedor. Um sentimento estranho, já que parte dos meus problemas era provocado por ele mesmo.

— Talvez ele tivesse te agradecido.

— Ou talvez ele me fizesse ser expulso da Aeronáutica.

E lá vamos nós!

— Aeronáutica... — Me livrei do seu abraço.

— O que foi, Ju? — Ele perguntou desapontado.

— Me responde agora você, Caio... — Olhei firme em seus olhos, pela primeira vez enxergando Caio de uma forma diferente, mas ele era o mesmo, e então eu entendi que não era ele quem tinha mudado, era eu. — Se eu aceitasse morar com você hoje, quem eu seria na sua vida?

— Como assim?

— Como você me apresentaria aos seus superiores, aos seus pares, ao comandante da Base que você *tá* servindo? Como seu namorado, seu parceiro, seu homem? — E mais uma vez minha decepção sendo exposta em minha voz.

Ele ponderou minha pergunta e respirou fundo antes de responder, mas sua expressão disse tudo. Ele olhou para baixo antes de me encarar e negar com a cabeça.

— Ju... — Seus olhos marejaram.

Dei um passo à frente e ficamos cara a cara, pois eu não queria mais gritar, nem brigar. Eu queria paz.

— Como eu te disse antes, Caio. Seu sangue é azul. A Aeronáutica está nas suas veias. — Eu não era burro, Caio tinha feito a escolha dele, eu teria apenas que respeitar.

— Por favor, tenta entender... — Sua voz quase inaudível. — Ser piloto de avião é tudo o que eu tenho e tudo o que eu sei fazer.

— Eu sei. — Então eu sorri, porque Caio tinha feito sua escolha e era hora de eu fazer a minha.

Eu não o culpava e jamais cobraria dele uma posição. Seu sonho azul foi a chave que eu precisava para abrir os cadeados que me aprisionavam a ele e eu simplesmente me liberei daquelas correntes. Ele queria voar, mas eu também queria. Segurei seu rosto entre as mãos.

— Eu te amo, Caio. Eu sempre vou te amar. Sempre. — Engoli em seco. — Mas você fez sua escolha, admita isso!

— Oh Deus! — Ele me abraçou com força.

Choramos abraçados. Era o choro da despedida. Nos apertamos e choramos mais, porque doía demais, tanto para mim quanto para ele. Talvez não fosse o fim definitivo, mas eu sabia que daquele dia em diante, eu estava iniciando um novo ciclo na minha vida e com a certeza de que tinha vivido momentos inesquecíveis ao lado daquele homem, e eu o levaria comigo aonde quer que eu fosse.

Quando não restavam mais lágrimas, nos soltamos e enxugamos os rostos com nossas camisas, já banhadas de suor por causa do calor extremo.

— Eu quero te pedir uma coisa... — Ele me encarou com os olhos ainda úmidos e eu assenti. — Não me diga adeus.

Meu coração se quebrou e eu sorri, me controlando para não chorar novamente.

— Nunca — sussurrei.

Nos beijamos. Não era necessário expressar em palavras aquilo que já sabíamos, aquele beijo era o nosso adeus.

Depois do beijo ainda conversamos um pouco sobre coisas triviais, como dois bons e velhos amigos. Não foi difícil passar o resto do dia em sua companhia, difícil foi quando ele foi embora.

Passamos o dia juntos. Tomamos banho de mar, almoçamos num restaurante ali perto e Caio me deixou em casa por volta das sete da noite, pois ele pegaria o voo de volta para casa por volta das dez horas. Não conversamos mais sobre nós dois, nem sobre futuro ou espera. Foi um dia bom, apesar de tudo. Nos despedimos com abraços apertados e a certeza de que amávamos iguais, mas nosso tempo era diferente.

Caio se despediu de papai e foi embora. Eu sabia que ele não tinha ido embora da minha vida, mas o vazio que ficou quando ele partiu me consumiu. Entrei em meu quarto, abracei meu travesseiro e chorei. A tristeza não era só minha, ela ocupava os quatro cantos do meu quarto, da minha casa, daquela vila.

Papai entrou no quarto minutos depois, sentou-se na beirada da minha cama e apertou meu ombro.

— Vai passar, eu te garanto.

— Hmrrum. — Não olhei para ele, mas me agarrei em suas palavras como um náufrago se agarra em um bote salva vidas.

— Vá tomar um banho gelado e venha jantar com seu pai. — Ele assanhou meu cabelo e saiu do quarto.

Fiz como ele pediu. O banho gelado me fez bem. O misto quente que ele tinha preparado também. Desconectei-me do mundo o resto da noite e dormi mais cedo do que esperava.

Acordei com o sol escaldante das cinco horas entrando pela janela do meu quarto. Papai dormia, o domingo era silencioso e eu precisei sair de casa para não entrar naquele bendito quarto ao lado do meu.

Cheguei ao clube e não tinha uma viva alma ali, apenas o Permanência, os saguis e os passarinhos, mas também não eram nem sete horas da manhã. A piscina estava tão limpa e límpida que o sol reluzia na água como pequenos diamantes. Mergulhei de cabeça. Nadei de um lado para o outro naquela piscina semiolímpica até meus músculos ficarem extenuados. Depois boiei, braços e pernas abertas como uma estrela do mar. A piscina era só minha. A água abafava os sons exteriores e ali eu me permiti refletir sobre a vida.

A conversa com Caio tinha corrido bem no dia anterior, mas depois de uma noite de sono e um tempo para pensar, eu me sentia como um pássaro ferido, querendo ganhar o mundo, mas machucado demais para conseguir voar. Tê-lo apenas eu meu coração e pensamentos não era suficiente para mim e mais uma vez eu teria que me conformar com a ausência. O problema é que *as ausências* começaram a me sufocar e a me engolir.

Então eu nadei até a quina, e na parte mais funda, apoiei os pés e as mãos em cada canto da parede, costas coladas na quina e me impedi de submergir. Gritei o mais alto que pude, arranhando minha garganta e bolhas escaparam da minha boca assim como as lágrimas dos meus olhos. Teria permanecido ali, sem fôlego, até desmaiar, se não fosse pelo mergulho de algum louco como eu, por estar na piscina em pleno domingo e tão cedo pela manhã. Pela negritude do vulto, soube de cara quem era: Emílio.

Emergi. Respirei. Emílio não me viu. Um sorriso se abriu em meus

lábios. Podia estar triste, mas ainda era o mesmo Juliano de sempre. Nadei até ele apenas com os olhos e o nariz de fora, fazendo o máximo de esforço para agitar a água o mínimo possível. Quando estava quase chegando perto, ele se virou e assim que me viu, deu um berro estrondoso e um pulo para trás. O susto foi tão grande que ele jogou água na minha cara de tanta raiva. Eu gargalhava alto e acabei engolindo água, que me provocou um acesso de tosse em seguida que me deixou com a garganta ardendo.

— Porra! Seu fodido! — Emílio me xingava e jogava água em mim. Tive que me afastar para conseguir recuperar o fôlego e conseguir controlar a tosse.

— Tua cara de pavor foi hilária... — Mais um bocado de risada.

— Meu coração *tá* disparado, cara. Isso foi covardia.

— Desculpa, Emílio. Eu ia mesmo te dar um susto... foi melhor do que imaginei. — Parei de rir, de tossir e fui cumprimentar meu amigo. Estendi a mão, ele apertou e depois mergulhou, emergindo em seguida, balançando a cabeça para todos os lados, fazendo a água respingar em mim.

— Para de se mostrar, hétero! — Joguei água nele. Ele riu.

— O que aconteceu? Te liguei ontem, fui na tua casa, e nada de ti.

— *Tava* com o Caio.

— Voltaram? — Fomos nadando até a parte mais rasa e nos sentamos na borda, lado a lado.

— Não. Pior. Foi uma despedida — suspirei.

— Por isso *tá* aqui tão cedo.

— Hmrrum.

Ficamos em silêncio e então eu entendi seu recado. Eu estava mal e vim espairecer na piscina. E ele?

— E você?

Emílio me encarou, mas não conseguiu responder e simplesmente mergulhou de volta na piscina.

— HEI! — O chamei de volta, mas acabei mergulhando atrás dele. — O que houve?

— Val não está grávida.

Sufoquei.

— Como assim a Val não *tá* grávida, cara? Ela mentiu esse tempo todo? — Meu coração parecia meio oco naquele momento.

A falta de perspectiva pode ser muito perigosa, gera uma angústia persistente e um sentimento depressivo em relação ao futuro, pois o medo do que possa vir está sempre nos rondando, como uma nuvem escura que nunca sai da frente do sol.

Como poderia eu, alimentar sentimentos de amor e esperança, se eles estavam sempre sendo arrancados de mim? Acredito que se não fosse o projeto do meu pai sobre abrir um negócio para mim eu teria sucumbido no dia que descobri que Valquíria não teria um bebezinho. Parecia descaso do destino, como se o universo tivesse olhado para mim e berrando: “Foda-se você e seus sentimentos!”

— Não, ela não mentiu. Ela *tá* grávida...

— Ela *tá* grávida ou não *tá*, Emílio? Não existe meio grávida, caralho! — esbravejei.

Emílio respirou longamente. Eu estava aturdido, mas ele estava triste, então baixei minha bola. Ele seria o pai e não eu, ele tinha mais direito de sofrer que eu.

— Vamos sair da água que eu te explico. — Ele nadou até a borda.

Não entendi por que ele não poderia falar dentro d’água, mas respeitei sua

vontade e o segui. Sentamo-nos novamente na borda da piscina, o sol secando nossas costas enquanto nossos pés permaneciam submersos. Emílio apoiou as mãos atrás de si e reclinou o tronco e a cabeça para trás, apertando os olhos por causa da claridade excessiva do céu sem nuvens. Esperei pacientemente ele começar a falar.

— A Val fez uma ultrassonografia na sexta-feira... — Ele continuava na mesma posição, tive que quase quebrar o pescoço para olhar para ele.

— Sim, ela me disse. Tinha até um nome diferente esse ultrassom, certo?

— Isso, ultrassonografia morfológica fetal. — Emílio reclinou-se para frente. Agradei mentalmente, pois estava desconfortável para mim. — Serve para ver o desenvolvimento do feto e detectar algum tipo de má-formação.

Senti um baque no peito e uma vontade de vomitar. Imediatamente lembrei-me da aula de biologia sobre aberrações cromossômicas.

— E? — perguntei, mas nem queria mais ouvir.

Não sei bem explicar por que me senti mal, talvez por eles serem tão novos e tão despreparados, assim como eu, que só de imaginar um bebê com má formação, minha cabeça girava. Eu só enxergava uma criança ciclope, com a cara e o corpo do corcunda de Notre Dame, babando e falando “dã dã dâaa”.

— E daí que o ultrassom detectou que ela não tinha nada, é uma gravidez anembrionária, ou seja... — Ele olhou para mim. — Uma gravidez sem embrião.

— E isso existe?

— Pior que existe, não é comum acontecer, mas existe. E não é que eu estivesse querendo ser pai. Mas é que eu fiz planos, entende? De repente eu tinha tudo montado, Val moraria comigo, nós criaríamos o nosso filho juntos e nos apoiariamos na construção de nossas vidas. Ia ser barra, eu sei, mas com ela ao meu lado, tudo ia fazer sentido. Só que agora...parece que eu vivi um sonho impossível. Como um castelo de areia que você demora horas

construindo e de repente a onda do mar leva embora em um segundo.

Eu entendia perfeitamente o que ele queria dizer, pois de certa forma, era assim que eu me sentia em relação a Caio. Eu tinha planos, eu tinha esperança e o mais doloroso de tudo, eu ainda o amava. Mas ele escolheu a Aeronáutica, jogou fora sua promessa de me esperar e simplesmente se retirou do meu plano de vida. Dez anos construindo um castelo e ele se foi, assim como os planos do Emílio em construir uma família com a Val.

— Poxa, que barra!

— E de repente minha vida ficou tão vazia quanto o saco gestacional da Val. — Ele disfarçou os olhos rasos d'água.

Senti-me penalizado pela sua dor e me senti na obrigação de confortá-lo e animá-lo, afinal, ele e Val tinham todo o tempo do mundo para construir a família que ele mesmo idealizou. Diferentemente de mim, que tinha que me contentar em construir minha vida sozinho. E analisando a minha vida hoje, posso afirmar que a solidão me fez mais forte e me livrou da dependência emocional que eu tinha do Caio.

— Sua vida não está vazia, amigo. E parando pra pensar, foi melhor assim. Você e a Val vão poder planejar melhor essa vida a dois que vocês tanto querem.

— Eu sei. Ela me disse isso tudo.

— E como ela tá? — Fiquei me perguntando se ela teria me ligado no dia anterior.

— Tá melhor que eu... — Emílio olhou para mim e sorriu tristemente. — Eu acho.

— Val é inteligente. Ela sabe a barra que seria ter um filho agora e todas as dificuldades que vocês teriam que enfrentar...morar com sua mãe e tal... — Encolhi-me ao falar, pois apesar do Emílio não se dar bem com a mãe, eu não tinha o direito de falar mal dela.

Ele me encarou e sorriu.

— Quando contei aos meus pais que a Val não estava grávida, mamãe ficou arrasada.

— Sério? — perguntei surpreso.

— Sério. Ela chorou muito. Não entendi muito bem, achei que ela ficaria feliz.

Lembrei-me da conversa com meu pai, na sexta feira e do seu desabafo.

— Talvez ela também tenha feito planos. Por que você não conversa com ela, Emílio?

— Conversar o quê? — Ele me olhou intrigado, quase indignado.

— Sobre vocês. — Então contei a Emílio toda conversa que tinha tido com meu pai, em alguns momentos tive que tomar ar, pois estava sufocado de emoção. — Desde o início do ano que ele vinha mudando, mas essa conversa foi definitiva, sabe? Ele me pediu perdão e eu o perdoei, porque ele é meu pai né? — Calei-me, senão as lágrimas viriam em cascata.

— Não sei, mamãe é complicada...

— Ela ia ser avó, de qualquer forma.

— Ah merda! — Ele passou as mãos no rosto e depois respirou fundo e soltou o ar com força num grito de desabafo. — Eu vou pra casa. — Ele se levantou e apertou meu ombro. — Valeu pela conversa, amigo. Se eu não fosse hétero te beijava na boca agora.

— Idiota! — Joguei água nele que deu um pulo para trás. Ele seguiu para sua casa e eu decidi voltar para a minha, mas sem conseguir tirar a imagem do bebê *dã dã dã* da cabeça.

Quando cheguei em casa, papai gritou da cozinha.

— Filho?

— Eu! — respondi. O cheiro de ovo frito invadiu minhas narinas e meu estômago se apertou de fome.

— Já tomou café da manhã? — Ele perguntou assim que me sentei à mesa.

— Não.

— Quer ovo?

— Hmrrum... — Peguei um guardanapo, recostei-me no encosto da cadeira e dobrei aquele papel até formar um minúsculo quadrado. Depois o pressionei entre as mãos, apertando com força. Meus olhos marejaram e eu engoli o choro. Não sei explicar a razão, mas eu me sentia como aquele pequeno guardanapo, pressionado pelas paredes da vida.

— Aqui... — Papai colocou os ovos na mesa juntamente com umas salsichas que ele tinha aferventado.

— Obrigado — sussurrei.

Servi-me de café com leite e tomamos nosso café da manhã em silêncio, e apesar do cheiro bom, a comida não estava tão apetitosa. Estava amarga. Ou era eu, não sei.

— Pai... — sussurrei.

— Sim...

— Eu acho que tô precisando de ajuda. — Minha garganta travou.

— Precisando de ajuda? — Ele limpou a boca com um guardanapo — Pra quê?

— Eu... eu não tô bem... — Minha respiração acelerou assim como meus batimentos cardíacos.

— Quer ir à emergência? — Ele colocou a mão na minha testa, verificando se eu estava com febre.

— Não. — Eu tinha pressa, mas meu problema não era pontual, não era patológico.

— E o que você *tá* sentindo?

Essa era uma pergunta difícil de responder, porque nem eu mesmo sabia explicar o que estava sentindo, eu só sabia que não era bom. Então resolvi explicar dizendo o que tinha acontecido na piscina.

— Hoje, quando eu estava na piscina, eu mergulhei bem fundo e fiquei lá até perder o fôlego, e eu teria permanecido lá se não fosse o Emílio mergulhando em seguida. Eu não queria emergir, pai... eu queria afundar cada vez mais... — Controlei o choro, mas meus olhos nadando em lágrimas não negaram que eu realmente precisava de ajuda.

Os olhos do meu pai cresceram e ele buscou ar. Ele então colocou sua mão sobre a minha e apertou com força.

— Pode ser amanhã? Porque hoje é domingo, vai ser difícil encontrar a ajuda que você *tá* precisando. — Meu pai tinha os olhos vidrados nos meus. Seus lábios de repente ficaram sem cor.

— Pode ser amanhã. Eu não vou pra aula mesmo... — Dei de ombros e tentei sorrir.

— De qualquer forma eu estou aqui, filho.

— Eu sei pai... — Levantei-me, pois sabia que prolongar aquela conversa me traria uma cara inchada e dor de cabeça de tanto chorar. — Vou tomar banho que eu *tô* fedendo a cloro.

— Vamos almoçar no shopping hoje? Depois a gente vê um filme, o que acha? — Ele perguntou quando eu já estava na porta da cozinha.

— Ótima ideia. — Subi as escadas e fui para o meu quarto. Liguei meu celular e liguei para a Valquíria.

Conversamos por mais de uma hora. Ela me falou sobre a sua gravidez anenbrionária e que ainda iria demorar mais uns quinze dias para voltar para

Natal, pois ela iria fazer uma curetagem e ia precisar ficar de repouso uns dias. Contei a ela sobre meu pai, sobre o Caio, ela me falou do Emílio e de como ela estava ainda mais apaixonada por ele, por todo amor e apoio que ele estava dando, mesmo estando léguas de distância. Ela não parecia triste, mas estava diferente, mais madura talvez. Talvez a possível gravidez e a perda de um filho que nunca existiu tivesse feito ela enxergar as coisas de uma maneira diferente. Chamamos isso de “sinais”, coisas que acontece na vida da gente, que não podemos explicar, mas que tem o propósito de nos ensinar alguma coisa, ou de nos modificar para melhor ou pior. Eu estava modificando aos poucos, era uma mudança positiva e dolorosa, e eu não conseguia compreender os sinais e portanto precisei de ajuda profissional que me valeu de grandes reflexões, autoconhecimento e me tirou da beira do abismo que eu me via caindo a todo instante, e as nuvens escuras aos poucos foram saindo da frente do sol.

Quando encerrei a ligação com a Val, mandei um emoji de coração para ela, ela me mandou uma lagarta, eu mandei um unicórnio, ela me mandou um zumbi, eu mandei um trator e ela me mandou o dedo médio. Não mandei resposta. Tomei meu banho, me deitei, dormi um pouco e meu pai me acordou já perto de meio dia. Passamos o domingo juntos. Acho que no fundo ele ficou com medo de me deixar sozinho.



Estudar em casa estava sendo até produtivo. Phillipi me passava as matérias e os assuntos a cada aula e eu ia estudando conforme o horário. Acordava cedo e seguia os mesmos horários da escola, de entrada, intervalo e saída. À tarde, logo na segunda feira meu pai marcou uma consulta com a psicóloga da Base e então eu comecei a fazer terapia. Foi a decisão mais acertada da minha vida. Foi ela mesma que me aconselhou a organizar meu horário de aula dessa forma. Quando tinha dúvidas, perguntava a Phillipi, que por sua vez perguntava ao professor que respondia para mim. Ele estava sendo parceiro, uma forma de me agradecer por ter defendido Elisabeth daquela criança desalmada.

A turma inteira me mandava mensagens de força, apoio e amizade. Um garoto que era tido como “o mudo da turma” por nunca abrir a boca, de

repente virou símbolo de justiça e amizade verdadeira. De amizade principalmente, porque quando me questionaram no grupo os motivos de eu ter feito o que fiz, sendo que nem estava mais namorando com o Phillipi, respondi que não fiz por ele e sim pela Elisabeth, que era minha amiga.

E esta foi a razão de eu ter recebido o convite mais inusitado do ano. Somente na minha escola uma pessoa passa quinze dias suspensa por gritar com uma garotinha e é convidada pela comissão de formatura para ser o orador da turma. Fiquei feliz e agradeci, mas precisei de explicações, afinal, por que eu? Já que estudava naquela escola há menos de dois anos enquanto outros estavam lá desde o jardim da infância.

A resposta me comoveu: porque você é muito foda!

Engraçado é que eu não me achava foda, pelo contrário, eu me achava invisível e se não fosse pelo Thomas, acredito que nunca, ninguém teria dado conta da minha existência naquela sala. Ele foi o único que me notou. Aos poucos eu fui me enturmando e quando dei por mim, seria o orador da turma no meu último ano de escola.

Porra, eu era foda!

E falando no Thomas e lembrando da conversa com a Val sobre sinais, ele me ligou na última semana de suspensão. Quando vi o trem azul de *Thomas e seus amigos* na tela do meu celular — a foto que eu usava no contato dele — fiquei surpreso.

— Não aguentou de saudade né?! — disse ao atender. Tinha acabado de chegar da psicóloga e a sessão tinha sido bem difícil. Meus olhos estavam inchados e minha voz fanhosa de tanto que eu chorei ao falar da minha irmã. Mas eu me sentia bem de toda maneira.

— Cala tua boca. Te liguei pra pedir um favor.

— Manda. — Me joguei na minha cama e tirei os tênis com a ponta dos pés.

— Então, é que eu pedi pro professor de física me tirar umas dúvidas e

ele me sugeriu estudar contigo, já que suas notas são as melhores...

Sentei-me na mesma hora.

— Ué... já é! Onde? Tu sabes que eu moro quase na Paraíba, né?

— Exagero da porra, *boy*! Eu vou aí, pode ser amanhã de tarde?

— Pode sim. Vou te mandar o localizador.

— Não precisa, Ju. Todo mundo nessa cidade sabe onde fica a Base Aérea. Só me passa o número da sua casa ok?

— Ok. Valeu.

— Valeu.

Mas veja quem não aguentou ficar longe de mim.

Um sorriso largo apareceu no meu rosto imaginado a tarde de estudos que teria com meu amigo que se dizia hétero.

Eu realmente não prestava.

Ver um colega de escola sem uniforme é estranho e revelador ao mesmo tempo. É como se pudéssemos conhecer um pouco mais da sua personalidade somente pela cor da roupa que ele está usando e pelas partes expostas do seu corpo, sempre cobertas pela camisa polo de gola azul marinho, calça jeans e tênis.

— E aí? — falei para Thomas ainda subindo a rampa da garagem da minha casa, vestido com uma bermuda em sarja, camisa rosa e chinelos, ele parecia um pedacinho de mal caminho. Fofo e cheiroso, pois o vento logo se encarregou de trazer seu perfume às minhas narinas.

— Mano, isso aqui é um labirinto. Todas as casas são iguais. E aí, tudo bem? — Ele me abraçou. Aquele abraço que já estava mais que acostumado: apertado e aconchegante.

— Eu ia te mandar o localizador, você que não quis. — Soltei-me do seu abraço, já indo em direção à minha casa, virando-me de costas para ele, pois não queria que ele percebesse que fiquei animado com o seu abraço.

Afinal, ele é hetero e eu estou carente.

Ele me seguiu, sentamo-nos à mesa da sala de jantar e então começamos a estudar física. Tirei suas dúvidas, fizemos alguns exercícios juntos, ele me falou da escola, dos nossos colegas, perguntou por Phillipi, falei que só tenho notícias dele por mensagens, eu falei que estava fazendo terapia, ele ficou feliz por mim, contamos piadas e rimos juntos. O tempo passou rápido, tiramos mais algumas dúvidas, ele me perguntou o que pretendia fazer quando passasse no ENEM, falei que ainda tinha dúvidas, mas que provavelmente ia ser Administração ou Turismo, já que tinha planos com

meu pai e tal e ele me falou que ainda tinha dúvidas também, mas que achava que no fim das contas via acabar optando por Direito. Comemos pipoca. O sol já estava se pondo, afinal estávamos em Natal e aqui quando o sol se põe bem dizer ao meio dia. Mentira! Mas se põe antes das dezoito horas.

Dona Aurélia já tinha ido embora, mas disse antes que tinha bolo, como sempre, e mistos-quentes na geladeira, era só colocar na sanduicheira e estava pronto. Meus olhos começaram a arder de tanto olhar para aqueles livros e fazer exercícios e então eu pedi para darmos um tempo.

— Vamos parar um pouco, *tô* sem conseguir raciocinar direito.

— Claro. — E de repente Thomas ficou corado.

— Quer bolo? — perguntei para deixá-lo tão à vontade quanto antes.

— Hmrrum... — Ele sorriu com os lábios cerrados.

— Então vem... — Apertei de leve na sua mão e soltei em seguida. Levantei-me e segui para a cozinha. Ele veio atrás.

Na cozinha peguei pratos, garfos, o bolo dentro do forno, levei para a mesa, servi refrigerante para nós dois e perguntei se ele queria um misto- quente.

— *Tô* cheio de pipoca. Quero só bolo mesmo.

Thomas se serviu, eu me servi, comemos o bolo de chocolate e ele me perguntou como é morar numa Base Aérea.

— Nada demais. — Dei de ombros.

Papai chegou do serviço e se juntou a nós na cozinha. Apresentei o Thomas, papai me olhou de banda e eu entendi tudo, negando discretamente com a cabeça e eu nunca imaginei que me sentiria tão à vontade com meu pai em relação à minha vida amorosa e muito menos que ele fosse se mostrar tão interessado. O melhor de tudo era a cumplicidade, saber que podia dividir com ele meus amores e meus dissabores. O pior de tudo era que cada amigo que eu apresentava a ele, se transformava num namorado em potencial. Era

constrangedor.

— Vou me arrumar pra faculdade — disse meu pai para mim depois de uma pequena interação com Thomas.

— Pai... — O chamei de volta antes dele sair da cozinha. — O senhor pode nos levar nos hangares antes de ir?

Os olhos do Thomas cresceram na minha direção. Sim, eu queria impressionar o meu amigo hétero.

— Claro, filho. Jogo rápido né?

— Sim, só pro Thomas conhecer. Ele *tava* me perguntando como era morar numa Base Aérea... — sorrio.

— Ai, Juliano. Não me mata de vergonha, pô!

Papai achou graça e seguiu para o quarto, eu e Thomas levamos a louça suja para a pia e voltamos para a sala. Ele ligou para o pai dele vir buscá-lo em uma hora. Ou seja, teríamos um tempo juntos e sozinhos em casa antes do pai dele chegar.

— Phillipi mora aqui perto? — Ele perguntou quando de repente o silêncio se fez entre nós.

— Comparando a você, sim.

— Ah, porra! — Ele me deu um soquinho no ombro. — Você me entendeu.

Teria revidado o soquinho se papai não tivesse aparecido na sala em seguida.

— Vamos?

— Sim. — Eu e Thomas respondemos ao mesmo tempo.

Entramos no carro e eu pedi para meu pai passar em frente à casa de

Phillipi antes de seguir para os hangares contornando a lagoa. O céu exibia uma combinação de cores entre azul escuro e laranja de tirar o fôlego. Chegamos nos esquadrões e apreciamos a beleza extravagante da natureza e as silhuetas dos aviões e helicópteros. Não podíamos ultrapassar a cerca que separava a Base dos hangares e pista de voos, mas ainda assim, dava para ver os tucanos, aviões de caça e helicópteros parados lado a lado sob os enormes hangares. Os olhos de Thomas brilhavam.

— Eu já vim aqui com meu pai, no evento Portões Abertos, quando era criança, mas não podíamos ultrapassar as áreas delimitadas pelos militares.

— Ah sim... — Papai respondeu. — Somos muito criteriosos em relação à segurança.

— São vários esquadrões né? Cada tipo de avião é um esquadrão diferente. Lembro dessas explicações. — Fomos andando em direção ao carro pois papai estava atrasado para a faculdade.

— Isso mesmo. Tem o Esquadrão Joker, que são aviões de caça, o Esquadrão Gavião, de asas rotativas, que são os helicópteros e o Esquadrão Rumba, que é de transporte, patrulha e reconhecimento.

— Acho que meu pai me trouxe aqui pra me incentivar a ser aviador, mas eu acabei perdendo a inscrição pra entrar na AFA este ano. Ele ficou puto.

— Você ainda pode tentar ano que vem, Thomas. — Eu disse dessa vez.

— Mas aí eu perderia um ano. O certo seria entrar quando terminasse o ensino médio.

— Quem disse? — perguntou meu pai. — Você pode entrar até ter vinte e três anos incompletos. E o que é um ano perto de uma vida inteira? Se você acha que tem vocação pra ser militar, então, por que não?

— É verdade, o senhor tem razão. Vou pensar sobre o assunto.

— Pai, passa em frente ao Comando antes de nos deixar em casa? — Pedi assim que entramos no carro. Eu estava feliz em poder mostrar a Thomas um

pouquinho do meu mundo, pois mesmo não sendo militar, foi em vilas militares que morei a vida inteira e tudo aquilo que ele estava deslumbrado, eu já estava bastante familiarizado.

Passamos então em frente ao prédio do Comando e imediatamente me lembrei do Caio e da nossa conversa sobre quando ele fosse o Comandante da Base e eu seria dele, apenas dele. Tentava entender em que ponto da nossa história ele tinha perdido sua coragem. E eu era tão tolo e tão apaixonado que ainda seria capaz de dizer sim a ele, caso ele realmente me assumisse como seu homem.

Como deve ser difícil viver uma vida escondido atrás de uma máscara, se passando por alguém que você não é, fingindo sorrisos sendo que sua única vontade é de berrar. Caio tinha partido meu coração e no fundo eu só conseguia sentir pena dele.

Papai nos deixou em frente de casa e seguiu para a faculdade. Assim que entramos, Thomas recebeu uma chamada do seu pai avisando que iria se atrasar.

— Tem problema? — Ele perguntou.

— De forma alguma. — Queria sorrir, mas me controlei.

— Acho que vou aceitar aquele misto quente. — Thomas começou a ficar tenso. Sua carótida começou a pulsar a olho nu.

Entramos na cozinha, ele se sentou à mesa e seus movimentos eram tão calculados que parecia que ele estava com medo de se mexer. Esquentei os pães na sanduicheira, sentei-me ao seu lado, mais um copo de refrigerante para cada um e comemos conversando sobre aviões. Era um assunto maçante para mim, mas ele estava nervoso e eu queria deixá-lo à vontade na minha casa. Quando terminamos de comer eu arrotei bem alto. Thomas começou a rir. Pontos pra mim! Ele começou a se soltar e arrotou alto também. Nossos joelhos se tocaram e ele se afastou.

— Quer conhecer meu quarto?

— Hã? — Seus olhos só faltaram saltar.

— Vem... — Nem esperei resposta e me levantei. Thomas veio atrás.

Estramos em meu quarto, ele olhou tudo à volta e parou em frente à minha coleção da *Hot Wheels*, meu coração acelerou.

— Tu ainda tem essas merdas? — Ele olhou para mim e sorriu. — Eu dei todos os meus para meus primos pequenos.

— Meu único primo mora longe, não tenho contato com ele. — E mesmo que tivesse, eu não daria meus carrinhos — que não são merdas — para aquele pivete do caralho que quase arrancou um pedaço da minha barriga nos dentes! — Vem, vamos pra sala. — Apaguei a luz do quarto e saí, não queria Thomas observando meus carrinhos. *Tinha ciúmes, sim! E daí?!*

— Legal teu quarto. — Ele disse assim que descemos as escadinhas. Eu já estava cansado daquele papo furado sobre aviões, mistos-quentes e carrinhos de merda.

Virei-me de supetão, segurei Thomas pelo braço e o pressionei na parede da sala.

— Posso te beijar agora? — Rostos quase colados, sua cabeça entre meus braços, minhas mãos na parede.

— Como é que é? — Se Thomas pudesse teria atravessado a parede por osmose para fugir de mim.

— Perguntei se já posso te beijar. — Olhos conectados e Thomas respirando pesado.

— Eu...

Não esperei mais resposta, tentei acertar seus lábios, mas ele virou o rosto.

— Qual é, Thomas? — sussurrei em seu ouvido. — Vai me dizer que você não quer?

— Ju, eu não sou *gay*. — Sua voz tremia igualmente ao resto do seu corpo.

— Me beijar não faz de você *gay*, Thomas. — Afastei-me ligeiramente.

— Não? — Ele olhou furioso para mim. — Faz de mim o quê, então?

— Bi, talvez. — Dei de ombros. Ele riu, debochando de mim. — Bissexualidade existe, Thomas. Respeita-a.

— Eu não sou bi. — E mais uma vez seus olhos me enfrentando.

— Tudo bem... — Afastei-me mais. — Você não quer, eu vou te respeitar, mas deixa eu te falar uma coisa... sabe por que Phillipi e eu terminamos?

— Não.

— Ele não quer se assumir pros pais. Ele tem medo. Nós tínhamos uma coisa legal, mas o medo dele falou mais alto e ele terminou comigo. Não seja igual a ele, Thomas. Não deixe de viver sua vida por causa do medo. As pessoas vão te julgar de qualquer forma, seja você quem for. — Não era somente sobre Phillipi a quem eu me referia.

— Mas nós somos amigos... — Ele começou a baixar a guarda.

— E vamos continuar a ser. — Dei um pequeno passo à frente. — Eu não tô te pedindo em namoro, Thomas. É só um beijo, de amigos, uma forma de eu te ajudar na sua autodescoberta.

Ele fez olhos de fenda.

— Sua generosidade me impressiona — disse cheio de sarcasmo.

— Faz assim... — Cheguei bem perto e ao invés de mirar sua boca, sussurrei em seu ouvido, alisando sua orelha com meu nariz. — Se você quiser meu beijo, é só pegar.

Afastei-me, mirando seus olhos e então me virei de costas, caminhando

pra sala, mas nem cheguei a dar o segundo passo. Thomas segurou meu braço, me virou de supetão, segurou meu rosto entre as mãos e acertou meus lábios com os seus, me abraçando em seguida e instintivamente gemi de satisfação. Não foi um beijo afobado de quem quer terminar logo e provar para si mesmo que é hétero. Não. Thomas aproveitou bastante aquele beijo. Seus lábios eram macios e delicados enquanto sua língua era bem afoita. Foi um beijo demorado, nossas cabeças alternando os lados, nossas respirações se misturando e nossos corpos colados e envolto em nossos braços. Thomas era gostosinho, um magro bom de apertar e seu beijo era delicioso, molhado, mas não babado, daqueles com gosto de quero mais. Mas não teve mais, não naquele dia. O beijo foi único e demorado. Quando nos soltamos, estávamos ambos com os lábios vermelhos e inchados. Selei seus lábios com beijinhos rápidos antes do fim definitivo. Não nos abraçamos, pois seria íntimo demais e não era isso que queríamos. Prezávamos muito pela nossa amizade.

Sorrimos um para o outro. Ficamos nos encarando por segundos.

— Talvez você tenha razão... — Ele disse.

— Sobre o quê?

— Sobre eu ser bi. — Ele então me deu mais um selinho, passou por mim e foi para a varanda. Eu o segui.

Ficamos conversando até o pai dele chegar. Não demorou e não tocamos no assunto do beijo. Eu gostava do Thomas, muito, mas não de uma maneira que eu pudesse me apaixonar. Só nos vimos novamente quando minha suspensão acabou.



Voltar para aquela escola era desmotivador. Estudar quinze dias em casa tinha sido mais produtivo que meses dentro de uma sala de aula. Mas o mérito foi todo meu, pois me dediquei aos estudos de uma forma que até eu mesmo me surpreendi. E essa era também uma forma que eu tinha de ocupar a mente e não pensar mais no Caio, e por incrível que pareça, comecei a pensar nele mais do que eu havia pensado nos últimos dez anos da minha

vida.

Era a certeza de que nunca ficaríamos juntos me massacrando a todo instante. Nunca mais haveria seus lábios nos meus, suas mãos sobre meu corpo, seus olhos azuis me encarando com aquela devoção genuína e nem aquela certeza misturada a dúvidas que habitava minha cabeça e meu coração sempre que eu pensava nele. Era o vazio que Caio tinha deixado ao sair de cena sem nenhuma cerimônia. Sua escolha me atormentava tanto quanto o barulho daqueles aviões militares dando rasante acima da vila. Passei a odiar aqueles caças, pois era àquela porra de avião que pertencia o coração do Caio, e não a mim.

A psicoterapia estava me ajudando a resolver todas essas questões emocionais e a encontrar maneiras de lidar com esses altos e baixos no meu dia a dia.

Quanto a Thomas, tínhamos rompido a barreira da formalidade e os selinhos passaram a ser nossa nova forma de cumprimento. Beijos de verdade, somente quando não tinha ninguém olhando. Seu beijo era bom e esse *bromance* entre nós durou alguns anos desde que a escola acabou.

Phillipi ficou chocado, pra não dizer puto da vida. Foda-se! Ele que convivesse com seu recalque. Eu estava vivendo um processo de externalização e não deixaria sua cara feia me impedir de manifestar quem eu era. Já tinha vivido dentro do armário, com um pé dentro do armário e se a pessoa que mais me preocupava era meu pai, me aceitava e me apoiava, quem era meu ex pra me dizer o que eu tinha ou não tinha que fazer? Ninguém. Eu precisava viver minha vida fora da caixinha.

Valquíria já estava de volta, mais magra e abatida. Emílio a recebeu de braços abertos, cheio de amor e carinho, mas reclamou da falta de fofurisse, como ele mesmo disse.

— Achei que você ia gostar de me ver mais magra. — Ela rebateu.

— Eu te amo, minha deidade, e vou te amar do jeito que você for, mas eu gostava da forma que seu corpo ocupava espaço nos meus braços. Era gostoso te apertar.

Eles definitivamente formavam aquele casal saído de contos de fadas, que se conhecem, se apaixonam e vivem juntos e felizes para sempre. Eu tinha muito orgulho deles dois.

Quanto ao Caio, continuávamos nos falando por mensagens, conversas bobas, uma troca de figurinhas aqui, um meme ali, uma música que, sem precisar explicar, nos remetia à nossa infância juntos. Trocávamos fotos do cotidiano, de restaurantes, de festas e eu somente fui vê-lo novamente no dia da minha formatura.

Obviamente ninguém foi reprovado no terceiro ano, eu tinha passado por média fazendo meu pai ficar muito orgulhoso de mim, alguns colegas ficaram de recuperação, as provas do ENEM foram difíceis, mas pelo meu *score* parcial, acreditava que ia conseguir uma boa classificação e finalmente entrar na tão sonhada universidade.

O ano estava no fim. Passou setembro sem grandes novidades, outubro foi barra devido a todas as lembranças, mas com a ajuda da psicóloga e com papai ao meu lado, superamos esse mês terrível, entramos em novembro, vieram as provas do semestre, chegou dezembro, ENEM e finalmente o dia da formatura.

O auditório estava lotado de familiares, meus colegas cada um com os seus, todos vestidos com suas becas pretas e quepes na cabeça, e apenas papai e eu formando nossa família. Eu tinha convidado Caio, mas não tinha certeza se ele viria. Pensei em Duda e mamãe, me perguntando se elas sentiriam orgulho de mim naquele momento tão solene. Papai apertou minha mão e como se adivinhasse meus pensamentos, se reclinou para cochichar baixinho.

— Sua mãe estaria orgulhosa de você.

Engoli em seco.

— E você, pai? — Minha voz vacilando de emoção. — Você tem orgulho de mim?

— Todos os dias, meu filho.

Tive que fazer um esforço para não chorar e rapidamente enxuguei a lágrima que escorreu pelo meu rosto com a ponta dos dedos. Eu não tinha meu pai de volta, eu tinha um grande amigo com quem eu poderia contar em qualquer momento da minha vida.

A comissão de formatura, os professores, coordenadoras e diretora da escola sentados de forma organizada, nossos diplomas à frente dispostos na mesa, e quando o mestre de cerimônia me chamou ao palco e uma salva de palmas e assobios ecoou pelo ambiente, eu sufoquei.

— É agora! — Minhas mãos suavam.

— Vai lá e arrasa, filho!

Não foi fácil escrever meu discurso. Tinha planejado mil e um assuntos, mas percebi que precisava tocar o coração daquelas pessoas que estavam ali. Seria difícil falar sem derramar alguma lágrima, mas eu me sentia encorajado. E então, atravessei pela frente do palco, subi uma escadinha, me posicionei em frente ao púlpito, e quando olhei para a multidão, apenas enxerguei ele acenando ao longe. Caio! Fodeu!

Meu coração errou uma batida. Baixei os olhos e respirei fundo. Olhei para ele novamente e aponteí onde papai estava sentado. Olhei para Emílio sentado nas primeiras fileiras ao lado dos seus pais, irmãs e Val, olhei para Phillipi sentado mais atrás com seus pais e uma Elisabeth que sorria e acenava para mim. Tive que acenar de volta. Thomas e sua família, que imediatamente fez sinal de positivo quando percebeu que eu estava olhando para ele.

Minha vida inteira passando em flashes na minha cabeça. Limpei a garganta. Caio sentou-se ao lado de papai e ambos olharam para mim.

— Boa noite!

— Eu sou Juliano D’Alva e fui escolhido pela comissão de formatura para ser o orador da turma. Não sei por que... bando de loucos esses caras! — Risos de todos. — Pois é... também tive essa reação quando me convidaram... — Mais risos. — Mas enfim, cá estou eu e antes de tudo eu queria agradecer o privilégio de estar aqui hoje, representando meus colegas, agradecer a presença dos pais e familiares, dos professores que nos aturaram o ano inteiro e não desistiram de nós e a toda equipe pedagógica... são oito horas... — Olhei as horas no meu relógio de pulso imaginário. — Então acho que até meia noite eu termino meu discurso... — Muitos risos e uma salva de palmas. — Brincadeira gente, meu discurso vai ser breve, prometo! — Respirei fundo, pelo menos consegui quebrar o gelo e o nervosismo. *Vamos lá...* ajustei o microfone e encarei a plateia à minha frente. — Mudanças...

“Ao longo da vida nos deparamos com muitas mudanças, simples ou mais duras, outras necessárias, e estamos sempre nos adaptando a essas mudanças. A escola, os professores, os hormônios, nosso corpo, novos colegas, relacionamentos, paixões, separação, morte... algumas vezes estamos preparados, outras somos pegos tão de surpresa que a adaptação chega a ser dolorosa. E leva tempo. Mas assim é a vida, cheia de mudanças. Agora não seria diferente. Mais uma vez estamos enfrentando e vamos enfrentar um período de mudanças, que enchem nossas cabeças de dúvidas, medos, incertezas e mais que tudo, uma vontade esmagadora de vencer e abraçar o mundo, uma vontade que só a nós, jovens, é permitida, porque temos esperança. Mas infelizmente essa esperança está esmorecendo, porque estamos cada vez mais sendo dominados por sentimentos de incerteza e insatisfação quanto à realidade que nos cerca e ao nosso futuro. — Olhei nos olhos do Emílio, depois do Phillipi e por fim do Thomas. — Enquanto nossos pais precisavam sair de casa para conhecer o mundo, nós temos o mundo em nossas mãos. Somos digitais! E vivemos imersos em tecnologias e redes, por

isso somos tão inquietos, porque somos realistas ao extremo, dotados de pensamentos lógicos e autodidatas, mas ainda somos vistos como irresponsáveis. E nós não somos irresponsáveis. Valorizamos a identidade fluida, exaltamos a individualidade, não ligamos para estereótipos ou definições de gênero, ou raça, ou classe social, mas ainda somos vistos como rótulos. E nós não somos rótulos. Gostamos do que somos. Gostamos de ser autênticos e espontâneos, temos nossas fragilidades e não as escondemos, porque valorizamos essa transparência de sermos *exatamente* o que somos, mas ainda somos vistos como aqueles que se expõem demais. Talvez. Mas nossas *selfies* são reais. Vocês, adultos, podem achar que nos escondemos em nossos mundos, mas não, nós gostamos de conversar... gostamos de expor nossos pensamentos e trocar ideias, só não encontramos abertura pra fazer isso com vocês, porque vocês nos enxergam como irresponsáveis, fúteis e volúveis. Mas nós não somos. Sabemos ouvir. Mas também queremos ser ouvidos. Não somos alienados e entendemos o que se passa no mundo, e por essa razão, muitas vezes, nos sentimos desmotivados e sem esperança quanto ao nosso futuro. E por essa razão nos isolamos, passamos mais tempo no mundo virtual que no mundo real. E por essa razão, doenças como depressão estão crescendo entre os mais jovens. Infelizmente. Porque antes de sermos a geração z, somos humanos, com toda nossa complexidade, histórias, traumas e experiências. Queremos abraçar o mundo *sim*, mas antes de sair de casa, queremos ser abraçados pelos nossos pais. Então, meus colegas... vamos esgotar o recurso das palavras dentro de nossas casas, vamos chorar juntos com nossos pais até sentir o coração mais leve. Vamos nos expor e provar para *eles* que somos capazes, mas sem esquecer de falar palavras simples como por favor, obrigado, bom dia, se cuida...eu te amo. Pais e mães... Não espere sua filha se jogar da janela pra entender o que se passa em seu mundo, não expulsem seus filhos de casa por terem uma orientação sexual diferente das suas, não joguem em nossas costas a obrigação de sermos aquilo que vocês esperam de nós, e simplesmente nos aceitem como somos, porque estamos crescendo, mas ainda somos filhos e ainda precisamos de colo. Ainda precisamos de vocês... amanhã estaremos na faculdade, depois trabalharemos, construindo nossas próprias carreiras e famílias e se Deus quiser, um mundo melhor. Por que não? Mas apesar de tudo que nos espera, queremos estar juntos de vocês, nossos pais, na noite de Natal. Mudanças virão e serão bem-vindas, alguns de nós estamos preparados, outros, com certeza, estão apavorados, mas a todos nós — pais, equipe pedagógica e

formandos — resta aprender com essas mudanças e melhorar como pessoas a partir delas. Obrigado!”

Tomei fôlego. Gritos, assobios e palmas vieram dos meus colegas e logo estavam em pé me ovacionando trazendo com eles todo o auditório, inclusive os professores em cima do palco. Senti meu rosto esquentando e então procurei o olhar do meu pai, que estava enxugando lágrimas de emoção. Sorri, aliviado por ter conseguido fazer meu discurso inteiro sem gaguejar e sem fraquejar, orgulhoso das palmas que recebia e da emoção que provoquei em meu pai. Meus olhos encontraram os do Caio e seu sorriso doce fez meu coração acelerar.

Desci do palco e meus colegas se juntaram a mim no gargarejo do palco, o diretor da escola fez um breve discurso e logo começaram a chamar um a um dos alunos para receber os diplomas. Quando chegou minha vez Elisabeth foi a primeira a bater palmas, levando consigo praticamente o auditório inteiro. O sorriso nos lábios de papai enchia meu coração de orgulho e autoconfiança. Quando o último aluno recebeu seu diploma e o diretor deu por encerrada nossa formatura, jogamos nossos quepes para cima. Nos abraçamos, tomados de emoção, confiantes de que um futuro brilhante nos reservava a partir daquele momento. Desejei a todos meus colegas muito sucesso. Thomas me abraçou apertado como sempre e sem perder a oportunidade, selou rapidamente meus lábios, roubando de mim uma cara de susto. Ele riu safadamente e logo estava se abraçando aos outros. Emílio e Phillipi me deram um abraço duplo no qual pulamos em roda, abraçados, sorrisos abertos e a certeza de que nossa amizade nunca se perderia pelo caminho da vida.

Então chegou o momento de estar com papai, e Caio. Meu coração estava disparado de emoção e quando me juntei a eles, papai me abraçou, cheio de tapas nas costas e me deu um beijo duro na bochecha, que me fez apertar os olhos. Depois Caio. Sorri com os lábios cerrados quando ele colocou a mão na minha nuca e me puxou para um abraço quente, cheio de afeto, onde nossos corpos se colaram com delicadeza e seu rosto repousou na curva do meu pescoço. Fechei os olhos pela sensação de aconchego que seus braços me proporcionavam.

— Você arrasou. — Ele sussurrou no meu ouvido.

— Sério que você gostou? — Olhei em seus olhos, me esquivando dos seus braços, pois não queria que meu pai percebesse minha entrega àquele abraço.

— Sim, eu amei. — Caio não tirava seus olhos dos meus. — Você foi direto, pontual e ao mesmo tempo, cheio de paixão. Foi um belo discurso.

— Foi mesmo filho. Parabéns.

— Valeu, pai.

Tentei enfiar as mãos nos bolsos, mas estava de túnica. Olhei em volta, disfarçando meu constrangimento, pois não sabia para onde olhar, já que Caio me observava como se estivesse me estudando.

— A gente podia sair pra jantar, o que vocês acham? — Caio perguntou para papai, mas foram meus dedos que ele segurou, me trazendo para mais perto de si, depois passou os nós dos dedos em meu rosto e pousou a mão em minha nuca, acariciando de leve.

— Éee...bem... — disse meu pai. — Eu tenho muito que estudar, essa semana que vem serão as provas finais do semestre. Por que não vão vocês dois?

— Você não se importa? — perguntei ao meu pai. Eu sabia que ele não iria estudar, e no fundo não achei ruim que ele não fosse jantar conosco, já que Caio estava a todo instante derrubando os muros à nossa volta.

— De foram alguma. Vão e se divirtam. — Papai me abraçou, se despediu de Caio e foi embora.

Caio me abraçou logo em seguida que papai virou as costas e saímos abraçados em direção ao pátio do colégio. Seu braço sobre meu ombro quase demonstrava posse.

— E agora, garoto estrela, o que você pretende fazer? — Sua voz ficou mais rouca.

— Não vamos jantar? — Coração querendo voar.

Ele sorriu.

— Me refiro ao seu futuro. Já sabe que curso vai fazer? — Ele cheirou meu cabelo.

— Turismo ou Administração. Não sei ao certo. Talvez Gestão de Negócios.

— Ótimas escolhas. Bem no cerne da área que você pretende atuar.

Paramos no pátio da escola apinhado de pais e alunos. Caio me virou de frente para si, me abraçou e beijou minha testa, demoradamente. Minhas pernas bambearam. Ele não estava sendo apenas atencioso, ele estava sendo carinhoso, mas não afável, era contato físico. Toques, beijos e carícias. Comecei a me sentir ansioso e perdido, pois sabia que seria incapaz de dizer não, seja lá quais fossem suas intenções.

— Tenho pensado muito em você. — Ele me soltou e me encarou, passando o dedo na minha testa para tirar meu cabelo. — Tenho tanta coisa pra te falar... — Seu olhar era cheio de promessas. Seu sorriso era cheio de esperança. Era como se ele tivesse com uma pergunta na ponta da língua, prestes a fazê-la, apenas esperando o momento certo. E por Deus, como eu queria ouvi-la.

— D’Alva! — Thomas chegou afobado e nem percebeu a presença do Caio. — Nossa turma *tá* indo em peso pro Forró com Turista, vamos também?

— Forró com Turista? O que é isso? — sorri de banda.

— É um forró que acontece no centro de turismo — respondeu Caio, chamando a atenção de Thomas.

— Ah! Thomas esse é o Caio. E Caio, esse é o *Thomas e seus amigos*.

— Oh! — disse Thomas surpreso.

— Oi Thomas. — Caio esticou a mão e Thomas apertou. — Só falta

conhecer *seus amigos*.

— Um você já conhece bem. — Thomas sorriu sem jeito, sem se importar com o fato de Caio não ter entendido o trocadilho com seu nome e olhou para mim, visivelmente aborrecido com a presença do cara que ele conhecia bem a história. — Você vem? Emílio e Phillipi também vão e vocês podem voltar juntos, de Uber.

Minha vontade de ir com a minha turma para uma despedida no tal Forró com Turista era imensa, mas em contrapartida, sair para jantar com o Caio e ouvir da sua boca tudo o que seus olhos tentaram me dizer a noite inteira, era tão tentador e mexia tanto com meus brios e minhas emoções que eu só pensava no depois. Depois da janta, depois do beijo, depois da noite quente e depois juntos...

— Eu já tenho um compromisso. — Olhei para o Caio e o sorriso de alívio que ele me deu e seus olhos ébrios de paixão ligados aos meus, fizeram meu corpo inteiro vibrar e meu coração se sentir mais vivo e frenético do que nunca.

— Ah! Que pena! — Lamentou Thomas. — Se mudar de ideia, saímos em quinze minutos.

— Beleza. — Abracei Thomas.

— Se cuida! — Ele sussurrou em meu ouvido e partiu.

— Vamos? — Caio me encarou, seus olhos iam em todas as direções do meu rosto, capturando cada feição minha.

— Hmrrum... — Eu queria ficar feliz com sua expectativa, mas ao invés disso, eu estava apreensivo.

Caio entrelaçou seus dedos nos meus e antes de sairmos da escola de mãos dadas, deixei minha túnica e quepe dentro de uma enorme caixa no portão da escola.

Eu queria acreditar que não era real, que alguém me sacudisse pelos

ombros e de repente eu despertasse de um sonho, que Caio não estava segurando minha mão e me levando para jantar com um olhar de promessa e um sorriso de esperança. Seria mais fácil de aceitar, se eu não criasse ilusões, se eu continuasse acreditado que ele jamais me assumiria e que seu sonho azul de ser piloto da Aeronáutica era maior que seu amor por mim. Eu queria tudo o que ele tinha para me oferecer, mas ao mesmo tempo eu tinha medo. Medo de sofrer mais uma vez.

Saímos da escola e todos os meus amigos estavam reunidos do outro lado a rua, se dividindo em carros, indo comemorar o fim de uma etapa importante de nossas vidas. Eu queria estar com eles, queria comemorar com eles, rir e chorar com eles, seria nossa despedida e provavelmente a última vez que estaríamos todos reunidos, mas por outro lado, eu queria viver meu sonho com o Caio.

— JUU... — gritou Emílio. — VAMOS! — Ele e Phillipi estavam entrando num carro guiado pelo pai de um dos nossos colegas.

Acenei para ele, andando de mãos dadas a Caio na direção contrária aos meus amigos.

— D’ALVA! — Thomas gritou também e quando olhei para trás ele me chamou com a mão. — Vem! — Ele disse, não pude ouvir, mas deu para entender pela leitura labial. Neguei com a cabeça.

Meu peito subiu e desceu. Olhei para Caio e sorri com os lábios cerrados. Ele desviou seu olhar do meu, olhou para o outro lado e depois suspirou.

— Ju... — Ele me puxou e me abraçou, depois segurou meu rosto entre as mãos e colou sua testa na minha. — Vai lá vai...

Meu coração disparou no peito.

— Caio... — Eu teria contestado, mas ele me calou com um beijo nos lábios.

— Vai viver seu momento, garoto estrela.

Ele me encarou com os olhos banhados em lágrimas, mas seu sorriso era de felicidade. Não disse nada, apenas acedi com um sorriso rasgando meu rosto em dois, o abracei apertado e saí correndo em direção aos meus amigos.

— THOMAS! — gritei quando ele entrou em um carro. Meu coração ia explodir de tão excitado.

Deixar Caio para ficar com meus amigos foi como tirar um peso dos meus ombros. Eu queria tudo com o Caio *sim*, mas esse tudo poderia ficar para depois, depois que eu vivesse o meu momento. Nosso tempo poderia esperar um pouco mais.

— THOMAS! — gritei novamente para que ele não me abandonasse.

A porta do seu carro se abriu e ele saiu, sorriso estampado nos lábios.

— Você vai?

— Sim... eu vou! — Mal conseguia respirar.

Ele abriu passagem, eu entrei em seu carro e vivi a noite mais louca, divertida e inesquecível da minha vida. Foram muitas bocas beijadas, muitas risadas dadas, muitas músicas dançadas e quando cheguei em casa o sol já aquecia o novo dia. Nunca me arrependi daquela decisão, de viver o meu momento, de ter me dado o direito de escolha. E foi realmente uma escolha, pois o depois com o Caio nunca aconteceu.

A inauguração do Estrela Dalva – Hotel & Residence estava correndo como planejado, mas minha calma e sanidade mental, não. Eu estava com os nervos à flor da pele, me preocupando com cada detalhe do evento, mesmo que tudo estivesse correndo muitíssimo bem. Depois de dois anos de dedicação e muito investimento, finalmente nossos condôminos iriam receber as chaves dos seus apartamentos, e toda a loucura de ser o gerente do empreendimento iria começar.

— Se acalme e sorria! — Papai sussurrou no meu ouvido enquanto estávamos em pé, na porta de entrada do restaurante do hotel recebendo nossos convidados.

— Porra pai! — Quase desmontei ali mesmo.

— Vai dar tudo certo, filho. Aliás... — Ele se reclinou para falar no meu ouvido. — Já está dando! Estamos com noventa por cento das unidades vendidas. Garanto que depois de hoje, em uma semana, estaremos com cem por cento.

— Deus te ouça! — Respirei fundo e tentei me acalmar, mas sorrir estava difícil, pelo menos sinceramente. O sorriso dos meus lábios mais tinha a ver com nervosismo, principalmente porque de todos os rostos que apareciam ali, nenhum era o Caio e eu tinha receio de que ele não aparecesse.

Dois anos desde a minha formatura e só nos falávamos por mensagens ou vídeos chamadas. Nunca chegamos a conversar sobre tudo o que ele tinha para me dizer naquela noite em que eu preferi estar com meus amigos ao invés de estar com ele, mas também eu nunca perguntei. Eu esperava ele dar

o primeiro passo, ele esperava eu tocar no assunto e seguíamos fingindo que estava tudo bem, que éramos dois bons e velhos amigos com uma intimidade fora do comum. E eu sentia falta dele todos os dias da minha vida.

Amores, tive muitos, vários, mas daqueles que chegam com o crepúsculo e vão embora com o raiar do sol. Mas nenhum se comparava ao Caio. Ele foi, é, e sempre será o cara que eu vou amar com todas as forças do meu ser. Uma força tão arrebatadora que chega a me causar dor física de tanta saudade. Pensar em Caio era ter o peito se expandindo de ar e um coração comprimido de saudade.

— Senhor D’Alva? — Clayton, nosso recepcionista, chamou a atenção de papai. Aqui todos tinham o hábito de chamar meu pai pelo seu nome de guerra.

— Sim.

— O rapaz do apartamento duzentos e um, tá com um casal de amigos e eles estão querendo ver a unidade disponível. Eu já apresentei a eles a academia, lavanderia, sala de reuniões, garagem, até a cozinha do restaurante...

— Eu vou lá, pai. — Tomei a frente. — Pode deixar.

Acompanhei Clayton, um rapaz novo como eu, magrelo e de fala gentil e delicada. O conheci no meu primeiro semestre do curso de Turismo na Universidade e nos tornamos amigos. Ele estava precisando trabalhar, eu ofereci a ele uma das vagas de recepcionista do hotel e ele aceitou na hora. Clayton era um cara legal e merecia essa oportunidade. Ele então me apresentou ao casal e eu os levei para ver uma das unidades restantes que ficavam no terceiro andar.

O Estrela Dalva – Hotel & Residence é um tipo de condomínio compartilhado, onde os proprietários podem tanto morar nos apartamentos quanto alugá-los sob minha gestão. Temos apartamentos que variam de quinze a quarenta metros quadrados, distribuídos em três andares, todos com vista para o mar, seja total ou parcial. No térreo funciona a recepção e escritório da gerência, restaurante, uma sala de reuniões ou pequenos

eventos e outra para Coworking — um espaço de trabalho coletivo. No primeiro andar a lavanderia coletiva e academia. No subsolo é a garagem rotativa e área operacional. Os apartamentos estão no segundo, terceiro e quarto andar. Na cobertura estão meu apartamento e o de papai. Preferimos por fazer dois apartamentos separados, maiores que os demais, para que cada uma tenha sua privacidade. Com uma varanda de ponta a ponta, a vista para o mar é fabulosa. Nesse empreendimento todo, papai e eu seremos os gerentes, pelo menos no primeiro ano, depois assumirei as rédeas sozinho. E isso me apavorava.

Mostrei o apartamento para o casal, de quarto, sala, minicozinha e banheiro, que se empolgaram com a decoração luxuosa e minimalista. Eles me pediram mais detalhes para aquisição e então desci com os dois, já que essa parte financeira era com meu pai.

Assim que a porta do elevador se abriu, dei de cara com Caio. Lindo e casual. A emoção foi tão forte que eu perdi o ar.

— Caio! — Fiquei sem reação.

— Ju! — E lá estava ele, com seus olhos de promessas e um sorriso de esperança. E meu coração querendo voar mais uma vez.

— Me espera aqui! — falei quase sufocando e implorando e quando ele acedeu, levei o casal para falar com papai e voltei para Caio sem conseguir enxergar nada mais à minha volta.

Ele estava no mesmo lugar, me encarando com seus olhos azuis e brilhantes, um sorriso encantador nos lábios, meu coração batucando rápido e todo meu corpo necessitado do seu contato, que sem pensar no momento e no evento o abracei com força, chocando nossos corpos, matando a saudade, a necessidade e a agonia da urgência.

— Que saudade, Caio! — Apertei os olhos para disfarçar a umidade das lágrimas.

— Como é bom ouvir isso, garoto estrela. — Ele apertou o abraço. — Eu também estava com saudade. Tanta...tanta... — Ele me soltou e sua

respiração estava ofegante.

Nossos olhos se prenderam. Eu tinha tanta coisa para dizer a ele e queria tanto ouvir tudo aquilo que ele tinha para me dizer, que todo o evento de inauguração do Estrela Dalva se tornou um mero borrão ao meu redor. Eu precisava de privacidade. Nós precisávamos! Olhei ao redor à procura do Clayton.

— Me espere aqui! — disse novamente a Caio.

— Não vou me mexer... — Ele respondeu sorrindo...aquele sorriso.

Fui a passos rápidos na direção de Clayton que organizava uma mesa para mais convidados.

— Ei...vou lá em cima mostrar meu apê pra um amigo. Segura minha barra um minuto?

— Não demora, pelo amor de Deus.

— Não vou... — Mas eu esperava que sim.

Segurei a mão do Caio, entramos no elevador e logo estávamos entrando no meu apartamento.

— Nossa, que lindo! — Ele olhava tudo à sua volta. Um apartamento de dois quartos, banheiro, sala e cozinha integradas. — Perfeito pra você e seu pai.

— Esse é só o meu, papai tem um igual ao lado. Preferimos assim. — Deus, como eu queria beijá-lo. — Vem ver a varanda...

Abri a porta de correr de vidro, de quatro folhas, que quando abertas formava da sala e da varanda um único espaço.

— Uau! Que vista! — Ele parou no parapeito. — Imagino essa vista nas noites de lua cheia.

— Sim... — Parei ao seu lado. — O nascer do sol também é lindo.

Ficamos encarando o mar escuro à nossa frente. A mesma escuridão que nos hipnotizava no dia do meu aniversário de dezessete anos. A mesma brisa do mar que nos abraçou dentro do carro. Os mesmos sentimentos de medo e ansiedade batendo forte em meu peito. Olhei para Caio. Eu precisava dar o primeiro passo.

— Caio...

— Hm... — Ele me encarou.

Meu celular tocou.

— Droga! — Peguei o celular dentro do bolso da calça e atendi, era meu pai.

— Onde você está, Juliano? Tem pessoas aqui querendo te conhecer! — disse ele afobado e aos sussurros.

— Merda! Tô descendo! — respondi e olhei para Caio, seus olhos de decepção me feriram a alma. — Era meu pai... eu preciso...

— Eu entendo. — Ele me abraçou e beijou minha testa. Daquela forma que me fazia sentir um menino em seus braços.

Descemos calados e o resto da noite foi uma loucura total, pois além dos condôminos, vieram convidados dos condôminos e eu não parei um só segundo mostrando os apartamentos disponíveis para um par de gente, já tonto de tanto subir e descer de elevador. Caio sentou-se numa mesa, tomou um refrigerante, comeu uns salgadinhos e a todo momento meus olhos iam em sua direção, mas seus olhos não encontravam os meus e eu comecei a sentir um aperto no peito.

Perto de meia noite, o Estrela Dalva ainda estava agitado e quando meus olhos procuraram por Caio, ele não estava mais à mesa. Meu coração disparou e eu rapidamente olhei em todas direções à sua procura e quando o encontrei, no jardim de saída, ele estava num abraço fraterno com papai que mais parecia uma despedida. Fui até eles e as palavras que saíram da boca de papai quase me mataram por dentro.

— Não demore pra aparecer de novo.

— Você já vai? — Coração ficou pequenininho.

— Eu tenho que ir, Ju.

— Dorme aqui... — falei baixo e de supetão, mas meu pai estava bem ao nosso lado, então foi impossível ele não ouvir.

— Bom, vou deixar você se despedirem. Fique bem, Caio.

— Valeu tio.

— Então? — perguntei assim que papai nos deu privacidade.

— Eu tô voltando pra Rondônia, Ju.

— O quê? Não!

— Eu só vim pra te prestigiar. O voo de volta é demorado, vou passar praticamente o domingo inteiro viajando...

— Fica aqui, Caio. — Eu praticamente implorei. — Não vai embora hoje. Não hoje.

— Ju, eu não posso. Não estou de férias. Segunda feira eu trabalho...

— Dá um jeito nisso, falta uma semana, você mal chegou e já vai embora... — Eu não podia acreditar que estive tão perto. Era como se ele estivesse me escapando pelas mãos.

— Se eu faltar, eu vou preso. Você sabe como funciona as coisas na Aeronáutica. E eu não sou irresponsável...

— Sempre a Aeronáutica! — Bradei. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Vem comigo! — Ele segurou minha mão. — Passa uma semana lá... depois você volta. Só uma semana.

Puxei minha mão. Olhei para dentro do hotel, para meu pai e todos os funcionários se empenhando para dar o seu melhor.

— Eu não posso sair daqui, não agora.

— Tá vendo! — Ele disse com uma voz cheia de dor. — Eu tô sempre vindo ao seu encontro, mas você nunca vem ao meu.

E eu me senti a criatura mais egoísta da face da Terra. Eu queria que ele renunciasse aos seus sonhos por minha causa e estava sendo incapaz de sair de Natal, nem que fosse apenas por uma semana, para ficar junto dele. Mas então me lembrei que já estive disposto a tudo por ele e foi ele mesmo que abriu mão de mim.

— Eu sempre estive ao seu dispor, Caio... não seja injusto comigo.

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça em negação, talvez arrependido do que disse.

— Me desculpa, não foi isso que eu quis dizer. — Ele deu um passo à frente e me segurou pelos ombros. — Não são meus sonhos que são incompatíveis, Ju. É o nosso tempo.

— Não desiste de mim, Caio. Por favor! — Olhei para ele com olhos de súplica.

— Nunca! — Ele me abraçou. — Mas essa espera tá cada vez mais difícil de aguentar.

Ele me soltou e foi embora, limpando os olhos. Tive que buscar ar pela boca para não cair no choro. Aquele não poderia ser o nosso adeus. Eu não poderia suportar.



Um ano, um mês e dois dias se passaram desde a última vez que vi o Caio. Não significa que não fale com ele com frequência. Ou melhor, não falava, pois há exatos dois meses e meio Caio sumiu do mapa. Ou melhor, da

minha vida, pois papai afirma que ele continua vivo e servindo à Aeronáutica, segundo suas fontes internas.

Meu apelido de garoto estrela ficou perdido no tempo e no espaço, mesmo que nos falássemos sempre, por mensagens e vídeos chamadas, é como se os muros tivessem sido reerguidos. O carinho e a atenção são as mesmas, mas é apenas isso.

Papai e eu estamos mais grudados que nunca. Somos muito parceiros, tanto nos negócios, que ele me ajuda sempre que pode e nos fins de semana, quanto na vida. Hoje posso afirmar, com todas as letras, que ele é meu melhor amigo. E como ele mesmo costuma falar, sou seu ala.

Os amigos, alguns foram embora de Natal, outros a vida se encarregou de afastar, menos Emílio e Elisabeth. Esses nunca me deixaram.

Phillipi foi para o Canadá e nunca mais voltou. Resolveu estudar, trabalhar e ficar por lá em definitivo. Entendo sua decisão, já que seus pais jamais o aceitariam como ele é. Nos falamos com frequência, seja por redes sociais ou mensagens. Ele está feliz e de uns meses para cá, tenho visto um carinho sempre ao seu lado, em todas as fotos que ele posta no Instagram, e se muito me engano, eles estão juntos. Phillipi marcou minha vida de uma forma muito positiva. Ele me permitiu viver minha paixão adolescente, com todos os conflitos, dramas e intensidade que ela carregava. Ele foi único, e se há uma coisa que teria feito diferente, é sobre sua primeira vez comigo, que nunca aconteceu. Phillipi era quente. E eu gostava da sua malícia inocente.

Thomas foi outro que deixou sua marca. Nosso *bromance* durou dois anos desde o fim da escola. Nada além de beijos quentes e carícias íntimas, mas era gostoso, porque eu era o único para ele. O amigo parceiro de todas as horas, até na hora de se aliviar. Era uma troca justa. Vivíamos uma paixão sem compromisso. Até que ele resolveu fazer intercâmbio e foi embora para a Europa. Não nos falamos com tanta frequência, mas também não morro de saudades dele. Cada um seguiu sua vida como tinha que ser.

Emílio passou para Engenharia Mecatrônica na Universidade Federal e estamos sempre nos vendo. Ele ainda mora com os pais na vila e vez por outra vem passar um fim de semana comigo. Ele sim é um grande amigo.

Aquele cara que está comigo para o que der e vier. Ele e a Val continuam juntos, mas ela não mora mais na vila, voltou para o Espírito Santo quando terminou o ensino médio. Passou numa faculdade particular e hoje faz Serviço Social. Eles estão sempre se vendo, ou ela vem ou ele vai. E essa foi a razão dele não ter comparecido na inauguração do Estrela Dalva, pois estava passando as férias na casa da Val.

Torço muito por esses dois, pois eles me fazem acreditar no amor verdadeiro.

Elisabeth é outra que está sempre comigo. Depois que Phillipi foi embora, ela e eu assumimos oficialmente nossa irmandade. Ela passou a ser minha irmã caçula — sem nunca substituir a Duda — e eu passei a ser seu irmão mais velho — talvez substituindo Phillipi um pouco. Elis está se transformando numa linda mocinha. Com onze anos, a puberdade está lhe fazendo bem, e seus cabelos loiros cresceram e hoje batem na cintura novamente. Algo que ela muito se orgulha. Ela continua com seu jeito maluquinho, criativo e muito esperta, e está sempre passando finais de semana comigo. Apesar dos problemas que tive com Phillipi, minha amizade com Elisabeth é muito apreciada pelos pais dela. Ela, com bem menos idade que o irmão, sabe se impor e defender seus interesses, e seu amor e amizade por mim ela defende com unhas e dentes. Eu a amo. Ela é um raio de sol na minha vida e quando estamos juntos, não há diferença de idade, ou gênero, há apenas uma relação de carinho, confiança e amizade. Elis é tão iluminada que toda equipe do Estrela Dalva é apaixonada por ela. Quando ela está aqui, nosso fim de semana se transforma. Quando ela não está, contamos os dias para ela voltar. Aqui ela se sente em casa, porque todos nós a amamos. Ela é nossa mascote.

Eu também não sou o mesmo. Com vinte e um anos, entendo muito mais da vida e o trabalho e estudo me mantém ocupado o suficiente para não fraquejar. Continuo com minha psicoterapia, uma forma de me ajudar a compreender sentimentos ainda confusos dentro de mim. Procuro manter uma vida leve e saudável, me alimento bem e sempre que posso vou caminhar na avenida da praia ou malhar na academia do condomínio. Minha vida é simples, assim como eu esperava que fosse. Vivo em paz com o mundo, com meus amigos, com meu pai, mas não vivo em paz comigo

mesmo. Ainda me pego vez por outra tendo pesadelos com minha mãe, ou sentindo um aperto no peito quando penso na minha irmã, mas como disse meu pai certa vez, essa dor nunca vai passar e só nos resta aprender a conviver com ela. E quanto a isso eu tenho tentado, ano a ano, e tenho conseguido. O que mais me mata por dentro e tira minha paz é a falta que sinto do Caio. Apesar de tentar, por muitas e muitas vezes, esquecê-lo de uma vez, eu nunca consegui. Nunca encontrei ninguém que estivesse à altura. O amor que sinto por ele não é desse mundo, assim como nossa amizade, como ele me disse uma vez quando éramos crianças. E por mais que eu tente me contentar com nossa amizade a distância e a viver esse amor platônico, tenho fracassado sempre, e mais eu me pego o desejando com todas as forças do meu ser, já fraco de tanto amar sozinho, já sem esperanças. E desde que ele parou de mandar mensagens, eu tenho pensado nele a cada hora do meu dia, como se eu previsse que alguma coisa vai acontecer, e logo. Uma dor no meu peito tem me roubado o ar de instante a instante.

— Deus do céu! — Passo a mão no rosto e olho a data no enorme *planner* pregado na parede do meu escritório. Três de janeiro. E nem a mensagem de feliz ano novo Caio respondeu.

Será que ele me esqueceu para sempre? No fundo eu só queria abraçá-lo e ouvi-lo me chamando de garoto estrela. Posso até fechar os olhos e ouvir sua voz.

Suspiro longamente e uma maldita dor de cabeça começa a me incomodar. Já se passa das cinco da tarde e eu resolvo encerrar meu expediente. Saio do meu escritório e aviso a Clayton que estarei no meu apartamento.

— Você tá bem? — Ele pergunta, sempre muito atencioso com todos.

— Só dor de cabeça. Vou tentar descansar um pouco. Qualquer coisa me chame.

— Pode deixar.

Chamo o elevador de serviço e assim que a porta se abre, Dona Aurélia, que continua firme e forte com a gente, está saindo, empurrando um carrinho

de limpeza.

— Oi Ju. Deixei suas camisas dobradas em cima da sua cama.

— Valeu. Você é um amor. — Beijo sua cabeça em agradecimento.

Assim que entro no meu apartamento, o cheiro de limpeza invade meu nariz. Agradeço mentalmente à Dona Aurélia por ser sempre tão zelosa.

Largo minha chave em cima da bancada da cozinha, abro as janelas da varanda para entrar ar puro, vou tirando minha camisa ainda na sala e assim que entro no quarto, disposto a tirar toda a roupa e me jogar na cama, me deparo com uma pilha de camisas muito bem passadas e dobradas no canto. Uma pilha de camisas que eu havia desenterrado de uma caixa abandonada num dos quartos do apartamento de papai. Resolvi lavá-las pois o cheiro de mofo estava terrível, só não imaginava que logo a camisa que Caio me deu, no meu aniversário de dezessete anos, estivesse no meio delas, e agora está no topo da pilha, com a imagem do garoto tentando alcançar a estrela em evidência. Caio tentando alcançar sua estrela dalva.

Pego a camisa e num impulso resolvo vesti-la. Ainda serve direitinho. Não tão folgada quanto antes, mas ainda assim folgada, e daria perfeitamente para ser usada se não despertasse tantas lembranças e sentimentos em mim.

Olho-me no espelho. Tiro o celular do bolso e tiro uma foto do meu reflexo. Envio para Caio.

— Idiota! — Reviro os olhos para mim mesmo. — Por que ainda se ilude tanto? — Largo meu celular em cima da cama.

Tiro a blusa, a jogo de lado, tiro os tênis, a calça e tomo um banho demorado. Saio do banheiro com uma toalha enrolada na cintura, pego a pilha de camisa e guardo na minha cômoda em frente à cama. Visto uma cueca. Pego meu celular e vou para a sala apreciar o mar. Mas antes abro a geladeira e pego uma maçã. Sigo para a varanda. O céu está limpo e multicolorido devido ao crepúsculo. Suspiro o ar puro. Olho meu celular e quase sufoco ao ver uma mensagem de Caio. O susto é tão grande que deixo a maçã cair no chão. Coração dispara no peito. Olho em todas as direções

como se pudesse encontrá-lo ali, na varanda do meu apartamento, ou no horizonte à minha frente.

Sem forças para ficar em pé, sento-me numa das cadeiras da varanda e com a respiração ofegante e o dedo tremendo, clico na mensagem. Solto uma lufada de ar tamanha é a emoção em lê-la:

Garoto Estrela

Sem conseguir digitar uma resposta, fico olhando para as duas palavras na tela do meu celular e tentando entender o que elas significam. Garoto estrela quer dizer tanta coisa para mim, mas e na cabeça imprevisível do Caio?

Tá em casa?

E mais uma bomba em forma de mensagem. Não são meus dedos que estão tremendo, agora é meu corpo inteiro.

Sim

Respondo. As três letras mais difíceis de serem digitadas hoje.

Blz! Chego aí em meia hora.

O QUÊ? CHEGA AQUI EM MEIA HORA?

— Merda! — Se Caio não me matou de amor e saudade, ele vai me matar do coração.

Levanto-me e sem conseguir respirar direito, fico feito uma barata tonta andando de um lado para o outro sem saber que direção tomar.

— Se acalme, ok?! — Paro no meio da sala. — Apenas se acalme! — Inspiro profundamente e solto o ar lentamente pela boca.

Vamos por partes. Primeiro: me vestir. Sigo para meu quarto, coloco uma bermuda de sarja e uma camiseta, passo desodorante e dou uma borrifada de

perfume no pescoço. *Check*. Segundo: bafo. Sopro a mão e só sinto cheiro de perfume e não é da minha boca, claro. Maçã. É bom para eliminar o mal hálito. Vou até a varanda procurar a maçã que caiu da minha mão, pego do chão, limpo com o punho e começo a comê-la, olhando fixo o mar, ofegando a cada dentada e quando termino, jogo o bagaço na lixeira da cozinha. *Check*. Terceiro: escovar os dentes para tirar o cheiro de maçã da boca. *Check*. Por fim: *se acalme. Senão você ter um infarto antes do Caio chegar*.

Verifico minha aparência no espelho. Cabelo tá meio rebelde, mas sempre foi assim e Caio nunca reclamou, então, está ok. Sento-me na varanda e os minutos demoram uma eternidade para passar. Quando o interfone toca, meu coração pula uma batida e minha calma vai para o espaço assim como a minha sanidade e capacidade de raciocinar. Atendo o interfone.

— Hm.

— Juliano? — Clayton pergunta.

— Sim, ée...sim!

— Ah! Bom...tem um rapaz aqui...

— O Caio? Pode deixar subir. — Fecho os olhos e mordo o lábio inferior. *Senhor*.

— Ok.

Desligo o interfone e a excitação de receber o Caio no meu apartamento é tanta que meu pau começa a endurecer. Tenho que apertá-lo com força para se acalmar. Mas como controlar a cabeça de baixo se a de cima está fora de controle? *Deus, me dê serenidade para enfrentar este momento tão decisivo da minha vida*. Uma coisa é certa, de hoje não passa. Eu e Caio vamos resolver nossas vidas de uma vez por todas.

A campainha toca, meu coração vai parar na garganta e quando abro a porta, mal consigo ver o rosto do Caio, coberto por balões infláveis azuis e prateados em forma de estrelas, que ele segura numa das mãos, na outra um buquê de flores do campo, azuis e brancas e nas costas uma mochila. É lindo

e patético ao mesmo tempo, e só faz meu amor por ele crescer um pouco mais, se é que é possível.

Fico sem palavras. Abro bem a porta para que ele consiga entrar e dou passagem para ele.

— Esses balões são pra você! — E ele me entrega os balões. — Essas flores também. — Ele me entrega o buquê de flores e depois joga sua mochila no chão.

Fico tão atônito que as palavras não conseguem sair da minha boca. Seguro os balões e as flores, ele me encarando, eu sem saber o que dizer ou fazer, minhas mãos suando de nervoso e Caio parado no meio da sala me encarando, até que ele dá uma risada.

— O quê? — Minha voz falha.

— Eu *tava* tão ridículo assim? Segurando essas flores e esses balões? — Ele se diverte.

— Ah Caio! — Me irrita! Ele sabe como desconcentrar.

Coloco as flores em cima da bancada da cozinha e enrolo os fios dos balões na torneira da pia para não saírem voando pela porta da varanda.

— Obrigado de qualquer forma. São lindos! — Meu nervosismo indo embora.

Ficamos nos encarando, Caio com um sorriso lindo estampado na cara e eu ainda sem ação. Seu sorriso é doce e cheio daquela esperança que eu vi no dia da minha formatura, e na inauguração do Estrela Dalva. E seus olhos azuis...

— Caio...

— Ju...

Um passo de cada um na direção do outro e nossos lábios e corpos se chocam. Seguro sua cabeça e devoro seus lábios enquanto ele espalma as

mãos nas minhas costas e me pressiona de encontro ao seu corpo. Um beijo louco e ardente se dá entre nós, nossas línguas se buscando, nossos narizes se tocando, nossas respirações se misturando e toda a melodia de gemidos e sons que só um casal apaixonado e morto de saudade consegue entender. A sensação de leveza e alívio em estar em seus braços, sentindo seus lábios nos meus e o sabor quente da sua língua e saliva, faz meu cérebro entrar num estado de torpor, que eu simplesmente me entrego, deixando que Caio me guie para o quarto, tire minha camisa e me jogue na cama.

Olhos de brasa conectados aos meus e Caio monta em cima de mim. Reviro os olhos quando ele começa a descer com seus lábios em mim, lambendo e mordiscando meu peito. Acaricio seus cabelos macios e curtos, arranhando sua cabeça, necessitado de sentir seus lábios em cada pedacinho do meu corpo. A saudade dos seus beijos e toques é tamanha que eu me permito ser possuído, eu quero ser dele, mais que qualquer outra coisa.

— Que saudade, Caio... — sussurro quando ele começa a abrir o botão da minha bermuda.

— Você não faz ideia! — Ele puxa minha bermuda juntamente com minha cueca, me deixando completamente nu.

Caio então tira sua camisa e se deita sobre mim, colando nossos peitos, roçando sua ereção escondida na calça jeans na minha completamente nua. Gemo alto, pendendo minha cabeça para trás. Ele morde meu queixo e empurra meus braços para cima da minha cabeça, entrelaçando seus dedos nos meus, mantendo-me preso sob si.

— Me beija! — suplico.

Caio me encara por segundos. Nossos rostos muito próximos, seus lábios vermelhos e então eu tento alcançar seus lábios com os meus, mas ele se esquiva.

— Por favor... — imploro. Fecho os olhos, disposto a tudo.

Não preciso esperar, seus lábios encontram os meus e um gemido de satisfação reverbera da minha garganta enquanto ele me beija com delicadeza

e suavidade, como um bailar de línguas e lábios, gostoso e envolvente. Meu corpo está tão quente, meu coração tão disparado, meu cérebro em êxtase e meu pau pulsando tão loucamente...porra! Como eu desejei esse momento.

— Eu te amo, garoto estrela! — Caio sussurra no meu ouvido.

Meus olhos banham-se de lágrimas de emoção. Engulo em seco e não respondo. Não preciso, ele sabe que meu amor é recíproco.

Caio desce seus lábios em mim mais uma vez, sem soltar o enlace dos nossos dedos. A pele nua do seu torso roça no meu pau, que pulsa de desejo. Ele deposita beijos lentos e cálidos na minha pélvis, negligenciando meu pau, me torturando de prazer.

— Caio... — Empurro meu quadril para cima, atormentado pelo desejo e pela necessidade de sentir seus lábios me envolvendo.

Ele lentamente solta meus dedos, espalma as mãos em meus peitos, desce me arranhando até a cintura e sem aviso prévio, enfia meu pau em sua boca, me roubando um gemido alto e estrangulado. Minha mente dá voltas com o calor dos seus lábios me sugando. Mas foi só um mini agrado e logo ele desiste de mim, me segura pela cintura e me vira de costas. Obedeço de prontidão. Ele lambe minhas costas desde a base da coluna até minha nuca. Sua língua quente arrepia todos os pelos do meu corpo. Estou arfando e tonto de prazer, apenas com seus beijos e carícias em mim. Só Caio para me provocar essas sensações inebriantes. Como senti falta desse prazer que entontece, que me faz ficar embriagado de paixão.

— Você quer? — Ele pergunta ao pressionar seu pau na minha bunda.

— Sim... — *Por Deus, sim!*

— Não se mexa! — Ele beija minha bochecha e sai do quarto, mas logo volta, completamente nu, trazendo consigo lubrificante e camisinhas.

Ele sobe na cama, um joelho em cada lado das minhas coxas, minhas pernas juntas e quando ele separa minhas nádegas, meus olhos rolam para trás. Sinto seu dedo me lubrificando, querendo entrar sem pedir licença. Um

medo sem precedentes toma conta de mim ao pensar no tipo de sexo que Caio gosta. *Hard!*

— Caio. Espera! — Saio debaixo dele e me recosto na cabeceira da cama.
— Faz muito tempo que eu não... — Não quero decepcioná-lo, mas não quero sentir dor. — Acho que vai doer.

Um sorriso pervertido e perverso se abre em seus lábios.

— A dor pode causar picos intensos de prazer. — Ele engatinha até mim.

Quero morrer de tesão se ele não é um maldito sedutor, com seu pau encapado, este sorriso arrebatador nos lábios e olhos de fenda na minha direção. Logo seus lábios estão devorando meu pescoço, causando arrepios no meu corpo, capazes de me enlouquecer.

— Eu tô falando sério! — O empurro de leve para olhar em seus olhos.
— Faz muito tempo que não...recebo.

Seus lábios se separam.

— Caralho! — Ele faz uma cara de dor e pressiona seu pau com força, como se estivesse a ponto de gozar — Não faz isso comigo.

— O quê?

— Porra Ju! — Ele praticamente rosna e segura minha nuca com firmeza.
— Me mostra o que você sabe fazer! — E me beija com tanta força que seus dentes arranham meus lábios.

Não preciso de mais explicações. Eu entendo tudo o que ele quer. Meu corpo entra em combustão, um espírito dominador baixa em mim e eu só penso em meter em Caio com força até ele gemer feito uma gatinha manhosa. Se é sexo *hard* que ele gosta, é sexo *hard* que ele vai ter.

Enquanto ele devora meus lábios, pressiono sua bochecha, segurando seu rosto por baixo do queixo e afasto seus lábios dos meus. Sua respiração fica mais pesada.

— Eu sei fazer muita coisa, Caio. — Meu olhar vidrado no seu.

— Então me prova. — Ele segura firme meu pulso, livra seu rosto da minha pegada firme e então enfia meu dedo médio na boca, até a base e o chupa numa lentidão que mais parece um suplício.

Minha respiração fica curta, seus olhos me desafiando e quando ele termina de chupar meu dedo, desfiro um tapa leve na sua cara, fazendo imediatamente seus olhos escurecerem.

— Isso é pra você nunca mais bater em mim — falo entredentes.

— *Isso nós vamos ver.* — Ele me dá um sorriso presunçoso que me faz querer colocá-lo de quatro.

Empurro seu torso de encontro à cama e me deito sobre ele. Beijo seus lábios com fúria, devoro seu pescoço e mordisco seu queixo enquanto ele arfa e se contorce sob mim. Desço meus lábios e quando mordo com força o bico do seu peito, ele geme estrangulado e puxa meu cabelo, me fazendo olhar em seus olhos.

— Cuidado! — Ele me ameaça entredentes.

— Você não me assusta.

Seus olhos se estreitam, então ele empurra minha cabeça para seu pau.

— Tira essa camisinha do meu pau. Com a boca.

Sorrio de banda para ele e devoro seu pau, enrolando e tirando a camisinha com os lábios. Seus gemidos são tão eróticos e envolventes e eu estou tão perdido na sua entrega e na beleza do seu corpo que meu pau começa a pingar. Cuspo a camisinha no chão e empurro suas coxas para cima, ele não hesita e quando seu ânus fica bem na minha cara, dou uma cusparada nele e enfio dois dedos de uma vez. Um rosnado escapa da sua boca.

Caio então segura seus joelhos, se abrindo para mim e enquanto eu tesouro meus dedos dentro dele, sugo e chupo seu pau com tanta vontade que

chego a ter ânsia. Ele gosta do que vê e segura meus cabelos, empurrando minha cabeça para baixo, fodendo minha boca a ponto de me deixar sem fôlego. Sinto meu rosto esquentando pela falta de ar. O encaro com ira e fogo e num desejo louco, me posiciono entre seus joelhos, alucinado para sentir meu pau sendo engolido pelo seu cu.

— Camisinha, Ju. — Ele me dá um alerta.

— Oh! Sim... — Olho em volta da cama.

Caio é mais rápido que eu, pega o pacote, rasga e me entrega a camisinha. Encapo meu pau. Ele mesmo se lubrifica e com a cara mais sacana do mundo enfia o próprio dedo no seu cu, fazendo seu pau dar um pinote e seu pescoço engrossar pelo prazer de me fazer esperar.

— Não fode comigo! — Tiro sua mão do meio das suas pernas, seguro a base do meu pau e empurro a glândula para dentro.

— Aaahh! — Ele grita alto, curvando suas costas, mas além da dor, ele grita de prazer.

Meu tesão aumenta. Seguro então seus joelhos e deixo meu pau ser sugado para dentro de si, rebolando lentamente, entrando e saindo devagar, seu calor me aquecendo a cada pulsação do ânus de Caio no meu pau. A sensação é indescritivelmente deliciosa. Ele me encara com olhos em brasa, lábios separados e dentes trincados, gemendo e arfando a cada vez que meu pau entra e sai de si.

Espalmo minha mão em sua barriga e vou subindo, até chegar em seu pescoço, que pressiono de leve.

— Hmm... — Ele eleva a cabeça, me permitindo enforcá-lo, mas sem desgrudar seus olhos dos meus. Então leva seu dedão na minha boca, pressionando de leve. Fecho os olhos ao sentir o dedo do Caio acariciando minha língua. Chega a ser um martírio de tão prazeroso.

— Quero que você goze no meu peito, Ju. Quero nossas porras misturadas em cima de mim. — Ele acaricia meu rosto.

Além da luxúria em seus olhos, vejo tanto amor que não resisto e alcanço seus lábios e o beijo com paixão. Meu coração acelerado se inunda de amor, mas meu corpo necessita de contato. Fico então de joelhos, seguro suas pernas e começo a rebolar. Ele segura seu pau e começa a se masturbar.

— Quando estiver perto me avise! — Começo a bombar dentro dele.

Meu quadril indo e vindo de encontro ao seu, sua mão subindo e descendo em seu pau, nossos olhos famintos e conectados, seu corpo divino me enlouquecendo e quando eu sinto meu saco encolher e um calor subir pelas minhas pernas, saio de dentro dele, pois está impossível esperar pelo seu aviso.

— Vou gozar! — falo num gemido sôfrego.

— Eu também!

Arranco a camisinha do meu pau e começo a me masturbar. O tesão e a agonia são tamanhos que um berro rouco arranha minha garganta no momento que minha porra espirra na barriga do Caio. Ele goza em seguida, chamando meu nome, tão instigante que jorro um pouco mais, apertando os olhos, sentindo cada músculo do meu corpo se retesando em espasmos de prazer. Desabo sobre ele, sobre nossas porras misturadas, sobre seu corpo escultural, sobre o homem que me tem em suas mãos. Estou pleno.

— Caio... — sussurro sem forças para falar.

— Meu homem. — Ele me abraça e beija meu cabelo.

Meu queixo treme. *Sim, eu sou seu homem.* Levanto a cabeça e olho em seus olhos, sem disfarçar a emoção que suas palavras me causaram e uma lágrima escorre do meu olho.

— É verdade? Eu sou seu homem? — Voz fraca.

Ele passa o dedo na minha bochecha, enxugando minha lágrima.

— Sim, Ju. Você é meu homem. Meu único homem — sorriso bobo.

Respiro fundo. Deito-me em seu peito e fecho os olhos, me permitindo viver esse momento. Ele acaricia meus cabelos enquanto ouço seu coração pulsando forte. Estou no lugar que sempre deveria estar: nos braços do



— E agora, Caio? — A pergunta que me atormenta, mas tão necessitada de resposta.

Depois da transa intensa, tomamos um banho juntos, cheio de carinho e espuma, sorrisos francos e uma atmosfera de paz nos envolvendo. Pegamos uma garrafa de vinho na minha mini adega, alguns queijos na geladeira, umas torradas e patês no armário e estamos na sala, sentados no tapete, lado a lado, recostados no sofá, permitindo que a brisa quente de verão e uma música calma nos faça companhia. Mas é chegada a hora da verdade.

— O que tem agora, Ju? — Caio serve nossas taças e então brindamos.

— Você sabe do que estou falando. — Medo irracional querendo tomar conta de mim. Não quero pressioná-lo, mas é tudo ou nada.

— Você não está feliz que eu esteja aqui? Que eu tenha vindo? O que mais você quer?

— Você! Eu só quero você! — Coloco a mão em seu rosto. — Claro que eu tô feliz...

— Eu sou seu... sempre fui. — Ele segura minha mão e beija a palma. — E estou aqui agora, não estou?

Engulo em seco. Meu peito subindo e descendo e as dúvidas que ainda não foram sanadas insistindo em rondar minha mente. Sim, ele está aqui. Mas e depois? Dou um gole no meu vinho, sem disfarçar a pequena decepção que me acomete. Olho para o lado contrário ao seu.

— Eu não vou a lugar algum, Ju. — Caio segura meu queixo, me obrigando a olhar em seus olhos. — Eu vou ficar aqui, com você.

— Como Caio? Como você vai ficar comigo? — Olhos rasos d'água. Tê-lo na palavra não era suficiente para mim, eu o queria presente e morando em cidades diferentes isso não seria possível.

Um sorriso de satisfação se abre em seus lábios.

— Bom... eu não passei um ano da minha vida pleiteando ser transferido pra Natal à toa.

E lá está meu coração querendo voar... voar com o Caio.

— Você foi transferido pra Natal? — Olhos querendo transbordar.

— Sim, garoto estrela. — Ele larga sua taça em cima da mesa de centro e segura meu rosto entre as mãos e sela meus lábios. — Eu vou morar em Natal.

— Não brinca comigo! — Choro feito um menino.

— Oh meu Deus, não chora! — Ele me abraça com força. — Eu te amo tanto, Ju. Nunca mais vou me desgrudar de você.

Eu o abraço, ainda duvidando de suas palavras, ainda acreditando que estou vivendo um sonho. Solto-me do abraço e olho em seus olhos.

— Você vai sair da Aeronáutica? Caio... eu não quero viver escondido...

— Nunca foi a Aeronáutica, Ju. — Ele segura meu rosto novamente e limpa minhas lágrimas. — Não vamos viver escondidos. Eu sou seu e você é meu. Será assim agora. E pra sempre.

— Então por que só agora? Se o problema nunca foi sua carreira... — Livro-me da sua mão.

— Ju... eu sempre fui franco com você. Eu queria que você crescesse. Eu prometi aos meus pais...

— O que você prometeu exatamente? — Eu o interrompo, já sem paciência. — Eu completar vinte um anos?

— Na verdade era dezoito... — Ele ri de banda.

— Então mais uma vez eu te pergunto. Por que só agora? — Altero o tom da voz.

Caio respira fundo.

— Como eu te falei um milhão de vezes, Ju. Nosso tempo era diferente.

— Caio...

— Ju... — Ele se aproximou um pouco mais. — Quando você fez dezoito anos, eu fui te procurar, lembra? E você estava com aquele garoto. Então eu entendi que você tinha o direito de viver aquilo. E no Cajueiro, naquele dia, você me disse que nosso momento ainda não havia chegado e eu entendi que você não podia abandonar o seu pai. E quando você me perguntou se eu te assumiria, eu menti, porque senão você largaria tudo e viria comigo, estou certo? — Ele espera de mim uma resposta e eu apenas confirmo. — E na sua formatura, eu não quis te privar de viver aquilo, porque a minha formatura foi incrível e eu não queria ser o cara que te impediu de viver aquele momento, que é único. Em algum momento da sua vida você se arrependeu de viver aquele momento? De estar com seus amigos? — Mais uma vez ele espera resposta.

— Não. Aquele dia foi realmente único.

— E depois, no dia da inauguração do Estrela Dalva, quando você me disse que não poderia ir embora comigo, eu percebi finalmente que o nosso momento havia chegado e que você estava pronto, porque você não iria abandonar tudo pra ficar comigo, como você faria das outras vezes.

— Mas teria sido escolha minha...

— Mas você era só um garoto, Ju. Teria sido sua escolha sim, mas seria no afã de viver seu sonho de amor adolescente, ou no impulso que a falta de maturidade provoca nessa fase da vida. Hoje você é um homem, dono da própria vida. Você seria capaz de abandonar tudo isso aqui pra ir embora comigo?

— Não. Seria muita irresponsabilidade minha.

— Porque você entende que tanto suas ações quanto suas omissões podem afetar as pessoas à sua volta. E você está sendo sincero comigo e espera isso de mim em troca.

— Você *tá* querendo dizer que, antes, eu não era sincero?

— Não meu amor. — Caio me encara com amor e sorri com doçura. — Mas antes você ia exigir de mim coisas que eu não poderia te dar, como por exemplo atenção e dedicação, porque meu trabalho não ia deixar. E hoje você consegue entender isso porque você tem suas próprias obrigações aqui. Além disso tinha os conflitos com seu pai, que vocês precisavam resolver juntos. Eu não queria ser apenas seu esteio, Ju. Eu quero dividir uma vida com você. Ser seu homem, seu companheiro e seu amigo. Podia ser que antes, tivesse dado certo, mas eu não podia correr esse risco, garoto estrela. E isso que a gente tem, não é um jogo. — Ele puxa minha nuca e cola sua testa na minha. — É a nossa vida. Juntos.

— Você sempre me teve e nunca me perdeu. Nunca. Sempre fui seu.

— Ah Ju... — Ele me beija com aquela paixão e aquela devoção que faz meu coração acelerar, meu corpo esquentar e minha mente viajar.

Caio me empurra de modo que eu me deite no tapete e se deita sobre mim, sem descolar nossos lábios. Depois me encara, sorriso de felicidade escancarado nos lábios, mãos acariciando meus cabelos e seu corpo pesando sobre os meus.

— Eu te amo. — Ele diz.

— Eu te amo mais.

— Impossível. — Ele me dá vários selinhos.

Um barulho estranho de algo se arrastando no teto chama minha atenção e quando olho na direção, vejo meus balões voando em direção à varanda.

— CAIO! OS BALÕES!

Eu o empurro, ele se levanta de supetão e no instante seguinte estamos correndo em direção aos balões, à varanda e pulando alto para tentar alcançá-los, mas é tarde demais. Ficamos os dois na varanda, olhando para o céu e para as estrelas azuis e prateadas que sobem e são levadas pelo vento.

— Lá se vão minhas estrelas — falo sem disfarçar a tristeza na voz.

— São só balões. — Ele me abraça por trás e apoia o queixo no meu ombro. — A estrela que eu preciso está aqui, comigo.

Fecho os olhos e suspiro.

— Jura que nunca mais vai embora?

— Sim, eu juro. — Ele beija meu pescoço.

Um sorriso rasga meu rosto e eu me viro de frente para ele.

— Tem certeza de que não estou sonhando? — Meus olhos indo dos seus olhos para sua boca.

— Se quiser posso te beliscar. — Seus dedos entram nos cabelos da minha nuca.

— Ainda não consigo acreditar que você vai morar aqui em Natal.

— Não, Juliano. Você não entendeu. — Ele me segura pelo ombro para olhar firme em seus olhos. — Eu não vou morar em Natal. Eu vou morar aqui, com você, no seu apartamento.

Meu queixo cai.

— O quê? Morar aqui?

— Lógico! Morar em Natal e morar longe de você... não dá! — Ele me solta e dá um passo para trás. — Ou você não quer?

— Claro que eu quero, Caio! — Pulo em seu pescoço. — Seremos um

casal, como eu sempre quis. O garoto estrela e o tenente aviador. — Selo seus lábios, mas ele me empurra.

— Olha o respeito, garoto! Capitão, por favor! — sorriso cínico. — Capitão Prates.

— Capitão? Você foi promovido? — Pasma.

— Sim. Por isso fiquei meio ausente esses meses. Além da promoção, *tava* resolvendo a transferência de uma Base para outra.

— Meio ausente? — pergunto bravo. — Você sumiu, Caio! — Empurro seu ombro. — Nunca mais faça isso.

— Nunca mais. Eu juro! — Ele me abraça pela cintura e me suspende no ar, me levando para dentro do apartamento. — Você nunca mais vai me perder de vista. Vai até cansar de mim.

— Hmm... — Selo seus lábios. — Impossível!

Ele me coloca no chão, nossos olhares conectados e então no beijamos, sedentos de amor. O amor que nos envolve e nos abraça, tão raro, tão puro e tão bom. O amor de uma vida inteira, onde nada o abala e resiste a qualquer dificuldade.

Sei que a partir de agora, tudo vai ser diferente de que era antes, mas consciente de que é exatamente o que queremos para nós. Eu o amo, ele me ama e o nosso amor é verdadeiro, porque é pleno, completo e sem limites.

Estamos vivendo nosso momento! Finalmente!



Meses depois...

— É mentira né? — Caio pergunta para Elisabeth.

— Não é. Se o *Yellowstone* entrar em erupção, corremos o risco de ter

cataclisma global.

— Você sabia disso, Ju? — Caio pergunta para mim enquanto tiro uma pizza do forno. — Vocês sabiam disso? — Ele grita mais alto, chamando a atenção do Emílio e da Val que estão na varanda.

Caio e Elis estão à mesa da sala, ela com um iPad na mão, mostrando a Caio um vídeo com os vulcões mais perigosos do planeta. Emílio e Val estão na varanda admirando a lua cheia e eu na cozinha, tirando as pizzas do forno.

— Ai, caralho! — falo alto quando me queimo na forma da pizza. — Não é tanto assim, Caio. Elis adora assustar os outros com esse vídeo.

Pego meu celular e envio uma mensagem para meu pai, avisando que as pizzas estão prontas.

— Ela já fez uma dessas comigo. Não vai na onda dela — diz Emílio ao entrar na sala, de mãos dadas à Val.

— Não sou eu que estou dizendo, Emílio. Há estudos científicos que comprovam o perigo do *Yellowstone*. — Elis retruca.

— Puta merda! E por que eu nunca ouvi falar dessa porra de vulcão? — Caio parece realmente preocupado.

— Porque não é um perigo iminente — falo ao fatiar as pizzas. — As pizzas estão prontas.

— Além do mais, as atividades do *Yellowstone* são monitoradas... — diz Val para acalmar o Caio.

— Isso é verdade. Não precisa se preocupar com isso, Caio. É só um vídeo — diz Elis ao perceber um Caio à beira de uma crise de ansiedade por causa do tal vulcão que vai dizimar toda a humanidade. *Se entrar em erupção.*

Caio olha para mim, e pela sua cara de preocupação, sei que esse assunto vai lhe render dias de pesquisa na internet. Pisco para ele e sorrio com os lábios cerrados.

— Bom, é melhor comer que ficar pensando. — Ele se levanta e vem até mim. — Essa menininha é uma coisa, viu?! — Ele sussurra no meu ouvido. Entrego a ele um prato.

— Coisa boa ou ruim? — Sirvo uma fatia de cada sabor para Caio e depois me sirvo.

— Coisa boa, claro! Super esperta! — Ele vai saindo da cozinha.

— Ei! — O chamo de volta. — Não tá esquecendo nada?

Ele sorri, vem até mim e beija meus lábios.

— Eu te amo!

— Era um obrigado. Mas eu te amo serve. — Fico na ponta dos pés e beijo seus lábios também.

Papai se junta a nós. Emílio, Val e Elis também se servem e nos sentamos os seis à minúscula mesa redonda de jantar, um colado ao outro. Eu com uma perna por cima da perna do Caio, papai ao meu lado e Elis entre Emílio e Val, uma música gostosa rolando na caixa de som e um clima bacana nos envolvendo. Amor, amigos, família e uma vida bem vivida. Se estou feliz? Muito! Impossível ser mais feliz.

Eu e Caio vivemos um dia de cada vez, cada um doando tudo de si na medida do possível, sem cobranças, apenas amor, carinho, cumplicidade e paixão, ora selvagem e indomável, ora delicado e doce, mas sempre há paixão, em tudo que fazemos. Nós nos pertencemos. Essa certeza basta para sermos felizes.

Sonhamos juntos os mesmos sonhos, desejamos intensa e ardentemente uma vida a dois, mas apenas no momento certo tudo aconteceu, como tinha que ser. E a vida simples que eu tanto desejei, agora está completa, porque eu tenho Caio ao meu lado. Ele é a paz que eu tanto precisava.

Meu! Pra sempre meu!

Eu sou sua Estrela Dalva e ele é o sol que me ilumina.

Agradecimentos

Então você passou a página? Que maravilha! Fico feliz que tenha chegado ao final da história de Juliano D’Alva, e espero que agora, em seu rosto, tenha um belo e saudoso sorriso!

Difícil dizer adeus ao garoto estrela. Invisível Notável me impregnou de tal maneira que hoje, quando penso na história do Juliano, um sentimento gostoso invade meu peito, pois sei que meu xarazinho conseguiu vencer seus fantasmas e teve seu final feliz.

Como filha de militar, sei bem o que é morar em vilas militares, e assim como o Juliano, eu morei na Base Aérea de Natal por muitos anos, foi lá que eu passei minha adolescência e inclusive, conheci meu marido, também filho de militar, eu com doze anos, ele com dezesseis, e querem saber? Estamos juntos até hoje! E assim como Juliano, vivi grandes aventuras naquela vila. Todos os lugares narrados ali existem de verdade, as casas, o clube, a lagoa, o hospital, os hangares. E apesar de Invisível Notável ser uma história de ficção, alguns eventos narrados aconteceram de verdade, mas eu prefiro não citá-los por respeito aos envolvidos. O importante é que, enquanto você lia, a história de Juliano foi real em seus pensamentos. E eu sou grata por isso!

E por falar em gratidão, vamos aos agradecimentos!

Agradecer a Deus estará sempre em primeiro lugar na minha lista, mesmo que eu não seja uma pessoa religiosa, mas imaginar que existe algo maior que nos rege, protege e impulsiona é muito reconfortante. É a tal da fé, que nunca nos deixa desistir. Então agradeço a Deus, hoje e sempre.

Agradeço aos meus pais e irmãos, pelo apoio incondicional e irrestrito.

Agradeço ao meu marido, filhos e neta, pela compreensão da ausência quando estou escrevendo, pelas conversas infintas sobre livros e literatura, pelas dicas e sugestões e principalmente, pela certeza que tenho de que, vocês

estão sempre aqui, comigo.

Agradeço aos meus leitores do Wattpad, por estarem comigo a cada capítulo postado, comentando e curtindo; aos meus amigos, leitores e escritores, do grupo JVLeite; a todos que acompanham meu trabalho, que faço com muito amor e dedicação e esse reconhecimento, apoio e carinho são impagáveis.

Agradeço à Saionara Rodrigues, da Editora Sonho de Livro, por mais uma vez acreditar na minha escrita e permitir que Invisível Notável ultrapasse a barreira do virtual e se transforme em letras e páginas palpáveis.

E agradeço a você, por ter chegado aqui, por ter dado uma chance ao Invisível Notável e dedicado um pouquinho do seu tempo pra conhecer a história do garoto estrela. Espero que tenha curtido lê-la tanto quanto eu curti escrevê-la!

Ah! E não esquece de deixar uma avaliação! Sua impressão da história é muito importante pra mim!

Beijos infinitos, JVLeite.

Um pouco sobre mim...

Casada, mãe e avó, moro em Recife com minha família e minha cachorrinha Anne. Sou formada em Administração, com MBA em Gestão de Pessoas & Consultoria, mas desde que escrevi e publiquei meu primeiro livro, em 2015, dedico-me apenas à carreira de escritora. Meus livros fazem parte da literatura LGBTQ+, mais precisamente romances homoafetivos entre homens, porém tenho também obras e contos publicados de outros gêneros.

Conheça outras obras minhas:

- High Definition – O amor não tem gênero (Duologia HD | Livro 1)
- Full HD - O amor não tem medida (Duologia HD | Livro 2)
- CADU
- RHYAN – *spin-off* de CADU
- Clube da Moto
- O Faroleiro

Acompanhe-me nas minhas redes sociais:

Wattpad

<https://www.wattpad.com/user/JVLeite>

Facebook

<https://www.facebook.com/AutoraJVLeite/>

Instagran

https://instagram.com/_u/julivleite?r=sun1

Twitter

<https://twitter.com/AutoraJVLeite?s=09h>

Pinterest

<br.pinterest.com/julivleite/>

E-mail: autorajvleite@gmail.com